

O FENÓMENO INTERNACIONAL

SILÊNCIO MORTAL

QUANDO A NOITE CAI,
O MAL APARECE.

«O THRILLER
DO ANO!»
GOODREADS

ROBERT
BRYNDZA

alma
dos
livros

VISIT...

LANZAROTE
Caliente.COM

O FENÔMENO INTERNACIONAL

SILÊNCIO MORTAL

QUANDO A NOITE CAI,
O MAL APARECE.

«O THRILLER
DO ANO!»
GOODREADS

ROBERT
BRYNDZA

alma
livros

ROBERT BRYNDZA

silêncio
morTAL

Tradução de
Carla Ribeiro

info@almadoslivros.pt
WWW.almadoslivros.pt
facebook.com/almadoslivrospt
instagram.com/almadoslivrospt
© 2023 Direitos desta edição reservados
para Alma dos Livros

Copyright 2022 © Raven Street Limited

Robert Bryndza declarou o seu direito de ser identificado como o autor desta obra.

Título: *Silêncio Mortal*

Título original: *Devil's Way*

Autor: Robert Bryndza

Tradução: Carla Ribeiro

Revisão: Isabel Garcia Pereira

Paginação: Maria João Gomes

Design de capa: Vera Braga/Alma dos Livros

Impressão e acabamento: Multitipo – Artes Gráficas, Lda.

Depósito legal:

1.^a edição: de 2023

Todos os direitos reservados.

Nenhuma parte deste livro pode ser utilizada
ou reproduzida em qualquer forma sem permissão
por escrito do proprietário legal, salvo as exceções
devidamente previstas na lei.

Este livro é uma obra de ficção.

Nomes, personagens, empresas, organizações, lugares e acontecimentos
são produto da imaginação do autor ou usados ficticiamente.

Qualquer semelhança com pessoas reais, vivas ou mortas,
acontecimentos ou locais é mera coincidência.

Para Janeken Skywalker, o meu primeiro leitor

Deves ser soberbo, ousado, amável, resoluto,

E apunhalar, às vezes, se a ocasião surgir.

Christopher Marlowe, *Eduardo II*

Prólogo

QUINTA-FEIRA, 21 DE JUNHO DE 2007

Jean Julings ajoelhou-se dentro da pequena tenda e aconchegou o seu neto de três anos, Charlie, no seu saco-cama. Tinha uma cabeleira desgredada, louro-clara e o seu rosto estava corado de cansaço devido ao ar fresco e à diversão. Agarrava-se a um pequeno urso de peluche castanho a que faltava um olho.

– Tiveste um dia divertido com a avó? – perguntou Jean. Charlie anuiu, sonolento, e sorriu, mostrando os seus perfeitos dentes de leite brancos. – Lindo menino. E o *Olho de Botão* escolheu os dentes?

– De cima e de baixo – respondeu Charlie, erguendo o urso de peluche. Jean riu-se, e o seu coração dilatou-se de amor pelo rapazinho.

– Muito bem. É muito importante para um urso de peluche escovar os dentes. Come todo aquele mel... – Os seus joelhos estalaram ao sentar-se nos calcanhares e estendeu a mão para o pequeno candeeiro a pilhas, que projetava um suave brilho amarelo.

– Não, luz acesa – queixou-se Charlie. O seu pequeno sobrolho franziu-se e ele esperneou dentro do saco-cama. Jean apagou a luz e um suave brilho permaneceu no interior. Estava lua cheia, e brilhava através da lona.

– Olha só para aquilo. Não precisamos de luz. Temos a luz de presença de Deus no céu – disse Jean, acariciando-lhe os suaves cabelos louros. – Não é tão assustador quando a Lua está assim tão brilhante à noite, pois não?

Charlie abanou a cabeça e aconchegou *Olho de Botão* debaixo do braço.

– Vou só lá fora apanhar um pouco de ar fresco – disse ela, apalpando os seus calções e sentindo o maço de cigarros e o isqueiro no bolso esquerdo.

– Não...

– Serão só alguns minutos. Depois, volto para dentro e conto-te uma história, se ainda estiveres acordado. Está bem? Estarei lá fora, e podes chamar «Avó» e eu oiço-te e volto para dentro. Sim?

Charlie aquiesceu.

– Lindo menino. – Jean deu-lhe um beijo na face e, enquanto rastejava para fora da tenda, viu que os olhos de Charlie começavam já a fechar-se. Tinha passado o dia todo em movimento, a brincar e a chapinhar no rio. Ia adormecer num instante.

Jean esgueirou-se pela entrada da tenda para a alta e emaranhada vegetação do exterior e correu o fecho atrás de si. A tenda estava montada sob a ampla copa de um vasto e antigo carvalho, e os seus grossos ramos nus estendiam-se como braços nodosos, projetando sombras deformadas na relva. Jean levantou-se, ouvindo os seus joelhos estalar novamente. Tirou um cigarro e acendeu-o, exalando para o céu noturno. As estrelas cintilavam no céu, e ouvia o rio correr para o desfiladeiro. Parecia mais ruidoso à noite. A charneca estendia-se como um manto de cetim azul, pontilhada por rochas, e uma ligeira bruma agarrava-se aos canais e às terras baixas.

Diretamente à sua direita, do outro lado de uma curta extensão de vegetação, o Devil's Tor erguia-se sobre tudo. Apesar da sua altura imponente, a pilha de rochas parecia muito *zen* e calma, como se um gigante tivesse empilhado um monte de grandes pedras lisas sobre uma plataforma relvada. Na base, e à sombra do luar intenso, encontrava-se outra tenda, pertencente à filha de Jean, Becky, e ao seu companheiro, Joel. A lona estava escura, e pareciam já estar a dormir.

Céus, este sítio é lindo, pensou ela. Quando acabou o cigarro, apagou-o cuidadosamente na sola do sapato e enfiou a beata enegrecida no maço. Estava prestes a voltar para a tenda quando ouviu uma voz ténue chamar o seu nome.

– Jean!

Viu uma figura desgrelhada aparecer atrás do Tor e entrar, cambaleante, numa mancha de luar sobre a plataforma relvada.

– *Jeeean!*

Era Declan, o seu companheiro ocasional de muitos anos. Jean praguejou baixinho e confirmou que a tenda estava fechada. Dominada pela urgência, atravessou rapidamente a erva alta, apavorada com a possibilidade de Declan acordar a família e armar uma cena.

A correr, subiu o talude relvado até à plataforma para tentar impedi-lo de descer, e estava sem fôlego quando o alcançou. Declan vestia as mesmas calças de ganga rasgadas e a *T-shirt* às riscas de quando aparecera junto ao rio nessa tarde.

– Que raio estás tu a fazer? Disse-te esta tarde que não eras bem-vindo aqui! – silvou ela.

Ele sorriu, e um laivo dos seus dentes amarelos surgiu por entre a barba espessa. Jean teve uma fria sensação de pavor ao ver que ele trazia uma garrafa de uísque, com apenas alguns centímetros de líquido âmbar no interior. Declan cambaleou, levando-lhe a garrafa à boca para a tentar fazer beber.

– Não! – disse ela, afastando-a com uma palmada. – O Charlie está a dormir,

tal como a Becky e o Joel.

– Eu sei – respondeu ele, estendendo a mão para lhe agarrar os seios. Cambaleou para a frente, empurrando-a de novo para as sombras contra as altas pedras do Tor. Jean conseguia sentir o seu hálito azedo e desagradável enquanto se encostava a ela. Conseguiu empurrá-lo e libertar-se, saindo novamente para o luar. Ele pareceu surpreendido. – Já não tens mesmo graça nenhuma, agora que estás sóbria... – Levou-lhe a garrafa à boca, mas ela afastou-lhe a mão. Não estava assustada. Já não tinha medo dele. Jean sentia uma feroz necessidade de proteger Charlie de Declan. Agarrou na garrafa e, torcendo-a, tirou-lha da mão, ignorando os seus protestos.

– Onde está o teu carro? – perguntou. Ele revirou os olhos e apontou vagamente para o outro lado da plataforma relvada, franzindo os lábios. Jean agarrou-o pelo colarinho e arrastou-o à volta do Tor.

– Calma, *calma!* – gritou ele.

Um pequeno parque de estacionamento no matagal do outro lado do Tor dava para uma estrada de gravilha. Jean viu o desconjuntado *Renault* azul de Declan estacionado no meio. O motor ainda estava ligado e a porta do condutor estava aberta.

– Posso ver-te amanhã? – perguntou ele, enquanto ela o arrastava pela agora mais rasa encosta relvada até ao carro.

– Não. Já te disse. Acabou. Não temos mais nada.

A alguns metros do carro, ele tropeçou na superfície rochosa irregular e bateu com o nariz no chão. Soltou um gemido. Jean recuou e ficou impassivelmente a ver se ele se levantava. Cambaleante, Declan fixou nela um maldoso olhar vítreo e aproximou-se novamente.

– Ouvi a cabra da tua filha na tenda, a *foder* – disse ele, torcendo o rosto num rosnydo. – Parecia estar a gostar... mais do que tu, de certeza.

Jean deu-lhe uma bofetada, e ele retribuiu esbofeteando-a com as costas da mão. Ela cambaleou e caiu, aterrando na rocha dura. Viu como Declan cambaleava, impassível. Tinha o lado do rosto a arder, e levou a mão ao lábio. Não havia sangue, mas tinha os ouvidos a tinir. Não era o pior que ele lhe tinha feito.

Jean sentiu raiva. Pura raiva. Levantou-se, agarrou no que restava de cabelo na parte de trás da cabeça de Declan e empurrou-o pela porta aberta para dentro do carro.

– Onde estão as tuas chaves?

– O quê? – queixou-se ele.

Ela vasculhou-lhe rudemente os bolsos e tirou as chaves do carro.

– Não me vou embora – disse Declan, cruzando os braços.

– Vais, pois. E vais já. Estamos a meio da noite.

– Tens algo que se beba?

– Não.

– És uma cabra feia – disse ele.

– E tu és um flácido desperdício de espaço. – Disse-o com intenção de o magoar, mas ele sorriu e desatou a rir, com os seus dentes amarelos a surgir de novo por entre a barba.

– Que horas são?

– O bar ao cimo da estrada Vai dar uma festa privada, disse-me alguém daqui. Talvez chegues a tempo, se te despachares – disse ela, sentindo um rasgo de inspiração. Não podia acreditar que ele tinha engolido aquilo, mas Declan era um alcoólico crónico.

Fechou a porta do carro, e ela viu como o seu zelo por álcool assumia o controlo. Ligou os faróis e, enquanto o carro guinava ao fazer uma curva, a estrada ficou fugazmente iluminada. Jean teve a impressão de ver algo a mover-se nas sombras, mas depois desapareceu.

– Por favor, meu Deus, que ele morra numa sarjeta. Que não magoe mais ninguém a não ser ele – pediu. Jean viu como os faróis desciam a estrada e depois desapareceram. O alívio inundou-a e os seus ombros descaíram. Ergueu a mão para a face dorida. O rugido do rio parecia mais alto na escuridão.

Charlie, pensou. Jean apressou-se a contornar o Tor e a descer pelo outro lado da encosta. Quanto tempo tinha ele ficado sozinho? Apenas alguns minutos. Tudo estava em silêncio no campo. Uma coruja piaava, os ramos da enorme árvore rangiam à brisa suave, e as duas tendas estavam imóveis.

Ao aproximar-se da sua tenda, a luz de presença acendeu-se no interior. O alívio inundou-a ao contorná-la e ver que a sua filha Becky punha a cabeça de fora. Estava em pijama e com o rosto limpo de maquilhagem. Tinha o sobrolho franzido de preocupação.

– Mãe, o Charlie está contigo? – perguntou ela.

– Não está na tenda? – contrapôs Jean, sentindo o pânico regressar.

– Não.

Jean passou por ela e olhou para o interior. Os sacos-cama estavam ambos vazios, e sentiu o coração cair-lhe aos pés.

– Deve estar com o Joel – sugeriu, ao voltar e ver a expressão preocupada de Becky.

– Não, mãe, não está. Pareceu-me ouvi-lo do lado de fora da nossa tenda. Foi por isso que o vim procurar. Porque não estás com ele?

– Fui fumar um cigarro. Foi só um minuto – disse Jean. A mentira a sair-lhe da boca sem qualquer preparação necessária.

– E se ele foi para o rio? Não sei se choveu, consegues ouvir o barulho da água? – perguntou Becky. A sua voz tinha um laivo de histeria.

– Vamos procurar. O Charlie não pode ter ido para longe – disse Jean, tentando manter a calma. O facto de Becky estar mais assustada do que Zangada amedrontava-a.

Becky acordou Joel, e todos agarraram em lanternas e começaram a procurar, cobrindo o rio, as rochas do Tor e os campos circundantes. Os arcos de luz das suas lanternas varriam a paisagem escura, procurando. O rio estava

mais alto do que no dia anterior e, enquanto Jean apontava a sua lanterna à negra e furiosa torrente, e gritava o nome de Charlie, a sua voz pareceu ser engolida pela escuridão. Sentiu-se doente à medida que os minutos passavam, tornando-se uma hora e depois duas. Charlie não estava em lado nenhum. Por volta das quatro da madrugada, o céu começou a clarear, e foi então que chamaram a polícia.

Enquanto o Sol nascia sobre a charneca, um carro da polícia chegou, seguido por outros dois.

Começaram as buscas a sério, mas Charlie nunca foi encontrado.

1
ONZE ANOS DEPOIS,
QUINTA-FEIRA, 7 DE JUNHO DE 2018

A manhã começou tão normal como qualquer outra. A detetive privada Kate Marshall acordou às seis, mesmo antes do despertador, e estendeu automaticamente a mão para o seu fato de banho, que estava pendurado na cadeira ao lado da sua cama.

Kate nada via no mar todos os dias do ano, fizesse chuva ou fizesse sol, mas eram aquelas sonolentas manhãs de verão, em que a brisa era ligeira e os dedos prateados da alvorada começavam apenas a irromper sobre o horizonte, que mais adorava. A sua casa erguia-se no cimo de uma falésia em Thurlow Bay, na costa sul de Inglaterra. Era um local tranquilo, a oito quilómetros da cidade universitária de Ashdean. Após um rápido gole de água da torneira da cozinha, Kate abriu a porta dos fundos, que dava para um pequeno terraço e para um caminho de areia, e dirigiu-se rapidamente à praia.

A areia estava macia, e sentiu sob os pés o formigar do feno-das-areias que se estendia ao fundo da falésia, e depois atravessou as dunas. A erva era alta, cobrindo os montes e protegendo-a da brisa que vinha da água.

Quando saiu para a praia, os primeiros raios de sol espreguiçavam sobre o horizonte, atingindo uma grande poça de água do mar no areal com um cintilar. À sua esquerda, conseguia ver toda a extensão da escarpada costa Jurássica até Ashdean, que ficava numa pequena baía em forma de ferradura. À direita, situavam-se as falésias, pontilhadas ocasionalmente por uma ou outra casa, e um negro afloramento rochoso que se projetava para o mar formando uma barreira a oeste. Kate pensou que alguns dos surfistas hospedados no parque de caravanas em frente à sua casa poderiam já estar na água, mas não, tinha a praia só para si.

A areia molhada estava compacta e fresca debaixo dos seus pés. Largou a toalha a alguns metros da rebentação e entrou nas ondas. As vagas que

avançavam chegavam-lhe à altura dos joelhos, e sentia a Vibração da água na sua pele.

A areia desapareceu enquanto atravessava as ondas e, respirando fundo, Kate mergulhou. Deu-se conta de que algo estava errado quando voltou à superfície para tomar fôlego e sentiu uma corrente puxar-lhe a cintura, como dedos invisíveis, mas firmes.

E então foi tudo muito rápido: olhou para a vasta e cintilante poça de água do mar na praia, viu o profundo canal de água branca que corria da grande poça para o mar, e sentiu um violento puxão nas pernas. Kate foi arrastada para baixo, as pernas a rodopiar à volta da cabeça, o nariz e a boca a encher-se de água, e apercebeu-se demasiado tarde de que tinha entrado numa mortífera corrente de retorno.

Todos os seus anos de experiência de nadar no mar desapareceram, e Kate viu-se apanhada num pânico cego de sobrevivência. A velocidade e a força da corrente de retorno eram súbitas e aterradoras. Kate foi arrastada para longe da praia, aos tropeções. Viu láivos de céu, a praia vazia e um vislumbre da sua casa na falésia, agora muito longe, e então foi outra vez violentamente puxada para debaixo de água. Tossiu e engasgou-se, e a sua garganta encheu-se de água do mar.



Do outro lado da cidade, Tristan Harper, sócio de Kate na agência de detetives, mudava de posição no lugar do condutor do seu *Mini Cooper*. Doía-lhe as costas e estava a ficar com o traseiro dormente. Olhou para o relógio e viu que eram quase seis e dez da manhã.

– Vá lá, por favor. Vai trabalhar – pediu Tristan, mantendo o olhar fixo na porta amarela de uma casa geminada mais adiante na Walker Avenue. Era uma rua de elegantes casas geminadas na parte «fina» de Ashdean. A casa pertencia a um arquiteto chamado Terrance Trent. Tinha cinquenta e poucos anos, e a mulher havia contratado Kate e Tristan para provar que ele andava a ter um caso.

Ouviu uma porta bater à sua esquerda e virou-se para ver uma mulher de meia-idade emergir do portão da casa junto à qual estava estacionado. Usava um fato de treino rosa-velho e tinha o cabelo preto curto penteado numa permanente bem apertada.

Dirigiu-se à sua janela, bateu no vidro e chegou-se para trás, de braços cruzados.

Tristan olhou novamente para a porta amarela. Terrance Trent devia estar prestes a sair para o trabalho a qualquer momento. Abriu a janela.

– Pode, *por favor*, dizer-me por que *razão* está parado à porta de *minha casa* desde as três horas da manhã? – exigiu saber a mulher. – *Bem?* – Falava em tom grandiloquente e parecia enfatizar palavras ao acaso. De perto, tinha o rosto coberto por uma camada espessa de base clara, e exagerara no contorno escarlate dos lábios. A coroa de apertados caracóis negros na sua cabeça

embrava a Tristan um reluzente prato de caracoletas. Perguntou-se se seria uma peruca ou uma coloração terrível. Olhou novamente para a porta amarela, que se mantinha fechada. Tristan estava estacionado na Walker Avenue desde as onze da noite. Tinha mudado de lugar duas vezes, acabando por se instalar junto à casa daquela senhora uma hora antes de ela o avistar, às duas da manhã. Um carro passou e um idoso saiu de uma porta mais à frente do outro lado da rua, seguido por um igualmente idoso cão castanho.

– Estou à espera de alguém – replicou Tristan. – É uma rua pública acrescentou.

As sobranceiras da mulher arquearam-se.

– Para sua informação, *esta* é uma *rua residencial privada*. Porque está estacionado à porta de *minha* casa?

– Porque havia um lugar de estacionamento vago – respondeu Tristan, tentando não perder a calma com aquela intrometida de aspeto bastante louco.

Ela franziu os lábios e aproximou-se, baixando-se para espreitar para o interior do carro. O lugar ao lado de Tristan estava repleto de invólucros de sanduíches vazios, além de uma máquina fotográfica com teleobjetiva. Tinha uma garrafa de chá gelado de pêssego no suporte para copos, mas já não continha chá, depois de Tristan se ter visto obrigado a urinar para dentro dela às quatro e meia da manhã.

– Parece *suspeito*. Como se andasse a tramar alguma. É *jornalista*?

Nesse momento, Tristan viu a porta amarela abrir-se e Terrance Trent emergiu, caminhando a bom ritmo com uma jovem pelo braço. Vestia um elegante fato azul às riscas. A rapariga usava o mesmo minivestido branco, saltos altos e casaco de peles que tinha às onze horas da noite anterior.

– Sei *tudo* o que se passa por aqui – rugiu a mulher. – Sou a *presidente* da *patrulha* de bairro local.

Tristan sentiu um aperto no coração. Queria pegar na câmara e tirar a foto, mas era demasiado arriscado. Se aquela velha percebesse que ele era detetive privado, podia avisar Terrance e dizer-lhe que estava sob vigilância, o que significaria perder uns avultados honorários para a agência. Terrance e a jovem entraram no seu carro e partiram em sentido oposto.

Tristan suspirou e afundou-se no seu lugar.

– *Então?* O que tem a dizer em sua defesa? – perguntou a mulher.

– Trabalho para a câmara. Estou a verificar se alguém deixa os caixotes do lixo de fora depois da recolha – replicou ele.

– *Ah!* – exclamou a mulher, sorrindo e acenando em aprovação. Bateu de lado no nariz e pareceu aceitar essa explicação. Chegou-se mais perto. – Há um grupo de *estudantes* em frente, no número quatro, que são *muito culpados* disso e merecem uma notificação e uma multa – disse ela.

– Número quatro – repetiu Tristan.

– E, claro, o *meu* caixote do lixo sai menos de uma hora antes da recolha, e levo-o de novo para dentro *assim* que é esvaçado.

– É bom saber.

Terrance Trent passava o dia inteiro a trabalhar, por isso era improvável que regressasse a casa antes da noite. Tristan olhou para os dois lados da rua, sorriu e agradeceu à Zelosa informadora. Quando ligou o motor e saiu para a estrada, conseguia ver a mulher pelo espelho retrovisor, a observá-lo enquanto se afastava.

Quando abriu os olhos, Kate estava num pequeno quarto de hospital. A cama onde jazia parecia rodeada de branco e oscilava. Sentia a garganta dorida e a pele pegajosa. Mexeu a cabeça e a dor explodiu como a pior das ressacas. *Terei bebido? Por favor, não*, pensou. Respirou fundo algumas vezes, mas com grande esforço, e tinha um estertor húmido no peito.

E então lembrou-se. Não tinha descarrilado ao fim de treze anos de sobriedade. A sua última memória fora o puro pânico de morrer afogada. Kate mudou de posição na cama e viu um sistema de soro no braço e fios ligados ao peito. Uma floresta de linhas coloridas movia-se silenciosamente pelo ecrã de um monitor cardíaco do lado direito da cama. O alívio por não ter bebido foi substituído pela memória de ser arrastada pela água.

Uma fila de janelas de vidro dava para um corredor, e um médico apareceu à porta aberta e bateu no caixilho. Parecia jovem, em finais dos vinte, com denso cabelo preto e óculos. Sorriu.

– Bom dia, Kate – disse ele, entrando no quarto e parando aos pés da sua cama. A forma como disse o seu nome fez Kate pensar que se conheciam.

– Bom dia – tentou ela responder, mas a voz saiu-lhe num crocitar. Engoliu em seco, mas sentia a garganta seca e cheia de agulhas.

– Passou algum tempo inconsciente. Tivemo-la nos cuidados intensivos – disse o médico. Pegou na ficha ao fundo da cama, folheando as páginas. Kate esfregou a garganta e engoliu em seco, retraindo-se. A cama parecia oscilar e mover-se debaixo dela. – Tinha água nos pulmões. Tivemos de a entubar – acrescentou ele. Ela tossiu, o que pareceu ativar uma dor surda e latejante para somar à sinfonia na sua cabeça.

– Quanto é *algum tempo*?

– Quase vinte e quatro horas – respondeu ele. A cortina fechada à direita de Kate ondulou e ela ouviu vozes murmuradas do outro lado. Abriu-se uma fresta e uma enfermeira pôs a cabeça de fora.

– Desculpe, doutor Harris, tem um minuto? A senhora Julings está um

pouco indisposta – disse ela. Ele pousou a prancheta na cama, anuiu e seguiu-a através da brecha. A enfermeira esboçou um aceno a Kate e fechou a cortina atrás de ambos. Kate debruçou-se para a frente para agarrar na prancheta, mas o esforço deixou-a tonta. Recostou-se, transpirada e sem fôlego. O médico e a enfermeira falavam baixinho do outro lado da cortina, e a voz estridente de uma mulher mais velha interrompeu-os.

– Por favor, doutor, dê-me algo mais forte. Doem como o raio. Pode olhar para elas o tempo que quiser, mas isso não alivia a dor!

O nariz de Kate pareceu reativar-se e captou um cheiro desagradável a pus; depois, os outros aromas do hospital pareceram inundar-lhe os sentidos: desinfetante, cera para pavimento e outros pivetes clínicos que não conseguia identificar muito bem. Deu um salto quando a mulher gritou.

– Cristo! Da próxima vez, avise-me!

– Por favor, senhora Jean. Acalme-se. O doutor está quase a terminar – disse a enfermeira, em tom monótono.

– Não me diga para me acalmar!

– Muito bem, Jean. Já acabámos – anunciou o Dr. Harris.

– Por favor, cubram-me. Até o ar as faz doer – gemeu a mulher, em tom desesperado. Houve mais alguns movimentos, e então o Dr. Harris voltou a atravessar a cortina, seguido pela enfermeira, transportando um recipiente de cartão cheio de ligaduras sujas. Pela fresta, Kate captou um vislumbre de uma mulher minúscula com uma penugem de cabelo cor de melaço que mal se lhe agarrava à cabeça, sentada na cama com uma película de suor a cobrir-lhe o rosto.

– Onde íamos nós? – perguntou o médico, voltando a aproximar-se da sua cama. A enfermeira saiu do quarto, e o cheiro a pus e a infeção ficou a pairar sobre eles com uma intensidade de fazer lágrimas nos olhos.

Kate engoliu com dificuldade enquanto ele tirava uma pequena lanterna do bolso e lhe apontava a luz aos olhos. Pareceu-lhe arder contra a parte de trás da sua cabeça. O Dr. Harris pareceu satisfeito e guardou a lanterna.

– Está com um início de infeção pulmonar, uma pneumonia, o que era de esperar pela água nos seus pulmões. Está a fazer um ciclo muito forte de antibióticos intravenosos e precisamos de a monitorizar por alguns dias – disse ele, indicando o ecrã a que Kate estava ligada. Ainda conseguia ver um clarão dourado da lanterna.

– Como cheguei aqui? – perguntou ela, reconstituindo subitamente a memória da corrente de retorno, de ser tirada do mar. – E onde é aqui?

– Ah, acho que foi tirada da água por surfistas – disse ele, consultando novamente a ficha. – Julgo que chamaram os serviços de emergência.

– Que serviços de emergência?

– O salva-vidas.

Kate sentiu-se humilhada ao ouvi-lo.

– Quem eram os surfistas?

– Não sei, lamento. Mas teve muita sorte.

Kate viu o seu telemóvel pousado em cima do armário, ao lado de uma caixa de lenços de papel e de algumas garrafas de água. O Dr. Harris seguiu-lhe o olhar.

– O seu filho esteve aqui enquanto estava inconsciente.

– O Jake está cá? Veio a casa?

O Dr. Harris hesitou.

– Não sei. Esteve cá um rapaz chamado Tristan, não é seu filho?

– É o meu sócio – explicou Kate. – O meu filho sabe que estou bem?

– Estou certo de que o pessoal de enfermagem terá entrado em contacto com os seus parentes mais próximos. – O Dr. Harris consultou novamente a ficha. – Vejo que é detetive privada. É uma estreia. Nunca tinha tratado um detetive privado – disse ele, fitando-a com um sorriso. – Venho ver novamente como está daqui a algumas horas. Está a sair-se bem, mas com uma pneumonia não se brinca. Rapidamente se pode tornar em algo mais desagradável.

Kate sentiu a emoção dominá-la. Lágrimas quentes escorreram-lhe pelo rosto, e então, sem aviso, uma enorme mancha de ranho desceu-lhe pelo queixo. O Dr. Harris estendeu-lhe a caixa de lenços do armário alto, e Kate tirou um, encostando-o à cara. Ele acenou-lhe desajeitadamente e saiu do quarto. Kate estendeu a mão para outro lenço, mas foi atingida por tonturas e náuseas. Recostou-se, ofegante e a suar, e olhou para o teto. Nadar no mar era algo que fazia todos os dias. O que acontecera? Como podia ter sido tão estúpida ao ponto de se deixar apanhar por uma corrente de retorno?

Era uma movimentada noite de sexta-feira, e a marginal de Ashdean estava repleta de adolescentes barulhentos e animados. Tristan estava sentado no carro, na alameda à porta do seu apartamento, a sentir-se exausto. Há mais de dois dias que não dormia e não conseguia invocar energias para sair e atravessar o passeio até à porta da frente de sua casa. Por um momento, fitou a roda gigante no cais. Tinha um grande ecrã de vídeo ao centro, com padrões psicadélicos a rodopiar enquanto girava, ziguezagueando como um gigantesco olho de desenhos animados. Focava-se e desfocava-se à medida que as suas pálpebras descaíam.

Chegara a casa de Kate no momento em que ela estava a ser levada da praia numa maca, e, durante uns longos e aterradores dois minutos, viu como os paramédicos lutavam para lhe reiniciar o coração.

Tristan e Kate tinham-se tornado próximos ao longo dos sete anos que trabalhavam juntos; primeiro, quando ela o aceitara como seu assistente de investigação na universidade onde dava aulas de criminologia, e, depois, como seu sócio na florescente agência de detetives. Tinha passado o dia no hospital, e transmitido à mãe de Kate, Glenda, a boa notícia de que Kate tinha saído dos cuidados intensivos e estava estável, e agora a adrenalina que o tinha mantido a funcionar o dia inteiro depois de uma noite sem dormir tinha-se esvaído.

Bateram na janela do carro e Tristan deu um salto, abrindo os olhos. Um grupo de adolescentes ia a passar, vestidos para passar a noite a percorrer os bares de Ashdean, e um dos rapazes sorriu e mostrou-lhe o dedo do meio. Todos os colegas se riram, seguindo caminho pela alameda em direção ao cais. Tristan pegou no seu telemóvel e arrastou-se para fora do carro.

Ao abrir a porta do apartamento, foi recebido pela sua irmã, Sarah, que lhe levava o dedo aos lábios.

– Acabo de deitar o Leo – disse ela, num exagerado sussurro teatral. Tristan seguiu-a até à sala de estar, onde havia roupas de bebé e fraldas empilhadas por todo o lado. O marido de Sarah, Gary, estava a redecorar a nova casa do casal,

pelo que Sarah e o seu bebé de nove meses, Leo, tinham ido passar alguns dias ali. Viu que Sarah tinha uma chávena de chá de ervas e o seu *Kindle* na mesa de café. – Tenho a televisão desligada porque as paredes aqui são muito finas. Já não me lembrava de como dá para ouvir qualquer barulho. Não dá contigo em doido?

– Não presto realmente atenção – respondeu Tristan, em voz baixa. Dirigiu-se à cozinha escura, abriu o frigorífico e tirou uma cerveja. Ao virar-se, viu Sarah postada à porta. A luz iluminou a divisão, e ele viu que tudo tinha sido limpo e reorganizado, tal como quando Sarah vivia com ele antes de ter conhecido Gary.

– Já comeste, Tris? – perguntou ela, continuando a sussurrar. Ele olhou de novo para o frigorífico. A prateleira de cima estava agora cheia de frascos de comida para bebé.

– Ainda não.

– Pensei que talvez pudesses ter ido buscar alguma coisa. Por isso fechei a cozinha – disse Sarah, fazendo um esgar de desconforto.

O relógio tiquetequeava ruidosamente. Tristan estava prestes a dizer algo quando ouviram o vizinho do lado bater com a porta. Não foi alto, mas, passado um momento, ouviu-se um choro vindo do andar de cima quando Leo acordou.

– Por amor de Deus! – silvou Sarah. – Acabo de o deitar! – Furiosa, marchou escadas acima. Tristan suspirou, abriu o congelador e tirou uma embalagem de *waffles* de batata. Enfiou quatro na torradeira e foi para a sala de estar com a sua cerveja.

Passados alguns minutos, Sarah desceu com Leo, que tinha o rosto vermelho-vivo de chorar. Pousando a cerveja, Tristan estendeu os braços e Sarah entregou-lho.

Tristan sentou-se no sofá e balançou suavemente o menino no colo.

– O que se passa com o nosso pequeno Leo? – perguntou ele, fitando-o e fazendo uma careta engraçada. Leo parou subitamente de chorar e olhou-o pensativamente, e então o seu rostinho vermelho abriu-se num sorriso desdentado. Soltou uma última explosão de choro, soluçou e começou a brincar com o tecido da sua *T-shirt*. Com os seus pequenos dedos, Leo percorreu as tatuagens nos antebraços de Tristan e a faixa preta tatuada no seu tríceps esquerdo.

– É sempre tão calmo contigo, Tris – disse Sarah. Os *waffles* saltaram da torradeira na cozinha.

– Eles sentem as nossas emoções. Em geral, quero eu dizer – acrescentou rapidamente Tristan.

– Tenho simplesmente medo de errar – confessou Sarah. Estendeu o dedo e Leo agarrou-o. Tristan olhou para o seu rosto cansado. Tinha estado grávida duas vezes antes de Leo, perdendo os bebés aos três e quatro meses. A sua terceira gravidez, a de Leo, tinha sido stressante e complicada, e agora, nove

meses passados, Sarah continuaVa uma pilha de nervos, pensando que podia fazer algo de errado.

– Já fizeste a parte difícil, gerá-lo. E é um rapazinho perfeito. Quebraram o molde contigo, Leo, não foi? – perguntou Tristan.

– Não para de chorar. Chora constantemente. O médico diz que está bem, mas...

– Sarah, os bebés choram, os cães fazem caca, a água é molhada e o mundo continua a girar.

Ela calou-se e depois aquiesceu.

– Sim. Eu sei.

– Sabes o que mais as pessoas fazem?

– O quê?

– Comem. Os meus *waffles* de batata estão prontos. – Sorriu, inclinando a cabeça na direção da porta da cozinha. Sarah sorriu também e revirou os olhos.

– Queres molho de carne?

– Seria divino.

Tristan comeu com Leo a dormir no seu ombro, e falou-lhe do seu dia e do que tinha acontecido a Kate. Sarah ouviu-o gravemente.

– Teve sorte por estar alguém na água. Fico feliz por estar bem – observou.

– Ficas? – perguntou ele, arqueando uma sobrancelha. Sarah nunca tinha gostado de Kate e aproveitava todas as oportunidades para tecer comentários sobre ela. A irmã fez uma expressão indignada.

– Posso não ser a maior fã da mulher, mas também não quero que se afogue.

– É simpático da tua parte – comentou Tristan.

– Ainda que sempre tenha dito que era perigoso nadar ali, não é verdade? Ela leva uma boia? Como a que a Pamela Anderson tinha nas *Marés Vivas*?

– Nunca gostei realmente da Pamela Anderson – observou Tristan, segurando o adormecido Leo enquanto se debruçava para a frente para pousar o prato vazio na mesa de café.

– De certeza que se tivesse uma dessas boias vermelhas a Kate não se teria metido em apuros – disse Sarah.

– A Kate é uma boa nadadora.

– Sim, mas quantos anos tem? Cinquenta?

– Quarenta e sete.

– A sério? Parece muito mais velha... Suponho que terás de compensar na agência, agora que ela está fora de serviço? E quanto ao parque de caravanas? É a altura mais movimentada, com as férias de verão a chegar. O Jake vai voltar da universidade para ajudar?

Felizmente, Kate era também proprietária do parque de caravanas em frente à sua casa, e o rendimento que dava era utilizado para apoiar a agência em tempos de escassez.

– Não. Agora temos um gerente para o parque de caravanas. Tanto quanto

– Não sei, o Jake Vai passar o Verão na Califórnia.

Sarah arQueou uma sobranceira.

– Como assim, tanto quanto sabes? Disseste-lhe da Kate?

– Não tenho o número dele. Falei com a mãe da Kate e ela disse que o
manteria informado.

Sarah olhou de novo para Leo.

– Esse é outro dos meus medos, que o Leo Venha a odiar-me quando crescer
– observou.

– Não acho que o Jake odeie a Kate.

– Mas têm uma relação estranha. O pai dele é um assassino em série
condenado. A Kate perdeu a guarda quando ele era pequeno, por causa dos
problemas com o álcool.

– A mãe da Kate tomou conta dele.

– Sim, mas perdeu a guarda, mesmo assim.

– Não, a Kate e o Jake estão bem, agora – afirmou Tristan.

– Estão? Porque optou ele por ir para uma universidade na América?

– Não sei, Sarah. Muitas pessoas estudam no estrangeiro.

Sarah anuiu. Tristan conseguia ver que estava com vontade de implicar com
Kate.

– Quantos casos têm em curso? – perguntou ela.

– Estamos ocupados – mentiu Tristan. O número de casos que tinham em
aberto era sempre uma preocupação. Nunca pareciam ser suficientes. Pensou
em regressar nessa noite para tentar novamente obter uma foto de Terrance
Trent, mas sabia que tinha de dormir.

Leo mudou de posição, e o calor do pequeno corpo no seu ombro e o suave
cheiro a bebé lembraram a Tristan como estava exausto.

– Conseguiste resolver as coisas com o teu amigo Ade? – perguntou Sarah.

– Não.

– Que pena. Gosto dele. Suponho que seja desconfortável quando um amigo
se embreda e se atira a nós.

Tristan anuiu.

– Tem problemas com o álcool e stresse pós-traumático do trabalho policial.
Na verdade, sinto-me apenas triste com toda a situação.

– É muito mais velho do que tu. E estás tão acima do nível dele.

– Sarah, isso não é simpático.

– És um bom partido. Deves ver quantas cabeças fazes virar quando
saímos. Só quero que encontres alguém, como eu encontrei o Gary.

– Não estou realmente à procura, neste momento.

– Oh! Posso fazer-te uma pergunta?

– Como assim? Tens estado a atirar-me perguntas desde que cheguei a casa.
Sinto-me como um participante num concurso. Não queres marcar-me outro
encontro, pois não? – perguntou Tristan, sentindo-se desanimar ante o
pensamento.

– Não. Achas que o Leo Vai herdar o nariz do Gary?

Tristan riu-se.

– É bem provável que vá.

Sarah fez uma careta.

– Adoro tudo no Gary, exceto isso.

– Então e o teu nariz? – perguntou Tristan.

– O meu não está mal, mas tu tens um nariz romano encantador. Espero que os genes do nosso lado da família vençam.

Tristan olhou para Leo, com o seu adorável narizinho de botão, profundamente adormecido no seu ombro.

– Acho que é uma lotaria, mas vai ser uma brasa, seja como for.

Sarah aquiesceu e sorriu. Tristan devolveu-lhe suavemente Leo.

– Agora, se este interrogatório já terminou, preciso de dormir. Estou acordado há quase dois dias.

– Não te preocupes com a Kate. Está em boas mãos no hospital – disse Sarah.

Tristan assentiu.

– Obrigado.

– E, Tris?

– Sim?

– Podes certificar-te de que baixas o tampo da sanita? Dá comigo em doida quando o deixas levantado.

Tristan fez-lhe continência e subiu. Quando estava a afundar-se na cama, ouviu Leo começar novamente a chorar, mas a exaustão arrastou-o para um sono profundo e sem sonhos.

Kate acordou, confusa e a tossir na luz ténue. Não conseguia recuperar o fôlego. Tossiu, entre arrancos de vômito, e conseguiu finalmente engolir algum ar. Recostou-se, ofegante, com os olhos e o nariz a escorrer, e estendeu a mão para um lenço de papel. Tentou respirar regularmente. Sempre que fechava os olhos, sentia-se rodopiar enquanto girava pela água, captando vislumbres das rochas no fundo do mar. Abriu os olhos. O ecrã junto à sua cama brilhava com diferentes linhas coloridas, mostrando os seus sinais vitais. Kate concentrou-se nele até parar de se agitar tão rapidamente. Pigarreou e teve de cuspir para um lenço.

– Sente-se bem, Querida? – perguntou uma voz na escuridão. Kate virou-se e conseguiu distinguir a forma da mulher mais velha aninhada debaixo das mantas. A sua pequena cabeça parecia flutuar acima dos cobertores.

– Sim.

– Não parece bem.

– Desculpe se a acordei.

– Não me acordou, Querida. Não consigo dormir. Porque está aqui?

Kate agarrou-se aos lados da cama, sentindo ainda o balanço do mar.

– Eu... – Era-lhe difícil admitir o que tinha acontecido. – Quase me afoguei, o que é embaraçoso.

– Porquê?

– Nado todos os dias.

– Estava numa piscina?

– Não. No mar. Nado no mar todos os dias.

A velha senhora mudou de posição debaixo das mantas e praguejou.

– Mas vai ficar bem. Ouvi o médico.

Kate conseguia ouvir um laivo de amargura na sua voz. Estava prestes a perguntar à sua vizinha porque estava ali, mas a mulher mudou de assunto.

– Vê aquela luz ali fora? – A grande janela de vidro dava para o corredor e para o posto de enfermagem em frente. Por cima do alto balcão estava um

candeiro com um quebra-luz Verde. – Mantém-me acordada. Pedi à enfermeira para o mudar de sítio, mas ela recusa-se. É uma Verdadeira cabra. – Kate sentiu-se desanimar ao ouvir a mulher falar daquela maneira, e desejou que a cortina entre elas estivesse fechada. A mulher mais Velha não esperou pela sua resposta. – Puxa sempre ao mudar-me as ligaduras. Tem um laivo de sadismo, mas é subtil, muito subtil.

Tinha uma voz pedregosa, e Kate sentiu-se grata por ela não lhe poder ver o rosto. Afundou-se de novo na cama e olhou para as paredes. Não havia relógio, e Kate não sabia onde estava o seu telemóvel nem o seu próprio relógio.

– Sabe que horas são?

– Quase duas.

– Só? – perguntou Kate. Estava agora perfeitamente acordada. A ideia das horas que faltavam até ao nascer do Sol enchia-a de pavor.

– Nunca consigo dormir.

– Há quanto tempo está aqui? – indagou Kate.

– Desta vez? Duas semanas. Tenho úlceras nas pernas, e a infeção causou-me uma septicémia.

– Lamento sabê-lo.

– Sou a Jean, a propósito.

– Sou a Kate.

Kate ouviu um rumorejar seguido de palavrões, e Jean fez soar a campainha junto à cama. Passado um momento, uma enfermeira, que parecia rondar apenas os vinte anos, surgiu à porta.

– Tudo bem, senhora Jean? – perguntou ela frontalmente.

– Por favor, pode tirar aquela luz do balcão? – pediu Jean.

A enfermeira suspirou e consultou o relógio preso à sua lapela.

– Senhora Jean, já lhe expliquei que temos de ter uma luz acesa no posto de enfermagem. Temos de conseguir ver. O candeiro tem um quebra-luz; é da potência mais baixa. Quer que feche as suas cortinas?

– Não! Não consigo dormir num espaço tão confinado. Não sei porque não podem pôr cortinas nessas janelas.

– Temos de a conseguir ver para podermos tomar conta de si – disse a enfermeira. Mantinha um tom calmo, mas Kate conseguia perceber que era uma conversa que já tinha tido antes. – Precisa de alguma coisa, Kate? – acrescentou ela, em voz mais suave.

– Não, obrigada.

– Muito bem. Estarei mesmo ali fora.

A enfermeira saiu do quarto e foi novamente sentar-se à secretária. O balcão era muito alto e, enquanto trabalhava ao computador, Kate só lhe conseguia ver o topo da cabeça.

– Não estou a ser picuinhas – protestou Jean, agora que estavam de novo a sós.

– É claro que não – concordou Kate, pensando o contrário.

– É casada?
– Não.
– Filhos?
– Tenho um filho, Jake. Está no terceiro ano da uniVersidade, na Califórnia.
– Nunca fui à América. Quase nunca fui a lado nenhum. Fui a França por uma libra, há uns anos. Lembra-se daQuela oferta que tinham na última página dos jornais? Fui a Calais. Foi muito agradável, tirando aqueles franceses todos.
– Sim, Calais é muito bonito.
FeZ-se um momento de silêncio e Kate fechou os olhos.
– OuVi o médico diZer que é detetiVe priVada?
Kate hesitou. Só Queria dormir.
– Sim, sou.
– Nunca tinha conhecido nenhuma. PensaVa que os detetiVes priVados eram todos homens.

A forma como Jean disse a palaVra «homens» indicou a Kate que o seu historial com o seXo oposto não tinha sido feliz.

– A maioria é – confirmou ela.
– ResolVeU muitos casos?
– Alguns.
– Alguma VeZ teVe um caso em que tiVesse de procurar um desaparecido?
– Sim. Mais recentemente, uma joVem.

Jean ficou calada por um momento, após o que perguntou em VoZ baiXa:

– Encontrou-a?
– Sim.
– Sim? – repetiu Jean, em tom esperançoso. Kate suspirou. – Oh! EstaVa morta, não estaVa?

– EstaVa, sim.
– Como a encontrou e onde? Pode diZer-me?
– Encontrámos o seu esqueleto enterrado num bosque.
FeZ-se outro longo silêncio e então Jean desatou a falar.

– O meu neto desapareceu. Foi num acampamento e a tenda era Verde. É por isso que odeio aQuela candeeiro no posto de enfermagem. – Kate fitou-o novamente. A luZ brilhava atraVés do Quebra-luZ de tecido Verde, ligeiramente mosQueado como lona. Parecia realmente uma tenda, uma pequena tenda montada sobre a superfície de madeira. – Só o deiXei por alguns minutos... Quando Voltei, tinha desaparecido.

– Quando foi isso? – perguntou Kate, sentindo o seu interesse despertar.
– Há onZe anos – respondeu Jean, e a tristeza na sua VoZ partiu o coração de Kate. – Durante muito tempo, pensei que poderia estar algures, ainda ViVo, mas só tinha três anos quando desapareceu. Como poderia uma criança de três anos sobreViVer soZinha? E, claro, há montes de pessoas capazes de leVar uma criança de três anos com alguma intenção. – As suas últimas palaVras ficaram suspensas na escuridão durante um longo momento.

– E a sua filha, o que acha que aconteceu? – perguntou Kate.

– Está morta. Suicidou-se há quatro anos. Não conseguiu lidar com a perda. CulpaVa-me. Becky... Era esse o seu nome. Era a Becky.

FeZ-se um longo silêncio, e Kate deu por si a sentir-se atraída para a história.

– Os médicos não conseguem entender porque tenho estas úlceras e porque não saram. Achrom que é o meu sistema imunitário, mas eu acho que é o Veneno dentro de mim a sair. Como ácido, parece nunca mais parar.

Kate endireitou-se na cama e afastou os cobertores. Pôs os pés de fora, ignorando as tonturas, e arrastou-se para a beira da sua cama para chegar a Jean. Encontrou a mão da mulher e apertou-lha.

– Oh! Pregou-me um susto.

Kate podia sentir uma ligeira resistência, por isso soltou-a e regressou à cama.

– Obrigada, Querida – disse Jean. Kate pensou que tinha ido longe de mais com aquela demonstração de afeto, mas ela pigarreou e fez-lhe uma pergunta.

– Posso contar-lhe a história do que aconteceu?

– Se se sentir capaz – assentiu Kate.

– Nem por isso, mas quero contar-lhe – replicou Jean.

DeVil's Way fica na parte leste do Parque Nacional de Dartmoor, a alguns quilómetros da cidade de Bovey Tracey. Tem o nome do rio ao lado do DeVil's Tor. A minha filha, Becky, e o seu companheiro, Joel, tiveram a ideia de irmos todos acampar.

– O Joel é o pai do Charlie?

– Sim. Vem de uma família bastante abastada. Não ficaram propriamente encantados por ele se juntar à minha Becky. E depois, quando ela engravidou do Charlie, basicamente deserdaram-no. O dinheiro era escasso. Eram jovens quando tudo isto aconteceu, tinham vinte e poucos anos. Eu ainda andava só nos quarenta. Eu sei. Pareço mais velha do que sou – disse Jean, ao ver a reação de Kate. – Tenho cinquenta e cinco anos, mas tente viver os últimos onze da minha vida. E as coisas já não eram fáceis antes de tudo acontecer.

Kate assentiu, chocada por saber que Jean era apenas oito anos mais velha do que ela. Parecia ter sessenta e muitos anos.

– Foi assim que acabámos por ir acampar. Não tínhamos dinheiro, mas tínhamos a bênção da bela paisagem rural da charneca... O Joel escolheu o lugar. Pensava que íamos ficar num belo parque de campismo, com casas de banho públicas, uma pequena loja e outros miúdos para o Charlie brincar. Fiquei chocada quando chegámos à charneca. Não tinha casas de banho. O bar e a loja mais próximos ficavam a dez quilómetros de distância. Montámos as nossas tendas ao lado do DeVil's Tor. Era lindo, e o Charlie estava entusiasmado. Era a primeira vez que ia a algum lado, na verdade.

– Onde viviam eles? – perguntou Kate.

– Comigo, no meu T1 em Exmouth. Tinha-os acolhido quando a Becky ficou grávida e a família do Joel não quis ter nada que ver com ele. Estavam na lista para um apartamento da câmara.

– Partilhavam todos a mesma tenda? – indagou Kate.

– Não. Fui firme em relação a isso. A Becky e o Joel estavam numa tenda, e eu e o Charlie ocupávamos a outra. Na primeira noite, dormimos como pedras, mas na manhã seguinte, levantei-me cedo com o Charlie, que continuava

empolgado. EstaVa tão entusiasmado... Queria ir chapinhar no riacho e procurar rãs. Era obcecado por rãs. DeiXámos a Becky e o Joel dormir até tarde. Então, por Volta das onze e meia, dei-me conta de que o carro tinha desaparecido. Liguei à Becky, mas estaVam a Quilómetros de distância, num festival de música do outro lado de Dartmoor, e ela já estaVa bêbeda. Tinham-nos deiXado, a mim e ao Charlie, com apenas um pouco de pão e margarina. Não podia ir a lado nenhum. Disse-me a Becky que o Joel tinha recebido uma oferta de trabalho de última hora, para tocar com uma banda, e que Voltariam mais tarde. Quando lhe disse que não tínhamos muita comida, disse-me para ir apanhar amoras!

– As amoras só amadurecem lá para julho ou agosto – obserVou Kate.

– Eu sei. Dá para acreditar? Rapariga estúpida. Não devia falar mal dos mortos... – Jean calou-se por um momento e agitou-se desconfortavelmente na cama. – Em todo o caso, acabou por não ter importância. O Charlie estaVa tão entusiasmado com tudo e mais alguma coisa, e íamos brincando e chapinhando. Chegam as duas da tarde, e depois as três, quatro, cinco, seis! Finalmente, a Becky e o Joel aparecem mesmo antes das oito, com comida para um churrasco.

Jean suspirou, e ouviu-se um rangido enquanto mudaVa novamente de posição na cama.

– O que aconteceu quando eles Voltaram? – perguntou Kate. Quando a pausa era suficientemente longa, sentia-se confortável para interVir.

– EstaVa furiosa, mas manteVe a boca fechada até depois de termos comido. PuXei a Becky para junto do riacho e estaVa prestes a dizer-lhe das boas, mas ela disse-me que o Joel tinha recebido cem libras a tocar guitarra para aquela banda. O guitarrista tinha apanhado qualquer coisa. Deu-me metade do dinheiro para as despesas da casa, e então ficámos bem. Voltámos do riacho, o Joel acendeu uma fogueira, e assámos *marshmallows* e comemos montes de chocolate. Tinham-me comprado a minha bebida favorita, *Babycham*... – Jean suspirou. – Ainda Vejo essa noite de forma tão nítida, todos juntos à volta da fogueira. Felizes. Sabe aquelas noites de Verão que parecem prolongar-se durante horas depois de o Sol se pôr?

Kate aquiesceu.

– Sim.

– Quando o céu fica laranja-torrado e o Sol a brilhar ao fundo do horizonte. Era como se fosse só Deus e nós ali sentados nessa noite. E eu nem sequer sou religiosa... Era o dia mais longo do ano, vinte e um de junho. Em todo o caso, por volta das nove e meia, quando já estaVa a escurecer, o Charlie finalmente ficou cansado, e fomo-nos todos deitar. Depois de ele estar deitado, saí para ir fumar um cigarro. O Charlie não queria que eu fosse, mas ia estar mesmo junto à tenda. – Nesse momento, a voz de Jean falhou e ela endireitou-se na cama.

– Sente-se bem?

– Sim. Estou só a tentar pôr-me confortável. DeiXei o Charlie e subi ao Devil's Tor. EstaVa a apenas cem metros da tenda, quando muito. E...

Jean levou a mão à boca, como se aquela parte da história lhe causasse náuseas.

– Está tudo bem – disse Kate.

– Não. Não está. Só estive ausente por alguns minutos, e quando regressei à tenda, a Becky vinha mesmo a sair. Disse que o saco-cama do Charlie estava vazio. O tempo tinha mudado bruscamente. Havia uma estranha bruma envolvente tudo, mais ou menos à altura dos joelhos e muito densa. Primeiro, pensei que o Charlie tinha ido à minha procura e se tinha perdido naquela bruma. Procurámos à volta da tenda, e depois na da Becky e do Joel. Subi novamente ao Tor e procurei junto à base. Era uma série de pedras empilhadas umas em cima das outras, muito lisas, era impossível ele ter trepado. Subi ao topo, arranhando os braços pelo caminho, e quando lá cheguei, olhei para todo o lado para ver se conseguia avistá-lo. A Becky e o Joel procuraram no riacho. Nada.

Kate conseguia ouvir que Jean estava sem fôlego.

– Está tudo bem.

– Mesmo ao fim de todo este tempo, consigo senti-la. Consigo cheirar essa noite. Sabe quando temos a pele bronzeada? Ainda consigo sentir esse cheiro a Verão, misturado com a névoa fria no ar. Quase consigo sentir a humidade na língua.

– Quando chamaram a polícia? – perguntou Kate.

– Devíamos tê-lo feito de imediato, mas nenhum de nós queria admitir que era grave. Apareceram alguns polícias, e começaram a revistar a Zona... E então clareou. O Sol nasceu, e estava tanto calor. Vieram mais polícias, e o Parque Nacional de Dartmoor organizou uma equipa de busca. Nada. Foi como se tivesse desaparecido em pleno ar.

– E diz que isso foi há onze anos? – interrogou Kate.

– Sim – confirmou Jean. – E não tenho uma única noite de descanso desde então. O Charlie teria agora quase catorze anos, se fosse vivo. Achar que pode ter caído ao rio e sido arrastado, mas não sabemos. Simplesmente desapareceu. Foi o que levou a Becky ao precipício. A falta de respostas. De um desfecho. Acabou por se separar do Joel e por se meter nas drogas.

Na escuridão, fez-se um longo silêncio, e então Jean perguntou:

– Acha que me pode ajudar a encontrá-lo?

Kate acordou desorientada, após outra noite de estranhos e vívidos sonhos. Estava ensopada em suor e tinha uma sede terrível. O quarto estava iluminado, e um grupo de jovens de ambos os sexos passava junto à janela. Kate puxou para trás os cabelos colados à sua testa húmida e lembrou-se de tudo. Estava no hospital, mas não se conseguia lembrar de ter adormecido.

A cama ao lado da sua estava agora vazia, e a roupa de cama tinha sido retirada do colchão.

OuvIU-se um rangido e um rumorejar grave, e uma enfermeira que lhe parecia familiar do dia anterior entrou energicamente no quarto com um carrinho de medicamentos. Usava um tabardo Vermelho sobre o uniforme azul, com as palavras ronda de medicação em curso, não incomodar escritas em letras brancas.

– Bom dia, Kate. Como estamos hoje? – perguntou ela alegremente, parando o carrinho junto à cama e soltando a prancheta de Kate do local onde pendia, aos pés.

– Onde está a Jean, a senhora da cama ao lado? – indagou Kate, ouvindo que a sua voz estava rouca e turva de sono. – Não morreu, pois não?

A enfermeira olhou para ela e hesitou, com um esgar no rosto.

– Não posso falar sobre os outros pacientes devido à proteção de dados.

– Se estiver morta, já não há mais dados para proteger – disse Kate. A enfermeira do turno da noite anterior apareceu à porta.

– DaWn, tive agora mesmo de enviar o historial da Jean Julings para o The LaWns. Apareceu uma vaga para ela logo de manhã.

A enfermeira saiu e ouviu-se um chocalhar enquanto DaWn deitava alguns comprimidos num pequeno copo de papel e o estendia a Kate.

– O que é o The LaWns? – perguntou Kate. LembraVa-se da história de Jean da noite anterior e não tinha a certeza se não teria sido um sonho.

– É um lar de cuidados continuados – explicou DaWn.

– Sabe porque a transferiram?

– Provavelmente, porque estaVa a ocupar uma cama que podia ser usada por alguém mais necessitado.

– O que é isto? – perguntou Kate, olhando para os comprimidos aninhados no fundo do copo. DaWn consultou a ficha.

– A leVoFloXacina é um antibiótico para a sua infeção pulmonar. Tem um anti-histamínico para os enjoos de movimento que tem vindo a sentir, e um ligeiro sedativo para a ajudar a descansar.

O repouso é essencial, e tem de beber muitos líquidos. – DaWn pegou no jarro de plástico VaZio que estaVa junto à cama, dirigiu-se ao laVatório do canto, encheu-o e serviu um copo de água a Kate.

– Tome, beba.

Kate bebeu um longo gole, retraindo-se ante a água tépida, que parecia ter um traVo a cloro.

– Quando posso ir embora?

– Isso depende do médico e dos resultados da sua próxima radiografia torácica. Tinha água do mar nos pulmões. A água do mar tem todo o tipo de bactérias, o que normalmente não tem mal nenhum, mas quando entra nos pulmões, pode causar muitos problemas. Temos de a manter sob observação. – DaWn folheou a ficha de Kate e o seu sobrolho franziu-se. – Hum. Tem uma fibrose substancial no fígado. – Olhou para Kate. – Quantas unidades de álcool bebe por semana?

– Nenhuma. Estou sóbria há treze anos.

– Ah! – disse DaWn, assentindo. – Muito bem, compreendo... – As suas sobrancelhas arquearam-se até ao couro cabeludo. – Ele receitou diaZepam – murmurou em seguida.

– Nunca tive problemas com drogas. Estou em recuperação da dependência de álcool – explicou Kate. Viu como os olhos de DaWn rodavam para o grande frasco de desinfetante para mãos junto ao laVatório.

– O médico deve passar por aqui mais tarde. Toque à campainha se precisar de alguma coisa. – Pôs a ficha novamente ao fundo da cama, e o esgar regressou ao seu rosto. DaWn virou o carrinho e partiu, retirando o frasco de desinfetante para mãos a caminho da saída.

Kate ficou sentada por um momento, com uma sensação de desespero. A enfermeira acha que vou beber o desinfetante para mãos. Bebeu mais dois copos de água e levantou-se para usar a casa de banho ao canto do quarto. No caminho de volta, deu-se conta de que já não estava ligada ao sistema de soro e ao monitor cardíaco. Sentou-se à beira da cama, um pouco tonta devido ao esforço, e reviu o que conseguia recordar da sua conversa com Jean na noite anterior. Tinha acontecido. Não tinha?

Estendendo a mão para o seu armário junto à cama, Kate abriu a porta do compartimento do fundo. O seu telemóvel estava lá, e viu uma pequena bolsa de higiene que Tristan lhe tinha levado. Kate ligou o aparelho e estava prestes a pesquisar «Charlie Julings desaparecido» no Google quando o telemóvel

tocou. Era Tristan.

– Olá – disse ele, aparentemente feliz por a ouvir atender. – Está bem?
– Acho que sim. Desligaram-me das máquinas e do soro.
– Sente-se melhor? – perguntou ele. Kate hesitou. Já não se sentia fisicamente doente, mas a sua mente estava uma confusão. Conseguia sentir uma nuvem negra de depressão a formar-se e a sensação de embaraço e fracasso avolumava-se.

– Sim – acabou por mentir.
– Alguma ideia de quando vai ter alta?
– Não sei. Espero que daqui a um par de dias. Como vão as coisas no escritório?

Tristan hesitou do outro lado da linha.

– Consegui finalmente a fotografia do Terrance Trent. Segui um palpite e levantei-me cedo esta manhã. Por pura sorte, ocupei um lugar de estacionamento à porta de sua casa e, zás, lá ia ele a sair de mão dada com a sua jovem amiga. Enviei-a à mulher por *email*.

– Bom trabalho – disse Kate.

– Pode falar?

– Com certeza.

– Acabámos de receber uma solicitação por *email* de um advogado, Steve Dexter, sediado em Exeter. Representa uma mulher chamada Jean Julings. Disse que a Kate a conhecia?

Kate recostou-se na cama e sentiu uma vaga de alívio e de entusiasmo. Tinha acontecido. Tinha tido a conversa. Descreveu rapidamente o que Jean lhe tinha dito na noite anterior.

– Um desaparecimento. Quer que marque uma reunião com ele?

– Marca para terça-feira. Com sorte, já terei tido alta por essa altura.

Kate passou o domingo a dormir, e ficou satisfeita por a cama ao seu lado se ter mantido vazia. Às oito da manhã de segunda-feira, foi examinada por uma médica diferente. Perscrutou a mais recente radiografia de Kate e considerou-a apta para ir para casa.

Foi tudo muito rápido e, por volta das nove, Kate estava vestida, agarrada a um saco de medicação e à espera, ao sol quente do exterior, que um táxi a levasse a casa. Kate sentia-se grata por Tristan lhe ter levado um velho fato de treino e uns ténis. Ainda assim, não tinha roupa interior – provavelmente, ele sentira-se demasiado embaraçado para vasculhar a sua gaveta das cuecas.

O taxista era do tipo miserável, algo por que Kate se sentiu grata. Não suportava a ideia de fazer conversa durante a curta viagem até casa. Quando o motorista saiu da autoestrada e virou para a estrada no topo da falésia que conduzia à casa e ao escritório de Kate, uma brisa quente flutuava através da janela, e o mar cintilava ao fundo.

Geralmente, Kate sentia-se em paz ao ver a vasta extensão de água que se estendia até ao horizonte, mas agora fazia-a sentir-se inquieta. Passaram pelas duas casas de madeira no topo da falésia que eram arrendadas para férias, ambas com carros à porta, e depois, mais abaixo, pelo parque de caravanas. Estava lotado, e havia alguns campistas sentados ao sol. Os surfistas que a tinham resgatado da água tinham alugado uma caravana, e tinha vergonha de se cruzar com eles. Kate debruçou-se, ocupando-se com o seu saco de medicação no chão, e, enquanto passavam pela loja do parque de campismo com o escritório da agência por cima, manteve a cabeça baixa.

Pagou ao motorista e entrou apressadamente em casa. O corredor dava para uma vasta sala de estar. Uma janela fixa corria ao longo de toda a parede do fundo, com vista para o mar. As outras paredes estavam cobertas de estantes, desorganizadamente repletas de romances. A mobília era velha e pesada; um sofá gasto, uma mesa de café e um piano vertical, que Kate não tocava, encostado a uma das paredes. Inicialmente, a casa viera como regalia pelo

trabalho de Kate como professora de criminologia na Universidade de Ashdean. A sua amiga Myra era a proprietária do parque de campismo ao lado, e quando morreu, dois anos antes, tinha deixado tudo a Kate na condição de que ela seguisse o seu sonho e abrisse a sua própria agência de detetives.

Além de sua amiga, Myra fora a madrinha de Kate nos Alcoólicos Anónimos, e naquele momento, no seu estado vulnerável, sentia mais do que nunca a sua falta. Dirigiu-se à cozinha e ficou parada, em silêncio, a ouvir o tiquetaque do relógio.

Sabes que podias beber um copo de uísque?, perguntou a VoZ na sua cabeça. A que parecia ter vindo a tornar-se cada vez mais alta ao longo dos últimos dias. *Pensa em como te sentirias bem se preparasses um belo grogue quente. Já provaste a ti mesma que podes passar sem ele.*

É praticamente um medicamento... e tu tens estado doente. Bebe. Kate olhou pela janela lateral. A loja do parque de campismo vendia álcool e limões... E havia um frasco de mel ao fundo do armário.

O seu telemóvel tocou e Kate sentiu-se grata pela distração. Era Jake, no Facetime.

– Olá, mãe – disse ele, com o seu rosto a encher o ecrã. Parecia estar no dormitório.

– Olá, querido. O que aconteceu ao teu cabelo? – perguntou ela. Quando tinham falado, na semana anterior, o seu cabelo castanho chegava-lhe à altura dos ombros e tinha barba. Agora, tinha o cabelo cortado muito curto e estava barbeado.

– Apeteceu-me uma mudança – replicou ele, passando a mão pela cabeça. – Mas, mais importante, estás bem? A avó tem-me mantido informado. Tentei ligar-te algumas vezes. – Franziu o sobrolho, e Kate sentiu o equilíbrio mudar pela primeira vez na sua relação. Fitava-a com a mesma preocupação que tantas vezes havia sentido por ele quando era pequeno.

– Já estou em casa.

– Já disseste à avó?

– Ainda não. Aconteceu tudo tão depressa.

Jake anuiu. Parecia bem, mas o rapaz desalinhado e desgrenhado desaparecera. Parecia um homem. Por um momento, Kate ficou abalada.

– O que aconteceu, mãe? És tão boa nadadora! – perguntou ele.

– Sou mesmo. Foi uma corrente de retorno, e não estava a prestar atenção.

– Continuas a ir a reuniões?

– É claro. Isto não tem nada que ver com isso – disse Kate, ouvindo o tom defensivo na sua voz. Jake ergueu as mãos.

– Estou só a perguntar.

– E eu estou só a dizer-te que foi um acidente. É-me *permitido* ter um acidente. Não tem de estar ligado a... mais nada.

Jake aquiesceu.

– Eu sei. Mas estou longe e preocupo-me. Tentei ligar-te algumas vezes. A

avó disse que tinhas o teu telemóvel no hospital, mas não tive notícias tuas.

– Jake, podes parar de me repreender? A avó também te disse que estive nos cuidados intensivos? E que parei de respirar?

– Não.

– Bem, aí tens. Não sabia que dia era. Mas agora já estou em casa e a recuperar.

Jake assentiu e ficaram em silêncio. Kate ouviu alguns barulhos em pano de fundo, gente a rir.

– Precisas que vá para casa? – perguntou ele.

– Não, mas vens passar o Verão?

Jake franziu o sobrolho.

– Ofereceram-me um estágio de Verão, aqui em Los Angeles... É uma produtora de cinema muito prestigiada. E também é remunerado. Sei que me estou a formar em Literatura Inglesa, mas estar em Los Angeles, entre todos estes criativos e pessoas do cinema, acho que apanhei o bichinho. Ou, pelo menos, este estágio ajudar-me-á a decidir se quero seguir uma carreira no cinema e na televisão.

Kate sentiu o coração esmorecer, mas manteve uma expressão neutra.

– Isso é fantástico. É claro que deves aceitar.

– A sério? Preocupou-me contigo, e depois do que aconteceu...

– Não devias. As coisas estão bem por aqui. Estou ocupada e feliz. Teria adorado ver-te, mas vens a casa no Natal, não vens?

– Com certeza – assentiu ele. – E conversaremos imenso, como sempre. E talvez consiga regressar por uma semana ou duas no fim do Verão.

– É o teu futuro, Jake.

– Podes prometer-me uma coisa?

– O quê?

– Que vais ter cuidado ao nadar. Sei que não queres ouvir isto, mas estás a ficar mais velha.

– Tens razão. Não quero ouvir isto. Tenho quarenta e sete anos, não setenta e quatro!

– Desculpa, mãe. Só digo isto porque te amo.



Depois de desligar a chamada, Kate preparou uma chávena de chá, subiu ao andar de cima e enfiou-se na cama. Ficou a olhar para o teto e a tentar processar a sua conversa com Jake. *Devia estar feliz, pensou. Não é isto que sempre quis para o Jake? Que fosse bem-sucedido e feliz?* Tivera um mau início de vida, e tinha de carregar o legado do pai. E, apesar de tudo isso, estava a estudar no estrangeiro e a construir uma vida para si.

Não obstante, havia uma parte egoísta de Kate que queria que ele voltasse para casa. Sacudiu o pensamento e tentou dormir um pouco.

No dia seguinte, Kate e Tristan dirigiram-se à DeXter Advogados, em EXeter. O escritório do advogado ocupava duas pequenas divisões por cima de uma pastelaria, numa rua tranquila a algumas centenas de metros do centro da cidade. Estava um dia quente e o escritório encontrava-se abafado.

– Era suposto a Jean juntar-se a nós via conferência telefónica, mas o sinal de telemóvel é mau no lar onde está a convalescer – explicou o advogado, Steve DeXter. Era um homem alto e magro que parecia rondar os trinta. Tinha o cabelo penteado num topete oleoso e usava uns óculos de armação grossa. O seu fato preto já tinha visto melhores dias, com os cotovelos puídos e os punhos coçados. O seu escritório era um tributo à desordem. Todas as paredes estavam preenchidas por estantes repletas de pastas descaídas, e a sua grande secretária tinha pilhas enormes de papelada de ambos os lados. A proteção de ecrã do seu computador era uma imagem de Roy Orbison. Tinha uma pasta de cartão na secretária à sua frente.

– Podemos abrir uma janela? – perguntou Kate.

– Não abrem, lamento – respondeu ele. – A Jean pediu-me para vos apresentar as suas desculpas pela ausência de hoje. Aconteceu tudo muito depressa.

– Temos muito gosto em estar aqui e em trabalhar para a Jean – disse Kate, ainda a sentir-se indisposta e doente. Ainda no dia anterior estava deitada numa cama de hospital, e agora estava ali, enfiada no seu melhor fato de calças para discutir um novo caso. Desabotoou o casaco preto e pigarreou, esperando não estar prestes a ter outro ataque de tosse.

– A Jean é mais do que apenas uma cliente para mim – disse Steve. – Era amigo íntimo da sua falecida filha, Becky. E tratei do funeral dela e da papelada quando faleceu... – Respirou fundo e fitou-os atentamente. – Para ser sincero, vejo com ceticismo que a Jean gaste as poupanças que lhe restam nesta investigação.

A família sofreu tanto com a perda do Charlie, e depois com a morte da Becky.

– Estou tão surpreendida como o senhor – replicou Kate. – Só falei com a Jean uma vez, e foi quando estávamos internadas no hospital.

– E eu não conheço a Jean – acrescentou Tristan. – Espero que tenha tirado tempo para consultar o *site* da nossa agência e pesquisar os casos em que trabalhamos.

Steve olhou de Kate para Tristan.

– Compreendem que a probabilidade de encontrarem o Charlie com vida é quase zero.

– Sim, nós sabemos – confirmou Kate. – Mas, se conseguirmos descobrir o que aconteceu ao Charlie, isso daria à Jean sossego e paz. É delicado, mas permite-me, por favor, que pergunte como foi que a Becky morreu?

A porta abriu-se e atingiu a parede com um baque. Uma mulher mais velha entrou vigorosamente na sala com um tabuleiro redondo com canecas de café desirmanadas, todas cheias até à borda e a fumar. Vestia um fato de calças cinzento, de corte direito, com uma blusa branca e um par de chinelos. Uns óculos pendiam-lhe sobre o amplo peito, e tinha um segundo par equilibrado no nariz com grossas e gordurosas lentes. Parecia sofrer mais com o calor do que Kate. Respirava pesadamente ao aproximar-se, tentando não derramar o conteúdo das canecas demasiado cheias.

– Foi a Jean que encontrou a Becky. Tinha-se enforcado no candeeiro da sala de estar – disse a mulher, dirigindo-se com o tabuleiro para a mesa. – O candeeiro colapsou. Os moldes de gesso cederam com o peso dela. Não que fosse gorda. A Becky era um fio de gente, não era, Steve?

Steve não parecia satisfeito com a interrupção. A mulher pousou o tabuleiro e continuou a falar.

– Antes de morrer, a Becky andava metida nas drogas. – Fez estalar a língua e abanou a cabeça ante a recordação. – A Jean tentou tantas vezes ajudá-la. E o Steve era um verdadeiro rochedo para ela... E eu fiz o que podia. Organizei as cerimónias fúnebres.

Algo na forma como disse «organizei» fez com que parecesse um evento social.

– Sou a Sadie, a propósito, gerente do escritório e mãe do Steve. É um prazer conhecer-vos. – Estendeu a mão. Kate e Tristan apertaram-na, e Kate gostou imediatamente dela. Era um verdadeiro contraste com o mau humor do filho. – Estou tão feliz por irem investigar o que aconteceu. Era um rapazinho tão querido, o Charlie. O menino dos olhos da Jean. Depois de tudo o que teve de suportar na vida, é simplesmente cruel o que aconteceu ao Charlie. Lemos tudo sobre estes casos em que crianças desaparecem, e nunca esperamos que aconteça a alguém que conhecemos tão bem. Há anos que digo à Jean que devia contratar um detetive privado. A polícia foi basicamente inútil... Até parece que todos os dias desaparecem crianças.

– Bem, infelizmente, desaparecem mesmo – disse Kate. – Sabia que, todos os anos, cento e doze mil crianças são dadas como desaparecidas no Reino Unido?

– A sério? – perguntou Sadie, estupefacta.
– Muitas delas são encontradas, mas não deixa de ser uma estatística horripilante.

– Quais são as probabilidades de encontrarem o Charlie?
– Não Vou mentir. São poucas. Mas temos um historial forte quanto a encontrar desaparecidos – disse Kate. Fez-se silêncio. – Conhece a Jean para lá do trabalho?

– Sim. Eu e a Jean temos uma longa história. Estivemos juntas num temido orfanato. Isso uniu-nos, e aqui estamos nós. Completei cinquenta anos no ano passado, e somos chegadas. O Steve e a Becky costumavam brincar juntos.

Steve franziu os lábios e retirou cautelosamente uma das canecas gotejantes do tabuleiro.

– Obrigado, Sadie – disse ele. Kate e Tristan trocaram um olhar. Seria Steve uma daquelas pessoas estranhas que tratam os pais pelo nome próprio?

– Desculpem a confusão. A máquina de cápsulas está avariada. Espero que não se importem que seja instantâneo – acrescentou Sadie, pegando nas canecas e limpando-as por baixo com um lenço de papel.

– Instantâneo está ótimo, obrigado – disse Tristan.

– Li aquele artigo da *National Geographic* sobre Vocês os dois na Internet. É tão impressionante como descobriram quem matou aquela jornalista. E agrada-me que seja um rapaz daqui – disse ela a Tristan. – A Jean fez a escolha certa convosco. Só espero que melhore depressa e que possa ir para casa. Tem um grave problema de úlceras. Deviam vê-las. Alguma vez viram úlceras Venosas?

Kate e Tristan abanaram a cabeça. Sadie ergueu a mão.

– São horríveis, tão dolorosas, e às vezes nunca saram! A Jean tem umas varizes terríveis. Não se importará que o diga, de certeza. Todos os empregos que teve a obrigavam a ficar de pé o dia inteiro; empregada de limpeza, de bar e coisas do género. E tem estas úlceras porque as veias na parte de trás das suas coxas se rompem. Conseguem imaginar? Mal se consegue sentar ou mexer quando eclodem.

Steve lançou um olhar a Sadie.

– Enfim... Prazer em conhecer-vos a ambos. Vou ver se consigo pôr a Jean ao telefone. Queria que a puséssemos em alta voz para poder juntar-se a esta reunião, mas a rede móvel é terrível no The Lawns e os enfermeiros são esquisitos quanto a deixá-la usar a linha fixa.

Steve pigarreou, e o seu ar de irritação quase fez Kate rir.

– Bem, estarei lá fora se precisarem de mim – disse Sadie, saindo da sala com um sorriso. Steve esperou até a porta estar fechada para continuar.

– Desculpem lá isto – disse ele, fazendo deslizar as duas canecas lascadas da *Smarties* na direção de Tristan e Kate e ficando com a da *Cadbury Crunchie* para si.

– A Sadie... A minha mãe é uma boa secretária. Só que, às vezes, manter os limites é, hã... – Pegou na pasta.

– O que faz atualmente o Joel, o pai do Charlie? – perguntou Kate.

– Gere um *pub* do outro lado de Dartmoor, perto de Belstone.

– É casado?

– Sim. Tem duas filhas da segunda mulher. Está de férias em Espanha com a família.

– Ele sabe que a Jean nos vai contratar? – perguntou Tristan.

– Não sei. Aconteceu tudo tão depressa. – Tirou uma folha de papel de uma pilha ao seu lado. – Ora bem. Recebi uma cópia do vosso contrato de serviços. Parece tudo aceitável, mas é comigo que irão lidar em termos de pagamentos. – Tirou uma caneta de prata do bolso interior e assinou o contrato com um floreado. – A Jean guardou alguns recortes de jornais e as fotos que tirou durante aquele fatídico acampamento. Não é muito, mas achei que deviam ficar com elas.

– E quanto a contactos? Há alguns dados dos agentes da polícia que trabalharam no caso? – perguntou Tristan.

Steve abanou a cabeça.

– A Jean odeia a polícia. Para ser sincero, nunca teve uma boa relação com nenhum dos agentes que trabalharam no caso. Até disse ao detetive principal para ir bugiar.

Fez deslizar a pasta sobre a secretária na direção deles. Ao pegar-lhe, Kate sentiu que era muito fina.

– Se me permitem falar como amigo da Jean, e não como seu advogado, por favor, tenham atenção à sua vulnerabilidade. A estatística que citaram é horrível. E, mesmo que encontrem o Charlie, não sei se isso lhe dará o desfecho que ela quer. Por favor, não alimentem falsas esperanças, e saibam quando a enganar com delicadeza.

– Com certeza – assentiu Kate.

Ele acenou e sorriu.

– Obrigado. Desejo a melhor das sortes a ambos, e ajudarei em tudo o que puder.

Sente-se bem? – perguntou Tristan. Ia ao Volante na Viagem de regresso da reunião com SteVe DeXter, e conseguia Ver Que Kate parecia muito pálida ao seu lado.

– Preciso só de um momento para recuperar o ritmo – respondeu ela.

Secretamente, Tristan achava Que era um pouco cedo de mais para Kate estar de regresso ao trabalho, mas guardou isso para si. Ela não reagiria bem a Que lhe dissessem para ficar na cama. Kate pigarreou, o Que degenerou num estertoroso ataque de tosse.

– Precisa de água? Deve haVer uma bebida de desporto a rebolar pelo banco de trás. – Kate pegou num lenço de papel, desapertou o cinto de segurança e, ainda a tossir, procurou a garrafa, abriu-a e bebeu um gole.

– Assim está melhor – observou ela, com os olhos ainda a lacrimejar. – Acho Que é o ar condicionado do carro que me faz tossir.

Tristan desligou-o e abriu as janelas. O telemóvel de Kate tocou no casaco do seu fato, pendurado nas costas do banco. Ela virou-se, vasculhou os bolsos e tirou-o.

– Oh, é a Jean – comentou.

– Ponha-a em alta voz – pediu Tristan. Kate atendeu.

– Tudo bem, Querida? Consegue ouVir-me? – perguntou Jean, numa voz que soava metálica e distante.

– Sim. Estou aqui no carro com o Tristan, o meu sócio na agência – replicou Kate.

– Olá, Jean – disse Tristan, tendo o cuidado de não dizer «oi». LembraVa-se de uma senhora na cantina da sua escola que se chamaVa Jean, e de como os alunos a proVocavam constantemente, gritando «*higiene!*»¹ a qualquer oportunidade.

– Olá, Tristan – respondeu Jean. – É daqui ou mais do interior?

– Daqui – confirmou Tristan. – Nascido e criado em Ashdean. – Não tinha grande sotaQue. Sarah tinha-se empenhado em erradicar o seu sotaQue do sudoeste de Inglaterra, e contagiara-o. O de Jean era subtil, mas conseguia

souVir-lhe um laíVo de sudoeste na VoZ.

– Lamento ter perdido a reunião. Estou sentada na casa de banho dos funcionários – acrescentou ela. – Acreditam que é o único sítio com cobertura de rede decente? Correu tudo bem com o SteVe?

– Foi muito prestáVel – respondeu Kate. – E queria só diZer-lhe o quanto estamos felizes por trabalhar para si.

– Sim, bem. Continuem só a diZer-me tudo sem rodeios. Não preciso que dorem a pílula. O SteVe deu-Vos a pasta com as fotos?

– Sim – confirmou Kate, segurando-a no colo. Tinham-na examinado, e continha alguns recortes de jornal dobrados e fotografias das tendas montadas junto ao Devil's Tor. – Fizemos algumas pesquisas na Internet antes da reunião e encontrámos mais alguns artigos.

– Não Vão encontrar grande coisa *online*. A Sadie tem andado a procurar por mim. Conheceram a Sadie?

– Sim – disse Kate.

– É uma boa amiga, a minha Sadie. Já nos conhecemos há muito. Quando o Charlie desapareceu, a história saiu nas notícias locais, mas depois pareceram todos calar-se.

– HáVia muitos mais jornais locais há onZe anos que podem ter coberto a história. Queremos Verificar os arQuiVos de microfilmes em EXeter – disse Kate. Não tinha referido isso a Tristan e, quando ele a olhou de soslaio, Kate arqueou uma sobrancelha em interrogação e ele aquiesceu.

– Boa sorte com isso – respondeu Jean, num tom cheio de tristeza.

– Também ajudaria se pudéssemos falar consigo, pessoalmente, daqui a alguns dias, para ouVir de si exatamente o que aconteceu. Ao pormenor.

– Digo-Vos o que precisarem. Estou a pagar, não estou? Estou sempre disponível ao telefone quando consigo apanhar rede. Não tenho *email* nem nada do género.

– Por telefone está ótimo – disse Kate. – Mas podemos ir Visitá-la?

– Mas claro! Não estou na prisão – retorQuiu ela. Seguiu-se uma longa pausa. Tristan interrogou-se sobre por que razão parecia Jean tão hostil. Talvez fossem os nervos.

– Como é a sua relação com o Joel? – perguntou Kate.

– Não temos grande contacto. Voltou a casar. Gere um *pub* perto de Belstone com a mulher. Têm duas meninas. Sei que está de férias em Espanha.

– Pode diZer-lhe que nos contratou para inVestigar o desaparecimento do Charlie? Ajuda se não tiVermos de lhe ligar do nada. Ou poderia pedir ao SteVe para lhe ligar?

– Sim. Vou diZer ao SteVe que lhe ligue para o informar – disse Jean. OuViram-na suspirar. – É só disso que precisam de mim por agora? – acrescentou ela.

– Sim. Pode sugerir um dia em que possamos ir falar consigo? – indagou Kate.

Ouviu-se um estalido quando a chamada foi cortada.

– Achas que desligou ou que a rede estava fraca? – perguntou Kate, olhando para Tristan. Ele encolheu os ombros. – Foi tão aberta comigo ao falar no hospital.

– Talvez se sentisse inibida por estar em alta voz. Ainda não me conhece – replicou Tristan. – E contratou-nos para «encontrar» o Charlie, mas o que vamos fazer é dar-lhe uma conclusão, entende o que quero dizer? E o mais provável é o Charlie estar... morto.

Ao sair da estrada principal em direção à casa de Kate, Tristan viu como ela se baixava e atarefava com o conteúdo dos seus sacos, passando muito tempo à procura das chaves. Só se endireitou depois de ele entrar na garagem à porta de sua casa. Kate soltou um longo suspiro e fechou os olhos. Tristan fechou as janelas e desligou o motor.

– Não quero estar constantemente a perguntar isto, mas sente-se bem? – indagou ele.

Kate hesitou e depois anuiu. Tristan viu que ela estava demasiado cansada para ir para o escritório, por isso sugeriu que trabalhassem em casa.

– Posso fazer chá – ofereceu-se ele, uma vez no interior.

– Café, por favor. Forte – pediu Kate, afundando-se numa das poltronas junto à janela fixa. Agarrou na pasta e abriu-a no colo enquanto Tristan se dirigia à cozinha e enchia a chaleira.

Havia um envelope de fotos com o logótipo da prontaprint. Ao abri-lo, Kate viu os negativos a sair da bolsa da frente. Há muito tempo que não via um envelope de fotos.

A primeira fotografia era um pequeno quadrado. A orla tinha sido rasgada e depois novamente colada com fita-cola. Era a imagem de um rapazinho de pé diante de uma porta branca, com uma maçaneta prateada por cima da cabeça. Tinha cabelo louro-claro e vestia um fato de pirata com uma pala negra sobre um olho. Era um menino angelical, sorrindo com uma fila de dentes muito brancos e direitos e umas faces rosadas.

Kate virou a foto ao contrário e, escrito na parte de trás, estava «primeira festa de máscaras do Charlie».

Passou as outras fotos, que eram do acampamento em Devil's Tor. Havia duas tendas montadas, uma debaixo da árvore e a outra junto ao Tor. Os ramos da árvore pareciam estender-se vários metros em cada direção e não tinham folhas, apesar de as fotos terem sido tiradas em junho. A vegetação era alta entre as tendas. Um *Renault* Vermelho estava estacionado junto ao Tor.

Havia outras fotos de um jovem corpulento, com o longo cabelo negro preso num rabo-de-cavalo e uma *T-shirt* dos Led Zeppelin. Estava encostado ao porta-bagagens do carro ao lado de uma ruiva magra que estava de costas para a câmara. Usava uns calções de ganga minúsculos e uma *T-shirt* sem mangas. Charlie estava a alguns metros, a observá-los, segurando um grande pau. Noutra fotografia, Jean estava debaixo da árvore, com Charlie às cavalitas.

Parecia tão jovem, com o denso cabelo ruivo até aos ombros e um anel de prata no nariz. Kate não conseguia imaginar como podia aquela ser a mesma mulher mirrada que Vira na cama de hospital ao lado da sua.

Tristan entrou na sala de estar com duas canecas de café e olhou para as fotografias por cima do ombro de Kate.

– Alguma coisa? – perguntou ele.

– São fotos tiradas antes de o Charlie desaparecer – disse ela, demorando-se na foto da jovem e sorridente Jean com Charlie. Passou para a imagem seguinte.

– Oh, há uma da polícia.

Era uma fotografia de um grupo de três agentes a Vasculhar a charneca em torno das tendas e do Devil's Tor. O carro-patrulha estava estacionado ao lado do *Renault*. Tristan olhou mais de perto para a foto. Um dos polícias estava perto da câmara, e tinha tirado o chapéu, provavelmente para limpar a testa devido ao calor.

Era um homem alto e de aspeto maciço, e tinha o cabelo preto curto colado à cabeça. O seu rosto parecia um tomate. *Deve ter sido um dia quente*, pensou Kate.

– Caramba. É o Ade – exclamou Tristan, tirando-lhe a foto das mãos.

– O teu amigo Ade? O ex-polícia reformado? – perguntou Kate. Deu-se conta de que não sabia o apelido dele.

– Parece ser ele.

Kate tirou-lhe novamente a foto e olhou para o homem.

– Bem Visto. Parece tão diferente. Mais magro, e menos exuberante. Achas que podes perguntar-lhe pelo caso?

– Pode ter sido apenas o primeiro agente a responder – observou Tristan.

– Sim. Mas Vale a pena perguntar. – Olhou para o rosto de Tristan. – O que foi?

– Não estou propriamente de bem com ele neste momento.

– Porque não?

– Ia todas as semanas beber um copo com ele ao *pub*. Há algumas semanas, embebedou-se, ou fê-lo mais do que o normal, e tentou atirar-se a mim.

– Oh! – exclamou Kate, lembrando-se das coisas que tinha feito sob influência do álcool e afastando-as rapidamente do seu pensamento.

– Tentei rejeitá-lo de forma simpática, mas ele não aceitou bem.

Kate hesitou e olhou novamente para a foto.

– Era inspetor-chefe... Não sabia disso – comentou, erguendo-a para mostrar as estrelas no uniforme de Ade. – Pode ter investigado este caso. Não temos muito com que continuar neste momento, e o Steve disse que a Jean não tinha boas relações com nenhum dos agentes que trabalharam no caso. Isto podia poupar-nos muito tempo.

– Está bem – assentiu Tristan. – Vou falar com ele.

¹ Trocadilho com a proximidade sonora entre a expressão *Hi, Jean* e a palavra *hygiene*. (N.T.)

Na manhã seguinte, Tristan levantou-se cedo e foi ao ginásio. Tinha feito planos para ir visitar nessa tarde o local do acampamento em Devil's Way com Kate, pelo que, após o seu treino, foi a casa mudar de roupa e preparou-se para ir visitar Ade.

Ade vivia no extremo oposto da longa alameda marginal de Ashdean, num apartamento na cave de uma velha casa vitoriana. Era o penúltimo prédio da marginal, perto do edifício da universidade. Ao chegar aos portões, Tristan viu que as cortinas da janela da frente estavam corridas. Desceu os degraus até ao pequeno pátio fechado, que tinha um banco de ferro fundido encostado à parede, e,

no degrau da entrada, reparou em seis pacotes de diferentes formas e tamanhos.

Tristan parou por um momento, sentindo-se subitamente nervoso. Ergueu a mão para a aldraba de bronze e foi então que a porta se abriu. O rosto de Ade revelou surpresa, e ele levou uma mão ao peito.

– Jesus, *Miss Marple*. Queres que eu tenha um ataque cardíaco, caramba? O que fazes a rondar a minha porta?

Ade era agora um homem diferente do agente na fotografia do artigo do jornal. Estava mais magro e o seu cabelo era uma magnífica juba pintada de castanho-escuro, que lhe fluía pelas costas. Tinha uma barba cuidadosamente aparada e vestia um roupão de veludo verde-esmeralda. *Miss Marple* era a alcunha que Ade dera a Tristan, cunhada ao saber que este trabalhava como detetive privado.

Ade não parecia irritado, ou reconhecer sequer que algo se passava. Tristan abriu a boca, mas não sabia muito bem por onde começar.

– Ia bater à porta – disse ele.

– Ah, ias? O que te impediu? – perguntou Ade, olhando para o céu e pestanejando à intensa luz do sol. Olhou de novo para Tristan e arqueou uma sobrancelha, desafiando-o.

– Estava preocupado com todos estes pacotes à tua porta. Pensei que podias

estar morto.

– Morto, Querido? Eu, Querido? Não, Querido. O meu tempo está longe de ter acabado. Isto é normal para uma quarta-feira de manhã – disse ele, apontando para as embalagens no seu degrau. – São as minhas mais recentes aquisições no eBay. Agora, faz-te útil e traz um par delas ao entrar.



O apartamento de Ade estava decorado com móveis de madeira escura guarnecidos com almofadas multicoloridas. As paredes tinham um papel azul meia-noite coberto de estrelas e luas.

O minúsculo apartamento na cave não parecia lúgubre porque havia sete candeeiros *Tiffany* acesos em todas as superfícies. Duas enormes estantes estavam repletas de livros e DVD, transbordando para o chão e para a grande mesa de café. Uma pequena cozinha dava para a sala de estar, e Tristan seguiu Ade até lá. A cozinha estava maravilhosamente limpa e organizada, em comparação com o resto da casa. Ervas aromáticas cresciam em pequenos vasos de barro no parapeito da janela e, de alguma forma, Ade tinha conseguido enfiar um *Aga* no espaço apertado. Apesar do tempo de Verão, Tristan conseguia sentir que libertava algum calor.

– Podes pôr os pacotes aí – disse Ade, indicando uma pequena mesa redonda de madeira junto à porta, com uma taça cheia de maracujás e abacates. Por cima dela, na parede, estava um póster dos Jonas Brothers. – Queres um chá ou um café?

– Chá seria ótimo.

– Chá será, então – assentiu ele, olhando fixamente para Tristan por um momento antes de ir encher a chaleira.

– Escuta, Ade – começou Tristan.

– Sim. Precisamos de falar sobre o que aconteceu. – Ade rodou nos calcanhares e pôs a chaleira no *Aga*. Ergueu as mãos. – Procedi mal. Desculpa.

– Está tudo bem.

– Não. Não está. E digo-o a sério. Desculpa. Deves saber que és lindo, não sabes, Tris? – Tristan não soube o que dizer. – Bem, és. Mas isso não é desculpa. Sei que somos só amigos. E, embora desse tudo por umas voltas no feno contigo, é evidente que o que tu queres é que sejamos apenas amigos. E a tua amizade é mais importante.

Fez-se um silêncio desconfortável e Ade virou-se de novo para o lava-loiça.

– Desculpa se te dei a ideia errada – disse Tristan. Ade ergueu a mão.

– Não deste. Fui eu e o diabo da bebida. Nunca devia beber *Campari*. perco todas as inibições.

– Sim – concordou Tristan, lembrando-se do que tinha acontecido, ao regressar a casa do *pub*, quando ele tentara beijá-lo. Ade virou-se de novo para Tristan, e tinha lágrimas nos olhos. Aparentemente, a memória também era dolorosa para ele.

– Desculpa, Tris. Não devia tê-lo feito. Podemos voltar a ser amigos? Estou

tão grato por teres vindo aqui e teres dado o primeiro passo para resolver as coisas.

– É claro – assentiu Tristan.

– Ainda bem – disse Ade com um sorriso, limpando os olhos. – Gostas de bolas de gengibre? – acrescentou.

– Se te referes aos biscoitos, então sim.

Ade riu-se, e Tristan sentiu que estavam de novo em terreno regular. Embora houvesse ainda a questão delicada de ele não ter ido ver Ade apenas para resolver a situação. Uma vez preparado o chá, foram sentar-se no banco junto à porta da frente.

– Como vai o trabalho? – perguntou Ade, pondo um enorme par de óculos de sol ao estilo Jackie O. Tristan contou-lhe o que tinha acontecido a Kate.

– Jesus, mas está bem agora?

– Está abalada. Mas algo de bom resultou disto. Conheceu uma mulher no hospital que nos contratou para procurar o neto desaparecido.

– Sim, pois.

– Não estou a brincar.

Tristan descreveu rapidamente o caso e tirou o artigo do jornal do bolso para o mostrar a Ade.

– Espera um momento – disse Ade. Tirou os óculos de sol e vasculhou as pregas do seu roupão, extraíndo um maço de cigarros, um isqueiro e depois uns óculos grossos de armação castanha. Pô-los, pegou na fotografia de Jean do Tor e observou-a. – Oh, céus. Sim. Sou eu. Que badocha. E quem me cortou o cabelo? Parece que me puseram uma tigela na cabeça e cortaram à volta.

– Queria saber sobre o caso. Lembras-te dele? – perguntou Tristan. – O Charlie Julings desapareceu há onze anos.

O som de risos na alameda e das ondas a bater na praia descia até ao pátio.

– Sim. Lembro-me – confirmou Ade, devolvendo a foto e tirando os óculos. Tirou um cigarro do maço e acendeu-o.

– Trabalhaste na investigação? – perguntou Tristan, vendo-o exalar fumo.

– Foi por isso que vieste aqui hoje? – replicou ele, fixando em Tristan um olhar intenso.

– Sim. E porque queria resolver as coisas.

Ade sacudiu a cinza para o chão, franziu os lábios e levantou-se bruscamente, regressando ao interior da casa e batendo com a porta da frente.

Raios me partam, pensou Tristan. Será que o ofendi outra vez?

Tristan levantou-se, dirigiu-se à porta e testou o puxador. Estava aberta.

– Estou aqui dentro, Tris – gritou Ade. Tristan dirigiu-se a uma pequena sala ao fundo do apartamento que nunca tinha visto antes. Era um pequeno escritório, repleto de prateleiras de metal e de todo o tipo de pastas e papelada. Viu como Ade vasculhava uma pilha de pastas na prateleira de cima. – São cópias dos meus velhos blocos de notas.

– Blocos de notas de quê?

– Os blocos de notas que nos são atribuídos como agentes da polícia. É um documento oficial – disse Ade, guardando uma pasta e puxando outra amarela da prateleira inferior.

Tristan aproximou-se para o ajudar, erguendo a pilha por cima da pasta para que ele pudesse puxá-la.

– Não é propriamente legal um agente fazer cópias dos seus blocos de notas, mas trabalhei com um sacana de um superintendente manhoso que alterava os seus... Não vou entrar por aí agora – disse Ade. Abriu a pasta. – Cá está! Junho de 2007 – exclamou ele, triunfante. Tirou um maço de folhas fotocopiadas. Tristan seguiu-o de novo até à sala de estar.

Sentaram-se em cadeiras opostas e Ade começou a examinar as folhas preenchidas com a sua caligrafia elegante.

– Vinte e dois de junho, uma chamada via telemóvel deu entrada no posto de controlo às quatro da manhã – leu ele. – A chamada foi feita pelo pai do rapazinho, Joel. Parecia muito perturbado, disse que o filho estava desaparecido há um par de horas.

– Eles aperceberam-se de que o Charlie estava desaparecido às duas da manhã? – perguntou Tristan. Ade assentiu.

– Fomos chamados de Okehampton, onde eu trabalhava, e demorámos cerca de quarenta minutos a chegar. O meu colega era um condutor muito nervoso. Não havia iluminação pública na charneca; mal tinha começado a clarear. Chegámos a Devil's Way por volta das quatro e quarenta – disse ele,

encontrando a folha certa.

Tristan tinha começado a tomar notas no seu telemóvel.

– Como se chamaVa o teu colega?

– Não me lembro, era um polícia fardado, bem giro – replicou Ade.

– Ainda estão em contacto?

– Não me lembro do nome dele, por isso não. – Por um momento, Ade continuou a ler em silêncio. – Ah, sim! A avó. Jesus, era uma Verdadeira personagem.

– Jean Julings?

– Sim. Quando lá chegámos, foi uma Visão surreal. O Sol estaVa a nascer, e a Jean e a filha, Becky, estaVam a lutar, à pancada mesmo! A rebolar de um lado para o outro como dois lutadores de *wrestling* na erVa alta junto a uma das tendas. EstaVam as duas sangrentas e pisadas. O Joel estaVa a tentar separá-las.

– Porque estaVam à pancada? – perguntou Tristan.

– A Becky culpaVa a Jean por o rapaZ se ter perdido. Pensámos que ele se tinha afastado ao vaguear pela charneca. Mas a Becky estaVa convencida de que o namorado da Jean era o responsável pelo desaparecimento do Charlie.

– Namorado?

– Sim – disse Ade, consultando as suas notas. – Um tipo chamado Declan Connolly. EsteVe lá com a Jean mesmo antes de o rapaZ desaparecer. Declan Connolly já era conhecido da polícia. Algumas semanas antes, um agente tinha-o apanhado num *pub* com uma menor. Alguém ligou à polícia a dizer que ele estaVa a pagar bebidas a uma rapariga com apenas doze anos. Os agentes chegaram lá antes que algo de desagradável acontecesse, e a rapariga parecia estar com ele voluntariamente. HouVe alguma confusão na altura sobre se não seria uma prostituta menor – explicou Ade, lendo as notas elegantemente escritas a tinta preta. – O Declan também tinha cadastro. Cumpria pena por roubo e ofensas à integridade física. Há anos que mantinha uma relação ocasional com a Jean Julings, desde que eram jovens. Nessa mesma manhã, um dos carros-patrolha de apoio que iam ajudar nas buscas encontrou-o dentro do carro numa sarjeta, a quilómetro e meio de Devil's Way.

Ade ergueu os olhos das notas.

– Disseste que foi a avó, a Jean Julings, que vos contratou?

– Sim – confirmou Tristan. – O que fez a polícia ao encontrar o Declan?

– Levaram-no às Urgências de Exeter, onde foi examinado. Estávamos a meio de organizar uma busca. As autoridades do Parque Nacional de Dartmoor envolveram-se. Recrutaram um grande grupo para as buscas, que realizámos durante as vinte e quatro horas seguintes, mas nunca encontramos o rapaZ. Usámos cães pisteiros, que seguiram o rasto até ao rio, se bem me lembro, mas aí o rasto esmoreceu. Fez-nos acreditar que ele tinha caído à água e sido arrastado. O rio estaVa agitado e tormentoso quando lá chegámos para as buscas.

– Mais alguma coisa? – perguntou Tristan. Ade consultou os seus papéis.

– Não fui mais longe do que isto, mas lembro-me de que a polícia deteve o Declan para interrogatório uma semana depois. E encontraram sangue do Charlie no carro dele.

– Onde?

– No banco de trás, creio eu. A polícia chamou a Jean para interrogatório, e ela defendeu o Declan. Tinha saído com o Charlie e a Jean algumas semanas antes do desaparecimento. O Charlie estava a brincar num parque e cortou a mão num pedaço de vidro. Disse que era daí que vinha o sangue no carro.

– A polícia acusou o Declan?

– Não. Não tínhamos provas suficientes. A filha, Becky, confirmou que o Charlie se tinha cortado.

– O que aconteceu a seguir?

– Não sei, Tris. Não continuei no caso. Fui transferido para outro. Acho que foi então que as coisas esfriaram. As provas apontavam para que o rapaz tivesse caído ao rio. Era uma torrente forte e lamacenta – disse Ade. – Não conseguimos atravessá-la com os cães pisteiros, e a equipa de busca formada pelos locais também teve de ter muito cuidado.

– Tinha chovido? – perguntou Tristan.

– Não me lembro – respondeu Ade. – Tal como o Tor, também o rio se chama Devil's Way, Caminho do Diabo, e corre para o Desfiladeiro do Diabo. Na base do desfiladeiro, a água desaparece por um estranho sumidouro, como um caldeirão borbulhante.

– Se o Charlie caiu ao rio, poderia ter sido arrastado pelo desfiladeiro e para esse sumidouro?

Ade recostou-se e pensou por um momento.

– O sumidouro estava tapado por uma grade, por isso o rapaz não podia ter caído por lá. A grade tê-lo-ia impedido. Foi isso que manteve o caso aberto e por resolver, tanto quanto me recordo – disse ele.

– Tens os nomes dos outros agentes que trabalharam no caso?

– Teria de ver as minhas notas. Devas dar uma olhadela a Devil's Way. Gostaria de saber o que achas.

Enquanto folheava as notas fotocopiadas, Tristan deu-se conta de que o velho caso tinha despertado o interesse de Ade.

– Obrigado por me ajudares – disse Tristan.

– Não tenho nada melhor para fazer – respondeu Ade, com ligeireza. – E, para ser sincero, tive saudades da tua cara feia.

Tristan sorriu.

– Também tive saudades da tua.

– Atrevido.

– Posso tirar cópias dessas notas?

Ade olhou para a papelada por um momento.

– És a rainha da manipulação, *Miss Marple*. Se eu te deixar tirar cópias, tens de

saber Que isto oficialmente não existe, compreendes?

– Entendido.

– Ótimo. Agora, tens tempo para mais uma chávena de chá antes de ires?

Tinha sido um dia quente, e o Sol ainda brilhava com intensidade quando Tristan foi buscar Kate às cinco da tarde. Havia passado a maior parte do dia a dormir e sentia-se apenas ligeiramente melhor.

A Viagem entre Ashdean e BoVey Tracey, na fronteira de Dartmoor, demorou cerca de quarenta minutos. Fizeram-na em silêncio, vendo a beleza da costa que se estendia. Ao chegarem a BoVey Tracey, a Via de duas faixas deu lugar, durante alguns quilómetros, a uma estrada de uma só Via ao longo da fronteira de Dartmoor. Tiveram de avançar lentamente durante os dez minutos seguintes, uma vez que a superfície da estrada alternava entre asfalto e uma Via de gravilha através da charneca. Então, árvores ergueram-se da paisagem e a estrada entrou num túnel de carvalhos antigos, bloqueando a luz solar. Continuaram na penumbra durante alguns minutos, até que o túnel de árvores se tornou mais esparsa e a estrada se curvou para uma colina íngreme. Ao fundo, havia um profundo vau onde a água corria sobre a estrada. Tristan abrandou o carro e parou junto à orla.

– Odeio Vaus – disse ele.

– Eu também – concordou Kate. Teriam de fazer a Viagem de regresso de noite, e de repente sentiu-se inquieta. Deviam ter deixado aquilo para o dia seguinte.

– Queremos ver Devil's Way às escuras. Para ter uma ideia de como era quando eles estavam a acampar – observou Tristan, parecendo ler-lhe os pensamentos.

Kate olhou para a água na penumbra, passando silenciosamente.

– Vai só muito devagar – disse ela. Tristan pôs suavemente o pé no acelerador e guiou o carro para a água.

– Os Vaus são normalmente assim tão fundos? – perguntou ele, olhando pela janela do carro enquanto a água salpicava o vidro.

– É um *Mini*, e ontem à noite choveu – replicou Kate. Agarrou-se ao lado da porta e sentiu o virar das rodas debaixo deles ao chegarem ao meio do vau. O

carro deu um solavanco e pareceu sair da estrada e flutuar por um momento; depois, ouviu-se um rugido enquanto as rodas se agarravam ao asfalto. Tristan recuperou o controlo enquanto saíam da água do outro lado.

A estrada descia por outro íngreme túnel de árvores, que se tornava tão escuro devido à densa folhagem circundante que Tristan teve de ligar os faróis do carro. E então irromperam das árvores para um sol enevoadado e para a charneca aberta. Eram agora sete e um quarto, e passaram por vários picos projetando longas sombras.

A estrada ali era apenas um caminho de terra batida, que serpenteava por uma ampla plataforma de charneca que se estendia até ao horizonte nublado.

– Muito bem. Aquilo ali à frente deve ser Devil's Way – disse Tristan, olhando para o GPS no seu telemóvel.

– É este o único caminho para lá? – perguntou Kate. Tristan tirou o telemóvel do suporte e passou-lho. Ela reduziu o mapa do GPS, onde a extensão de verde de ambos os lados ia passando. – É mesmo a única estrada. Os outros lados do Tor abrem-se para a charneca e para o rio Devil's Way.

A estrada endireitou-se enquanto os conduzia a um profundo sulco nos campos, subindo depois bruscamente. Quando chegaram ao topo da colina, viram o Devil's Tor ao longe. Destacava-se, e era como se um gigante tivesse empilhado um monte de pedras numa plataforma elevada de rocha e erva.

A medida que se aproximavam, foi aumentando, e erguia-se sobre eles quando a estrada de terra batida acabou. Havia uma pequena mancha de terra espalmada à beira da estrada, junto ao Tor, mas Tristan deu a volta à ampla base relvada e, do outro lado, viram a velha árvore das notícias sobre o desaparecimento de Charlie.

Kate não tinha pensado muito no porquê de o local se chamar Devil's Way – tendo vivido tanto tempo na região de Devon e da Cornualha, tornara-se indiferente a esses nomes. Ao saírem do carro, olharam para o curto troço de relva até à árvore. Não tinha folhas, mas os ramos eram antigos e grossos. Estendiam-se em todas as direções para formar uma vasta copa, pelo que a árvore dava sombra mesmo sem folhas. Um bando de corvos negros empoleirava-se nos ramos do cimo da árvore, e quando Tristan fechou a sua porta, o som ecoou como um tiro. Com um crocitar coletivo, as aves levantaram voo através do céu azul.

Havia um denso silêncio no ar e nenhuma brisa. Enquanto Kate e Tristan se mantinham na quietude, o som de água corrente começou a ecoar em seu redor.

Tristan trancou o carro e subiram a encosta relvada, contornando depois as pedras empilhadas do Tor. A paisagem era tão vasta que a sua percepção das distâncias ficava ligeiramente distorcida. Kate não conseguia perceber até onde podiam ver. A charneca tinha trinta e dois quilómetros de largura, de leste a oeste, e com novecentos e cinquenta e três quilómetros quadrados, não faltavam locais para uma criança pequena se perder.

– Vamos dar uma olhadela ao rio – sugeriu Kate. Desceram a encosta relvada

pelo lado oposto. Passaram entre um aglomerado de rochas de granito na base e emergiram junto a um rio Veloz que serpenteava através de um Veio rochoso. Era idílico, rodeado por rochas musgosas e Vegetação nas margens. Quando chegaram à beira da água, Kate Viu que o rio tinha cerca de dez metros de largura e era muito límpido. Não era fundo, talvez um metro ou mais. Tristan tirou os chinelos e sentou-se numa rocha, mergulhando os dedos dos pés na água.

– Uau, está fria. Fria e maravilhosa – disse ele. Kate seguiu-o e sentou-se ao seu lado. Tirou os sapatos e suspirou de prazer quando os seus pés descalços tocaram a fria água corrente. Tristan desceu da rocha e entrou no rio.

– Estou a tentar lembrar-me: de que altura é uma criança de três anos? – perguntou Kate, olhando para Tristan. A água chegava-lhe ao cimo das coxas no ponto mais fundo, ao meio. Pensou em quando Jake tinha três ou quatro anos, mas, durante esse período, estava na pior fase do seu alcoolismo. As suas memórias desse tempo eram nebulosas.

Tristan virou-se para ela e exalou, arqueando os ombros e insuflando as bochechas ante a sensação da água fria.

– Um pouco abaixo da minha cintura? O meu sobrinho tem nove meses e é mais ou menos deste tamanho – disse ele, erguendo as mãos a uns sessenta centímetros uma da outra. Kate riu-se.

– Tens o quê? Um metro e oitenta?

– E oitenta e oito.

– Se o Charlie tivesse caído aqui, poderia ter-se afogado facilmente.

– É uma corrente bastante suave – observou Tristan, regressando para junto dela. – O Ade disse que a água estava agitada e tormentosa quando vieram fazer as buscas. – Virou-se lentamente na água e passou os dedos pela superfície, que se movia em seu redor em ondas indolentes.

Kate desceu para a água e juntou-se a ele. O leito do rio estava coberto de grandes pedras lisas e de um pouco de gravilha. Dirigiu-se a uma rocha que se destacava do meio da corrente e subiu para ela. Dessa posição estratégica, podia ver que o rio atravessava a charneca, passando pela árvore ao longe. Continuava durante vinte metros em sentido contrário e depois virava drasticamente à esquerda, desaparecendo atrás de um enorme afloramento de granito cinza-pérola na margem mais próxima.

– É o Desfiladeiro do Diabo – disse Kate, indicando-o. – Vamos dar uma olhadela. – Regressaram à margem e Tristan ajudou Kate a sair da água. Seguiram ao longo da margem do rio, com os sapatos nas mãos e caminhando descalços sobre o musgo e a relva macia.

O chão manteve-se plano, mas, à medida que caminhavam, Kate viu como o nível da água diminuía. Quando chegaram ao afloramento rochoso, as margens eram mais estreitas e o rio corria Veloz, a água branca e agitada entre grandes rochedos. O terreno tornava-se mais duro para os pés, e Kate largou os sapatos e calçou-os. Tristan fez o mesmo.

Subiram ao afloramento rochoso, que, no topo, era uma plataforma lisa de granito. Kate agarrou no braço de Tristan ao Verem-se à beira de uma abrupta queda. O rio guinava bruscamente à esquerda, onde a água era empurrada para um estreito canal e caía no desfiladeiro com um rugido. Um caminho pedonal começava junto à cascata e descia suavemente para o desfiladeiro. Tristan foi à frente, e percorreram cuidadosamente o caminho estreito. Não havia corrimão de proteção para os poupar a uma queda de nove metros e, nalgumas partes, Kate agarrou-se à parede.

Enquanto desciam, Kate sentiu uma aragem fria à sombra do desfiladeiro. A cascata rugia e ecoava pelas paredes rochosas mais acima.

O caminho chegava ao nível da água ao fundo do desfiladeiro e a uma alta face rochosa coberta de musgo e fetos gotejantes. Terminava a poucos metros de uma barreira metálica à altura da cintura e com uma grade. Junto ao caminho, a água revolta era canalizada para um espaço de cerca de um metro de largura, e empurrada através da grade, que estava bloqueada a espaços por pedaços de madeira, lixo e bocados de papel empapado. Do outro lado da grade, a água rodopiava num vasto poço de vários metros de largura, e desaparecia com um rugido num vazão negro semelhante a um ralo ao centro. Os sons da água ali eram tão altos que Kate teve de erguer a voz e gritar.

– Para onde vai? Dá para uma corrente subterrânea?

Tristan apontou para uma maltratada placa de metal presa à rocha mais acima.

caminho do diabo, lia-se em altas letras negras.

Kate e Tristan ficaram durante muito tempo junto às águas agitadas. A grade era feita de ferro grosso e estava coberta por camadas de tinta. Tinha um metro de altura, e se algum deles tivesse entrado nas águas revoltas, a grade impedi-lo-ia de ser puxado para o poço e para o sumidouro do outro lado.

– Acha que o Charlie pode ter subido a esta grade? – perguntou Tristan, tentando gritar por cima do barulho das águas. Aproximou-se mais do topo da grade. Tinha uma barra de metal a meio, à altura da cintura, que corria horizontalmente, com um cadeado enferrujado ao centro. A barra possibilitava a subida, era como trepar por cima de um portão. Tristan usou-a para se içar, montando-se na grade sem esforço.

Kate aproximou-se mais. Conseguia sentir o cheiro a humidade no ar, e as paredes daquela parte do desfiladeiro estavam cobertas de gotejante musgo verde, aumentando a escuridão e injetando frio no ar, apesar do tempo estival.

Ainda montado na grade, Tristan tirou um talão do bolso, dobrou-o ao meio e fez um pequeno avião de papel. Atirou-o, e o avião desceu e aterrou na água indolente à beira do poço; flutuou por um momento, antes de ser capturado pela corrente rodopiante. Viram-no girar em sentido anti-horário, movendo-se cada vez mais depressa à medida que era puxado em direção ao centro. Tornou-se um borrão enquanto rodopiava, e depois desapareceu no buraco negro.

Kate pensou em Charlie. Se se tivesse afastado sozinho e tivesse acabado ali, poderia ter subido à grade e caído ao poço? Teria desaparecido no sumidouro, para nunca mais voltar a ser visto? Estremeceu ao frio e ao escuro do desfiladeiro.

– Desce, por favor, e vamos embora – pediu a Tristan. Ele desceu e começaram a subir novamente o trilho. O caminho de regresso ao rio pareceu-lhes mais prolongado, e as frondes de musgo e fetos, que antes pareciam tão estívais, estavam agora sombrias; e algumas vezes, Kate julgou ter visto movimento, um vislumbre fugaz de algo ou alguém. Quando chegaram de

no topo da rocha lisa, Kate viu que o Sol estava agora baixo no horizonte; eram oito e meia e não tardaria a pôr-se.

– Isto aqui deve ser arrepiante quando escurece – disse Tristan, num reflexo dos seus pensamentos. Kate olhou para lá do ponto onde o rio virava para o desfiladeiro. Um estreito caminho pedonal do outro lado do rio afastava-se em direção a uma espessa muralha de tojo e de folhagem. Para lá dela, erguiam-se densas árvores.

Seguiram pela margem do rio até regressarem ao carro e, quando chegaram novamente ao Devil's Tor, o Sol já se tinha posto e Dartmoor estendia-se diante deles no escuro. A Lua era um pálido disco prateado, e várias estrelas surgiam no céu negro-azulado. O rio parecia agora mais tranquilo, passando por eles como tinta preta. Kate estremeceu. Adorava a água, o mar, os lagos e os riachos durante o dia, mas águas abertas na escuridão aterrorizavam-na.

O Tor parecia mais alto à luz que esmorecia, como um vasto arranha-céus sem janelas, erguendo-se muito acima das estrelas. Lembrou a Kate um filme de ficção científica e, por um momento, interrogou-se sobre se as lendas não seriam verdadeiras e se não haveria estranhas criaturas, como duendes e elfos, a viver lá dentro. Era esse o problema da charneca profunda – as lendas brincavam com a mente das pessoas. E à noite a racionalidade abandonava-as.

Contornaram a plataforma relvada até ao carro de Tristan. Tal como o Tor, o velho carvalho parecia agora enorme ao crepúsculo.

– Como pode alguém querer acampar aqui? – perguntou Tristan. – É arrepiante, caramba.

– A Jean e a família não tinham dinheiro, e era grátis – explicou Kate.

– Achamos realmente que uma criança de três anos vaguearia sozinha por aqui à noite? Eu teria demasiado medo de sair da tenda para fazer chichi. – Kate anuiu. Era uma boa pergunta.

– A Jean e o Charlie dormiam na sua tenda debaixo da árvore. Não há grande distância entre as duas. O Joel e a Becky armaram a deles junto ao carro, na base do Tor.

Pegou no telemóvel e procurou as fotos de Jean. Tristan aproximou-se para olhar para o ecrã. Uma das fotografias tinha sido tirada de um ângulo similar àquele em que se encontravam. Uma pequena tenda verde e abobadada estava armada sob a árvore, e mais perto da câmara, junto ao Tor, estava uma tenda idêntica azulada com o carro de Joel estacionado ao lado.

Kate calculou que a extensão de relva entre a árvore e o Tor seria de vinte metros. Estava quase escuro, e as estrelas brilhavam no céu. A Lua cobria o troço de terreno entre o Tor e a árvore com um brilho pálido.

– O Charlie facilmente poderia ter caminhado até à tenda dos pais – disse ela.

Dirigiram-se à árvore. Demorou cerca de vinte segundos. Os vastos ramos do velho carvalho, nodosos e despidos, pareciam mover-se e rodeá-los.

– Acho isto um pouco sinistro – observou Kate, olhando para cima. – E

estamos juntos. Não creio que uma criança de três anos fosse querer atravessar esta curta extensão de terreno a meio da noite, quanto mais percorrer todo o caminho até ao rio. – Os ramos chivavam e gemiam no silêncio, e uma coruja piaVa ao longe.

– É Verdade – concordou Tristan. – Mas podia ser um rapazinho destemido e aventureiro.

– Muito bem. A Jean disse que tinha acabado de escurecer quando foi deitar o Charlie. Saiu da tenda para ir fumar um cigarro depois de ele adormecer. Foi então que ouviu a voz do Declan a chamá-la lá em cima, no Tor. Estava escuro, mas ela disse que estava lua cheia. Era solstício de Verão, dia vinte e um de junho, pelo que só teria escurecido depois das nove e meia.

– O Ade disse que o pai chamou a polícia às quatro da manhã, e o Joel disse ao telefone que tinham dado pelo desaparecimento do Charlie às duas – disse Tristan.

– O que dá cinco horas de diferença. Estará a Jean a mentir sobre o tempo que passou lá em cima no Tor com o Declan? – perguntou Kate.

– A Jean ouviu a voz do Declan lá em cima no Tor quando estava aqui, debaixo da árvore. O que significa que o Charlie pode ter acordado algum tempo depois, saído da tenda e ouvido a Jean a falar com o Declan. Pode ter caminhado em direção à sua voz.

Kate anuiu.

– Pode ter sido então que se perdeu. Virou no sítio errado por entre aqueles rochedos e foi parar junto ao rio.

A charneca em redor estava agora escura. Via-se apenas um ligeiro brilho laranja sobre as colinas das aldeias do outro lado de Dartmoor. Kate viu as janelas de uma casa a brilhar ao longe, muito tênues. Não fazia parte de uma vila ou aldeia; era uma casa isolada na charneca. Kate estremeceu e cruzou os braços sobre o peito.

– Temos de falar com todos – disse Tristan. – Com a Jean, com o Joel... com o Declan, se conseguirmos encontrá-lo. Oh, e com a Sadie, do escritório do advogado. É amiga da Jean, e é óbvio que adora conversar.

– Marquei uma visita ao centro de documentação de Exeter para amanhã de manhã – replicou Kate. – Quero ver tudo o que foi escrito na imprensa sobre o caso antes de falarmos com as pessoas. Vamos?

– Sim – assentiu Tristan, a tremer. – Vamos sair daqui.

No dia seguinte, bem cedo, Kate e Tristan chegaram ao centro de documentação de Exeter. Estava instalado numa ala da Catedral de Exeter, e estava calmo e sereno naquela manhã de junho. Kate adorava o cheiro a livros; aquela secura poeirenta misturada com gordura e uma ligeira sugestão de bolor.

– Gostaríamos de consultar os Vossos registos de microfilmes dos jornais regionais – disse Kate, enquanto ela e Tristan se identificavam.

– Têm um período e um jornal específicos em mente? – perguntou a jovem do balcão de atendimento. A região de Devon e da Cornualha tinha um sem-fim de jornais regionais.

– Podemos começar pelo período entre junho e agosto de dois mil e sete, e depois maio e junho de dois mil e catorze, para todos estes, por favor – replicou Kate, remexendo na sua bolsa e entregando uma lista de quinze jornais regionais. A jovem arqueou uma sobrancelha.

– Muito bem, isto poderá demorar algum tempo a reunir – disse ela.

Kate adorava trabalhar com as máquinas de microfilmes. Havia algo de sólido e de permanente nelas. Na Internet, a informação podia ser alterada e eliminada. Os microfilmes tinham algo que a reconfortava. Podiam ser queimados, sim, mas mantinham-se constantes e inalteráveis.

Kate e Tristan sentaram-se lado a lado diante de duas máquinas de microfilmes enfiadas ao fundo do centro de documentação, encostadas à parede, atrás de uma longa fila de estantes contendo manuais de referência de direito.

– Aqui está tudo o que temos para esses períodos – disse a jovem, regressando com um recipiente de plástico cheio de pequenas caixas contendo os rolos de microfilme. – Nos registos que solicitou de maio a junho de dois mil e catorze as coisas estão um pouco fragmentárias. Vários dos títulos da lista que me deu estão agora *online* no *site* Devon Live.

– Está bem, obrigada – respondeu Kate. Tinham pedido os registos de 2014 para ver se algo tinha sido escrito sobre o suicídio de Becky Julings.

Dividiram a pilha de caixas de microfílm e começaram a percorrê-los. Os jornais regionais publicavam apenas uma edição por semana, por isso começaram pela data do primeiro número após o desaparecimento de Charlie a 21 de junho de 2007. Tinham já alguns recortes de jornais de Jean, mas Kate queria ver como tinha a imprensa local coberto o rescaldo do desaparecimento de Charlie. Nas notícias dos jornais regionais havia muitas vezes uma abordagem mais diferenciada e com mais pormenor, algo frequentemente omitido nos jornais nacionais, em que o espaço era escasso. Procuravam os nomes de agentes da polícia, dos primeiros a responder e quaisquer outros que pudessem surgir.

– Tenho o nome do agente principal que assumiu o caso. Inspetor--chefe David Falstaff – anunciou Kate.

– Está aqui um artigo de fins de junho – disse Tristan. – Tem outro nome, um tal inspetor Lewis Tate. – Fez-se silêncio por um momento enquanto ele lia. Tinha uma caneta entre os dentes, rodando o manípulo na lateral do leitor de microfílm enquanto o jornal a preto e branco atravessava o ecrã. – O inspetor Lewis Tate foi encarregado de coordenar as buscas com o gabinete do Parque Nacional de Dartmoor. É só isso que diz.

Kate remexeu na sua bolsa e tirou o seu telemóvel. Pesquisou «inspetor Lewis Tate, polícia de Devon e Cornualha». Um dos primeiros resultados fê-la suspirar.

– O que foi? – perguntou Tristan.

– Lewis Tate foi preso por tráfico de droga e por roubar drogas do depósito de provas da polícia. Foi condenado a seis anos em dois mil e doze. Já deve ter saído, por esta altura. – Kate fez um apontamento no seu bloco de notas.

– E quanto ao inspetor-chefe David Falstaff? – perguntou Tristan.

Kate digitou no seu telemóvel.

– Aparentemente, continua na polícia. É agora superintendente. Está aqui o *email* do seu gabinete.

Havia muitos artigos escritos durante a semana em que Charlie desaparecera, mas todos diziam coisas similares. A polícia divulgou os pormenores do sangue de Charlie encontrado no banco de trás do carro de Declan duas semanas após o desaparecimento, e que o tinham detido para interrogatório, libertando-o depois sem qualquer acusação.

– Parece que a história desapareceu bem depressa quando não conseguiram acusar o Declan – observou Tristan, à medida que a manhã se prolongava. – E nunca chegou aos jornais nacionais.

– O Charlie desapareceu em fins de junho de dois mil e sete, e, uma semana depois, Gordon Brown sucedeu a Tony Blair como primeiro-ministro. Não se falava de outra coisa nos jornais.

Com o passar do tempo, o espaço atrás das filas de livros poeirentos começou a parecer-lhes abafado. Estavam voltados para uma parede alta de blocos abertos, e o quente sol de verão parecia pressionar os cantos das longas

persianas corridas sobre o Vidro.

– A Jean disse alguma coisa sobre uma ordem judicial para obter uma declaração de morte presumida para o Charlie? – perguntou Tristan. – Veja isto. – Era um artigo datado de 11 de julho de 2014, uma declaração escrita publicada no *Okehampton Times*.

Da Divisão de Família do Supremo Tribunal de Justiça

Processo número 32498569328

Referente ao pedido de uma declaração de morte presumida para CHARLES ROBERT JULINGS.

Foi apresentada uma petição ao Supremo Tribunal de Justiça para que declare que CHARLES ROBERT JULINGS, cuja última morada conhecida era APARTAMENTO 4, LINK LANE, EXMOUTH, DEVON EX11 1BD, está presumivelmente morto.

Qualquer pessoa interessada pode dirigir-se ao tribunal para intervir na matéria.

Se alguém desejar dirigir-se ao tribunal, deverá fazê-lo o mais cedo possível junto da DEXTER & ASSOCIADOS ADVOGADOS, LDA., e num prazo de 21 dias a contar da data desta notificação.

Qualquer atraso poderá prejudicar as suas probabilidades de poder intervir.

REQUERENTE: JEAN ELIZABETH JULINGS

REPRESENTANTE LEGAL DA REQUERENTE: STEVEN DEXTER, DEXTER & ASSOCIADOS, BARFIELD HOUSE, EXETER EX1 2RE (01483) 567932

– Não. Não sabia que tinham pedido uma ordem judicial – disse Kate.

– Não é normal? – perguntou Tristan.

– É bastante invulgar, sobretudo para uma criança. Um pedido de declaração de morte presumida é geralmente feito para resolver problemas legais, como uma herança.

– O Charlie teria tido dez anos quando este pedido deu entrada, em dois mil e catorze – observou Tristan.

Kate estava a examinar o mesmo período temporal e, passados alguns minutos, encontrou um artigo sobre o funeral de Charlie Julings.

– Está datado de um de setembro de dois mil e catorze – disse ela. Tinha uma fotografia a preto e branco tirada num cemitério. Um grupo de enlutados encontrava-se de pé, a olhar para uma pequena lápide negra com o nome de Charlie gravado. Estava coberta de flores e de alguns brinquedos de peluche. Jean estava ao lado de Becky e Joel, apertando um lenço branco numa luva negra.

Por baixo, estava escrito:

O funeral de Charlie Julings teve hoje lugar na Igreja de Todos os Santos em Exmouth. Charlie desapareceu em junho de 2007 no desfiladeiro de Devil's Way, em Dartmoor. Uma busca de muitos anos falhou em encontrar qualquer vestígio do rapaz. A família tomou a invulgar medida de pedir ao Supremo Tribunal uma declaração de morte presumida, que foi concedida em agosto. A conclusão oficial decretada pelo Supremo Tribunal foi que Charlie caiu no sumidouro do desfiladeiro de Devil's Way e se afogou.

– Porque é que a Jean ou o Steve Dexter não disseram nada sobre isto? – perguntou Kate. – Quando se decide pedir uma declaração de morte presumida ao Supremo Tribunal, isso quer dizer que se aceitou que a pessoa está morta. É

uma decisão jurídica final. Tem de se publicar uma declaração de intenções para que a decisão possa ser contestada, se necessário.

– Oh, Jesus. A Becky matou-se quatro semanas depois do funeral – disse Tristan. – Há uma notícia do falecimento publicada no mesmo jornal no dia um de outubro de dois mil e catorze.

Kate recostou-se na sua cadeira.

– Isto é estranho. Porque haveria a Jean de nos contratar agora? A declaração de morte presumida foi pedida em seu nome. Terá novas provas que a levem a pensar que o Charlie está vivo? E se as tem, porque não disseram nada sobre isto, nem ela nem o seu advogado?

– O Ade disse-me que a polícia pensou que o Charlie tivesse caído ao rio logo desde os primeiros dias da investigação. E os cães-polícia corroboraram isso. Seguiram-lhe o rasto até ao rio, onde parou.

– Mas tinham andado a chapinhar e a nadar no rio nesse dia, o que poderia explicar isso – contrapôs Kate. – Eu sei, estou a fazer de advogada do diabo – acrescentou, ao ver a expressão de Tristan. Olhou para a pilha de microfiches que ainda precisavam de verificar, do *North Devon Journal*, da *Crediton Gazette* e da *Culm Valley Gazette*.

– O *North Devon Journal* publicou os mesmos artigos, quase palavra por palavra, sobre o desaparecimento do Charlie – disse Tristan, enquanto percorria as edições de junho de 2007.

Kate estava a analisar os artigos dos microfiches da *Crediton Gazette* quando viu o mesmo nome referido duas vezes em rápida sucessão. Uma assistente social chamada Anna Treadwell. Anna tinha falado com um jornalista sobre Jean e Becky Julings, dizendo que havia, segundo a citação, «problemas na família». Anna era novamente citada num artigo da *Crediton Gazette* uma semana depois. Chamou a atenção de Kate porque até então as notícias tinham-se centrado no desaparecimento de Charlie, e os únicos comentários eram de que a família estava «desesperada» e «perturbada» e de que Charlie era um «anjo desaparecido», etc. Essa Anna Treadwell parecia ser a única pessoa a criticar a família. Kate mostrou os artigos a Tristan.

– Duas semanas após o desaparecimento de Charlie Julings – disse Tristan, lendo em voz alta a partir do ecrã –, a polícia não tem suspeitos nem pistas. Uma das teorias é que Charlie se afastou da tenda e caiu no desfiladeiro de Devil's Way. No entanto, uma assistente social local, Anna Treadwell, é citada a dizer que havia «problemas no seio da família» e «conhecidas dificuldades em torno do cuidado de Charlie». O que poderia ser?

– Podia ser a relação da Jean com o Declan. O Ade disse que o Declan tinha cadastro, e houve aquele incidente com a rapariga menor no *pub* – observou Kate.

– Mas porque esta assistente social não refere isso? Este segundo artigo foi publicado duas semanas após o desaparecimento do Charlie e logo depois de a polícia ter libertado o Declan sem acusação – disse Tristan.

– E não sabemos o suficiente sobre o que se passava com a Becky. Poderia já ter tido comportamentos suicidas ou problemas mentais anteriores que tivessem sido sinalizados pelos serviços sociais? – perguntou Kate.

Ergueu o telemóvel da secretária e abriu uma pesquisa no Google por «Anna Treadwell, assistente social camarária, Devon e Cornualha». Paralisou quando os primeiros resultados apareceram no ecrã.

– O que foi? – perguntou Tristan, ao ver a sua expressão.

– Está morta. Há onze anos, no dia oito de julho de dois mil e sete, encontraram o cadáver de Anna Treadwell. Foi vítima de um brutal ataque com um martelo em sua casa – disse Kate. – Duas semanas depois de o Charlie ter desaparecido.

Depois de passarem a manhã no centro de documentação de EXeter,

Tristan e Kate pararam num café para almoçar, mas Kate não tinha grande apetite. Sentia-se fraca e exausta quando estacionaram junto ao lar The LaWns.

Era um antigo hospital rural nos arredores de EXmouth com extensos terrenos. Tinham decidido que Kate iria sozinha falar com Jean. Havia perguntas delicadas para lhe fazer, e Kate acreditava que Jean poderia mostrar-se mais aberta se falassem só as duas.

Quando abriu a porta do carro, o calor do exterior era feroz, mas sentia-se fria e pegajosa.

– Sente-se bem? – perguntou Tristan. Conseguia ver-lhe a preocupação no olhar.

– Sim – respondeu ela com firmeza. O trabalho sempre fora o foco que a salvava. O trabalho e um propósito tiravam-na da sua cabeça e dos seus problemas. Estava decidida a continuar.

– Quer ligar-me quando terminar? Posso ficar por perto.

– Não. Posso apanhar o cento e cinquenta e sete. São só quinze minutos de viagem até Ashdean. Eu estou bem, Tris. Vou demorar alguns dias a voltar ao meu velho eu.

– Se não quiser apanhar o autocarro, não me importo de voltar.

Jean tinha pedido para se encontrar com Kate nos jardins do lar. A área de receção estava alegremente decorada, mas havia um cheiro a doença e a detergente para o chão, pelo que Kate ficou grata por se encontrarem ao ar livre. Levaram-na ao jardim, onde Jean esperava sentada à sombra de uma enorme nogueira. O vasto relvado estava salpicado de pacientes com andarilhos e a serem empurrados em cadeiras de rodas, e um jardineiro escavava o canteiro do roseiral. Jean parecia melhor; tinha mais cor no rosto e usava um colorido vestido estampado de verão. Levantou-se da cadeira e abraçou Kate por um longo momento.

– Obrigada por ter vindo. Sente-se – disse ela, indicando uma cadeira.

Baixou-se de novo para a sua com um esgar e, enquanto ajustava a bainha do seu Vestido, Kate Viu um laivo das ligaduras bem apertadas em torno das suas coxas.

– Como está? Trouxe-lhe uns doces. Achei que fruta seria aborrecido – começou Kate, tirando uma embalagem de *Fox's Glacier Fruits* da bolsa.

– Obrigada, Querida. As malditas úlceras nas minhas pernas estão finalmente a sarar. Consigo lidar com tudo o resto agora que elas estão melhor. Parece um pouco pálida.

– Estou ótima – replicou Kate, desejando que as pessoas parassem de lhe dizer que estava com um ar péssimo. Por momentos, nenhuma falou.

– Onde está o seu assistente? Queria conhecê-lo.

– É meu sócio, mas achei que seria melhor vir sozinha para a nossa primeira conversa a sério – disse Kate.

– Parece ominoso.

– Não sabia que tinha pedido ao Supremo Tribunal para declarar o Charlie presumivelmente morto.

Uma expressão de profunda tristeza atravessou o rosto de Jean.

– Sim. Há quatro anos. Foi um erro.

– Porquê?

– Ultimamente, consigo sentir o Charlie, penso que ainda está vivo algures – disse Jean, chegando-se mais perto e apertando a mão contra o peito. – Sei que parece irracional, mas é verdade.

Kate olhou para Jean por um momento. Não tinha referido esse sentimento quando estavam no hospital.

– Mas não o sentia quando pediu a certidão de óbito do Charlie ao tribunal? Jean abanou a cabeça.

– Não. Senti-o pela primeira vez pouco depois de a Becky se ter suicidado. Foi aquela ordem judicial que a atirou para o precipício. Depois de fazermos o funeral, toda a sua esperança morreu. E então enforcou-se.

– Lamento muito.

Jean endireitou-se na cadeira e pareceu fechar-se um pouco.

– Enfim. Assinou o contrato. Tem o meu dinheiro. O que tem feito para encontrar o Charlie? – perguntou ela, fixando em Kate um olhar atento.

– Temos estado a falar com dois agentes que trabalharam no caso. Estavam ambos de serviço na manhã em que o Charlie desapareceu.

– Como se chamam?

– Adrian Merton e Lewis Tate.

– Não, esses nomes não me dizem nada.

– Fizemos também algumas pesquisas, e sinalizámos algumas coisas de que queria falar consigo – prosseguiu Kate. Não sabia bem como abordar o que ia dizer a seguir. – Em primeiro lugar, as horas divergem do que me disse no hospital.

– Divergem? Como assim?

– Disse-me que, na noite em que o Charlie desapareceu, deitou-o, saiu da tenda para ir fumar um cigarro e foi então que ouviu a voz do Declan no Devil's Tor. A que horas foi isso?

Jean suspirou.

– Deitei o Charlie quando escureceu. Lembro-me de que já passava bastante da sua hora de dormir.

– Era solstício de Verão, por isso só teria escurecido lá para as nove e meia, no mínimo.

– Então foi a essa hora que o deitei. Estava escuro.

– Quanto tempo esteve lá em cima no Tor com o Declan?

– Cerca de dez minutos.

– E, depois de o Declan partir, regressou à tenda e descobriu que o Charlie tinha desaparecido?

– Não, não foi isso que eu disse – replicou Jean. – Quando voltei, a Becky vinha a sair da tenda. Disse que o Charlie tinha desaparecido.

– Foi antes das dez da noite, então?

Jean hesitou.

– Acho que sim. Já foi há muito tempo.

– O Joel só ligou à polícia às quatro da manhã. Seis horas depois. O que andaram todos a fazer durante seis horas?

– O que acha que andámos a fazer? A divertir-nos? Andámos à procura dele!

Kate recostou-se na cadeira e manteve o contacto visual com Jean.

– Adrian Merton foi o primeiro agente da polícia a chegar a Devil's Way. Disse que a Jean e a Becky estavam a lutar no chão.

Jean assentiu.

– A Becky culpa-me. As coisas ficaram acaloradas quando não conseguimos encontrar o Charlie.

– Era frequente lutarem?

– Não.

– Porque não chamaram a polícia mais cedo? Seis horas parece muito tempo para se esperar quando sabiam que o Charlie estava desaparecido.

– Não gosto da polícia. Nenhum de nós gosta – disse Jean, fitando-a com um olhar frio. – Somos de mundos diferentes, a Kate e eu. No meu mundo, os polícias são sacanas perversos. São os últimos a ser chamados.

– Mesmo que uma criança esteja desaparecida?

– Pensávamos que ele se tinha afastado! Já o tinha feito antes, no centro comercial Magnolia, em Exmouth... E num parque, num dia em que fomos fazer um piquenique. Procurámo-lo em todo o lado! – insistiu ela. – Não sabe como foi, procurar durante horas, na esperança de que ele estivesse mesmo ao virar da esquina. Quando o Joel finalmente decidiu chamar a polícia, foi como se tivéssemos de admitir que ele tinha desaparecido. E a polícia julgou-nos. Julgou-me ao saber da minha história com o Declan. – Fez-se um silêncio

desconfortável. Jean abanou a cabeça e desviou o olhar para o terreno. Kate soube que o que ia dizer a seguir também não ia ser bem recebido.

– Declan Connolly foi apanhado com uma menor num *pub* algumas semanas antes do desaparecimento do Charlie.

– Isso é uma pergunta? Porque, nessa noite, eu mandei o Declan embora quando ele apareceu. Não quis ter nada que ver com ele. Foi o que disse também à polícia.

– Mas estiveram juntos. Tiveram uma relação durante muito tempo, não foi?

– Acha que foi o Declan que levou o Charlie? – perguntou Jean.

– Estava lá quando ele desapareceu.

Jean abanou impacientemente a cabeça.

– A polícia interrogou-o. Encontraram o carro dele numa sarjeta na manhã seguinte. Estava tão bêbedo que nem seria capaz. E não teria levado o Charlie. O Declan é muitas coisas, mas não é um...

– Um assassino de crianças? – completou Kate. Sabia que estava a forçar as coisas ao dizê-lo de forma tão direta.

Jean olhou para o chão durante um longo momento.

– O Declan é muitas coisas, mas não é um assassino de crianças. É um drogado inútil. A minha vida com o Declan resultou em que eu não fosse a melhor mãe para a Becky – disse Jean, com a voz a tremer juntamente com o seu lábio inferior. – Fiz muitas coisas de que não me orgulho. Tive problemas de drogas no passado, e de álcool também. O Declan foi parte da minha vida durante muito tempo, mas quando o Charlie nasceu, estava fora dela, e eu estava limpa há quatro anos. Juro pela vida do Charlie que é verdade. Deixei o Charlie na tenda porque queria que o Declan se fosse embora e nos deixasse em paz. Estava a protegê-lo.

Kate anuiu.

– Sabe onde o Declan vive agora?

– Sim. Posso dar-lhe a morada dele. Não estamos propriamente em contacto.

– Jean ergueu o olhar para Kate. – As pessoas como a Kate não fazem ideia de como é tentar virar a página e ficar sóbria depois de ter cometido tantos erros.

– Sei muito bem. Estou em recuperação do alcoolismo. Perdi a guarda do meu filho, Jake, quando ele tinha seis anos – respondeu ela. Jean hesitou. Kate viu que a revelação a tinha abalado por um momento.

– Como o recuperou? – perguntou Jean.

– Não recuperei. A minha mãe ficou com a guarda até ele fazer dezasseis anos, e então o Jake pôde ser livre de escolher.

– Escolheu-a a si?

– Sim. Costumava ver o Jake durante as férias escolares, e a minha mãe deixava-o sempre visitar-me depois de eu me ter tratado.

– Ah! Tinha um belo acordo de classe média, então? Sem assistentes sociais.

– Houve assistentes sociais envolvidos. Sei que uma assistente social

expressou preocupações com o Charlie nas semanas anteriores ao seu desaparecimento. A que se deveu isso?

Jean recostou-se na cadeira, em choque.

– É uma boa detetive privada.

– Preciso de ter toda a informação, Jean. Não estou aqui para a acusar ou para a fazer sentir-se culpada, mas, para que isto resulte, preciso de saber tudo.

Jean vasculhou os bolsos e tirou um lenço de papel limpo.

– A minha vizinha de cima tinha problemas comigo. Certa noite, alguns meses antes de o Charlie desaparecer, o Declan foi ao meu apartamento de madrugada e tivemos uma grande discussão. Essa vizinha ouviu o alvoroço e ligou para os serviços sociais. O Charlie nem sequer estava no apartamento, na altura. A Becky e o Joel tinham ido ao Center Parcs com ele. Mas, mesmo assim, os serviços sociais enviaram uma mulher.

– Anna Treadwell?

– Sim. Era ela. Essa cabra. Fez as suas investigações.

– Porque diz que era uma cabra?

– Porque estava constantemente a aparecer, a importunar-nos para nos tentar apanhar. Às vezes, parecia que queria levá-lo e ficar com ele para si. Recusava-se a aceitar que o Charlie fosse um menino feliz, e era mesmo. Posso ter feito muita asneira na minha vida, mas no que ao Charlie dizia respeito, estava sempre imaculado. Tinha sempre comida, afeto, amor.

Jean tinha agora lágrimas nos olhos, e limpou-as com o lenço de papel.

– Sabia que a Anna Treadwell foi assassinada? – perguntou Kate.

– Não. Não sabia disso. Quando?

– Pouco depois de o Charlie ter desaparecido.

Jean levou a mão à boca e algo lhe atravessou o rosto. Seria uma perceção? Ou choque? interrogou-se Kate. Foi apenas um lampejo, e depois desapareceu.

– Bem. Não desejaria isso a ninguém.

– A Anna alguma vez apareceu no seu apartamento quando o Declan estava lá?

– Não.

– Disse ao Declan que a Anna se tinha interessado pelo Charlie?

– Não sei. É possível.

– Como assim? E o que aconteceria se o irritasse? Acha que ele teve alguma coisa que ver com a morte da Anna Treadwell? – perguntou Kate. Jean abanou a cabeça, como se tivesse pensado nisso e depois o tivesse descartado.

– Não. Duvido. O Declan tinha outros interesses que não matar uma assistente social.

– Que interesses?

– Droga. Alcool. Mulheres. Não quero falar sobre ele. Quero falar sobre encontrar o Charlie.

– Temos de falar sobre ele, Jean. Goste-se ou não, ainda pode ser suspeito nisto.

– O Declan não é o tipo de homem que se queira irritar.

Porque não é o Declan o tipo de homem que se queira irritar? – repetiu Kate. O Sol estava agora mais baixo no céu, e a sombra que cobria as suas cadeiras no jardim do hospital tinha-se prolongado.

Jean tinha as mãos a tremer.

– Só quero que encontrem o Charlie. Não quero ter de desenterrar coisas! – Jean apertava agora o lenço de papel com força nas suas mãos trémulas. Kate levantou-se e agachou-se junto à sua cadeira.

– Jean, escute – disse ela, enquanto a mulher fechava os olhos com força e abanava a cabeça em indignação, como uma criança. – Tudo o que me disser permanecerá na mais estrita confidencialidade. Acha que o Declan teve alguma coisa que ver com o desaparecimento do Charlie?

– Não!

Uma forte brisa sopraava através do jardim, cortando o calor da tarde. Sacudia as folhas da nogueira, e Kate sentiu um súbito e estranho temor melancólico. Era frequente senti-lo quando assumia casos importantes; uma sensação de que o tempo passava a correr e de que a ia deixar para trás. De que o caso ficaria por resolver. Sacudiu o pensamento.

– Jean, o que não quer desenterrar sobre o Declan? – Sentou-se de novo na sua cadeira e deu um momento a Jean para se recompor.

– Só falar nele já me faz sentir mal. O Declan é dez anos mais velho do que eu. Provavelmente, agora não dá para perceber. Somos ambos velhos, mas tinha quinze anos quando o conheci, e ele vinte e cinco. Era uma grande diferença de idades.

– Onde o conheceu?

– Estava num orfanato desde os quatro anos. A minha mãe morreu, e eu não tinha mais ninguém. Nunca passei por nada de mau, se é que me entende. Estava a dois meses do meu décimo sexto aniversário e sabia que teria de me ir embora assim que completasse os dezasseis anos. Ajudam-nos a arranjar um quarto, mas era uma perspetiva aterrorizante ter de partir e sair para o mundo sozinho. Conheci o Declan por volta dessa altura. Trabalhava na empresa de

construção que foi reparar o telhado do orfanato – disse ela.

– Como se chamaVa o orfanato?

– Finbury House. Soa fino, não soa? Mas não era. Fica a alguns quilómetros de Exeter. Era uma daquelas velhas mansões que foram requisitadas durante a guerra. Só divisões de estuque e fórmica, e muitas correntes de ar. O orfanato fechou alguns anos depois de eu ter saído. É agora um *spa* de luxo.

– Conheceu então o Declan quando ele estaVa a trabalhar no telhado?

– Sim. Foi no Verão de mil novecentos e oitenta. Algumas das raparigas tinham de levar bebidas aos trabalhadores, concentrado de laranja. – Sorri pesadamente. – Foi assim que o conheci, e comecei a passar tempo com ele nos intervalos do almoço. Uma coisa levou a outra. Como disse, faltaVam-me apenas alguns meses para sair, e era uma beldade nessa época – acrescentou para Kate, como se, de alguma forma, ela duvidasse.

– Tinha quinze anos?

– Sim. CostumaVa escapulir-me à noite para me encontrar com ele no *pub*. Durou um par de meses, e então, quando eu fiz dezasseis anos, o Declan convidou-me para ir viver com ele. Tinha um quarto em Taunton, e durante algum tempo foi bom... – A sua voz esmoreceu. – Depois, começou a importunar-me com os seus amigos que gostavam de mim. Um deles foi lá passar a noite e acabámos todos, enfim, na cama.

– Foi consensual?

– Eu aceitei – respondeu Jean, depois de uma pausa. – Venceu-me pelo cansaço, como fazia com montes de coisas. Primeiro, foi um amigo que se tornou algo regular connosco, e depois fomos a uma festa que virou troca de casais. Foi então que descobri que ele me andava a prostituir. Por dinheiro.

Kate não sabia o que dizer. EstaVa chocada, mas ao mesmo tempo não estaVa, por isso limitou-se a ouvir.

– Não tinha grande opinião de mim, nesse tempo, e continuo a não ter, mas o Declan convencia-me de que era normal. Fazia-me sentir que não estaVa a fazer a minha parte. Não tinha emprego, vivia de subsídios, por isso havia alturas em que ele cobraVa aos homens por uma noite comigo. Alguns eram respeitáveis, elegantes e bem-vestidos. Dizia que eu ia dormir com eles de qualquer forma.

– Sei que pode parecer uma pergunta estranha, mas disse que o Declan trabalhava na construção?

– Sim, fazia de tudo nas obras.

– E esses homens, também trabalhavam na construção?

– Não, eram respeitáveis.

– Como os conhecia o Declan?

– Tinha uma maneira de cair nas boas graças das pessoas. Não tinha medo nem se deixava intimidar por gente fina. O Declan podia entrar numa sala e agir do mesmo modo com todos.

– Que profissões tinham esses homens? – perguntou Kate.

– Nunca cheguei à esse ponto. Lembro-me de alguns deles terem bons fatos e de guardarem o dinheiro numa daquelas molas de prata para notas. Montes de dinheiro... Estou a dar a impressão de que era prostituta, mas nunca me senti dessa forma. Os homens que ele escolhia para mim eram sempre amáveis. Sempre decentes comigo. – Soltou um enorme suspiro. – Estou a enganar-me a mim mesma, não estou?

– Quanto tempo durou isso?

– Até que perdi a frescura aos dez anos, e engravidei da Becky.

– Quem era o pai?

Jean mordeu o lábio inferior e Kate notou pela primeira vez que tinha dentes postiços. Eram muito brancos e retos.

– Não era do Declan. Tinha-o deixado. Arranjei emprego num *pub* e comecei a sair com o dono. Era um homem bom, mas estava a meio de um divórcio complicado e, na altura em que engravidei, ele e a mulher decidiram fazer mais uma tentativa. Voltaram a juntar-se.

– O que fez? – perguntou Kate.

– Voltei para o Declan. Ele acolheu-me, e eu não tinha mais nenhum sítio para onde ir. Tinha perdido o emprego no *pub*. Foi então que as coisas se tornaram muito mais negras para mim. Tinha o bebé de outro homem a crescer na minha barriga, e o Declan odia isso. Começou a beber muito, e a drogá-se também. Batia-me.

– Enquanto estava grávida?

– Sim. Até que uma noite eu fugi, estava grávida de oito meses na altura. Tive a sorte de encontrar um abrigo para mulheres. Acolheram-me, e eu fiquei lá até ter a Becky e durante os primeiros meses depois de ela ter nascido. Acabei por voltar para o Declan. – Sorriu pesarosamente e abanou a cabeça. – Pensava que ele tinha mudado. E mudou, durante algum tempo, mas os anos seguintes foram um padrão em que ele se embebedava e se tornava abusivo. Libertei-me finalmente dele quando a Becky tinha três anos e consegui um apartamento camarário. Mas então o Declan conseguiu insinuar-se outra vez na minha vida.

– Jean cobriu o rosto com as mãos.

– Está tudo bem – disse Kate.

– Não. Não está. Meti-me nas drogas. A Becky tinha oito ou nove anos, estava a ficar mais crescida. Não sei como aconteceu. Simplesmente experimentei.

– Experimentou o quê?

– Erva, no início, depois cocaína e finalmente heroína. Consegui manter as coisas estáveis durante alguns anos, mas, quando a Becky tinha quinze anos, perdi o controlo e acabei por ter a minha terceira *overdose*... – Lágrimas silenciosas escorriam-lhe pelo rosto. – Tinha crescido sem ninguém, e agora que tinha uma filha coloquei-a na mesma posição. Puseram-me na reabilitação. Foi duro, não é como naquelas clínicas americanas em que as pessoas se refastelam em jardins soalheiros e dormem em quartos privados.

Kate assentiu, recordando a sua própria experiência num centro de reabilitação do Serviço Nacional de Saúde.

– O que fez a Becky?

– Tinha alguns bons amigos na escola. Uma em particular, a Kelly-Jane, era de uma boa família, e eram próximas. A mãe da Kelly-Jane convidou a Becky para ir viver com eles enquanto eu estava na reabilitação, e ficou lá quase um ano, até completar o secundário; teve cinco vintes.

– A Becky voltou a ir viver consigo? – perguntou Kate.

– Ficou a viver com a família da Kelly-Jane enquanto fazia os exames nacionais. Conseguiu entrar para a universidade. Mas engravidou do Charlie.

Nesse momento, Jean olhou tristemente para o jardim vazio. A maioria dos outros pacientes tinham ido para dentro, e Kate viu que o horário de visitas não tardaria a terminar.

– E foi o Joel que engravidou a Becky? – perguntou Kate.

– Sim. O Joel era o irmão mais velho da Kelly-Jane – disse Jean.

– Ah!

– Pois. A família não ficou lá muito satisfeita, sendo de classe média e tudo isso. O Joel não queria casar. A família dele virou-lhes costas, pelo que subitamente a situação inverteu-se e foram ambos viver comigo. A Becky tinha sido um bonito projeto de estimulação para eles quando cumpria as regras. A sua pequena Eliza Doolittle saía-se tão bem na escola... Mas então começou a envolver-se com o filho do casal e deixou-se engravidar. De repente, a Becky era apenas mais uma vagabunda da classe operária.

– Onde viviam?

– Tinha o meu apartamento da câmara, mas o Declan continuava a entrar e a sair da minha vida, por isso era difícil manter-me limpa. Jurei que me manteria limpa a partir do momento em que a Becky tivesse o bebé, e foi isso que fiz. Alguns meses antes, tratei-me para a poder ajudar com o Charlie. E juro pela vida dele que nunca mais consumi drogas. Nunca mais bebi. Quando o Declan apareceu, nesse dia em que fomos acampar, estava bêbedo e fora de si, e eu tive medo pelo Charlie.

– E tentou afastá-lo – disse Kate. Jean assentiu.

– Tinha de me livrar dele sem que as coisas se tornassem desagradáveis. Dera cabo de mim, e isso afetou a Becky. Não o queria perto do meu neto.

– Como se livrou dele?

– Ele bateu-me, e então eu arrastei-o pela orelha e repreendi-o. Tinha uma mãe muito autoritária, e às vezes resultava, quando ele estava mesmo bêbedo. Voltava a ser uma criança.

Kate estendeu outro lenço de papel a Jean. Deu-lhe um momento. E então soube que tinha de fazer a pergunta.

– A polícia disse que encontrou sangue do Charlie no carro do Declan...

– Isso foi semanas antes – respondeu Jean, ligeiramente à defesa. – Tínhamos ido ao cinema no carro do Declan.

– Pensava que não o queria perto do seu neto? E que já não estavam juntos?

– Foi só uma vez, quando precisei que ele nos levasse. Tinha prometido ao Charlie ir ao cinema. Parámos num parque a caminho de casa e o Charlie cortou-se num pequeno pedaço de vidro junto aos baloiços. Foi daí que veio o sangue.

– Tem a certeza? Não tem quaisquer dúvidas?

– Não posso... Não posso acreditar que o Declan tenha feito tal coisa. Pode ser muitas coisas, mas não é um assassino de crianças.

Kate olhou para a insistência no rosto de Jean e sentiu-se desanimar. Continuava apaixonada por Declan. E o amor era cego.

Kate deixou o lar The LaWns mesmo antes das Quatro. Foi uma despedida desconfortável; sentia que sabia mais sobre Jean e o seu passado, mas também que o caso era muito mais complicado do que inicialmente pensara.

Saiu para a estrada principal. Tinha fome, mas a ideia de fazer uma refeição dava-lhe a volta ao estômago. Ainda estava calor, e uma brisa agradável soprava no ar. Havia um quiosque do outro lado da estrada, e Kate pensou que podia aguentar um chocolate. Esperou por uma abertura no trânsito e atravessou a estrada a correr.

Dentro do quiosque, um rapaz e uma rapariga estavam junto a um balcão de tampo de vidro com uma senhora de cabelo branco. Um homem mais velho, com uma cabeleira branca, esperava pacientemente do outro lado do balcão enquanto eles escolhiam diversos doces a granel dos vários compartimentos por baixo do vidro.

– Quanto nos resta, avó? – perguntou o rapaz, erguendo o olhar para a senhora mais velha.

– Têm dez cêntimos cada um – disse o homem, esperando pacientemente com a mão enfiada numa luva de plástico transparente.

As duas crianças voltaram de novo a sua atenção para o vidro. Estavam profundamente concentradas enquanto decidiam se escolhiam os ratinhos de açúcar brancos ou as gomas em forma de garrafa de *Coca-Cola*. A mulher virou-se para trás e viu Kate à espera.

– Desculpe, Querida. Não vamos demorar muito. Até parece que estão a votar nas Nações Unidas – disse ela, com um sorriso.

– Não há problema – respondeu Kate.

– Dava tudo para ter as decisões deles – acrescentou o homem, com uma risadinha.

Kate olhou para o interior do quiosque. Era quase idêntico ao que recordava da sua infância. Os jornais dispostos em fila numa longa prateleira baixa, sobre a qual estantes de revistas se estendiam até chegar à infame «prateleira de

cima» junto ao teto. Kate viu que os exemplares da *Razzle* e da *Escort* tinham agora plástico branco a cobrir a capa.

Ao lado da caixa, havia expositores de chocolates, e dois frigoríficos grandes que Zumbiam, com portas de vidro. Lá dentro, juntamente com a *Coca-Cola*, a *Sprite* e a *Fanta*, havia refrigerantes que tinha esquecido que existiam há muito: *Panda Pops*, *Cream Soda*, *Shandy Bass*, *Irish Brew* e *Cherry Coke*. O resto da loja estava preenchido por expositores de postais e uma secção de brinquedos baratos.

Enquanto observava as duas crianças, Kate pensou no que tinha perdido com Jake; nas pequenas coisas como viagens ao quiosque para ir comprar doces. Pensou em como Jean perdera o seu neto em tão tenra idade. Sempre pensara que tinha perdido a guarda de Jake, mas percebia agora que tal nunca havia acontecido. A sua mãe tinha assumido o controlo quando Kate fora incapaz de cuidar dele. Quão difícil teria sido para Jean deixar ir Charlie e admitir que ele nunca mais regressaria?

Kate lembrou-se dos desaparecimentos em que tinha trabalhado. O resultado era quase sempre um cadáver ou os restos mortais do ente querido desaparecido. Jean tinha ido ao ponto de pedir uma certidão de óbito para Charlie, mas agora achava que ele ainda estava vivo e queria encontrá-lo.

O que teria suscitado isso? Poderia realmente ter sido apenas um pressentimento?

A campainha tiniu na porta e a mulher saiu com as duas crianças. O velhote sorriu e perguntou se podia ajudá-la. Kate foi subitamente invadida por um pensamento tolo. Já não era uma criança com apenas cinquenta cêntimos para gastar. Podia comprar todos os doces que quisesse.

Dez minutos depois, Kate saiu para a rua com um saco de plástico cheio de latas de refrigerante, chocolates e doces a granel. Felizmente, um autocarro estava mesmo a parar em frente, com destino a Ashdean. Apressou-se a atravessar a estrada e comprou um bilhete.

O autocarro estava vazio e, enquanto arrancava, Kate cambaleou pelo corredor e sentou-se no banco do fundo. Abriu o saco de plástico, tirou um *Curly Wurlly* e começou a comer, sentindo-se melhor quando o açúcar lhe chegou à língua. A viagem de autocarro era agradável e, assim que deixaram Exmoor, tornou-se um percurso ligeiramente acidentado pela estrada costeira. Uma edição bastante manuseada do *Okehampton Times* ocupava o banco de trás; Kate pegou-lhe e começou a folheá-lo. Tinha os habituais artigos sobre cortes nos orçamentos municipais locais e uma visita do presidente da Câmara de Craon, a cidade geminada francesa de Okehampton. E então Kate reparou num artigo sobre os preços das casas na região de Devon e da Cornualha.

Começava da forma habitual, com as queixas legítimas sobre a compra de propriedades por não residentes para arrendamento nas férias. Depois, havia um artigo complementar intitulado «10 Casas Baratas à Venda em Devon Que São Perfeitas para Primeira Compra». Kate leu a lista e a penúltima casa chamou-lhe a atenção: 4, Kirby Cane Walk, Okehampton. Soava-lhe familiar.

Remexeu na bolsa em busca do seu bloco de notas. Folheando-o, encontrou os apontamentos que tinha tirado nessa manhã no centro de documentação de Exeter. Sim. Anna Treadwell tinha sido encontrada assassinada no número 4 de Kirby Cane Walk, em Okehampton.

– Jesus! – exclamou Kate, suficientemente alto para o motorista do autocarro olhar para ela no reflexo do seu espelho retrovisor. Consultou o exemplar do *Okehampton Times*. Datava de há duas semanas. A fotografia era de uma casa deVoluta com o que pareciam ser grades de metal na janela. O jardim estava coberto de vegetação, e a descrição por baixo dizia:

Se está preparado para arregaçar as mangas e empenhar-se a sério, esta habitação de dois quartos pode ser uma tremenda primeira casa para restaurar! À venda na Agência Imobiliária CoVeneY por apenas 100 000 libras, esta moderna habitação constitui uma ótima oportunidade de investimento e é descrita como «a precisar de remodelação e cuidados por parte de um comprador motivado». Inclui um átrio de entrada, sala de estar, cozinha e sala de jantar, despensa, dois quartos e uma casa de banho. Esta casa no sul do Devon tem também aquecimento central a gás, vidros duplos e jardim.

Que estranha coincidência que aquele jornal estivesse à sua espera naquele autocarro. Olhou para a foto da casa.

Kate sabia, pelo seu tempo na polícia, que as casas só eram vedadas com grades de metal quando se situavam numa zona complicada, o que não era o caso, ou se a casa tivesse passado muito tempo vazia e fosse persistentemente visitada por *ocupas* ou incendiários.

Porque ficara a casa de Anna tanto tempo vazia? interrogou-se Kate. *Quão macabro tinha sido o seu homicídio?*

Era fim de tarde, e Tristan tinha acabado de completar o seu treino no ginásio do cais em Ashdean. Esperava ter notícias de Kate sobre o encontro com Jean, mas quando o seu telemóvel tocou, viu que era Ade.

– Pareces sem fôlego – disse Ade, quando Tristan atendeu. – Estás a divertir-te?

– Não. Estou no ginásio. – Tristan apanhou a toalha e a garrafa de água do chão junto ao banco de musculação e afastou-se para deixar um sujeito usar a máquina. Dirigiu-se à janela.

– Nada no mundo me faria ir a um ginásio. *Só os criminosos correm, é o meu lema.* Mas enfim! Liguei porque consegui localizar aquele polícia, LeWis Tate, através de um antigo colega.

– Vive na região?

– A cerca de uma hora de distância – respondeu Ade. – Mas está disposto a falar contigo sobre o caso Charlie Julings. No entanto, tem algumas exigências.

– Que tipo de exigências?

– Quer marcar encontro em Plymouth.

– Não me importo de falar com ele por telefone.

– Quer encontrar-se contigo pessoalmente. E quer dinheiro para falar.

– O que tem ele a dizer?

– Diz que trabalhou no caso Charlie Julings durante quatro meses e que viu muita coisa. Não quis elaborar.

– Quanto quer? – perguntou Tristan, suspirando.

– Cem libras.

– Cem? – Tristan olhou pela janela para a praia cheia de gente. Era invulgar pagar a alguém por informação, e estava um pouco irritado com Ade por ter entrado em negociações com aquele tal LeWis sem lhe ter ligado primeiro.

– Está fora de questão pagar-lhe? – perguntou Ade.

– Teria de falar com a Kate – respondeu Tristan. O dinheiro continuava apertado na agência, e o parque de caravanas continua a ser a sua principal

fonte de rendimento.

– Acho que o LeWis está nas lonas. Ninguém gosta de um polícia corrupto. E lembra-se dos seus dias nas forças da lei, quando tínhamos os nossos delatores que passavam informações à polícia em troca de dinheiro – disse Ade.

– Mas eu não sou da polícia. E não é esse o mesmo tipo que foi preso por roubar droga dos depósitos da polícia? – perguntou Tristan.

– Sim.

– Como sei que não vai simplesmente inventar um monte de tretas?

– Vou enviar-te o número dele – disse Ade. – Podem entender-se os dois.

– O que farias se estivesses no meu lugar, Ade?

– Bem. Divertir-me-ia bastante mais se tivesse o teu aspeto.

– Falo a sério.

Ade suspirou.

– O LeWis tem muito pouco a perder. Se aceites dar-lhe dinheiro, deixa bem claro que só queres a verdade, mesmo que pareça insípida e desinteressante. As mais interessantes pepitas de informação podem vir do mais pequeno comentário ou expressão facial.

Tristan ouviu um tinido no seu telemóvel.

– Está bem, Ade, obrigado. Recebi o número.

Ao desligar a chamada, Tristan viu que tinha também uma mensagem de Joel Mansfield, o pai de Charlie. Tinha-lhe escrito a dizer que estaria de férias em Espanha durante a semana seguinte, com a mulher e as filhas, mas teria todo o gosto em encontrar-se com ele e com Kate quando regressasse. Tristan tentou ligar para o telemóvel de Kate, mas estava ocupado, por isso foi tomar um duche.

Sarah e Leo tinham regressado a casa, pelo que o apartamento de Tristan estava vazio. Saboreou a quietude ao atravessar a porta e depois dedicou-se a preparar uma enorme omeleta. Tinha acabado de a servir quando tocaram à campainha. Kate estava à porta.

– Perguntava-me onde se tinha metido – disse ele, quando ela entrou no saguão. – Quer uns ovos?

– Não. Acabo de comer meio saco de chocolate e doces. Estou a começar a arrepender-me – respondeu ela, erguendo o saco com os invólucros descartados.

Entrou na cozinha e, enquanto Tristan comia, pô-lo a par do que tinha acontecido no seu encontro com Jean.

– Continuo sem saber o que lhe vai na cabeça – disse Kate. – Acho que a Jean se sente culpada por o Charlie ter desaparecido à sua guarda, e que se culpa pela morte da filha. Acha que ir ao Supremo Tribunal pedir a certidão de óbito desencadeou o suicídio da Becky. Mas, ao mesmo tempo, insiste em que o Declan não teve nada que ver com o desaparecimento do Charlie.

– Mas ele prostituiu-a – observou Tristan. – Foi violento com ela durante anos e tinha um fraquinho por menores.

– E foi preso por ofensas à integridade física – acrescentou Kate. – Mas a Jean

quer que procuremos outros suspeitos, e agora acredita que o Charlie está vivo.

Tristan suspirou e, por um momento, ficaram os dois em silêncio.

– O Joel Vai estar fora uma semana, está de férias em Espanha, e o LeWis Tate, o agente que trabalhou no caso, só fala connosco se lhe pagarmos cem libras em dinheiro – anunciou Tristan, melancólico.

– A Jean deu-me a morada do Declan, por isso devíamos fazer-lhe uma visita. Além disso, vê isto.

Kate tirou o exemplar amarrado do *Okehampton Times* da sua bolsa e mostrou-lhe a fotografia da casa de Anna Treadwell.

– A Anna foi assassinada dias depois de o Charlie ter desaparecido, e aparentemente a casa tem estado abandonada desde então. Não há nenhuma venda na conservatória do registo predial. O que me leva a questionar quais as circunstâncias do seu homicídio. Terá sido suficientemente notório para dissuadir as pessoas de comprarem a casa? A Jean não tinha nada de agradável a dizer sobre a Anna. Disse que uma vizinha chamou os serviços sociais quando ouviu uma discussão durante a noite entre ela e o Declan. O Charlie estava fora, na altura, com a Becky e o Joel. A Jean diz que explicou isso à Anna, mas que, mesmo assim, ela abriu uma investigação ao bem-estar do Charlie.

– Não seria normal para uma assistente social investigar uma queixa? – observou Tristan.

– A Jean parece achar que a Anna tinha um interesse doentio no Charlie.

– E o que a leva a pensar que há alguma ligação entre a Anna e o desaparecimento do Charlie? – perguntou ele.

– Não sei se há – replicou Kate. – Mas há algo nisto que me deixa desconfortável. Gostaria de dar uma olhadela à casa da Anna Treadwell e de ver se conseguimos falar com alguns vizinhos. Também quero falar outra vez com a Sadie, do escritório de advogados, e descobrir o que sabia em relação a isto. E liga de volta a esse tal agente LeWis. Nunca se sabe... talvez valha a pena dar cem libras para falar com ele.

No dia seguinte, Kate e Tristan rumaram a Kirby Cane Walk. Ficava junto a uma urbanização moderna nos arredores de Okehampton. Para alívio de Kate, o tempo estava muito mais fresco e o céu sombrio e acinzentado.

Estacionaram à porta do número quatro. A casa estava escondida atrás de uma vasta sebe de arbustos de folha persistente, e um desbotado cartaz de vende-se estava meio enterrado entre os ramos. Kate pensou que o nome Kirby Cane Walk lhe tinha soado bastante alegre, mas, na realidade, era um pequeno e sombrio beco sem saída, composto por seis casas. Havia um terreno vazio ao lado do número quatro, que dava para um matagal situado atrás das casas. Kate e Tristan saíram do carro, contornaram as árvores altas e entraram no matagal. Ao longo da lateral do número quatro, corria uma vedação baixa com um painel em falta.

Estavam mesmo a ponderar entrar pela brecha quando ouviram uma voz.

– Posso ajudar?

Um homem de meia-idade e de cabeça calva erguia-se no passeio, olhando-os fixamente. Os fios que lhe restavam de cabelo dançavam com a brisa, e vestia um longo casaco castanho por cima de umas calças de ganga e de uns *crocs*. Pela sua voz trémula, Kate percebeu que tinha algum receio das pessoas e que sair para falar com eles tinha provavelmente exigido um grande esforço.

– Desculpe. Bom dia, eu e o meu... – Kate tomou uma decisão relâmpago. – Eu e o meu filho íamos só a passar ao fundo da rua e vimos que esta casa está para venda.

– Pois. Desculpe se estamos a invadir – disse Tristan, regressando ao passeio.

– Sim, desculpe – repetiu Kate. Em caso de dúvida, em Inglaterra, pedia-se sempre desculpa. As sobranceiras do homem arquearam-se e, após outro pedido de desculpas, foram ambos juntar-se a ele no passeio. Os seus ombros pareceram relaxar.

– Não faz mal. Não vemos muita gente nova aqui no beco – disse ele, num tom um pouco solitário e triste. Olhou para a casa e suspirou. – Bem, precisa de

muito trabalho, e não digam a ninguém que eu disse isto, mas provavelmente podiam consegui-la por uma pechincha.

– A sério? – perguntou Kate.

– Isso é bom. O nosso orçamento não é lá muito grande, pois não, mãe? – acrescentou Tristan. Por um segundo, Kate lançou-lhe um olhar de soslaio, temendo que pudesse estar a exagerar, mas o homem parecia acreditar no que lhe diziam.

– Já houve tantos agentes imobiliários a tentar vender a casa – disse ele, olhando para o letreiro desbotado. – Este grupo, o da CoVeneY, já é o sétimo ou oitavo. São simpáticos. Até tenho uma chave; tive oportunidade de conhecer a Marcia, e ela costumava pedir-me para deixar entrar as pessoas que vinham ver a casa.

Kate olhou novamente para o cartaz esmaecido, que quase tinha sido consumido pela sebe demasiado crescida.

– Na verdade... Acha que podia mostrar-nos a casa?

Ele pareceu um pouco inquieto e fez uma careta.

– Deviam realmente ligar à agente. Não me importo de deixar as pessoas entrar quando me pedem, mas não tenho qualificações para vos falar do local. Perdi a conta de qual é agora o preço de venda. Ter isto aqui, neste estado, baixou os preços para todos nós – concluiu, com um suspiro.

Kate assentiu, compreensiva.

– Claro, não quereríamos pô-lo numa posição desconfortável. Se eu a comprasse e restaurasse, podia ser uma bela casa, e estaria a acrescentar valor às outras casas. Escute, vamos estar pouco tempo na região. Poderia usar a sua chave e deixar-nos dar uma olhadela? Seria realmente uma ajuda, e posso ligar à agente, se ficar interessada. Sou a Kate, a propósito, Kate Marshall – disse ela, sorrindo e estendendo a mão. Ele apertou-lha.

– E eu sou o Tristan.

– Chamo-me Gregory Cleever – disse o homem, apertando a mão a Tristan. Semicerrou novamente os olhos. – Muito bem. Suponho que mal não faz. Podem esperar aqui? Vou buscar a chave.

Apressadamente, voltou a entrar em sua casa.

– Qual é o nosso orçamento, mãe? – perguntou Tristan, com um sorriso.

– Foi uma decisão do momento.

– Posso escolher o meu quarto?

– Sim, sim, engraçadinho. Ele está a voltar – murmurou Kate, enquanto via Gregory sair apressadamente pela sua porta da frente com uma chave na mão.



O portão principal estava solto das dobradiças e o jardim da frente desenfreadamente coberto de vegetação. As ervas daninhas chegavam-lhes à cintura de ambos os lados do caminho que conduzia à porta. Uma fila de árvores de folha persistente à direita da casa enchia metade do jardim.

As janelas estavam tapadas por grades de metal brancas, uma das quais tinha

sido grafitada com algo ilegível a preto. Também a porta da frente tinha uma grade com um cadeado. Montes de lixo encostava-se à base das paredes, onde ervas daninhas brotavam da confusão.

– Quem instalou as grades? – indagou Tristan, enquanto Gregory abria o cadeado.

– A câmara. Havia pessoas a invadir a casa – disse ele.

– Ocupantes ilegais?

– Sim... e... – Hesitou. – Sim – repetiu. A grade abriu-se com um gemido e ele abriu a porta da frente. Quando entraram no saguão, estava muito escuro. – Trouxe uma lanterna, não há eletricidade – disse Gregory, acendendo uma pequena caneta-lanterna. Kate e Tristan ligaram as luzes dos seus telemóveis. O corredor estava vazio, e o chão e as paredes tinham ar de terem sido esfregados.

O cheiro a desinfetante forte misturava-se com o de bolor. Logo à direita, estava uma das portas para a sala de estar. Havia uma depressão considerável no piso de betão.

– O que é aquilo? – perguntou Kate.

– Abatimento. As árvores do lado oeste da propriedade tornaram-se selvagens e estenderam as suas raízes para os alicerces da casa, extraíndo toda a humidade. Temos andado a tentar vencer a câmara a vir cortá-las, mas já é demasiado tarde. Quem comprar isto terá de arranjar os alicerces.

– Isso não é bom – disse Kate.

As paredes da sala de estar estavam encardidas e pareciam ter sido caídas. Ao apontar a luz do seu telemóvel para a parede por cima de uma lareira vazia, Kate conseguiu distinguir alguns rabiscos por baixo da pintura, num fantasmagórico tom de rosa. Tristan apontou a sua lanterna para o teto e parou numa grande mancha rosa que se estendia em torno do candeeiro. Também tinha sido pintada, mas precisava de outra demão para ficar devidamente coberta.

– O que é aquilo? – perguntou Kate, sentindo o coração dar um ligeiro salto. Gregory apontou a sua lanterna para a mancha rosa. Hesitou.

– A proprietária anterior foi... foi... ela morreu, infelizmente – respondeu.

– Como? – perguntou Tristan.

– Num arrombamento. Há bastantes anos. Anna, era assim que se chamava a proprietária anterior. Foi assassinada – disse ele.

– Aquilo é o sangue dela?

Gregory suspirou.

– Sim. Compreendem agora o porquê de esta casa ainda não ter sido vendida. Com o abatimento do chão e o assassinio da Anna, que nunca foi resolvido... Era realmente uma bela casa quando ela estava viva.

A sua escolha de palavras despertou o interesse de Kate.

– Foi assassinada?

– Sim – confirmou Gregory.

– Podemos Ver o andar de cima? – perguntou Tristan.

– A sério? Ainda estão interessados?

– Já que estamos aqui – disse Kate. Viu que Gregory parecia surpreendido.

– Por aqui – disse ele. Seguiram-no novamente até ao corredor e começaram a subir as escadas. EstaVa muito escuro e frio, e a brisa sopraVa pelas grades nas janelas com um silVo inquietante.

Ao cimo das escadas, havia um estreito patamar com uma pequena janela. O sol entrava através das grades, projetando um padrão de pequenos quadrados nas tábuas nuas do soalho. Três outras portas saíam do patamar, e Kate dirigiu-se à que ficava por cima da sala de estar.

– Há quanto tempo foi a eletricidade cortada? – perguntou ela, debruçando-se para premir o interruptor. Nada aconteceu.

– Há anos – respondeu Gregory. Tristan seguiu Kate para o interior. A mancha cor de ferrugem estava no chão, ao canto esquerdo do quarto. À medida que Tristan erguia a sua lanterna, Kate viu uma esmaecida coluna rosa de salpicos de sangue na parede. – Sabe que já por duas vezes trouxeram cá pessoas para limpar e pintar por cima disso? Mas algo continua a acontecer. Pouco tempo depois de a taparem, a mancha continua a ver-se.

Kate não acreditava no sobrenatural, mas a sua voz suave na escuridão fez-lhe arrepios.

– Quem encontrou o corpo da Anna?

– Fui eu – disse ele, baixinho. – Tinha ido de férias com a minha irmã. E quando voltei, vi dois grandes pacotes no degrau da entrada, e um deles estava ensopado da chuva. Por isso fui ver. A porta da frente estava trancada e todas as janelas estavam fechadas. Parti a janela da casa de banho de baixo e encontrei-a. – A luz da lanterna de Gregory ressaltava nas paredes, envolvendo o seu rosto em longas sombras. – Quem o fez usou um martelo. Bateram-lhe enquanto estava estendida no chão. Ali – indicou ele, apontando para as misteriosas manchas de sangue. – O corpo dela estava ali deitado há doze dias. Não sei se conseguem imaginar. Havia larvas. O fedor era horrível.

– Tinha... tinha sido sexualmente agredida? – perguntou Kate.

– A polícia disse que não.

– Bem, é um pequeno lado positivo numa situação horrível – disse ela, dando-se conta de que soava exatamente como uma detetive privada.

– Porque ficou o corpo aqui tanto tempo? Mais ninguém deu por falta dela?

– perguntou Tristan.

– Eu estava fora. A Anna estava de férias do trabalho. Vivemos num beco tranquilo. Sou o seu único vizinho direto. Há o terreno do outro lado. Ninguém deu pela sua falta, ao que parece.

Os olhos de Kate seguiram a trajetória do sangue no chão e à medida que subia pela parede.

– A polícia tinha algum suspeito? Alguma ideia de como entraram na casa? – perguntou ela.

– Não. A Anna tinha tido um par de sustos nas semanas anteriores a isto.

– Que tipo de sustos? – perguntou Tristan.

– Uma noite, estava na cozinha a preparar o seu chocolate quente quando alguém testou o puxador da porta das traseiras. Disse que o viu mexer-se. Uma semana depois, foi acordada por um barulho no jardim das traseiras. Foi à janela – disse Gregory, indicando a janela de trás com a grade por cima. – Estava uma pessoa no jardim das traseiras, junto à porta, toda vestida de preto.

– O que fez ela?

– Ligou para a polícia das duas vezes. Aconselharam-na a instalar uma luz de segurança. E foi o que ela fez. Mandou também instalar um alarme com sensores de movimento no piso de baixo. Tudo isso custou-lhe muito dinheiro. Mas não faz sentido nenhum. Quando a encontrei, todas as portas estavam trancadas, e os alarmes estavam ativados.

– Teria alguém à espera, talvez? Quando regressou do trabalho? – sugeriu Kate.

– É possível. Mas quem faria isso? Tinha muito pouco para roubar. A Anna não era uma mulher rica, e ajudava tanta gente. Era assistente social, e às vezes acolhia crianças, a curto prazo, se precisassem de um sítio para onde ir. – Abanou a cabeça.

– E a polícia nunca apanhou o responsável? – perguntou Tristan.

– Não. Nem chegou realmente aos noticiários nacionais. Só um artigo no jornal local. Isso surpreendeu-me. Talvez haja mais pessoas a ser assassinadas todos os dias do que pensamos.

– A polícia não encontrou impressões digitais? – perguntou Kate.

– Encontraram as da Anna, porque vivia aqui, e eu tive de dar as minhas para me descartarem, mas nunca entrava realmente na casa. Conversávamos na rua ou no jardim. Encontraram a arma do crime no mato atrás da casa. Era um martelo de garra, embrulhado num saco de plástico.

Fez-se silêncio e Gregory apontou para a porta. Kate sentiu-se grata por sair do quarto. Os persistentes salpicos de sangue e as tábuas manchadas do soalho davam-lhe arrepios. Voltaram para o patamar.

– Ali era a casa de banho. Foi arrancada por *ocupas*, por isso teriam de instalar tudo de novo – disse Gregory. A banheira estava cheia de pó, e a sanita, o lavatório e as torneiras tinham desaparecido. Seguiram para o segundo quarto. Estava em melhores condições do que as outras divisões. Não tinha mobília,

mas as paredes estavam cobertas por um desbotado, mas ainda bastante bonito, papel de parede com animais. HaVia ainda uma peça lateral de um berço, com grades de madeira, encostada à parede. Tristan olhou para Kate e arqueou uma sobrancelha.

– Acolhia muitas crianças? – perguntou ela.

– Não creio. Lembro-me de uma VeZ ter Visto um carro da polícia parar já noite aVançada e largar uma menina. Teria talVeZ dois anos... Este papel de parede é bonito, não é?

Kate anuiu. Olhou para o Quarto. Perguntou-se como se sentiriam essas crianças ao serem entregues naquela casa enfiada ao fundo de um beco tranquilo.

– Era casada? – perguntou Tristan.

– Não – respondeu Gregory. HaVia algo na forma como o disse, como se nunca tivesse esperado que o fosse.

– Filhos? – perguntou Kate.

– Não. A Anna ViVia um pouco como uma eremita. Parecia estar sempre a trabalhar. Era muito reservada.

– E a polícia nunca achou que tivesse sido um ViZinho a matá-la? EstaVa em disputa com alguém? – indagou Tristan.

– Valha-me Deus, não. É uma rua tranquila. Somos eu, a Velha senhora Grundy, o senhor e a senhora Patel, que gerem o posto do correio. São muito bem vistos. E há outra mulher ao fundo que arrenda a sua casa há anos. Trabalha muito no estrangeiro, acho eu. – Gregory olhou de Kate para Tristan, e ela perguntou-se se ele não estaria a ficar desconfiado com tantas perguntas.

Gregory leVou-os de novo para baixo e dirigiram-se à cozinha ao fundo do piso térreo. A porta das traseiras estaVa vedada por uma grade de metal. Os móveis da cozinha tinham sido arrancados, por isso não haVia muito para Ver. Saíram da casa e Voltaram para o jardim da frente. Kate sentiu-se grata pelo sol e pelo ar fresco. Tristan pediu para Ver o jardim das traseiras, e deram a Volta pelo caminho ao lado da casa, mas estaVa coberto de Vegetação, com ervas daninhas à altura do peito. Uma fileira de grandes árvores daVa para o matagal ao fundo do jardim.

– O bairro social de Coldharbour fica a pouco mais de Quilómetro e meio, logo a seguir às árvores – disse Gregory. Esboçou um calafrio dramático. – É relativamente longe, mas pergunto-me se não terá sido alguém de lá que a matou. É bastante duro.

– A polícia achou que haVia alguém do bairro envolvido? – perguntou Tristan.

– Não, mas eu falei-lhes nisso. Não creio que se tenham dado ao trabalho de me leVar a sério.

– Alguma VeZ teve problemas com as pessoas do bairro?

Kate podia Ver que Tristan estaVa um pouco irritado com a vaga sugestão de que as pessoas dos bairros camarários eram más.

– Bem... não, mas isso não significa que não os pudéssemos ter – disse Gregory.

– Alguma vez alguém do bairro decidiu vir aqui, de carro ou a pé?

Era uma pergunta deliberadamente opaca, mas Gregory pareceu contemplá-la seriamente.

– Não sei se muitos deles têm carros. Além dos Queimados que se veem no jornal local. Como digo, é longe. Graças a Deus.

Fez-se um silêncio enquanto observavam as ervas altas oscilar no jardim descontrolado. Kate lançou um olhar a Tristan, alertando-o para não entrar numa discussão. Gregory pareceu finalmente notar a irritação de Tristan.

– Não são do bairro. Ou são? – perguntou ele.

– Não. Somos de Ashdean – respondeu rapidamente Kate.

– Certo. Em que ramo trabalham?

– A mãe gere um parque de caravanas na costa. Eu ajudo – respondeu Tristan. *Bem jogado*, pensou Kate. Se tivessem de voltar a falar com ele, não teriam de vergar demasiado a verdade.

– Acham que vão ligar à agente imobiliária? – perguntou ele. A esperança de Gregory partiu-lhe o coração. Parecia apenas um homem triste num lugar trágico e esquecido.

– Não creio, mas obrigada por nos ter mostrado o espaço – disse Kate.

Olhou novamente para a casa. O homicídio tinha-lhe despertado interesse, mas o que tinha que ver com Charlie? *Provavelmente nada*, pensou. Mas algo a incomodava. Lembrou-se do seu encontro com Jean. A assistente social, Anna, tinha um interesse por Charlie. Era como se quisesse levá-lo e ficar com ele para si. Fora o que Jean tinha dito. *Levá-lo e ficar com ele para si*.

Kate e Tristan dirigiram-se a Okehampton e pararam num dos parques de estacionamento no centro da cidade. NuVens negras formaVam-se no horizonte quando ele desligou o motor, e a chuVa começou a cair, matraQueando no para-brisas. Kate desapertou o cinto de segurança e virou-se para ele.

- O que achas? – perguntou.
- Tinha assim tão poucas pessoas na sua vida, para o corpo ficar doze dias sem ser descoberto?
- EstaVa de férias do trabalho, por isso ninguém deu pela sua falta. – RemeXendo na bolsa, Kate procurou as suas notas sobre o artigo original.
- Mesmo assim. Seria de pensar que alguém lhe teria ligado e ficado preocupado ao não obter resposta.
- O cadáver foi encontrado no dia oito de julho de dois mil e sete – disse Kate, folheando o seu bloco de notas. – Duas semanas depois de o Charlie ter desaparecido. E há simplesmente qualquer coisa estranha em ter sido um ataque com um martelo. A Violência demencial. Se alguém fosse cometer um roubo entraria na casa armado. Já vi o resultado de ataques com martelos. Geralmente, trata-se de Violência de gangues ou sadismo. E o Gregory disse que ela não tinha sido seXualmente agredida.
- Saberla ele isso ao certo? – perguntou Tristan.
- Não sei. O artigo no jornal não dizia que a Anna tinha sido violada.
- E publicariam isso?
- A polícia poderia divulgar esses dados se fossem relevantes para as suas investigações – disse Kate, desejando pela milésima vez ter acesso à base de dados HOLMES da polícia. – A Anna era assistente social. Não quero fazer suposições, mas imagino que não fosse rica. E Kirby Cane Walk é uma zona decente.
- Mas a quilómetro e meio de um bairro camarário – observou Tristan.
- O que o Gregory disse magoou-te mesmo?

Ele anuiu.

– Venho de um bairro camarário, já me atiraram com muitas coisas do gênero. Sei que pode haver muitas maçãs podres, mas não somos todos maus.

– Concordo. Mas tens de admitir que, se esse tal bairro Coldharbour for duro, pode ter sido alguém de lá a fazê-lo.

– O Gregory disse que as portas estavam trancadas quando encontrou o corpo da Anna, e que os alarmes estavam ativados. Instalaria ela um sistema de segurança só para deixar entrar um estranho do bairro social? E dá para perceber que alguém é do bairro, só pelo aspeto que tem? – perguntou Tristan.

– E não estamos a afastar-nos do nosso caso? O que tem isto tudo que ver com o desaparecimento de Charlie?

– Há uma ligação à Jean – disse Kate. Remeheu na bolsa e tirou o seu telemóvel. – Vou ligar-lhe. – Pôs o aparelho em alta voz e marcou o número. Jean atendeu ao fim de dois toques. A chuva caía agora pesadamente sobre o para-brisas e o vidro estava embaciado.

– Tudo bem, Querida? – perguntou Jean. – Estava mesmo a pensar em si e em como vão as coisas.

– Jean, estou aqui com o Tristan – disse Kate. Descreveu-lhe rapidamente a manhã de ambos em Kirby Cane Walk. – Sabia que a Anna Treadwell também estava registada como mãe de acolhimento?

– Não, não sabia – replicou Jean. – Mas faz mais sentido para mim. Era estranha. Muito robótica e distraída, e ganhou um interesse doentio pelo Charlie. Eu chamava-lhe comichão no útero.

– Comichão no útero. Quer dizer que esta assistente social queria um filho? – perguntou Kate.

– Sim, e não um filho qualquer. Como disse, acho que queria o Charlie. Em todo o caso, o que tem essa assistente social que ver com o Charlie depois de todo este tempo? Sabe quantas pessoas de áreas problemáticas são importunadas por assistentes sociais?

– Pode dizer-nos mais sobre a Anna Treadwell? Com que frequência a ia visitar ao apartamento? – perguntou Tristan. Fez-se uma pausa.

– Da primeira vez, estava sozinha. Foi quando a Becky e o Joel estavam fora com o Charlie.

– O que lhe disse?

– Disse-me que alguém tinha ligado para a sua linha direta para sinalizar um problema de segurança relativo a uma criança na propriedade. Usava umas palavras assim caras. Disse que tinha sido uma vizinha, e eu soube então que tinha sido a Helen, do andar de cima, a fazer a chamada. Disse-lhe que não havia crianças no meu apartamento quando ocorreu esse problema de segurança.

– E o que aconteceu então? – perguntou Kate.

– Ela não gostou que lhe cortassem as asas. Disse que voltaria, e foi o que fez alguns dias depois. Estava na sala de estar com a Becky e o Charlie, e

estávamos a ver o *Carteiro Paulo*. Estava um dia encantador. A casa estava limpa, e estávamos todos tranquilos e felizes a ver televisão. Ela bateu à porta com força e insistiu muito em entrar. Deixei-a, e ela tirou o Charlie do colo da Becky! Sem pedir nem nada do género. Tive de impedir a Becky de lhe bater. O Charlie começou a chorar e, lembrar-me-ei sempre disto, essa tal Anna começou a falar-lhe em voz baixa, dizendo que o ia proteger e garantir que não corria perigo. E que tomaria conta dele, se ele quisesse. Foi sinistro. Tirei-lhe o Charlie das mãos, porque estava muito perturbado, e depois pedimos-lhe para sair.

– Voltou a ver a Anna Treadwell?

– Sim. Apareceu mais algumas vezes durante as semanas seguintes. E em alturas estranhas, fora de horas. Uma vez às seis da manhã de um domingo, outra às onze da noite de sexta-feira. Estava a tentar apanhar-nos bêbedos ou a fazer barulho, sei lá. E houve outra altura em que nos seguiu até ao supermercado, ia a Becky comigo e com o Charlie. Veio ter connosco no corredor das bolachas e tentou tirar o meu neto do carrinho. Ele não gostou dela e desatou a chorar.

– A Anna Treadwell alguma vez abriu um processo oficial nos serviços sociais? – perguntou Tristan.

– Sabe Deus. Disse que a minha vizinha, a Helen, lhe tinha voltado a ligar, mas acho que estava a mentir. Eu tinha dado uma palavrinha à Helen.

– Tem o número dela? – perguntou Kate.

– Da Helen? De certeza que tenho algures, mas não lhe serviria de nada. Está morta. Foi decapitada num acidente de viação há alguns anos, e não podia ter acontecido a uma pessoa melhor. Sei que não devia dizer isto, mas nunca nos deu senão problemas enquanto vizinha. Era má por desporto. Digo-Vos que nunca vi um viúvo tão feliz como o marido dela, o Alan.

– Jean, sei que isto parece estranho, mas acha que essa tal Anna Treadwell pode ter tido alguma coisa que ver com o desaparecimento do Charlie? – perguntou Kate. Fez-se um longo silêncio do outro lado da linha.

– O quê?! Não... Não. Nunca tinha juntado as duas coisas – disse ela.

– Disse que a Anna entrou em cena alguns meses antes do desaparecimento do Charlie. Quando ao certo? – perguntou Tristan.

– Suponho que tudo aconteceu por volta de fevereiro ou março. Teria de pensar. Sim, a Becky e o Joel foram ao Center Parcs com o Charlie em fevereiro, porque era mais barato. Mas não, ela já se tinha retirado por essa altura. Quando o Charlie desapareceu, estávamos em junho, e a Anna já tinha desaparecido há muito. Sempre parti do princípio de que não nos tinha conseguido acusar de nada, por isso avançou para outro miúdo.

– Fez queixa da Anna aos serviços sociais? Porque isto parece muito pouco profissional – disse Kate. Ouviram Jean rir secamente.

– Como lhe disse ontem, provavelmente tem uma visão diferente das autoridades, mas, no sítio de onde eu venho, são as últimas pessoas a quem

ligamos se tivermos problemas. E o meu apartamento fica em Coldharbour. É o tipo de bairro a que a polícia não se dá ao trabalho de ir.

Tristan olhou para Kate de olhos arregalados. Era o mesmo bairro camarário por detrás da casa de Anna.

Okehampton ficava a apenas treze quilómetros de Gidleigh, onde Declan Connolly vivia, pelo que Kate e Tristan decidiram utilizar sabiamente o seu tempo e fazer-lhe uma visita.

Kate nunca tinha ido a Gidleigh, que ficava na fronteira de Dartmoor, rodeada por bosques. Quando entraram na aldeia, o relvado em frente de um salão de chá estava repleto de pessoas com equipamento de caminhada, sentadas a tomar bebidas e a comer bolo. Tristan olhou para o seu GPS e viu três sinuosas ruelas que partiam da aldeia em diferentes direções.

– Parece viver junto a uma estrada não identificada, mas não consigo perceber qual delas deveríamos seguir – disse ele.

– Vamos perguntar – sugeriu Kate, avistando um carteiro que estava mesmo a abrir o marco do correio da aldeia. – Desculpe. Estamos à procura da Zieger Cottage? – disse ela, abrindo a janela quando Tristan encostou. – Um homem chamado Declan...

– Declan Connolly? – completou o carteiro, fitando-a de olhos semicerrados enquanto extraía um maço de envelopes do marco e o guardava na sua bolsa.

– Sim.

Indicou a Kate uma ruela parcialmente coberta por um grupo de árvores junto ao cemitério da igreja.

– Se chegar a uma encruzilhada, é porque foi longe de mais – disse ele. Kate agradeceu-lhe e arrancaram, passando por um grupo de crianças a jogar cróquete do lado vazio do relvado. A ruela subia acentuadamente a partir da aldeia, e a vista de Dartmoor era deslumbrante. Viam-se algumas explorações pequenas aninhadas no vale em frente. Quando a estrada começou novamente a descer, viram-se num túnel de árvores com altos muros de pedra solta de ambos os lados. Chegaram a um portão no muro e ouviram um zunido agudo.

Zieger Cottage era uma casa devoluta e atarracada com telhas em falta e paredes de pedra. Ficava afastada da estrada, tinha uma grande parcela de terreno selvagem e estava rodeada por muros de pedra solta. Uma maltratada

carrinha branca estava estacionada em frente à casa, as rodas parcialmente submersas numa grande e funda poça de lama. Um reboque estava parado a poucos metros de distância, com um cabo preso ao capô da carrinha meio afundada. Uma mulher de rosto duro, com o cabelo escuro encanecido e apanhado num fino rabo-de-cavalo, dispunha uma fila de tábuas de madeira, formando uma passagem até à carrinha. Um homem de cabelo desgrenhado, com o rosto muito vermelho e uns grandes olhos azul-água, estava dentro do reboque, a aquecer o motor. Com o barulho, não se tinham apercebido da chegada de Kate e Tristan.

– Aquele é o Declan? – perguntou Tristan.

– Sim. Reconheço-o dos artigos dos jornais – confirmou Kate.

Saíram do carro e dirigiram-se ao amplo portão da Quinta, vendo por um momento como o reboque acelerava e avançava sobre a terra macia. A carrinha balançava na ponta do longo cabo, mas as suas rodas pareciam bem presas. Então, com um solavanco, o cabo partiu-se e o reboque foi projetado para trás. O homem travou a fundo.

– Cherry! Cherry! – gritou ele. Ela ergueu o olhar e ele desligou o motor. Saiu precipitadamente do reboque em direção a ela. Era corpulento e usava uns calções sujos com uma *T-shirt* e galochas. – É suposto vigiarem o cabo!

– Eu estava a vigiar o maldito cabo, Dec! – gritou ela em resposta. Atirou as tábuas para o chão e levou a mão ao bolso das calças enlameadas para tirar um maço de cigarros.

– Não, não estavam. Estavam a quilómetros daqui!

– Quem me dera *estar* a quilómetros daqui. Preciso de um cigarro.

– Não, vais atravessar a prancha e voltar a prender aquele maldito cabo.

– Vou fumar! – Pôs o cigarro na boca e tirou uma longa caixa de fósforos.

Quando ia a acender um, Declan alcançou-a. Arrancou-lhe o cigarro da boca e atirou-o para a lama. Cherry ia protestar, mas foi então que ambos repararam em Kate e Tristan, e Declan fez uma paragem quase cómica.

– O que querem? – perguntou ele.

– Bom dia, Declan. Podemos falar consigo por um momento? – pediu Kate. Ele pôs os calções para cima e dirigiu-se pesadamente a eles nas suas galochas enlameadas. Ergueu o queixo, e Kate sentiu uma ligeira pontada de ansiedade ao ver a sua postura. Queria luta. Cherry tinha ainda a caixa de fósforos na mão e fitava-os, de boca entreaberta.

Kate explicou que eram detetives privados e que Jean os tinha contratado. Cherry juntou-se a eles ao portão e, de boca ainda ligeiramente aberta, acendeu dois cigarros, passando um deles a Declan. Quando Kate lhe disse que estavam a investigar o desaparecimento de Charlie Julings, ele revirou os olhos.

– Jesus Cristo. Não tenho tempo para isto – exclamou.

– Queremos só fazer-lhe algumas perguntas sobre a noite em que o Charlie desapareceu... – começou Kate.

– Desapareceu? – repetiu Declan. – O Charlie não desapareceu. A Jean não o

mantenteu debaixo de olho e ele caiu ao rio ou a um paul. Não foi isso que o tribunal acabou por decidir?

– O tribunal concedeu à Jean uma declaração de morte presumida para o Charlie. Não deliberou quanto à causa da morte – disse Tristan, falando pela primeira vez. Declan deu uma baforada no seu cigarro.

– É seu filho? – perguntou ele, apontando para Tristan com o cigarro aceso.

– Não. Trabalhamos juntos – replicou Tristan.

– Ah! Certo – disse Declan, com um olhar lúbrico.

– Trabalhamos juntos na nossa agência.

– Trabalham juntos. Na Vossa «agência». Não devem ter muito que fazer, se têm tempo para virem aqui fazer-me perguntas estúpidas.

– E como sabemos que são quem dizem ser? – perguntou Cherry, perscrutando-os. – Têm identificação? – Kate pegou num dos seus cartões de visita e estendeu-lho. Ela observou-o e passou-o a Declan.

– Agência de Detetives Kate Marshall – leu ele. – Qual de vocês é a Kate?

Kate revirou os olhos.

– Sou eu.

– Quem é o menino bonito?

– Tristan Harper. Sou sócio na agência. – Kate conseguia sentir Tristan a encher o peito e a tirar as medidas a Declan.

– Podemos perguntar-lhe pela sua relação com a Jean Julings? – pediu Kate, procurando desencalhar a situação.

– Ele não tem nenhuma relação com a Jean Julings – cuspiu Cherry.

– Pois. E estamos ocupados aqui. Esta carrinha vale uma fortuna, mesmo como sucata, e como podem ver, está prestes a seguir o mesmo caminho que o Charlie neste paul.

– Paul? – repetiu Kate. – E o que quer dizer em relação ao Charlie?

Declan olhou para Tristan.

– Parece de cá. Diga-lhe o que é um paul, e que não é nada de religioso.

– É solo pantanoso – disse Tristan a Kate. Declan deu outra passa no seu cigarro.

– Se querem saber o que eu penso em relação ao Charlie, acho que não foi o rio que o apanhou. Foi um dos paus perto daquele acampamento.

– Devil's Way – disse Kate.

– Sim. Há todo o tipo de paus e brejos... outro nome para o solo pantanoso... à volta do terreno. E se formos sugados para o fundo, nunca mais ninguém nos vê. É isso que eu acho. A polícia usou cães pisteiros para o tentar encontrar, e esses cães levaram-nos ao rio. O Charlie desceu à água e depois tropeçou no pântano.

– Mas o rio estava alto na noite em que ele desapareceu – protestou Kate.

– Então caiu à água – disse Declan, encolhendo os ombros. – Oiçam, eu gostava do pestinha, mas não tive nada que ver com o seu desaparecimento. Foi um acidente.

– A polícia encontrou sangue do Charlie no seu carro – observou Tristan.
– Tinha-se cortado duas semanas antes, quando o levei ao parque no meu carro. A Becky confirmou isso por mim. Olhem. Nessa noite, eu embabedei-me e o meu carro acabou por ir parar a uma vala. A polícia interrogou-me, mas depois percebeu que eu não tinha nada que ver com o assunto. Não tinham bases para me acusar. O caso está encerrado, e a Jean terminou-o de vez ao ir a tribunal pedir uma declaração de morte presumida. Fizemos um funeral. Enterramos um caixão vazio.

Deixou cair a beata do cigarro e apagou-a com o pé.

– Posso perguntar-lhe por uma mulher chamada Anna Treadwell? – pediu Kate.

– Quem é ela? – explodiu Cherry, virando-se para Declan.

– Sei lá – respondeu Declan, erguendo as mãos em rendição. – Quem é?

– Era uma assistente social preocupada com o Charlie – explicou Kate.

– De todas as mulheres que conheci, a maioria tem filhos, e todas têm os serviços sociais a bater-lhes à porta.

– Eu nunca tive os serviços sociais a bater-me à porta – protestou Cherry.

– Só tiveste um filho. São as vagabundas com grandes ninhadas de bastardos que não conseguem lidar com a situação, e então os serviços sociais envolvem-se.

– E o meu Todd é bom rapaz – disse Cherry. – Está a ouvir? – repetiu para Kate.

– Onde fica o pântano a que se referia, perto de Devil's Way? – perguntou Kate.

– Procure num mapa! – disse ele. – Temos de continuar. – E, sem dizer mais nada, voltou para o troço de lama. Agarrou nas tábuas de madeira e começou a construir um caminho até à carrinha. Cherry esboçou um sorriso escarninho e atirou o cartão de visita por cima do portão. Depois, afastou-se para ir ajudar Declan.

Kate e Tristan regressaram ao carro.

– Solo pantanoso, pauis e brejos – disse Kate. – Ele acha que o Charlie se afogou num pântano.

– Sabe quantas pessoas morreram afogadas em pântanos na charneca? – perguntou Tristan.

– Não tenho os números exatos, mas imagino que tenham sido muitas, ao longo dos anos – explodiu ela. Respirou fundo. – Desculpa. Isto não era para ti.

– Não faz mal. É tão seguro de si que me fez acreditar nele – respondeu Tristan. Olharam de novo para Declan e Cherry, que discutiam sobre a colocação das tábuas de madeira na lama até à carrinha.

– Vamos falar com esse tal agente Lewis, que trabalhou no caso. Vou abrir uma exceção e pagar-lhe. Gostaria de ouvir tudo o que se passou durante a sua investigação do desaparecimento do Charlie – disse Kate, ligando o motor.

No dia seguinte, Kate e Tristan decidiram separar-se. Tristan combinou encontrar-se com LeWis Tate em Plymouth, e Kate optou por ficar no escritório a atualizar e a reVer os pormenores do caso.

Tristan partiu às nove horas e conseguiu chegar bem a tempo do seu encontro às onze. LeWis tinha escolhido um *pub* na Zona do porto chamado The Ship. Tristan encontrou um lugar de estacionamento a alguns minutos de distância e, mesmo assim, chegou cedo. O *pub* só abria às onze, por isso sentou-se num banco no exterior, com Vista direta para o paredão e para o mar.

Uma jovem de olhos cansados e cabelo curto oxigenado laVaVa o caminho do porto com uma mangueira no momento em que uma carrinha de entregas chegou.

Passado um momento, LeWis Tate apareceu do outro lado da carrinha. Tristan calculou que tivesse quarenta e muitos anos. Era alto e seco, com o rosto barbeado e cabelo preto até aos ombros. Tinha um rosto pálido e descarnado, mas as suas feições eram suavizadas por uns impressionantes olhos castanhos. Usava umas calças de ganga largas, uns ténis brancos e uma *T-shirt* vermelha com o logótipo da *Versace* na frente.

– Viva, companheiro. É o Tristan? – perguntou ele. Tinha um passo afetado e vestígios de sotaque londrino ao falar.

– Sim. Bom dia – respondeu Tristan, levantando-se do banco. Estendeu-lhe a mão para o cumprimentar, mas LeWis ignorou-a. Olhou-o de cima a baixo.

– Tem o dinheiro? – perguntou.

Tristan não estava à espera que ele fosse tão frontal.

– Sim.

– Posso vê-lo?

Tristan tirou o envelope contendo cinco notas novas de vinte libras do bolso de trás dos calções e estendeu-lho. LeWis verificou o conteúdo.

– E paga as bebidas? – acrescentou ele, fitando-o com um olhar atento.

– Claro.

Abriendo um sorriso no seu rosto macilento, LeWis deu uma palmadinha nas costas de Tristan.

– EXcelente. Pergunte-me o que quiser. Vamos para dentro. Estou mortinho por uma cerveja.

Uma cerveja, pensou Tristan. *Ainda só são onze da manhã.* A proprietária estava ainda a abrir as portas quando entraram. Era um *pub* à antiga, com teto baixo, muita madeira e ferraduras de cavalos.

LeWis pediu uma *Guinness* e dois dedos de uísque *Jameson*. Tristan ia pedir um *cappuccino*, mas pediu antes uma *Guinness* sem uísque. Eram as únicas pessoas no *pub*, além de um homem de ar corado que entrou com sacos de compras e sentou na ponta do balcão. Levaram as suas bebidas para uma cabina ao canto junto à montra. LeWis despachou o uísque num só gole e bebeu um longo trago da sua cerveja. Fizeram conversa de circunstância, e então Tristan perguntou pelo motivo por que LeWis tinha saído da polícia.

– Estavam todos metidos, todos. Havia tantos agentes a servir-se das drogas que apreendíamos – disse LeWis. – Eu fui apenas suficientemente estúpido para ser apanhado. E atenção – acrescentou, erguendo o indicador com um anel soberano enfiado até à articulação. – Eu nunca vendia as drogas, nem a adultos, nem a miúdos, ao contrário de muitos polícias corruptos. Eram só para uso pessoal. – Bebeu outro gole da sua cerveja e limpou o lábio superior às costas da mão. – Seja como for, não tenho saudades do trabalho de polícia. Estava a tornar-se demasiado político quando saí. Sinto falta do uniforme e do distintivo. E tinha tantas mulheres. Nem dá para acreditar.

Tristan assentiu. Não sabia como responder àquilo.

– Tem namorada?

– Não. Sou solteiro – disse Tristan. Parte de si queria simplesmente dizer que ainda há pouco tempo tinha tido namorado. Mas sentia que LeWis partira do princípio de que eram ambos heterossexuais. Não achava que LeWis fosse homofóbico, mas dizer-lhe podia mudar a dinâmica da conversa, e ele precisava de conquistar a confiança do homem. – E o LeWis tem namorada?

– Não. Mas tenho uma ex-mulher. E cara. Pago-lhe uma pensão de alimentos para a nossa filha, mas acho que a cabra a gasta toda em cigarros e *tequila*. Nunca devia ter casado com ela. Devia ter prestado atenção à genética da família. – Tristan entrou em pânico, pensando que ele ia dizer algo racista, mas LeWis continuou. – Quando se envolver a sério com uma rapariga, observe sempre a mãe. Porque, nove vezes em cada dez, é nisso que ela se irá tornar – concluiu ele, erguendo novamente o dedo com o anel soberano.

– Como é a mãe dela?

– Digamos assim: faz com que Jabba, o Hutt pareça um supermodelo.

Tristan riu-se. Fez-se silêncio, e olharam os dois pela montra para o passado do porto.

– Então, gosta de trabalhar como detetive privado? – perguntou LeWis.

– Sim. É difícil. Só ando nisto há um par de anos. E estou sempre a aprender enquanto trabalho.

LeWis inclinou-se para a frente e começou a brincar com os pacotinhos de açúcar que estavam num frasco a meio da mesa.

– Pensei em fazer isso, mas não tenho paciência. E gosto de beber. Charlie Julings foi o meu primeiro e único caso de uma criança verdadeiramente «desaparecida». Estive envolvido noutros dois em que encontramos o miúdo ao fim de umas horas. Um tinha-se apenas afastado. O outro foi o pai que raptou o filho, e conseguimos localizá-lo no dia seguinte num apartamento na Escócia.

Terminou a sua bebida e entregou a Tristan o copo vazio.

– Tomo mais uma, simples.

Quando Tristan regressou do balcão, LeWis tinha uma folha em cima da mesa. Era um mapa desenhado à mão do Devil's Way Tor e da paisagem circundante. Tristan pôs os copos na mesa e afastou o açúcar, o sal e a pimenta do caminho.



– Muito bem, vê ali o Devil's Way Tor, junto à árvore onde a tenda do Charlie Julings estava montada? O rio passa junto à árvore e segue até ao desfiladeiro de Devil's Way, e ao sumidouro – disse LeWis, bebendo um gole da sua nova cerveja. – Esteve lá?

– Sim, há uns dias – confirmou Tristan.

– A nossa primeira teoria foi que o Charlie tinha saído da sua tenda por baixo da árvore, e podia ter ido até ao rio e caído.

– Porque haveria ele de ter ido para o rio quando a tenda dos pais estava tão perto? – perguntou Tristan. LeWis encolheu os ombros.

– Exato. Mas, quanto à teoria do rio, a avó diz que a água estava baixa no dia anterior, que andaram a chapinhar. Mas, durante a noite, o nível das águas subiu repentinamente. Verificámos com o Instituto de Meteorologia. Houve

uma grande tempestade a montante, alguns quilómetros acima, nas montanhas.

– Apontou para a orla do mapa. – A água das chuvas desceu pelas colinas até ao rio Devil's Way. Se o Charlie tivesse descido ao rio às escuras, ter-lhe-ia parecido muito diferente da pequena e cintilante torrente de algumas horas antes. A ter caído no rio, poderia ter sido arrastado para o desfiladeiro e puxado para o sumidouro.

– Há uma grade...

– ...a cobrir o sumidouro, sim, mas, depois da tempestade, o nível da água estava noventa centímetros acima da grade. O miúdo facilmente poderia ter sido arrastado. Outra teoria é que, não tendo ido para o rio, poderia ter saído da sua tenda e seguido ao longo da estrada para Okehampton, mas alguém o teria apanhado ou visto. A estrada é um caminho de terra batida, mas rodeada em grande parte por muros de pedra solta. O que nos deixa o resto da área onde estavam acampados. Vê este espaço de terreno pantanoso? Fica a dez minutos de distância ao longo do rio, em sentido contrário ao do desfiladeiro. É terreno pantanoso. E dos maus. A ter-se afastado nessa direção, o Charlie poderia ter caído nos pântanos. As equipas de busca andaram lá a vasculhar com varas longas, numa busca sistemática às orlas deste pântano ao longo do rio. Nada.

– Utilizaram sensores para verificar o terreno pantanoso? – perguntou Tristan.

– Como assim, *sensores*?

– Sondas ou leitores eletromagnéticos?

– Refere-se a radares de penetração no solo?

– Sim – disse Tristan.

– Não. Mobilizámos todos os nossos cães pisteiros: os de cadáveres e os de busca e salvamento. Não captaram o cheiro do Charlie a seguir em direção ao pântano. Mas detetaram-no ao longo da margem do rio, perto do desfiladeiro de Devil's Way.

– O que é isto aqui, a Árvore das Fadas? – perguntou Tristan, vendo o desenho de uma árvore mais pequena rodeada por um lago no mapa.

– No ponto onde o rio vira para o desfiladeiro, há uma pequena bifurcação, com um estreito afluente que corre em sentido contrário.

– Não vimos isso. Estava tudo coberto de vegetação.

– Certo. Este afluente é quase nada, um ligeiro córrego, mas desce pela vegetação e empoça junto a uma árvore antiga, aquilo a que chamam Árvore das Fadas, onde se fazem oferendas.

– Oferendas? Refere-se àquelas árvores a que as pessoas atam pedaços de tecido para pedir saúde ou desejos?

LeWis assentiu.

– Sim, tem muito que ver com a religião pagã.

– Certo, mas disse que o rasto do Charlie parava junto ao rio, do outro lado, não foi? O que levou à teoria de que ele tinha caído ao rio.

– Sim.

– O que é aquilo? – acrescentou Tristan, apontando para uma seta com as palavras «campos para DanVers Farm» escritas por baixo.

– DanVers Farm é uma pequena propriedade na charneca, a alguns quilómetros de distância. Verificámo-la. O casal que lá vivia era um pouco estranho. Pedimos para fazer uma busca à casa, e eles deixaram-nos, mas estavam inquietos. Era uma verdadeira espelunca.

– Quando foi a busca? Lembra-se? – perguntou Tristan, pensando que Ade não tinha referido aquilo.

– Um dia depois, no máximo.

– No dia vinte e três de junho?

– Sim. O Charlie desapareceu às primeiras horas de dia vinte e dois de junho. E foi no dia seguinte. O Parque Nacional organizou uma grande busca exterior com voluntários. Chamámos os cães, e depois expandimos a busca pela região, e foi então que fomos a DanVers Farm.

– Porque lhe pareceu o casal estranho e inquieto? – perguntou Tristan.

– Não sei. O instinto dizia-me que algo se passava. A mulher, em particular, estava muito nervosa, mas, por outro lado, o marido era um tipo bastante imponente. Talvez tivesse medo dele, ou do que ele faria quando saíssemos. Tinham um filho pequeno, lembro-me de que havia fotografias dele no aparador, mas disseram que estava fora com os avós. E o carro deles também estava num bonito estado.

– Em que sentido?

– Eram agricultores. Tinham um trator e um chaço velho, como muitos dos agricultores locais para circular pelas suas terras. O carro «bom» estava numa verdadeira miséria, coberto de lama. O sujeito disse que o chaço velho tinha variado, daí terem utilizado o outro... – Lewis sacudi a mão. – Não sei. Não encontramos nada, e revistámos o local de cima a baixo. E então, quando estávamos mesmo a acabar, disseram-nos via rádio que os cães pisteiros tinham seguido o rasto do Charlie até ao rio, onde parava. Não sei. Há muita gente estranha nessa região. Pessoas que não saem muito. Deixámos a quinta e foi então que começámos a trabalhar na teoria de o Charlie ter caído ao rio. Oh, e o namorado da avó, Declan Connolly, também era suspeito.

– O que acha que aconteceu ao Charlie Julings? – perguntou Tristan.

– Trabalhei muito com cães pisteiros quando estava na polícia, tanto farejadores de cadáveres como de droga, e raramente se enganam. Acho que o Charlie caiu ao rio e foi sugado pelo desfiladeiro para o sumidouro, para nunca mais ser visto.

Pela primeira vez em dias, Kate dormiu bem e acordou às nove da manhã. Pensou em ir nadar e foi até à porta da cozinha, mas, no último momento, acobardou-se. A ideia de entrar na rebentação enchia-a de medo e pavor.

Sentindo-se um fracasso, preparou um chá e torradas e sentou-se na sala de estar com o seu portátil. Abriu o Google e, por um momento, ficou a olhar fixamente para a barra de pesquisa, perguntando-se por onde começar.

A Internet sempre tinha fascinado Kate. Era possível visitar todo o tipo de locais estranhos e fascinantes. Comparava-o a vasculhar a parte de trás de sofás. Nunca se sabia o que as pessoas tinham deixado para trás.

Decidiu concentrar-se em descobrir mais sobre Anna Treadwell, mas esta parecia nunca ter tido quaisquer redes sociais, nem Facebook, nem Twitter, ou seja, as tíveras, tinham sido eliminadas. Ao pesquisar o seu nome no Google, obteve uma imagem, um primeiro plano muito pouco lisonjeiro retirado do seu cartão de assistente social. Anna tinha um rosto largo, com testa alta e queixo forte. Os seus olhos azuis eram penetrantes e juntos. Na foto de identificação, a sua testa brilhava devido ao *flash* da câmara, tinha o cabelo escuro apanhado e várias madeixas tinham-se escapulado, formando uma ligeira coroa de caracóis castanhos em redor da sua cabeça.

Kate fez uma pesquisa reversa de imagem à foto, mas não obteve resultados. Encontrou então um pequeno obituário sem fotografia que dizia que o funeral de Anna Treadwell teria lugar no dia 23 de outubro de 2007, no Cemitério de Exeter. Deviam ter decorrido alguns meses desde a sua morte quando o corpo foi libertado. O texto por baixo dizia:

É desejo da Anna que não haja flores. Doações beneficentes podem ser feitas via Maureen.CookM@escritoresdeCranborough.com

Pesquisou «Maureen Cook Escritores de Cranborough» no Google e deparou-se com um *site* bastante foleiro com as palavras «Grupo de Escritores de Cranborough» escritas em peças de *Scrabble*. Dizia que o grupo se reunia de

quinze em quinze dias num centro comunitário em Cranborough, uma pequena Vila perto de Okehampton. Kate clicou nos pormenores da mais recente antologia do grupo. ChamaVa-se *Os Sete* e tinha a sua própria página no *site*, divulgando uma Versão publicada da obra do grupo composta por sete contos.

A capa da antologia parecia amadora. O título, *Os Sete*, estaVa escrito em letra de máquina de escrever sobre fundo negro. Por baixo, Via-se uma fila de sete fulgurantes figuras humanas em silhueta, lado a lado e de braços estendidos. Sob a imagem da capa, estaVa escrito:

Sete contos sombrios para intrigar, comover e assombrar.

Uma jovem mãe tem de deixar ir...

Uma caixa secreta no barracão de um jardim abre a porta para um aterrorador novo mundo...

Um amigo há muito perdido surge à porta de um velho cavalheiro e torna-se o seu pior pesadelo...

Um acidente de bungee jumping leva a um homem que esconde um canivete na meia...

O sono de um casal gay é perturbado por misteriosas batidas noturnas...

E muito mais!

Está pronto para desvendar os sete?

Exemplares de OS SETE podem ser adquiridos via Abble Graphics, Lda. PVP £14,99

Kate notou que Anna não estaVa entre os sete autores incluídos na antologia, mas sentia-se intrigada por Maureen Cook ser uma amiga suficientemente próxima para organizar tributos para o seu funeral. Pensou no que Gregory lhes tinha dito: que Anna não tinha amigos.

Kate enviou uma curta e neutra mensagem para o endereço de *email* de Maureen, perguntando se podia falar com ela confidencialmente sobre um antigo membro do grupo de escritores.

DeVolVeU então a sua atenção a Anna. Os jornais não reVelaVam grande coisa sobre o seu homicídio, além de ter sido um «brutal ataque com um martelo», mas supôs que isso poderia atrair os fãs do macabro. TeVe de Vasculhar muito *online* durante as horas que se seguiram, mas acabou por encontrar uma publicação no Reddit onde alguém tinha divulgado as fotos do local do crime.

Kate tinha visto muita coisa enquanto polícia e detetive privada, mas as imagens deram-lhe a volta ao estômago. O corpo de Anna jaZia na alcatifa junto a uma cama de solteiro por fazer. A parede e a alcatifa estaVam cobertas de salpicos de sangue espalhados em todas as direções. Os lençóis e cobertores estaVam encharcados em sangue e enrolados ao fundo da cama. A perna esquerda de Anna estaVa levantada e enredada na ponta dos lençóis. EstaVa de barriga para cima, mas a cabeça e o rosto estaVam irreconhecíveis, tal fora a brutalidade do ataque.

Tinham sido carregadas seis fotos para a publicação no Reddit, e as outras imagens mostravam o rasto de salpicos de sangue e pegadas sangrentas que partia do corpo de Anna em direção à janela e à saída do quarto. O que surpreendeu Kate foi que tinham sido assinalados e numerados dois conjuntos de pegadas. Enquanto percorria as fotos, os dois conjuntos eram evidentes, e os seus trajetos estavam assinalados como de entrada e saída. Não eram pegadas acidentais. Quem quer que tivesse entrado e saído não se tinha desviado do corpo, tentando evitar o sangue. Tomou nota de que devia perguntar ao Vizinho, Gregory, por aquilo. Teria ele pisado o sangue quando encontrara o cadáver?

O quarto de Anna era bastante triste, com pouca mobília. Na última foto, o espelho de um toucador ao canto do quarto refletia um fotógrafo forense com um macacão branco. Viu-lhe claramente o rosto ao ampliar a imagem. O espelho estava inclinado de uma forma que permitira que a sua face tivesse sido capturada ligeiramente de lado, mostrando todo o seu rosto. Kate fitou-o por um momento. Arrastou a foto para o ambiente de trabalho do seu computador. Ampliou-a, recortou a imagem e depois aperfeiçoou-a, ficando a fotografia do rosto do homem agora em primeiro plano e muito mais nítida. Kate abriu então a pesquisa reversa de imagem do Google, carregou o ficheiro e premiu pesquisar.

O Google demorou apenas um instante a pesquisar imagens similares utilizando o rosto do fotógrafo forense. Uma grelha de três imagens surgiu: duas do Facebook onde o mesmo homem aparecia atrás de um grelhador no seu jardim a posar com umas tenazes e de avental às riscas; na terceira imagem, a sua foto era utilizada numa entrevista para uma revista de investigação forense.

– Bingo – disse Kate. ChamaVa-se Bernard Crenshaw. Refletiu por um momento e depois enviou-lhe uma curta mensagem.

Ao início da tarde, Kate recebeu uma mensagem de Tristan a dizer que já se tinha encontrado com LeWis e que ia regressar ao escritório. Estava um dia quente, e a sua casa não tinha ar condicionado. Kate sentia que o calor estava a sugar a sua energia; continuava sem apetite e tinha de se obrigar a comer uma torrada com uma fina camada de manteiga, sendo que só comia porque tinha de pôr algo no estômago para tomar os antibióticos.

Mesmo antes das três, Kate saiu de casa e foi para o escritório, na porta ao lado. A loja do parque de campismo estava concorrida, com pessoas a entrar e a sair. Quando ia a chegar aos degraus que subiam pela lateral do edifício para o seu escritório no segundo andar, dois jovens surfistas de calções de banho saíram da loja. Eram ambos atraentes, a rondar os vinte anos e com cabelo escuro pelos ombros.

– Olá, como está? – perguntou um dos rapazes. Tinha sotaque americano e parecia conhecê-la.

– Posso ajudar? – replicou Kate. Saiu-lhe um pouco mais frio do que planeava. Só queria ir para o escritório sem ninguém do parque de campismo a perguntar-lhe por nada.

– Sou o Dieter. Este é o Wolfgang. Encontrámo-la na água – disse ele. Kate parou nos degraus, virou-se para encarar os rapazes por um momento e sentiu que as suas faces coravam de embaraço.

Ouvu-se um tinido, enquanto a porta da loja do parque de campismo se abria e um casal de idosos saía do interior com gelados. Kate desceu as escadas e esperou até eles deixarem de os poder ouvir.

– Foram vocês que me tiraram da água? – perguntou.

– Sim. Estava realmente em apuros – respondeu Wolfgang. As suas pernas nuas estavam cobertas por uma camada de areia branca.

Kate recordou novamente a sensação de ser puxada para baixo na água e rodada uma e outra vez. A dor enquanto o seu braço e rosto eram arrastados ao longo do leito marinho. E o horrível pensamento de que a sua vida terminaria

entre de segundos. Cobriu o rosto com as mãos. Aqueles dois belos jovens tinham-lhe salvado a Vida.

– Ei. Sente-se bem? – perguntou Dieter.

– Não – respondeu Kate, incapaz agora de traçar as lágrimas. Não sabia o que mais dizer. Como agradecer a alguém que lhe tinha salvado a Vida? Não se lembrava do que tinha acontecido. Afastou as mãos do rosto e limpou os olhos. Eles estavam em silêncio, olhando-a fixamente. – Desculpem. Devia ter ido falar com os dois, para vos agradecer.

Do nada, um grande soluço subiu-lhe do peito e ela começou a chorar. Os rapazes olharam em volta, nitidamente sem saber o que fazer.

– O que há lá em cima? – perguntou Dieter.

– O meu escritório – disse Kate, por entre as lágrimas. Agarrando-lhe cada um num braço, eles ajudaram-na a subir para lá. O escritório da agência era a antiga sala de estar de Myra, e ainda tinha a velha alcatifa estampada dos anos 1970. Uma fila de janelas percorria toda a extensão da parte de trás do edifício, com vista para a praia. Dieter e Wolfgang guiaram Kate a uma poltrona junto à grande mesa no meio da sala.

– Vai buscar um copo de água – instruiu Dieter. Agachou-se junto a Kate enquanto Wolfgang se dirigia à pequena cozinha. – Ouvimos dizer que esteve internada – disse ele. A água gemeu nos canos enquanto Wolfgang enchia um copo e regressava, entregando-o a Kate.

– Sim. Mas agora estou bem. Vou ficar bem, graças a vocês os dois. Uma ligeira infeção nos pulmões. – Com as mãos trémulas, Kate pegou no copo. Bebeu um gole de água e tirou um lenço de papel do bolso para limpar a cara e o nariz. – Não sei o que vos dizer, mas obrigada.

Wolfgang cruzou os braços sobre o peito nu e sorriu.

– Não fizemos nada, na verdade. Sabe o que são correntes de retorno? Sabe quão perigosas são?

– Sim, o que me faz sentir ainda mais estúpida. Há anos que todos os dias vou nadar no mar logo de manhã.

– Já voltou à água desde então? – perguntou Dieter.

– Não.

– Tem de voltar. Nós já fomos os dois bastante maltratados pelo mar.

– Eu caí de uma onda de quinze metros em Portugal – disse Wolfgang. – É como aterrar em betão. Fraturei duas costelas, e o meu osso pélvico partiu-se e atravessou a pele. – Baixou ligeiramente o cós dos calções para lhe mostrar uma longa cicatriz curva por cima do seu osso púbico.

A porta abriu-se e Tristan entrou. Parecia não saber o que dizer ante aquele quadro de dois surfistas em tronco nu erguendo-se sobre Kate sentada na poltrona, um deles com os calções puxados para baixo.

– Está tudo bem? – perguntou ele, olhando para Wolfgang e Dieter.

– Sim – respondeu Kate, limpando o rosto e levantando-se. – São os rapazes que me tiraram da água.

Wolfgang puXou a cintura dos calções para cima. A atitude de Tristan mudou, e todos trocaram apertos de mão.

– Tenho-o Visto por aí – disse Dieter a Tristan. – Belas tatuagens.

– Obrigado – respondeu ele.

– O Wolfgang estaVa agora mesmo a diZer-me que caiu de uma onda em Portugal – eXplicou Kate.

– Sim. Passei um mês no hospital. Mas Voltei para a água, e é isso que tem de faZer – disse ele.

Kate anuiu.

– Quanto tempo vão ficar? – perguntou ela. – Já tinha intenção de Vos diZer, Vou oferecer-Vos a semana. Não terão de pagar.

– Partimos amanhã – respondeu Dieter. FeZ-se outro silêncio desconfortável.

– Querem um café? – ofereceu Tristan. Dieter estendeu os braços por cima da cabeça.

– É o nosso último dia, e queríamos apanhar umas ondas antes de irmos – disse ele. Wolfgang assentiu.

– Claro. Vão e diVirtam-se, por faVor. e mais uma VeZ obrigada – concluiu Kate.

Os dois rapazes saíram, e Tristan ficou a Vê-los da porta antes de a fechar.

– Isto foi embaraçoso – disse Kate, dirigindo-se à cozinha para ligar a chaleira.

– Eram os rapazes que a salVaram?

– Sim.

– Fizeram-lhe respiração boca a boca?

– Não sei.

– Acho que é algo de que Queria lembrar-se, a terem feito – obserVou ele. Kate riu-se. Sentia-se muito melhor, ainda que parte de si se sentisse miserável e enVergonhada por não os ter procurado para lhes agradecer. Preparou um bule de chá e sentaram-se a discutir os acontecimentos do dia.

– Sinto que te saíste melhor do que eu – disse Kate, olhando para o mapa de LeWis. – É a primeira VeZ que ouVimos uma teoria direta da polícia e como a sua inVestigação progrediu. Achas que esse tal LeWis é fiável?

– Durante a primeira meia hora do nosso encontro, pareceu-me um imbecil, mas quando começou a falar, Vi que tinha sido um polícia dedicado.

– Até roubar drogas – acrescentou Kate. – E quantas cerVejas bebeu durante o Vosso encontro?

– Três, com uísQue a acompanhar. Mas falou-nos da Visita ao casal da propriedade ali perto, que estaVa a agir de forma estranha.

– Da sua perspetiVa de alcoólico e toXicodependente?

– Disse que o carro deles estaVa uma miséria. Cheio de lama.

– ViViam numa quinta. As quintas têm lama. E que motivo teriam, ou que ligação ao Charlie?

– Era a residência mais próxima de Devil's Way Tor. O LeWis disse que reVistaram a casa e os aneXos e não encontraram nada.

– Centremo-nos na ligação à assistente social, Anna TreadWell. No facto de ViVer tão perto do bairro Coldharbour, onde o Charlie ViVia. E também no que a Jean disse sobre a sua obsessão por ele.

– Qual seria o motiVo para matar a Anna? Não tinha dinheiro, tanto quanto sabemos.

– Isso não é uma suposição? – obserVou Kate. – Comprou casa numa Zona decente.

– Conhece o meu passado – disse Tristan. – Depois de a minha mãe morrer e o meu pai desaparecer em combate, a Sarah assumiu o papel de mãe. Tinha apenas dezasseis anos, e tínhamos um desfile interminável de assistentes sociais a bater-nos à porta. Eu tinha catorze anos e, a certa altura, estive perto de ser despachado para um orfanato por um par de anos. A Sarah teve de lutar para ser a minha guardiã a tempo inteiro. Seja como for, o que quero dizer é que fomos Visitados por montes de assistentes sociais, homens, mulheres, Velhos e noVos, e nenhum tinha ar de ser rico. Acho que há bons e maus assistentes sociais, mas nenhum deles Vai para a profissão por dinheiro.

Kate levantou-se e dirigiu-se à janela. Viu duas famílias em lados opostos da praia. Em ambos os locais, os pais brincavam com os filhos, enquanto as mães arrumavam os cestos de piquenique e organizavam tudo. Lembrou-se dos seus primeiros anos com Jake, e de como os assistentes sociais que contactava lhe eram hostis, e com razão, na Verdade.

– Muito bem, relativamente à Anna. O Vizinho disse que alguém esteve na sua propriedade duas vezes antes de ela morrer. Alguém testou o puXador, já noite aVançada, e, alguns dias depois, ela Viu alguém no jardim a meio da noite. Porquê? Se não estavam atrás do dinheiro, o que procuravam?

– Podia ser um pai vingatiVo cujos filhos lhe tenham sido tirados, ou uma mãe. E ela podia ter uma personalidade antagónica. E se fez a outros pais o mesmo que fez com o Charlie?

Kate Voltou a sentar-se.

– A Jean disse que a Anna ficou obcecada pelo Charlie. Que lhe disse que em breve ficariam juntos.

– Acha realmente que ela raptou o Charlie? – perguntou Tristan. – Porque haveria de o fazer, se já tinha poder para o tirar à Jean e à Becky? E estava registada como mãe de acolhimento. Se quisesse, podia tê-lo retirado da guarda da Becky.

– Eu sei. E, o que quer que tenha acontecido ao Charlie, ele foi levado daqui.

Kate olhou novamente para o mapa em cima da mesa, com a letra de LeWis a indicar os terrenos pantanosos e a Árvore das Fadas à saída do afluente, onde os cães da polícia tinham detetado o cheiro de Charlie.

– Neste momento, estamos à espera que o Joel regresse das suas férias, e não sei quando estas duas pessoas a Quem enViei hoje um *email* me irão responder.

Temos este mapa e uma ideia do que a polícia fez como parte das suas investigações. Gostaria de voltar a Devil's Way. Achas que o Ade estaria disposto a vir connosco? Foi um dos primeiros agentes no local. Poderia ajudar-nos com a sua perspetiva. Preciso simplesmente de ver tudo outra vez.

O mercúrio aproximaVa-se já dos Vinte e oito graus Celsius quando partiram para Devil's Way na segunda-feira de manhã.

Kate ia a conduzir, e o ar condicionado do seu carro tinha aVariado, pelo que leVaVam as janelas abertas. Ade ia sentado no banco de trás, abanando um leQue de papel como uma *señorita* em sobreaquecimento.

– Desculpe o calor – disse ela, olhando-o pelo retrovisor. Os longos cabelos, que ele esticaVa sempre com o secador, começaVam a encracolar e a frisar. E Vestia uma espécie de longa túnica ou cafetã com coloridas riscas azuis e Verdes.

– Comprei isto num *souk* quando fui ao Nilo – disse ele, vendo Kate estudar a sua indumentária. – Muito refrescante. E este leQue é da loja dos treZentos de Ashdean.

– Gostaste do Egito? – perguntou Tristan.

– Sim. A paisagem e as pessoas eram tão lindas... A sensação de fazer parte da história, ver as Pirâmides. E não tive diarreia. Nem uma vez. Dito isto, laVaVa tudo com sabonete *Palmolive*, até a alface – acrescentou ele, abanando-se furiosamente com o leQue enquanto aVançaVam aos solavancos pelo caminho.

Tristan olhou de soslaio para Kate, e trocaram um sorriso.

– Estive a ver as notas do meu bloco da polícia e trouxe-as comigo – disse Ade, dando uma palmadinha no saco que tinha ao lado. – Querem que descreva o que consigo recordar desse dia em que recebi a chamada sobre o desaparecimento do Charlie?

– Sim. Tudo o que aconteceu nesse dia. – perguntou Kate.

– EstaVa no turno da noite em Okehampton, e recebemos a chamada às quatro da manhã. Lembro-me de sentir um baQue no coração ao saber. FaltaVam-me apenas duas horas para terminar o turno.

– São cerca de dez minutos do centro da cidade de Okehampton até onde estamos agora – disse Kate, enquanto passaVam por uma árvore caída na charneca junto à estrada. Ade fechou o seu leQue e bateu com ele na parte de

trás do banco de Kate.

– Pare o carro!

Kate travou a fundo, fazendo-os parar com um solavanco. Tristan esfregou o pescoço e olhou para Ade.

– Desculpa, Tris. Acabo de me aperceber de que foi aqui que encontramos o tipo enfiado na sarjeta com o carro.

Saíram todos. O calor abatia-se sobre o caminho poeirento. Erva pálida flanqueava a estrada de ambos os lados, e podiam ouvir os grilos a cantar. Havia uma grande árvore, que estava partida ao meio. Morta há muito, algumas folhas agarravam-se aos ramos, e brotava erva da fissura do tronco. Ao lado, estava uma profunda vala.

– Que tipo? – perguntou Kate.

– Acho que se chamava Declan – disse Ade.

– E encontrou-o na sarjeta dentro do carro a caminho de Devil's Way.

– Sim. O carro estava de lado. Acho que havia água na sarjeta, nessa altura. Estava tombado para o lado direito, o que indicava que vinha em sentido contrário ao Devil's Tor quando saiu da estrada. Inicialmente, pensámos que estava morto. Estava sentado no lugar do condutor, mas encostado ao lado de dentro da porta. Ainda estava bastante escuro. Saltei para a sarjeta com uma lanterna para ver se ele estava bem.

– A que horas foi isso? – perguntou Tristan.

– Por volta das quatro e um quarto da manhã, acho eu. Sim, recebemos a chamada às quatro, e demorámos dez ou quinze minutos a chegar aqui.

– E o Declan estava bem? – indagou Tristan.

– Sim. Chateado como tudo, mas ileso. Parecia bastante irritado comigo por o ter acordado.

Kate olhou de novo para a estrada em direção a Devil's Way. O Tor não era visível daquele local.

– O que fazia ele aqui a essas horas? A Jean disse-nos que o Declan se tinha ido embora por volta das dez da noite, quando se conseguiu livrar dele – observou ela.

– O Declan disse-nos que ia a caminho do The Feathers, um *pub* da região, para uma festa privada. Nessa altura, não sabíamos que ele tinha ligação com a família do Charlie Julings, e apareceu outro carro-patrolha, por isso deixámo-lo com eles.

Kate olhou para a sarjeta e depois novamente para trás, protegendo os olhos do sol quente. O Devil's Tor ficava a poucos quilómetros, e o caminho era a direita ao virar para lá.

– O que fazia ele aqui cinco horas depois de ter deixado a Jean? – perguntou ela. – A não ser que tenha saído da estrada e passado algumas horas aqui a dormir.

– A Jean disse que ele estava podre de bêbedo. Tinha bebido quase uma garrafa inteira de uísque – disse Tristan, sacudindo a sua *T-shirt* ao calor. Kate

refletiu por um momento, após o que regressaram ao carro e prosseguiram. O calor formaVa ondas no caminho Quando Viram o Devil's Tor a erguer-se da charneca. Ade espreitou pela janela.

– Tinha-me esquecido de como é alto. Deve ter uns seis ou sete andares de altura – disse ele, semicerrando os olhos ao fitar a enorme formação rochosa. Kate estacionou o carro junto à base do Tor, sob um afloramento rochoso com sombra.

– O que viu no certo quando aqui chegou? – perguntou ela.

Ade usou o leque como viseira para cobrir os olhos. Olhou para o campo, com a grande e velha árvore. Conseguiram apenas captar um vislumbre do rio a cintilar na relva ao canto esquerdo do Tor.

– Havia aqui um carro azul estacionado, mais ou menos onde estamos, e uma tenda montada ao lado... E perto dela, a Jean e a Becky estavam a lutar na relva. O meu colega separou-as, e o outro tipo ajudou. O pai do Charlie...

– Joel – completou Kate.

– Sim, Joel. Não parecia surpreendido por elas estarem a lutar. Como se acontecesse muitas vezes.

– Que mais?

– Havia a árvore... Não consegui ver mais nada.

– Estava escuro? – perguntou Tristan. – A outra tenda estava montada debaixo da árvore.

– Não conseguíamos ver a outra tenda.

Kate olhou para Tristan.

– Todos nos disseram que ambas as tendas estavam armadas – disse Kate. Tristan pegou no telemóvel e procurou a foto desse dia, das equipas de busca e de Ade a contornar o carro de Becky Julings ao fundo do Tor.

– Olhem só para mim. Com cara de tomate e sem estilo nenhum – comentou Ade, semicerrando os olhos ao ecrã. – Reparem, estão a ver a vegetação que crescia no meio, entre a árvore e o Tor? Não dá para perceber nesta foto, mas era muito alta. Diria que me chegava à cintura. E, por causa disso, a tenda da Jean e do Charlie não era visível debaixo da árvore quando estávamos aqui.

Dirigiram-se à árvore, atravessando o que era agora um mato musgoso e rasteiro. Kate, Tristan e Ade pararam à sombra do enorme tronco, e a temperatura pareceu subitamente ter descido dez graus. Havia uma brisa muito ligeira, mas a árvore rangia ruidosamente à medida que o ar circulava entre os enormes ramos.

– Havia erva alta debaixo da árvore? – perguntou Kate.

– Acho que não – respondeu Ade, sem fôlego e apoiando-se na árvore com uma mão enquanto se abanava com a outra.

– Consegue lembrar-se de até onde a vegetação se estendia por este troço de terra?

– Era ampla. Acho que descia até ao rio do outro lado do Tor.

Kate e Tristan agacharam-se no chão, voltados para o Tor.

– Temos vindo a interrogar-nos sobre como poderia o Charlie ter-se perdido durante a noite Quando as duas tendas estaVam tão próXimas, mas não sabíamos da Vegetação – disse Kate.

– Imaginem Que só chegaVam à altura dos joelhos. Saem da tenda e deparam-se com erVa alta, à altura da cintura de um adulto. E está escuro. Seria fácil perderem-se e afastarem-se no sentido errado – obserVou Tristan.

– E ele tinha apenas três anos, por isso a mãe, o pai e a avó proVaVelmente ainda lhe pegaVam ao colo para o leVar de um lado para o outro. Durante o dia, estaVa à anca de um adulto e Via Que as duas tendas estaVam próXimas – disse Kate.

– Por isso, sai da tenda, com medo de estar sozinho. OuVe a VoZ da Jean e a de Declan e Vai em direção a ela, mas a Jean está do outro lado do Tor e ele perde-se na Vegetação alta, acabando a Vaguear junto ao rio – concluiu Tristan.

– A polícia tinha esta teoria de o Charlie se ter perdido na Vegetação? – perguntou Kate, olhando para Ade encostado à árvore.

– Não. Não me parece.

– Porque não?

Ade refletiu e tirou a pasta com as suas notas do saco. Passou um momento a folheá-las.

– Foi tudo tão rápido. Chegámos ao local e organizámos uma busca. Formou-se uma grande equipa de buscas nessa manhã. Acho Que as autoridades do Parque Nacional conseguiram trazer cá cem pessoas para ajudar a procurar. E isso durante a tarde. Têm de se lembrar de Que era nisto Que estáVamos focados. Ninguém falaVa em rapto ou em o Charlie estar morto. Todos pensáVamos Que ele se tinha afastado durante a noite e Que Voltaríamos a encontrá-lo. Além da equipa de buscas Que cá Veio, haVia muitos jornalistas e Quinze ou Vinte agentes da polícia, carros-patrulha, quatro ou cinco carrinhas grandes. Lembro-me até de um par de autocarros do Parque Nacional. Todo este movimento de pessoas entre as duas tendas rapidamente aplanou a Vegetação. – Ade abanou-se por um momento, olhando de Kate para Tristan. – Bem, raios me partam. Nunca tinha pensado nisso. Quando se começou a falar no caso de Charlie Julings como um possível rapto, já a Vegetação estaVa toda plana.

Deixaram a sombra da árvore em direção ao rio que passava junto ao Tor. O calor seco parecia-lhes pesado à medida que o Sol se ia elevando no céu.

A descoberta de que a relva costumava ser mais alta entre as tendas dava credibilidade à teoria de que Charlie se tinha desorientado e perdido. Só havia um problema: se ele tivesse caído ao rio, como iriam provar isso?

Ao passarem o Tor, seguiram pelo aglomerado de rochedos junto à base. A brisa fresca que vinha do rio e o som da água corrente eram tranquilizadores. Quando pararam à beira das margens musgosas.

– Lamento muito, meus caros, mas preciso absolutamente de me refrescar – disse Ade, tirando os tênis e as meias. – Segura-me no braço – acrescentou, para Tristan. – Não quero cair de traseiro. – Estendeu a mão e Tristan ajudou-o a descer da margem para uma rocha plana parcialmente submersa que reluzia ao sol enquanto a água a envolvia.

Tristan tirou os chinelos e entrou na água atrás de Ade. Kate não ia segui-los, mas estava transpirada, e as reações de ambos à água fria convenceram-na a mudar de ideias. Descalçou as sandálias e entrou atrás deles.

– O nível da água não parece ainda mais baixo do que quando aqui estivemos no outro dia? – perguntou ela a Tristan.

– Parece, sim.

– Lembro-me disto como uma torrente furiosa e lamacenta quando cá viemos nesse dia – disse Ade. Desceu da rocha para a água, erguendo ligeiramente o cafetã. A água só lhe chegava à barriga das pernas, e ele era alto.

– O Lewis disse-me o mesmo – observou Tristan. – Disse que, ao início da noite, tinha havido uma tempestade nas montanhas, onde há um afluente do rio Devil's Way.

Ade arqueou uma sobrancelha ante a referência a Lewis.

– Lembro-me sempre dele como um fraco projeto de polícia, bastante descuidado e arrogante – comentou.

– Deu-me este mapa – disse Tristan, erguendo-o. – E esteve no caso durante

mais tempo do que tu.

– Mas eu estive entre os primeiros a responder – contrapôs Ade, com altivez.
– O LeWis só apareceu nessa tarde.

– Mas ficou mais tempo no caso do que tu. Disseste que só estive envolvido no primeiro dia.

– E não nos esqueçamos – acrescentou solenemente Ade, apontando o seu leque a Tristan – de que o LeWis é um polícia corrupto, e não no sentido inofensivo. Vender drogas que os colegas arriscaram a vida para apreender! Não é melhor do que o Declan.

Tristan abriu a boca para dizer mais qualquer coisa.

– E estamos gratos pela sua ajuda – interveio Kate, lançando um olhar a Tristan para o fazer recuar. Queria Ade do seu lado, e podia ver que ele estava temperamental.

– Desculpa. Tens razão. E tens todas as notas do teu bloco, algo que o LeWis não foi capaz de nos dar – acrescentou Tristan.

– Obrigado – disse Ade, estendendo o braço. – Agora, ajuda-me a sair. Já estou a engulhar.

Tristan ajudou Ade e depois Kate a sair da água, após o que seguiram todos pela margem do rio em direção ao desfiladeiro. Pararam ao chegar ao ponto onde o rio virava bruscamente à esquerda. Kate cobriu os olhos com a mão e olhou para a charneca. Não estava um dia muito límpido, mas conseguia avistar Danvers Farm, a quinta que LeWis tinha referido ao longe. Ade parou e ergueu a mão.

– Esperem um minuto. Onde está a ponte? Havia ali uma ponte – disse ele, tentando de gritar para se fazer ouvir acima do rugido da água no desfiladeiro. – Uma pequena ponte pedonal de madeira.

– O quê? Ninguém disse nada sobre uma ponte – observou Kate.

– Bem, havia uma. Era bastante instável e velha, no sítio onde estão aquelas pedras. – Apontou para uma fila de alpondras que atravessava a água até ao outro lado. – Quando chegámos, a água estava tão alta que chegava mesmo até à ponte e por vezes passava por cima dela.

– O LeWis falou nalguma ponte? – perguntou Kate.

– Não – respondeu Tristan.

– Mas desenhaste um mapa?

– Não referi ponte nenhuma.

– Bem, eu não sou um ex-polícia bêbedo e corrupto, e lembro-me de que havia ali uma ponte – insistiu Ade.

Com cuidado, atravessaram o rio, passando facilmente para o outro lado com recurso à fila de alpondras. Da última vez que ali tinham estado, Kate não tinha notado que havia um pequeno córrego que saía do rio principal para a direita e descia por um talude relvado. Seguiram-no durante cerca de cem metros. À medida que o rugido do desfiladeiro esmorecia nas suas costas os arbustos começaram a tornar-se mais densos. Moscas Zumbiam ao calor. Tristan

teve de afastar a densa Vegetação para poderem continuar a seguir o curso de água, e o solo estava lamacento. Do outro lado de uma fila de arbustos, depararam-se com uma pequena clareira onde o riacho ia dar a um substancial lago estagnado. Cheirava a águas paradas, e moscas e mosquitos Zumbiam em seu redor.

– É tão lamacento... – começou Ade a dizer, mas a sua voz interrompeu-se.

Do outro lado do lago, estava uma grande e antiga árvore. Baixa e atarracada, erguia-se na margem lamacenta e parecia alastrar pela orla. Dezenas de ramos finos estendiam-se para a água. Ao longo de todos os ramos, que eram muitos, tinham sido atados pedaços de tecido colorido. Alguns estavam desbotados e rotos, enquanto outros pareciam mais recentes. Havia até trapos amarrados mesmo nas pontas dos ramos e parcialmente mergulhados na água estagnada, com o tecido molhado e cheio de algas. A árvore quase não tinha folhas e parecia estar a afundar-se sob o peso de tudo aquilo.

– Oh, meu Deus – exclamou Ade. – O que é isto?

– Chamam-lhe a Árvore das Fadas – respondeu Tristan. – Estava no mapa do Lewis. – Kate lançou-lhe um olhar de soslaio e viu que ele partilhava da sua sensação de inquietude. Havia algo de imponente na árvore.

Apesar do calor e do sol intenso, havia uma sensação de doença no ar junto àquele lago fétido. Era nauseante ao calor, e fez Kate sentir-se assustada.

Aproximaram-se mais da Árvore das Fadas, contornando a lama mole à beira do lago. Os arbustos e a Vegetação eram altos a toda a Volta, e Kate espreitou para baixo para tentar Ver a profundidade da água, mas a luz não atravessava a escuridão das algas.

Tristan tinha o telemóvel na mão e estava a ler um artigo que tinha encontrado.

– Estes panos amarrados chamam-se *clouties*. São deixados como gestos de agradecimento e respeito aos espíritos da terra e, às vezes, como preces a pedir bênçãos gerais ou auxílio específico a esses mesmos espíritos – disse ele.

Kate olhou para as centenas e centenas que pendiam de cada ramo. De perto, a árvore era avassaladora, e devia ter trinta ou quarenta metros de diâmetro.

– O pedaço de pano é mergulhado na água, encostado à parte afetada do corpo, se o doente estiver presente na altura, e amarrado à árvore. O tecido absorve então a doença e devolve-a inofensivamente aos elementos, à medida que se vai lentamente desgastando e desintegrando com o tempo.

Ao ouvir isso, Ade recuou um passo em relação à beira da água e Kate sentiu o mesmo melindre. Tristan prosseguiu.

– O amarrar destes *clouties* é um ato discreto e privado de comunhão entre os seres humanos e os espíritos locais da terra... Já vi outras árvores como estas em Dartmoor, e estão todas cobertas destes pedaços de tecido. – Ergueu o olhar. – O Lewis disse que foi aqui que os cães pisteiros encontraram o rasto do Charlie no dia em que ele desapareceu. Mas não compreendo como chegou aqui se o rio tinha subido tanto.

– A ponte – disse Kate. – O Charlie pode tê-la atravessado. Ade, a ponte tinha corrimões?

– Sim. Não era só uma prancha de madeira. Estava delimitada por um anteparo alto, mas a água estava tão agitada quando chegámos que passava por cima da ponte.

– Temos de descobrir se este lago foi dragado ou revistado pela polícia.

– Teriam os cães pisteiros conseguido detetar o Charlie, se houvesse água a correr por cima da ponte? Não teria lavado o cheiro? – perguntou Tristan.

– Não sei – respondeu Ade. Kate olhou novamente para o lago estagnado onde os mosquitos pairavam. O grilar parecia mais alto ali. Deram um salto ao ouvir um estalido por entre a vegetação. Uma idosa de aspeto desvairado, quase dobrada ao meio, surgiu por uma brecha no meio do mato. Vestia um fato de treino roto e imundo. Tinha os pés descalços cobertos de lama e o rosto queimado pelo sol. Era magra como uma vara, com uma mão nodosa apoiada num pau.

Fez-lhes um esgar, e Kate viu que lhe restavam apenas alguns dentes enegrecidos.

– Bom dia – cumprimentou Tristan. Ela olhou-o de cima a baixo, mas ignorou-os a todos e avançou através das margens lamacentas até à árvore. Pousou o seu saco e espetou o pau na lama, de modo a sustentar-se sozinho. Ao virar-se para a árvore, Kate viu que a velha senhora usava uma mochila de criança vermelha com o símbolo do Homem-Aranha. Destacava-se pelo seu ar novo, em contraste com o tecido encardido das suas roupas rasgadas. Retirou-a e, arquejando, abriu-a e tirou um pedaço de tecido. Mergulhou-o cuidadosamente numa eflorescência de algas verdes à beira do lago, despindo depois lentamente o casaco do seu fato de treino. Por baixo, a mulher usava um sujo colete preto sem mangas, e Kate ficou chocada ao ver-lhe a coluna retorcida e curvada.

Os seus ossos projetavam-se da pele em formas estranhas. Baixou-se para retirar o pedaço de pano da água e encostou-o às costas.

Subitamente, Kate teve a sensação de que estavam a invadir um momento privado.

– Venham, devíamos continuar – disse ela, apontando com a cabeça para longe da árvore. Ade e Tristan aquiesceram, e começaram a dirigir-se novamente ao riacho. Enquanto a vegetação crepitava em volta, a velha senhora fitou-os sobre as suas costas curvadas com um olhar malévolos, dirigindo-se depois à árvore para atar o pano a uma parte de um ramo.

Seguiram novamente o fio do córrego, e então, ao emergirem dos arbustos e árvores junto ao desfiladeiro, o rugido da água e uma ligeira brisa de volveram-nos à realidade. Atravessaram as alpondras e pararam junto à outra margem do rio.

– Não gostei nada daquilo. Foi como se estivessemos sob algum tipo de feitiço – disse Tristan, estremecendo. – E eu não acredito em bruxas.

Ade assentiu. Descalçou novamente os sapatos e entrou na água fresca do rio.

– De onde veio aquela mulher? – perguntou Kate, olhando para a densa vegetação. Tristan tirou o mapa do Serviço de Topografia do bolso e abriu algumas dobras.

– Há uma densa faixa de árvores e vegetação que se estende, segundo esta

escala, por cerca de quinhentos metros ou assim, e depois é charneca aberta.

Kate aproximou-se para Ver o mapa.

– Pergunto-me de onde Veio. Vêe perto daqui, tem carro? – indagou. – Venham, Vamos Voltar e falar com ela. Talvez Vêa na região. Não parecia ter carro.

– Eu fico aqui – disse Ade, acenando-lhes com o leque. Kate e Tristan Voltaram atrás, mas, Quando chegaram de novo ao lago, a idosa já não estava lá. Kate dirigiu-se à parte da Vegetação de onde ela tinha emergido e puxou o fino ramo de uma árvore para trás. Entrou na sombria penumbra de uma densa e compacta floresta de árvores e ervas daninhas. O solo era muito macio sob os seus pés, e Kate viu pegadas na lama. Adentrou-se mais na Vegetação.

Só conseguia Ver alguns metros à sua frente e, às vezes, não conseguia passar por entre os nós de ervas daninhas, ramos de árvores e raízes retorcidas.

– Kate, não se embrenhe demasiado. Pode perder-se – ouviu Tristan dizer atrás de si. Continuou por mais alguns minutos, debatendo-se. O suor escorria-lhe pelas costas e as moscas e mosquitos mordiam-lhe a pele exposta.

Para onde tinha ido a Velhota? A Vegetação inerte estava em silêncio. Kate parou e estremeceu, olhando para as suas sandálias cobertas de lama. Olhou para trás e viu que os pés de Tristan se tinham afundado na terra e que ele estava a ter dificuldades em recuperar um dos seus chinelos.

– Podemos procurar isto *online* – disse Tristan. – Vamos desaparecer na lama, se não tivermos cuidado.

Kate olhou para as profundezas sombrias do matagal.

– Vamos Voltar e ter com o Ade – respondeu.

Regressaram ao local onde Ade os aguardava, na ampla e lisa rocha acima do desfiladeiro. SuaVa copiosamente ao sol escaldante.

– Quer ir connosco ao desfiladeiro? – perguntou Kate.

– Sim. É à sombra – respondeu Ade, levantando-se. Seguiram pelo caminho pedonal que descia para o desfiladeiro, que era muito mais fresco, rodeado pelas húmidas paredes musgosas.

A sua última visita tinha sido ao crepúsculo, e via-se muito melhor à luz. Kate notou que o nível da água estava mais baixo do que na semana anterior, e calculou que o estreito caminho rochoso junto ao rio se situava uns dois ou três metros acima da água que corria mais abaixo. Chegaram ao gradeamento ao fundo, onde o caminho terminava, e a água continuava a correr. Kate levou a mão ao metal frio. Era espesso e robusto, e o cadeado ferrugento estava húmido da água que escorria das frondes de musgo mais acima.

Do outro lado da grade, as paredes do desfiladeiro formavam um amplo e liso semicírculo diante dos seus olhos, como a secção transversal de um poço profundo. A água corria para esse grande reservatório, com um jorro de espuma, e formava depois um remoinho natural que aumentava de intensidade no meio, rodopiando com força como o ralo de um enorme lavatório, após o que a água simplesmente desaparecia.

– É bastante avassalador de se ver – observou Ade, erguendo a voz acima do rugido das águas. – Uma das razões por que lhe chamam Caminho do Diabo é por o remoinho girar em sentido contrário ao dos ponteiros do relógio.

O «ralo» por onde a água desaparecia tinha meio metro de diâmetro.

– Uma criança de três anos facilmente caberia ali em baixo, e até um adulto – gritou Tristan, seguindo a linha de pensamento de Kate.

– Quando veio com a sua equipa, o rio estava vários metros mais alto? – perguntou ela a Ade. Ele anuiu. – E quanto a este caminho aqui?

– Não conseguimos descê-lo. Tivemos de ficar lá em cima. A água estava agitada aqui em baixo, e cobria o caminho – disse Ade.

– A ter caído ao desfiladeiro, poderia o Charlie ter sido arrastado por cima da grade para dentro daquele buraco?

– Sim. Mas só se tivesse flutuado. Podia ter sido sugado para debaixo de água e ter ficado preso à grade. Mas isso não aconteceu. O nível da água desceu ao fim de algumas horas e não havia cadáver.

Tristan e Ade viraram-se para voltar a subir, e Kate teve uma súbita visão de ser arrastada para a água. Agarrou-se à grade e fechou os olhos por um momento. Tinha as mãos a tremer. Respirou fundo até o pânico passar, após o que seguiu os rapazes de volta ao caminho pedonal.

O sol continuava escaldante quando saíram da sombra do desfiladeiro. Ade pediu para ser dispensado e regressou ao carro, pois o calor estava a afetá-lo. Kate e Tristan decidiram seguir a margem do rio em sentido contrário. Enquanto arrancavam sob o brilho implacável do sol ardente, Kate desejou ter levado um chapéu.

Tiveram de subir um íngreme talude rochoso, por onde seguiram o rio durante outros dez minutos. Passaram pela grande árvore ao longe e, ao fim de um par de minutos, chegaram a uma pequena cascata. Kate parou por um momento e debruçou-se para a frente. Pingava-lhe suor do nariz e sentia-se tonta.

– Sente-se bem? – perguntou Tristan.

– Estou a transpirar e não bebi nada – disse ela. Olhou para a água cristalina que jorra sobre as rochas. – Achas que é seguro beber?

– Acho que sim – respondeu Tristan. Agachou-se, recolheu alguma água na mão e bebeu. Kate ajoelhou-se ao seu lado, apanhando mãos-cheias da doce e gelida água e bebendo também. Sabia bem.

Tristan deslocou-se para jusante, entrou na corrente e, despiendo a *T-shirt*, enfiou-a na água.

– Assim está melhor – disse ele, torcendo-a e voltando a vesti-la.

Kate inclinou-se para a frente e mergulhou a cabeça. A água estava tão fria que a fez ranger os dentes. Torceu o cabelo e sentou-se na margem.

– Tem a certeza de que está bem? – perguntou Tristan.

– Não sei. Subitamente, sinto o peso da responsabilidade por encontrar o Charlie, e se ele tiver caído ao rio, nunca poderemos prová-lo.

– Referia-me a se está bem com o calor. Está muito pálida.

– Estou ótima – disse ela. – Vamos continuar.

Levantando-se, Tristan começou a subir a íngreme encosta ao lado da cascata. O calor estava a afetá-la, e Kate tinha dificuldades em acompanhá-lo. Escorregou um par de vezes, e Tristan estendeu a mão para lhe segurar o braço. Pela primeira vez em séculos, Kate sentiu a diferença de idade entre ambos.

Quando Tristan estendeu a mão para a agarrar no cimo da encosta, isso só a irritou ainda mais. Continuaram a andar enquanto o rio começava a alargar e a correr a um ritmo muito mais lento. O Devil's Way Tor era agora uma vaga bolha no horizonte.

O cabelo de Kate estava quase seco quando chegaram ao ponto onde o rio se abria para um extenso campo aberto de planícies pantanosas, com ondulantes campos de musgo e erva baixa a estender-se até às colinas ao longe. Parou para recuperar o fôlego. O sol intenso obrigava-a a semicerrar os olhos, era subitamente demasiado ofuscante. Fechou os olhos e sentiu outra vaga de tonturas. Quando os voltou a abrir, viu que Tristan tinha atravessado alguns metros de relva e saltava para cima e para baixo. A superfície relvada em seu redor ondula e, quando ele pousava, movia-se como uma gigantesca cama de água.

– É tão estranho. Parece firme, mas está tudo em movimento, como um grande bloco – disse ele, olhando para ela e sorrindo.

– Estás louco? Isso é solo pantanoso – gritou Kate, temendo por ele e irritada com a sua imaturidade. Tinha ouvido histórias de pessoas que tinham perdido o pé nos pântanos de Dartmoor e morrido afogadas. Ele saltou novamente, desta vez mais alto, e ao aterrar, a relva pareceu afundar-se numa depressão, endireitando-se em seguida. O tojo e o mato circundantes ondularam para o exterior. A dor de cabeça de Kate começava agora a latejar-lhe atrás dos olhos.

– O Lewis disse-me que as equipas de busca da polícia chegaram aqui e revistaram o pântano em busca do Charlie, mas os cães não detetaram cheiro. O rio é mais amplo aqui. Não sabemos a que altura chegava a água na noite em que o Charlie desapareceu.

Saltou novamente, o chão a ondular sob os seus pés como um grande e froxo trampolim.

– Tristan. Para! Se fores puxado para baixo, eu não vou atrás de ti.

Ele dirigiu-se a ela, abrindo caminho através da vegetação ondulante até se lhe juntar de novo em terreno mais firme.

– Tive uma visão horrível em que te afundavas no pântano e eu tinha de dizer à Sarah que estavas desaparecido. E ela não é a minha maior fã.

– Calma, está tudo bem – disse ele. Fez-se um silêncio desconfortável e ficaram os dois a olhar para o terreno pantanoso. Um grupo de aves levantou voo em direção ao Sol, crocitando enquanto atravessavam o céu.

– Achas realmente que uma criança de três anos faria todo este caminho a meio da noite? – perguntou Kate. – Estamos a andar há quase meia hora. Não bate certo. Teria de subir aquela encosta íngreme junto à cascata e, quando finalmente chegasse a este ponto, teria de atravessar a charneca. Pode ter-se perdido na erva alta em torno da tenda e ter andado aos tropeções por algum tempo, mas porque haveria de fazer todo este caminho em sentido contrário?

– E se fosse sonâmbulo? – sugeriu Tristan. A dor de cabeça de Kate acentuava-se, como se tivesse uma agulha cravada no olho. Abanou a cabeça, o que causou ainda mais dor. Tristan olhou para ela. – As pessoas, as crianças, têm crises de sonambulismo. E o Charlie saiu da tenda a meio da noite.

– Não posso voltar para a Jean e dizer-lhe que a única coisa que nos ocorreu é que o Charlie pode ter tido uma crise de sonambulismo – explodiu Kate.

– Não estou a dizer para o dizermos à Jean. – Tristan suspirou e abanou a cabeça em frustração. – Talvez devesse beber um pouco...

– O que queres dizer com isso? – perguntou Kate, com a raiva e a dor de cabeça a misturarem-se. Ele olhou-a fixamente.

– Queria dizer mais um pouco de água. Provavelmente, estamos os dois desidratados. O que achou que eu ia dizer?

– Nada. Nada. Tens razão.

– Achou que eu estava a falar em álcool?

Kate esfregou os olhos. Só queria que aquela conversa acabasse. Queria deitar-se num quarto escuro.

– Esquece. É do calor.

– Está bem. Mas só para que conste. Eu nunca...

– Eu sei. Tudo bem – disse Kate.

Ficaram os dois parados, num silêncio desconfortável. Era a primeira vez que Kate discutia com Tristan, e era uma sensação horrível. Protegendo os olhos, Tristan olhou novamente para a vastidão da charneca. Ao longe, conseguia ver a mancha nebulosa de DanVers Farm.

– Quando o Lewis falou na sua visita a DanVers Farm, perto do desfiladeiro, disse que o agricultor e a mulher estavam nervosos. E se viram alguma coisa? É algo mais concreto do que a minha teoria do sonambulismo.

Kate fechou os olhos contra o sol e respirou fundo.

– Sim. É algo que devíamos investigar.

– Venha, vamos voltar para o carro – disse Tristan, afastando-se. Percorreram o caminho de regresso num silêncio pétreo, sob o escaldante calor do meio-dia. Pararam para beber na cascata, e ela viu que Tristan queria ajudá-la a descer a encosta, mas Kate apoiou-se nos calcanhares e deslizou para não tropeçar. Sentia-se agora pessimamente. A água fresca tinha sido revigorante, mas bebera tanta que a sentia chocalhar no estômago e causava-lhe náuseas.

Sentiu-se aliviada ao aproximarem-se do Devil's Way Tor e do carro. Conseguia ver Ade sentado no para-choques, sob um dos guarda-chuvas da sua bagageira. Tristan ia alguns metros à frente quando, de repente, Kate se sentiu gelada e zozza, como se estivesse prestes a desmaiar. Enquanto se deixava cair de joelhos na relva, Ade reparou nela, levantou-se do para-choques e aproximou-se a correr. Tristan virou-se no momento em que Kate colapsava e, com um revólver de estômago, vomitava na relva.

Desculpe se estiver frio – disse o seu médico de família, o Dr. John Boucher. Kate estava deitada na marquesa do seu consultório enquanto ele lhe auscultava o peito com o seu estetoscópio. Retraiu-se ao sentir o toque do metal frio no esterno.

– Obrigada por me receber tão depressa – disse ela.

– Felizmente, está a ser uma tarde invulgarmente tranqüila no consultório.

O seu consultório em Ashdean era calmo e tranqüilo, e tinha um tapete *Axminster* no chão por baixo da secretária, o que suavizava o espaço. Observou-lhe o rosto enquanto o relógio tiquetaqueava no silêncio.

– Inspire fundo. E expire. – Auscultou-a por mais um momento e depois retirou o estetoscópio dos ouvidos e pendurou-o aos ombros. – Pode voltar a vestir a camisola.

John empurrou a cadeira de volta para a secretária. Kate sentou-se e vestiu a *T-shirt*, ainda húmida de suor. Tristan tinha-lhe dado uma das suas bebidas desportivas de reidratação para ir bebendo enquanto fazia a viagem de regresso a Ashdean, e começava já a sentir-se melhor.

– Acho que fiquei apenas desidratada com este calor – disse ela. – Passei o dia inteiro na charneca e esqueci-me de beber.

– Ainda há pouco teve alta do hospital. Tem uma infeção respiratória do trato superior. É um efeito secundário da água do mar nos seus pulmões. Como está a sua respiração?

– Sinto o peito pesado – disse Kate. Ele consultou novamente as suas notas.

– Teve alta do hospital...

– Há uma semana.

Ele arqueou uma sobrancelha.

– E está de volta ao trabalho? – Kate anuiu. – Devia estar de baixa.

– Preciso de trabalhar. Tenho um novo caso.

Ele ergueu o olhar das suas notas.

– E quanto às reuniões dos Alcoólicos Anónimos? Faltou às últimas duas.

John também era membro dos Alcoólicos Anónimos, e há já vários anos que

freqüentavam as mesmas reuniões de quinta-feira à noite no Salão do Reino em Ashdean. Tinha também sido o médico de Myra, a amiga de Kate.

– EstaVa no hospital – respondeu Kate, ouvindo a fragilidade da sua desculpa.

Viu como ele folheava o seu processo clínico. Era a primeira VeZ em alguns anos que visitaVa John como seu médico de família. Vê-lo com a sua bata de médico parecia-lhe um pouco estranho. Suspirando, John espreitou por cima dos óculos para o ecrã do computador.

– Muito bem. Vou passar-lhe um antibiótico diferente. A eritromicina pode ser a razão para os seus problemas de estômago e da falta de apetite.

– Sim. Perdi algum peso, e já não tinha assim tanto a mais para começar.

– Este novo antibiótico é bastante mais simpático para o estômago. – Começou a digitar, e a impressora Zuniu e cuspiu a receita. Ele assinou-a e fez menção de lhe entregar. Kate levantou-se. Ele pousou novamente a receita na secretária. – Não deixe de ir às reuniões. É difícil, eu sei. Muitas vezes, apetece-me ficar em casa, mas não é bom se começarmos a faltar.

– Eu sei tudo isso. Eu sei – disse Kate.

John olhou para o relógio.

– Tenho dez minutos até ao meu próximo paciente. Gostaria de ter uma reunião?

Kate ficou surpreendida.

– Agora?

– Sim. A nossa consulta terminou. Sou padrinho de alguns rapazes, e às vezes fazemos reuniões de emergência. – Não esperou que ela respondesse. – Olá, sou o John. Sou alcoólico e tóxicodependente. Passaram dezassete anos desde a última vez que consumi.

Kate olhou para a receita assinada em cima da secretária. Queria pegar nela e sair, mas sentou-se novamente na beira da marquesa. Kate e Myra tinham feito reuniões individuais no passado, e já tinha ouvido John falar sobre a sua luta contra o álcool e os fármacos.

– Está bem – disse ela. – Olá. Sou a Kate, e sou alcoólica. Passaram treze anos desde a minha última bebida.

John assentiu.

– Isso é impressionante. Como se sente a esse respeito? – perguntou ele.

– Neste momento, pergunto-me se vale a pena.

– Muito bem. Porquê?

– Desde o acidente que o álcool não tem estado no meu pensamento. Aliás, não, isso não é verdade. Estive tão perto de preparar um grogue, para *efeitos medicinais*. Está descrito no meu processo clínico, o meu acidente?

Ele abanou a cabeça.

– Não estou aqui como seu médico de família, Kate.

Ela assentiu, bebeu outro gole da bebida energética e tentou organizar os seus pensamentos.

– Todas as manhãs nado no mar. Comecei a fazê-lo para combater a depressão, e adoro. Particularmente no inverno, a água fria e a sensação de otimismo no fim. Na semana passada, desci à praia, como faço todos os dias, mas não estava a prestar atenção e esbarrei numa corrente de retorno. Quase me afoguei e fui resgatada por dois surfistas. É embaraçoso. E agora... tenho medo de voltar à água. – Kate sentiu lágrimas nos olhos e limpou-as. – É claro que não posso voltar ao mar enquanto me sentir assim. Tenho esta infeção...

John aquiesceu e ouviu.

– ...nadar no mar faz parte do meu dia a dia. É a minha rotina. De certo modo, baseio o resto do meu dia nisso, se é que faz sentido. Limpa-me a mente. Faz-me sentir bem por estar viva. Comecei logo quando fiquei sóbria e me mudei para aqui. Mudei-me para me manter sóbria e viva, para poder recuperar a guarda do meu filho, Jake... Mas agora ele é adulto. Está na América, a estudar na universidade, é independente, o que é bom. Perdi a custódia quando ele tinha seis anos. Foi viver com a minha mãe em Whitstable quando eu... não estava capaz, e quando recuperei, já ele tinha quase oito anos e amigos na escola em Whitstable, tinha um cão, o seu próprio quarto, e acabara de passar por uma fase de terrores noturnos que acho que foram causados por mim. Era feliz ali, com os meus pais. Não quis quebrar isso. Passei tanto tempo a esforçar-me por me manter sóbria para ele poder passar comigo as férias escolares e o Natal, e aos dezasseis anos, veio viver comigo a tempo inteiro, o que foi ótimo, mas esses dois anos passaram tão depressa. E agora partiu outra vez, está a estudar na Califórnia. Era suposto voltar no verão, mas vai ficar lá e provavelmente não o volto a ver até ao Natal.

Kate limpou os olhos às costas da mão.

– Quando estava no hospital, conheci uma mulher cujo neto desapareceu, e acabámos por aceitar o seu caso. E este caso está realmente a assombrar-me. Assombra-me que, quanto mais descobrimos sobre o rapazinho, Charlie, menos sabemos. É complicado, e mexe-me com os nervos. Houve uma assistente social envolvida, o que me fez lembrar a altura em que havia assistentes sociais a implicar comigo e com a minha capacidade de cuidar do Jake... Sempre pensei que tinha corrigido as coisas com o Jake, mas agora temo não ter tido oportunidades suficientes, e não paro de pensar no Charlie. Quero corrigir as coisas, mas não sei como. Temo que este caso vá ficar por resolver. Que nunca descobramos o que lhe aconteceu.

Com um suspiro, Kate terminou. Sabia bem falar com alguém que se limitava a ouvir, e era esse mesmo o cerne das reuniões dos Alcoólicos Anónimos. Ouvir.

– Não posso resolver nenhum dos seus problemas, Kate – disse John. – Mas sabe que beber não irá ajudar em nada.

– Eu não quero beber.

– Ótimo, mas não deixe que tudo isto a sobrecarregue ao ponto de acabar por querer fazê-lo.

– Obrigada.

– Ah... e pondo novamente o meu chapéu de médico, posso recomendar chapinhar – concluiu ele, entregando-lhe a receita. – Mesmo que não possa nadar, pode entrar na água. Talvez a ajude a recuperar o hábito.

Era já fim de tarde quando deixaram Kate no consultório do médico. Ade e Tristan dirigiram-se ao The Blue Boar, um *pub* que ficava na rua principal de Ashdean, ali perto. Estavam esfomeados, por isso pediram ambos um caril e uma cerveja que rapidamente devoraram.

– Sinto que a Kate está irritada comigo – disse Tristan.

– Acho que ainda está fragilizada do acidente – contrapôs Ade, varrendo delicadamente com o seu pão *naan* os restos do molho de caril. – Está muito pálida, pobrezinha. É preciso ter muito cuidado para não desidratar.

– Não estavas lá quando estávamos na charneca. Fui estúpido.

– O que fizeste? – perguntou Ade.

– Pus-me a saltar para cima e para baixo noântano.

– Que é exatamente o que um adolescente estúpido faria. Sabes quantas pessoas são puxadas pelos terrenos pantanosos de Dartmoor? É perigoso.

– Mantive-me junto à orla.

– Tal como um adolescente irresponsável diria.

Tristan suspirou e olhou para Ade, ainda a limpar o prato com o pedaço de *naan*.

– Vais apagar o padrão desse prato. Porque não pedes simplesmente outro caril?

– Não. Não posso comer mais – disse Ade, afastando o prato.

– Acabo de te ver comer todo o meu pão *naan*, além do teu.

– Digo-te uma coisa, Tris. *Bhuna* de camarão é a minha criptonite. Uma vez, comi quatro de uma assentada. Dito isto, as doses mal davam para encher a coxa de um dente – acrescentou ele, lançando um olhar venenoso ao balcão, onde Len, o eternamente miserável proprietário, estava a limpar copos.

Tristan olhou taciturnamente para o resto da sua cerveja.

– Temos um negócio juntos. E sinto que a Kate está a excluir-me das coisas. Fez montes de pesquisas na Internet, no outro dia, e era suposto partilhar tudo comigo, mas não o fez. – Pegou no telemóvel. – E eu pedi-lhe para me enviar

uma mensagem quando acabasse, a dizer se estava tudo bem. Nada.

– Pode ainda estar no consultório do médico, e é uma mulher complicada, Tris. Pensa em tudo o que passou na Vida. Deve ter problemas de confiança. Anda a sair com alguém?

– Não sei. A Kate nunca fala desse lado da sua Vida. Mas não creio que ande.

– E o Vosso negócio ainda mal começou. Estás a passar de ser o assistente de investigação da Kate na universidade a ser seu sócio e igual na agência. Pensa nisso por um momento. Foram ambos hoje para a charneca para tentar reconstituir os passos do Charlie. Este rapazinho pode ter-se afastado e perdido na charneca ou ter-se desviado para o pântano. Precisas realmente de te pôr aos saltos nele como se estivesses num trampolim?

– Não – respondeu Tristan, sentindo-se desconfortável.

– Exato. É disto que tens de te lembrar, são detetives privados. Juraram cumprir o Vosso dever e corrigir erros. E não te esqueças, a Kate foi polícia em Londres. Pode ter perdido colegas na linha da frente. Provavelmente, viu colegas morrer. Eu sei que vi.

Tristan esfregou o rosto com as mãos.

– Céus, sou um idiota – disse.

– Não te martirizes. Todos cometemos erros tolos. Na verdade, estou prestes a cometer um agora. Len – gritou, virando-se para o balcão –, traz-nos outra *bbuna* de camarão, três paparis e um pão *naan*. – Virou-se novamente para Tristan. – O que foi? Eu disse-te que as doses eram minúsculas.

– Queres *chutney* de manga? – gritou Len.

– Sim, mas desta vez certifica-te de que esta molheira está cheia até à borda! – Ade agitou o recipiente vazio do *chutney* de manga no ar. Len murmurou qualquer coisa e desapareceu pela porta atrás do balcão. – Vi-o no armazém grossista a comprar aquele *chutney* de manga em frascos enormes. O mínimo que pode fazer é dar-nos uma porção adequada.

– Talvez eu seja demasiado imaturo. Talvez ainda não esteja pronto para tudo isto – disse Tristan.

– Fizeste aqueles cursos de formação para detetives privados?

– Um mês num velho politécnico. Os polícias treinam durante anos – respondeu Tristan, com um suspiro.

– Para com isso, vá – disse Ade. – Fazes ideia de quantos não matariam pela tua oportunidade? Seria bastante deplorável se desistisses e atirasses a toalha ao chão. E por quê? Por uma discussão tola. Começaste como empregado de limpeza na universidade, e foi a Kate que viu algo em ti. Agora recompõe-te. Queres outra cerveja?

Tristan olhou para o telemóvel.

– A Kate acaba de me enviar uma mensagem. Diz que vai tirar alguns dias e depois liga-me. Mais nada.

– Vês? Isso é bom. Acho que ela só precisa de descansar, de ter tempo para recuperar. Ficou muito pálida na charneca... Isso é um sim a outra cerveja?

– Está bem, pronto – assentiu Tristan. Ade pegou na sua bolsa e dirigiu-se ao balcão. Tristan olhou melancolicamente para a *jukebox* com as suas luzes rodopiantes. Recebeu outra mensagem e, por um momento, esperou que fosse Kate com algo mais pessoal, mas era a sua irmã, Sarah, a perguntar se ela e Leo podiam ficar mais uma noite no apartamento. Aparentemente, a sua casa ainda tresandava a tinta.

Ade regressou passados alguns minutos com as bebidas.

– Obrigado por teres ido connosco hoje – disse Tristan.

– Sem problema. Soube-me bem fazer trabalho de detetive. – Bebeu um gole da sua cerveja.

– O que achas que aconteceu ao Charlie?

– Para ser sincero, não faço ideia. O mais lógico seria o Charlie ter caído ao rio, mas, ao fim de quinze anos na polícia, às vezes a lógica cai por terra. Não acreditarias nalguns dos casos em que trabalhei e nas coisas estranhas e absurdas que aconteceram.



Eram nove da noite quando Tristan saiu do bar e se dirigiu a casa, e sentia-se um pouco melhor depois de alguns copos com Ade. Só ao chegar à cozinha e abrir a torneira é que se lembrou da mensagem de Sarah. A água chiou nos canos. Esperou pelo som dos gritos de Leo, mas felizmente a casa estava em silêncio. Esgueirou-se para o seu quarto no andar de cima, com os degraus a ranger. Uma luz colorida brincava no teto do patamar e, ao virar das escadas, a porta do quarto de hóspedes estava aberta. Sarah estava deitada na cama, a dormir profundamente de boca aberta. Leo estava sentado ao seu lado, segurando um bloco de plástico. Olhou para Tristan por um momento, com os seus olhos grandes e fofos, e depois fez menção de enfiar o bloco na boca aberta de Sarah.

– Não, não, não – sussurrou Tristan, entrando apressadamente e erguendo-o da cama. Tirou o bloco da pequena mão de Leo e pô-lo novamente na caixa dos brinquedos.

Sarah mudou de posição e continuou a risonar. Ele cobriu-a com uma manta e levou Leo para o seu quarto.

– Ora bem. Porque não te aninhas aqui comigo um bocadinho, para te podermos pôr a dormir? – disse Tristan. Encostou Leo às almofadas da sua cama e preparou-se rapidamente para se ir deitar. Enfiou-se ao lado de Leo, que o fitava com os seus grandes olhos azuis.

Leo estendeu a mão e tocou na águia tatuada no peito de Tristan.

– Porque não consegues dormir? – indagou. Adotou uma posição confortável, com Leo deitado na curva do seu braço.

Tristan abriu o Google Maps no telemóvel e olhou para o desfiladeiro de Devil's Way. Movendo os dedos, viu que, se ampliasse a imagem, conseguia distinguir os ramos desfocados da Árvore das Fadas e os trapos coloridos que adornavam os seus ramos. Lembrou-se da velhota com as costas mirradas e

torcidas. Reduziu a imagem e viu que toda a área estava coberta de densa vegetação e árvores, espalhando-se por mais de quilómetro e meio em direção à estrada que subia para o Devil's Tor e a charneca aberta. Enquanto reduzia ainda mais a imagem, Tristan viu um ponto no mapa com o nome danvers Farm e algumas informações de contacto. Leo dormia agora profundamente encostado ao seu ombro esquerdo, ressonando baixinho. Os olhos de Tristan começaram a fechar-se, e ele mergulhou num sono inquieto em que tentava encontrar Leo por entre a densa vegetação. Irrompeu na clareira e a velha senhora com as costas curvadas e retorcidas embalava-o nos seus braços.

Passou uma semana, e Kate esforçou-se ao máximo por melhorar. EstaVa impressionada pelo facto de Tristan se ter chegado à frente e assumido a responsabilidade pela agência e pelo parque de caraVanas. Tinha-lhe enViado um par de mensagens durante a semana, para Ver como estaVa, e disse também que tinha entrado em contacto com a prisão de EXeter para pedir para Ver o processo de Declan Connoly, mas, fora isso, tinha-a deixado sossegada. Ao acordar, na segunda-feira de manhã, Kate sentiu pela primeira VeZ que estaVa de Volta ao seu Velho eu. Ou quase. Ficou na cama por um momento e soube que tinha de tentar nadar.

Saiu das dunas com o coração a acelerar-lhe no peito. A areia tornou-se húmida e sólida à medida que aVançava em direção à beira da água. A praia estaVa VaZia, e as ondas pareciam enormes, embora estiVesse habituada a maiores. A primeira onda rebentou a alguns metros de onde ela tinha parado para pôr os óculos, e a espuma chegou-lhe aos joelhos. Kate baixou as mãos e sentiu o puXão enquanto a água recuava, deixando-a na areia molhada e em movimento, com alguns fios de algas Verdes entre os dedos. Respirou fundo. Era apenas água.

As palaVras de John Voltaram-lhe ao pensamento. *Pode simplesmente chapinhar.* Subitamente, sentiu a garganta seca e, engolindo em seco, olhou em Volta. A praia estaVa completamente VaZia. Seria isso bom? E se se metesse outra VeZ em apuros? Não, era ridículo. Kate era uma boa nadadora. Deu um passo em frente, seguido de outros dois. Surgiu outra onda, maior do que a anterior, subindo-lhe até às ancas e dando-lhe um abanão. Kate cerrou os dentes e firmou os braços e as ancas, pressionando o seu peso contra a areia enquanto se dirigia à água. E então, outra onda inVestiu na sua direção, e Kate mergulhou nela. A água enVolveu-a e ela começou a nadar, batendo Vigorosamente as pernas. Sentia-se ágil e rápida, como uma flecha a cortar a espuma sob a rebentaçãO. Conseguia Ver até onde a areia descia rapidamente para uma penumbra rochosa. O rugido da água ia e Vinha enquanto ela fendia a

superfície a cada quatro braçadas para respirar. Kate nadou, o seu corpo avançando em direção ao horizonte, e sentiu a liberdade por que ansiara ao longo das últimas semanas. Estava longe, movendo-se contra as vagas que investiam em direção à praia. Abrandou e deixou-se flutuar de costas, subindo e descendo com as ondas. Sentiu os dedos quentes dos raios de sol, à medida que irrompiam do horizonte, e subitamente sentiu o seu gosto pela vida regressar. Olhou para a sua casa e para o seu escritório, empoleirados no topo da falésia rochosa. Correntes frias e quentes moviam-se de ambos os lados do seu corpo. Aquela era a sua vida, a vida que Kate queria levar, e fora arduamente conquistada. Não havia nem mais um momento a perder com inseguranças ou tristezas.

Com dois fortes impulsos, Kate começou a nadar de volta. O sol aquecia-lhe a cabeça e, à medida que se aproximava da praia, cavalgou as vagas crescentes, sentindo o coração a palpar e a vibração da água salgada na sua pele. Uma onda ergueu-se nas suas costas e Kate apanhou-a ao rebentar, rodando os pés sob o corpo, arrastando-os ao longo do fundo arenoso, sentindo a euforia de cavalgar uma onda até a areia estar firme e saibrosa sob os seus pés e ela estar novamente a salvo em terra firme.



Ao chegar ao escritório, Tristan ficou surpreendido ao ver Kate à sua secretária. Estava a beber café e parecia-se mais com o seu velho eu. Ainda tinha o cabelo molhado e as faces rosadas do mar.

– Bom dia. Como está? – perguntou ele. Ainda se sentia envergonhado depois da discussão de ambos.

– Muito melhor. Sono, antibióticos, muitas tostas com queijo, um mergulho e uma reunião dos Alcoólicos Anónimos parecem fazer maravilhas.

– Está finalmente a revelar os seus segredos de beleza? – perguntou Tristan. Kate riu-se.

– Sim. E também te devo um pedido de desculpas.

– Não deve nada.

– Devo, sim. Estava doente e a sentir-me estranha, e não devia ter descarregado em ti. És meu colega e, espero eu, meu amigo.

– É claro. Sinto que estava a ser imaturo com tudo aquilo de saltar no pântano. Estávamos a trabalhar.

– Tris. Está tudo bem. Podemos seguir em frente?

– Sim – respondeu ele, sentindo um enorme alívio.

– Ótimo. Agora, vou preparar-te um belo café e podes pôr-me a par do que tem estado a acontecer.

– Foi uma semana tranquila relativamente ao caso Charlie Julings. Mas duas das caravanas estavam em mau estado quando fizemos a troca. Duas janelas quebradas, uma cama partida, e alguém tentou despejar uma fralda numa das sanitas.

– *Blher.*

– Está tudo resolvido, e ontem à noite recebemos uma enxurrada de *emails*. O Joel regressou das férias e quer encontrar-se connosco amanhã à tarde.

– Muito bem, certo. Obrigada por te chegares à frente e tratares de tudo.

– Sem problemas, é para isso que estamos no negócio – disse Tristan, sentindo um certo orgulho face ao elogio. – Também tivemos notícias da Maureen Cook, a senhora que gere o grupo de escrita e era amiga da Anna Treadwell. Teria todo o gosto em receber-nos esta tarde. – Tristan hesitou, sem saber se Kate estava agora totalmente de regresso ao trabalho. – Posso ir sozinho.

– Não, não. Vamos os dois vê-la – disse Kate.

– Está bem. Recebemos também uma mensagem de um homem chamado Bernard Crenshaw.

– Sim! Passei esta semana a enviar-lhe mensagens. Não tive oportunidade de te dizer das fotografias do local do crime que encontrei na semana passada. Descobri que o Bernard tinha sido o fotógrafo do local do crime porque se vê o seu reflexo num espelho numa das fotos.

Tristan ouviu enquanto Kate o punha a par das fotografias do local do crime que tinha encontrado no Reddit, abrindo-as no seu *iPad*. Percorreu-as e sentiu-se doente ao ver o primeiro plano da cabeça e do pescoço destruídos de Anna. Havia também uma foto do martelo de garra que tinha sido encontrado no jardim.

– Enviei algumas mensagens ao Bernard via Facebook. Pensei que estava a ignorar-me. Também incluí o nosso *site*. Talvez isso tenha ajudado.

– O que lhe quer perguntar?

– Dá para ver, pelas fotos do local do crime, que o conteúdo da bolsa da Anna, ou de um saco, está espalhado pelo chão. Há um velho telemóvel e um grosso caderno que parece cheio de papéis. Tem um grande elástico à volta para manter tudo dentro.

– Acha que ele viu o conteúdo?

– Não. Quando aquele quarto se tornou o local de um crime, tudo no seu interior se tornou uma prova. Preciso de arranjar maneira de entrar, de descobrir se essas coisas, o caderno, que pode conter informações sobre o seu trabalho nos meses anteriores à sua morte, e o telemóvel, ainda estão no depósito da polícia – explicou Kate.

– Pode ter aparecido alguém para reclamar os pertences da Anna? Já passaram quase dez anos desde que foi assassinada – observou Tristan.

– O caso ainda deve estar aberto. A polícia não apanhou o responsável, por isso as provas ainda devem estar em sua posse. – Kate tinha os *emails* do trabalho abertos, e viu a resposta de Bernard. – Diz que está por cá toda a semana, em Taunton. E se fôssemos lá agora?

– Claro – assentiu Tristan.

– Muito bem – disse Kate. – Vamos a Taunton e depois, esta tarde, podemos fazer uma visita à Maureen Cook.

Tristan agarrou na bolsa e nas chaves, feliz por as coisas estarem novamente bem com Kate.

Bernard Crenshaw ofereceu-se para se encontrar com eles num café em frente à sua casa em Taunton. Kate tinha-lhe apenas dado a informação de que era uma detetive privada a trabalhar num antigo caso de homicídio que talvez lhe pudesse interessar. As suas respostas tinham sido concisas e diretas.

Chegaram à cafetaria mesmo antes das dez horas e pediram café com leite. Tinham acabado de encontrar um lugar, duas cadeiras junto à montra, quando Kate viu que a porta da entrada de uma casa geminada em frente se abria, deixando sair Bernard, com uns calções e uma fina camisola de lã.

– Ele não sabe quem somos – disse Tristan.

– E não temos o número de telefone dele – acrescentou Kate.

A cafetaria estava bastante concorrida e Bernard juntou-se à fila, perscrutando o menu das bebidas na parede acima. Era um homem de meia-idade, de sessenta e poucos anos, bastante vivaz, mas magro. Bernard fez o seu pedido, mas não olhou para a cafetaria nem pegou no telemóvel. Esperou ao fundo do balcão, de costas para eles.

– Vou falar com ele – disse Kate. Interrogava-se muitas vezes sobre se seria mais fácil apresentar-se como detetive privada num país como a América, onde as pessoas levavam a sério o conceito de investigador privado. No Reino Unido, o contacto social com um estranho era muito mais complexo. Na realidade, era tudo uma questão de subtilidade. Bernard formaria um julgamento instantâneo sobre si com base na sua classe, no seu sexo, em se era reservada ou cordial, sexualmente desejável ou para lá disso. Kate sabia que tinha de gerir a situação da forma certa.

Alisando a sua blusa, Kate levantou-se da mesa, pondo a bolsa ao ombro. Ao aproximar-se dele, viu que não estava absorto no seu telemóvel, como os outros clientes que esperavam pelos seus cafés. Olhava pela montra, embrenhado em pensamentos.

– Bom dia. Senhor Crenshaw? – perguntou ela, sorrindo. Era alto e usava óculos bifocais. Kate notou que ele tinha de baixar o queixo para o peito para a

litar por cima das lentes. – Chamo-me Kate Marshall. Sou detetive privada...
ex-agente da Polícia Metropolitana. Era inspetora. Temos vindo a trocar mensagens.

– Como está? – perguntou ele, estendendo-lhe a mão. Kate apertou-lha. O seu pedido chegou e ele recebeu o copo do barista.

Dirigiu-se ao balcão do leite e do açúcar, e Kate seguiu-o.

– E o que posso fazer por si? – indagou ele, pegando num pacote de açúcar e num dos pequenos paus de madeira.

– Trabalho para uma mulher cujo neto desapareceu.

– Não lido com desaparecimentos – disse ele, vertendo o açúcar e mexendo vigorosamente o café.

– Mas esteve no local do homicídio da assistente social que estava a investigar a família.

Bernard hesitou e pôs novamente a tampa no seu copo, e Kate soube que lhe tinha despertado o interesse.

– Não sou polícia. Sou fotógrafo forense. Não posso mostrar-lhe fotografias. Seja do que for.

– Não precisa. Encontrei as fotos que tirou ao local do crime publicadas online.

Ele virou-se para ela, aparentemente irritado.

– A sério? Que diabo. Quem foi?

– Não sei quem as publicou na Internet. Estavam numa publicação do Reddit.

– Não, a vítima. Quem foi? E onde?

Kate falou em voz baixa, tentando não ser demasiado gráfica na sua explicação enquanto os clientes circulavam à sua volta. Ele ouviu-a por um momento e pareceu bastante impressionado.

– Tem uma agência em Ashdean?

– Sim.

– Acho que já ouvi falar em si... – Subitamente, pareceu ocorrer-lhe, e fitou-a novamente através das suas lentes bifocais. – Sim. O Canibal de Nine Elms? Foi consigo?

– Foi, sim – confirmou Kate. Viu pelo choque que lhe atravessou o rosto que ele conhecia o seu passado.

– Tenho todo o gosto em falar consigo, mas não sei muito bem em que posso ajudar – disse Bernard.

– Se conseguir lembrar-se de seja o que for, já seria benéfico. O meu sócio está ali – acrescentou Kate, indicando Tristan. – Podemos sentar-nos por um momento? – perguntou, apontando as poltronas ao canto.



– Não está aqui todo o material fotográfico desse local do crime específico – disse Bernard, uma vez sentado diante de Kate e Tristan. Segurava o iPad de Kate com as fotos do local do crime que ela tinha encontrado no Reddit. –

Fotografei o percurso que os atacantes seguiram para sair da casa. Quem quer que o tenha feito levou o martelo escadas abaixo, deixando um rasto de sangue, osso e massa cerebral. E, claro, pegadas.

– Acha que foram duas pessoas a realizar o ataque e o homicídio? – perguntou Tristan.

– Sim. Havia dois conjuntos de pegadas. Se bem me lembro, pensámos que podia ter sido um homem e uma mulher. Havia uma pegada maior, que se descobriu ser de um ténis de tamanho de homem. A outra pegada que recolhemos era de uma marca de ténis de senhora, que nunca pensei que pudesse ser tão específica.

– O vizinho disse-nos que encontraram impressões digitais – disse Kate. – Disse que deu voluntariamente as suas para o excluir das investigações.

– Não me lembro disso. – Bernard recostou-se na cadeira e cruzou os braços, encostando o queixo ao peito, pensando no que dizer a seguir. – Este caso marcou-me. A brutalidade. E era uma casa estranha. Lembro-me de os agentes no local andarem à procura de crianças. Havia um quarto de criança, cheio de brinquedos e fraldas e um berço com um móvel por cima. Temiam que os filhos da mulher também tivessem sido atacados, mas não havia nenhuns. E depois, durante a autópsia, foram ver se ela estava grávida, mas não estava.

– Era mãe de acolhimento – disse Kate. Bernard semicerrou os olhos.

– Não, não era – contrapôs ele. – Anna Treadwell tinha sido recusada duas vezes como mãe de acolhimento. Foi isso que me ficou na memória.

Kate ficou chocada.

– Sabe por que motivo foi recusada? – perguntou. Bernard abanou a cabeça.

– Não. E isto é mais uma observação pessoal. Aquela casa ficava ao fundo do beco. Era uma posição tão estranha e solitária. Davam-me arrepios. – Encolheu os ombros. – É só a minha opinião.

– Lembra-se bem do vizinho? – perguntou Tristan.

– Não propriamente. Era um pouco solitário. Estava abalado. Tinha encontrado o corpo, e era dos que vomitam. Tivemos de lidar com isso no local, o que foi mais uma camada de aborrecimentos.

Kate viu Tristan franzir o nariz e afastar o resto do seu café.

– Há mais alguma coisa de que se consiga lembrar? – perguntou ela.

Ele pensou por um momento.

– Bem, sim. A polícia no local interrogou-se sobre se a Anna conhecia o seu atacante, ou talvez devesse dizer atacantes. Parecia tê-los deixado entrar. A casa estava trancada, e até ligaram o alarme ao sair. O alarme estava ativado quando o vizinho entrou.

Ficaram em silêncio por um momento, absortos em pensamentos. Tristan olhou para Kate quando o silêncio se prolongou.

– Ajudaria realmente a nossa investigação se pudéssemos aceder às provas recolhidas no local – disse ela. Bernard endireitou-se na cadeira.

– Muito bem – assentiu ele, olhando de Kate para Tristan. – A Vossa agência

alguma vez foi contratada para algum trabalho privado pelos departamentos do governo?

– Sim! – confirmou Tristan, entusiasmado. – Sim – repetiu, num tom ligeiramente menos agudo.

– Fizemos alguns trabalhos para o fundo do Serviço Nacional de Saúde de Devon e da Cornualha – disse Kate. – A investigar suspeitos de abuso de subsídios de invalidez. Também trabalhamos para o município de Exeter, na investigação a um funcionário que era suspeito de fraude.

– Muito bem. Certo, certo. Quer dizer então que a Kate e o seu sócio têm todas as verificações em ordem? Antecedentes, crédito, registo criminal...

Kate olhou para Tristan, instando-o a não dizer nada. Ele não tinha feito essas verificações.

– Sim – respondeu.

– Muito bem, então. Esta é a minha colega na polícia de Exeter – disse Bernard, agarrando no bloco de notas e na caneta de Kate. Escreveu um nome, um endereço de *email* e um número de telefone. Tinha uma caligrafia fluida e precisa. – Se puderem esperar até esta tarde agradecia, quero ligar-lhe primeiro e dizer-lhe o que procuram. Não posso garantir nada, claro, será ela a decidir.

– Obrigada – disse Kate, olhando de relance para o nome, grata por ter conseguido os contratos com as autoridades públicas no passado. Podiam ter parecido desinteressantes, mas a polícia e as autoridades começavam a trabalhar cada vez mais com agências de detetives privados para fazer trabalho externo.

Bernard fez deslizar o bloco de notas sobre a mesa.

– A Kate é ex-agente da Polícia Metropolitana. E quanto a si, Tristan?

Tristan hesitou.

– Fez alguns cursos de formação, e tenho estado a treiná-lo. Também trabalhou durante quatro anos como meu assistente de investigação.

– Fantástico – disse ele, batendo nas pernas com um ar de finalidade e elevando-se.

– Mais uma vez, obrigado – disse Tristan, enquanto trocavam apertos de mão.

– Não me agradeça ainda. Não posso prometer que vos deixem sequer chegar perto do depósito de provas, mas é um caso antigo, e talvez as altas patentes vejam isto como uma oportunidade de ficar com os louros se descobrirem alguma coisa.

– Só quero ver os objetos pessoais da vítima. Tudo o que descobrir será entregue.

Bernard ergueu as mãos.

– Não precisa de me convencer – disse ele. – Estou só a dizer-lhe como as coisas são.

Algum dos dois é alérgico a frutos secos ou marisco? – perguntou Maureen Cook, estendendo um tabuleiro prateado de três andares com pequenas sanduíches triangulares.

– Não – respondeu Kate. Tirou um par de sanduíches de pepino e pô-las na base do seu prato de porcelana. Tristan abanou a cabeça e tirou uma sanduíche de salmão fumado.

– Não seja tímido, um rapaz tão bem constituído – disse Maureen, aproximando mais o tabuleiro de Tristan. Ele sorriu e tirou mais um par de triângulos impecavelmente cortados. – Oh, esqueci-me do jarro do leite – acrescentou ela, e dirigiu-se à cozinha.

Kate olhou para Tristan, que parecia igualmente perplexo. Maureen Cook vivia numa casa com telhado de colmo nos arredores de Cranborough. Estava muito calor lá dentro, e a garrida sala de estar tinha seis armários com portas de vidro, todos repletos de serviços de chá e estatuetas em porcelana. Era a única residência privada em que Kate tinha entrado, exceção feita às embaixadas, com um retrato da rainha na parede.

Quando Maureen os convidara para uma chávena de chá, Kate e Tristan tinham partido do princípio de que era apenas disso que se tratava. Tinham saído a correr do seu encontro com Bernard em Taunton, comprando sanduíches no posto de gasolina, sem a mínima ideia de que Maureen lhes ia preparar um sumptuoso chá ajantarado.

– Cá estamos – disse Maureen, regressando com um jarro em padrão de salgueiro.

– É muito generoso da sua parte, senhora Cook – disse Kate, endireitando-se e pousando o seu prato na mesa.

– Por favor, trate-me por Maureen. – Era uma senhora avantajada de cinquenta e muitos anos que parecia ter exagerado no bronzeado artificial. Estava quase laranja, e os seus olhos azuis, redondos e brilhantes, com a sombra azul nas pálpebras pesadas, contrastavam com a sua pele. Não parava de sorrir desde que tinham chegado, mas a sua aparente bonomia não lhe

chegava aos olhos. Tinha um *bouffant* ruivo ao estilo de Margaret Thatcher, e usava um Vestido azul coberto por um padrão de minúsculas flores cor-de-rosa.

– Obrigada, Maureen – disse Kate. Tristan assentiu, com a boca ocupada pela sanduíche de salmão fumado.

– Ora essa – respondeu ela, descartando o agradecimento com o sacudir de uma considerável mão laranja. Sentou-se pesadamente na poltrona em frente e serviu o chá. – O seu *email* pareceu-me muito interessante. Há anos que não via nem ouvia referir o nome da Anna. Que tragédia.

– Eram próximas? – perguntou Kate.

Maureen pareceu ter de refletir na questão por um momento.

– Sim. A Anna era membro dos Escritores de Cranborough. Reuníamos aqui de quinze em quinze dias.

– Reuniam? O grupo já não está ativo?

O sorriso de Maureen vacilou.

– Não. O grupo dissolveu-se. Houve um golpe. Há seis anos.

– Um golpe num grupo de escritores? – perguntou Tristan. Maureen anuiu e mordeu o lábio inferior.

– Fui traída por aqueles que julgava serem meus amigos. Tenho um aparelho de cópias.

– Uma fotocopadora? – perguntou Kate, para clarificar.

– Sim. Foi isso que eu disse, Querida. Sempre forneci fotocópias à aldeia; os programas para as peças escolares locais e o boletim da igreja. Também costumava produzir a antologia anual de contos dos Escritores de Cranborough.

– Na sua fotocopadora? – indagou Kate.

– Sim, tenho um aparelho de cópias de nível profissional – disse Maureen. Fez uma pausa dramática e Kate interrogou-se sobre onde quereria ela chegar com aquilo. – Fornecia sempre esses serviços a preço de custo. Nunca tirava lucro. Então, dois arri-vistas ingratos com um estúdio de *design* gráfico na aldeia ao lado decidiram começar a angariar trabalho na igreja e nas festividades locais. Ofereceram-se também para imprimir a nossa antologia. A minha posição tornou-se insustentável, por isso dei-xei o grupo.

Kate podia ver que Maureen gostava de organizar. Era uma daquelas pessoas que procuravam poder e valor no facto de estarem no comando.

– O grupo continua ativo sem si? – perguntou Tristan.

– Não. Essa é a ironia. Colapsou em poucos meses. Eu era a pedra angular.

– Como foi que a Anna se juntou ao grupo? – perguntou Kate, reorientando a conversa.

– Conheci-a numa das nossas festas de Verão. Estava a trabalhar na comissão organizadora e geria a banca dos bolos. A Anna estava sozinha nesse dia, e parecia bastante pesada e só. Falei-lhe no nosso grupo de escritores. Na altura, tínhamos alguns membros solteiros do sexo masculino, e pensei que outra mulher podia equilibrar as coisas.

– A Anna gostava de escrita criativa? – perguntou Tristan. Maureen sacudiu

uma pergunta com um gesto, como se gostar de escrita criativa não fosse assim tão importante num grupo de escrita criativa.

– De início, não, mas gosto de pensar que toda a gente tem uma história no seu interior. Muitas vezes, são as pessoas com empregos estimulantes que escrevem histórias interessantes, sabem? Foi isso que me levou a convidar a Anna a juntar-se a nós, quando referiu que era assistente social.

Debruçando-se para a frente, Maureen estendeu a mão para o tabuleiro de sanduíches, que estava ligeiramente fora do seu alcance. Kate empurrou-o para mais perto, e ela agarrou em quatro sanduíches integrais de salmão, enfiando uma delas inteira na boca.

– Humm. Adoro um bom chá ajantarado – balbuciou, mastigando.

– Durante quanto tempo frequentou a Anna o grupo de escrita criativa? – perguntou Kate.

– Bem... – disse Maureen, ainda a mastigar. Bebeu um gole de chá e engoliu. Um fio de chá escorreu-lhe pelo queixo e ela limpou-o com as costas da mão. – Seis meses. Talvez mais. Nem sempre aparecia nas reuniões, mas ligava sempre a pedir desculpa pela ausência.

Maureen enfiou outra sanduíche na boca.

– Não façam cerimónia – disse ela, projetando saliva e migalhas por cima da mesa. – Comam mais. – Kate sentiu o borriço de migalhas pousar humidamente no seu rosto e combateu o impulso de vomitar. Limpou a boca com o guardanapo.

– Que razões dava a Anna para não ir às reuniões? – perguntou Kate, desviada do seu ritmo.

– O trabalho, claro! – respondeu Maureen, engolindo outro gole de chá. – A Anna tinha um emprego muito stressante nos serviços sociais. E tiro-lhe o chapéu por isso. Vê-se como são algumas mães nos dias de hoje. Horríveis. Fumam. Praguejam. Comportam-se como prostitutas. Desde quando se tornou moda ter um filho bastardo?

Kate petrificou, com a chávena em pleno ar, e Tristan engasgou-se com a sua sanduíche. Maureen lançou-lhe um olhar.

– Desculpe usar essa palavra, querido, mas acho que o momento em que deixámos de lhes chamar bastardos foi o momento em que se tornou normal ter um filho fora do casamento. – Cruzou os braços e recostou-se na cadeira. – Pronto, está dito. Por isso é que tinha tanto respeito pela Anna, por se envolver nessas situações em que os pais maltratavam os filhos.

– Nem todas as mães solteiras maltratam os filhos – protestou Tristan. Maureen riu-se e levou a mão à boca, como num aparte para Kate.

– Oiça só o jovem, são sempre tão liberais. Mudará de ideias à medida que for ficando mais velho – acrescentou, virando-se para Tristan. – Tem namorada?

– Não. Tenho namorado.

O rosto de Maureen ficou paralisado num sorriso maníaco, após o que

recuperou.

– Encantador. Mais chá?

– Não, obrigado – respondeu Tristan, pousando a chávena. – A Anna alguma vez lhe falou sobre o seu trabalho?

– Não, querido, só falava em termos vagos, enevoados.

– Nebulosos? – sugeriu Tristan.

– Sim, nebulosos, pouco claros. A Anna não podia falar em pormenor sobre tirar filhos a más mães e assim. Tinha de manter tudo confidencial.

– Como soube da sua morte?

Maureen levou a mão ao peito e abanou a cabeça.

– Foi horrível. *Horrível!* Fiquei preocupada quando ela não apareceu para uma reunião nem me ligou. E depois li a notícia no jornal, como todos os outros. Espancada até à morte com um martelo de garra. Que forma terrível de partir... Eu espero morrer durante o sono, ou talvez de um aneurisma cerebral. Li que é muito rápido. Pode-se cair morto em dois segundos.

– Como acabou a tratar das flores para o funeral? – perguntou Kate.

– Procurei saber quem estava a tratar da cerimónia fúnebre, e então o agente funerário disse-me que ninguém estava! Que horrível, pensei eu. A Anna não tinha família, e não parecia ter amigos chegados. O vizinho era aparentemente cordial com ela, mas um pouco débil, para ser sincera. Por isso, cheguei-me à frente, organizei as coisas e imprimi o programa das cerimónias.

– Foram muitas pessoas ao funeral? – perguntou Tristan.

– Do grupo de escritores, fomos todos. Foi antes de me terem todos traído. O vizinho da Anna estava lá, e acho que alguns colegas de trabalho. Demorou algum tempo até libertarem o corpo, por isso o funeral foi só meses depois.

– A Anna alguma vez lhe confidenciou que se sentia em perigo? – perguntou Kate.

– Não. Era uma pessoa muito melindrosa, indecida, mas acho que estava a vencer as suas barreiras, e às vezes ela ficava depois das reuniões do grupo e tomávamos uma bebida juntas.

– Que tipo de coisas escrevia a Anna para o grupo?

– Nunca escreveu nada.

– Em seis meses, nunca escreveu nada? – repetiu Tristan.

– Não, e não tinha mal nenhum. Contribuía muitas vezes com críticas ao trabalho dos outros. Podia ser dura, às vezes, mas levantara sempre questões interessantes. – Maureen serviu uma nova chávena de chá a cada um. – Em todo o caso, o que tem isto que ver com a Vossa investigação? Disseram ao telefone que andavam à procura de uma criança desaparecida.

Kate descreveu rapidamente o caso e a ligação de Anna a Charlie.

– Compreendo. A Anna estava preocupada com o bem-estar do rapazinho?

– Segundo a avó do Charlie, havia alguma confusão a esse respeito.

– Havia? – repetiu Maureen, arqueando uma sobrancelha. – E a família é do bairro Coldharbour? Não vem grande bem dessas paragens.

Kate ignorou esse comentário.

– A Anna alguma vez lhe falou do Charlie Julings?

– É claro que não! Como disse, ela nunca falaVa sobre o seu trabalho.



Kate e Tristan ficaram mais algum tempo a conversar, mas Kate sentiu que Maureen não tinha grande coisa para oferecer em termos de informações sobre Anna. A caminho da saída, Kate reparou numa exposição de fotos emolduradas no corredor. Eram nove ou dez, e todas mostraVam Maureen em resplandecentes Vestidos de noite, posando com Vários joVens elegantes com fardas de oficiais naVais.

– É a minha coleção de cruzeiros – explicou Maureen, seguindo o olhar de Kate. – É o meu mimo anual. Parto amanhã num cruzeiro pelas Caraíbas. Vou esta noite para Southampton, e tenho umas incríveis malas novas.

Abriu a porta para um pequeno gabinete repleto de estantes com pastas e com uma grande fotocopiadora de escritório. EstaVam lá duas elegantes malas de pele com o monograma «M.C.» em letras douradas na lateral.

– São as minhas malas novas. Mandei-as personalizar aproveitando uma oferta na última página do *Daily Mail* – disse ela, com orgulho.

– Com Quem Vai? – perguntou Tristan.

– Vou sozinha, para um pouco de tempo a sós – replicou Maureen, o sorriso a vacilar por um momento. Olharam de novo para as fotos. Em todas elas, Maureen estaVa sozinha à mesa dos Vários oficiais. – Sim, e é outra vez o meu navio favorito. O *Duquesa do Oceano*. É lindo!

Ao partirem, Kate sentiu que tinha consumido demasiadas calorias e obtido pouca informação relevante sobre Anna Treadwell.

Tristan mudou desajeitadamente de posição no banco do carro enquanto inseria a morada do escritório no seu GPS.

– Comi demasiado – observou.

– Também eu – disse Kate, olhando para a casa com telhado de colmo de Maureen.

– O que achou dela? – perguntou Tristan.

– Acho que se sente solitária, e a solidão pode ser uma doença que nos deixa fracos e vulneráveis.

Tristan anuiu e olhou novamente para o GPS.

– Sabe, não seria um desvio muito grande passar por Danvers Farm – disse ele, apontando para o mapa. – Se sairmos da autoestrada aqui, fica a poucos quilómetros.

– Está bem, vamos fazer isso – concordou Kate. Ver a quinta não era a sua principal prioridade, mas poupar-lhes-ia uma viagem deliberada noutro dia.

Acabou por ser uma viagem mais longa do que desejavam. Perderam-se algumas vezes, e o GPS não parecia preparado para as sinuosas estradas não assinaladas. Finalmente, Kate avistou a quinta ao passarem por um portão de madeira num longo troço de faixa ladeado por árvores.

– É ali – disse ela. Tristan recuou até ao portão, onde um pequeno letreiro dizia «Danvers Farm – ovos para venda». Havia um pequeno pátio de betão e um grande celeiro, mas o resto do terreno estava rodeado por árvores.

– Tocamos à campainha e dizemos-lhes que somos detetives privados? – perguntou Tristan.

– Sim, mas estava a pensar e preciso de comprar uns ovos. Seria uma boa desculpa para puçar os proprietários para a conversa – disse Kate.

Tristan assentiu. Estacionaram o carro junto à estrada e dirigiram-se ao portão. Tinha uma pequena campainha presa à madeira. Tristan tocou e, passados alguns instantes, uma mulher apareceu a virar a esquina. Tinha o que

Kate descobreVeria como um rosto bolachudo e longos cabelos negros apanhados num carrapito ao cimo da cabeça. UsaVa um Vestido comprido de lã, de gola alta, e não passaria proVaVelmente dos Quarenta e tal anos.

– Olá, Querem oVos? – perguntou ela, com brusQuidão.

– Hã, sim. Uma dúZia, por faVor – respondeu Kate.

– Entrem – disse ela, abrindo o portão. Seguiram-na pelo amplo caminho de acesso. ViraVa à esquerda, e um estreito trilho de betão serpenteaVa por entre uma arcada de árVores. Conseguiram captar Vislumbres de estrada à esquerda e à direita, à medida que o caminho descia acentuadamente em direção à Vegetação.

Um grupo de gatos de diferentes cores espalhaVa-se pelo caminho, e então as árVores abriram-se, e chegaram ao pátio de uma pequena casa com telhado de ardósia aZul. O pátio estaVa cheio de Vasos com plantas demasiado crescidas e, por cima de uma grande tampa de esgoto, haVia seis ou sete tigelas desirmanadas com restos de comida de gato ressequida.

HaVia um pequeno barracão à direita da porta principal, e a mulher dirigiu-se a ele e abriu-o com uma chave que traZia ao pescoço, pendurada de um longo fio. O interior estaVa cheio de caixas de oVos. Enfiou duas num saco de plástico e entregou-o a Kate. Em seguida, pegou num cofre.

– São quatro libras – disse ela. Kate entregou-lhe uma nota e a mulher guardou-a no cofre. EstaVa a fechar o barracão quando uma menina saiu pela porta da frente. Era magra e parecia ter noVe ou deZ anos.

– Mãe, o Jack bateu-me – disse ela, sem rodeios. EncostaVa um saco de ervilhas congeladas ao olho. Viu Kate e Tristan e acenou-lhes. – Olá.

– Não era para lhe acertar – protestou uma VoZ de rapaZ, do interior. Um jovem alto, de talVeZ treZe ou catorZe anos, apareceu à porta. Tinha longos cabelos castanhos até aos ombros e usaVa um fato de treino Vermelho da *Adidas* sobre uns pés descalços e imundos. – Ela pediu-me o comando e eu atirei-lho.

– Porque estão os dois a diZer-me isto? Tenho de tratar dos animais – disse a mulher.

A rapariga lançou-lhe um olhar de resignação que desmentia a sua idade e passou pelo rapaZ com um empurrão. Ele cambaleou contra o caixilho da porta.

– Viste aquilo? – perguntou com indignação, agarrando-se ao braço. EstaVa a mudar de VoZ e tinha um trautear agudo.

– Jack, vais ajudar-me com os animais? – perguntou a mulher. – Porque é só isso que me importa quando o teu pai está fora.

O rapaZ pensou no assunto e desapareceu noVamente no interior.

– Quando eram mais noVos, costumaVam achar que tudo o que eu diZia ou faZia era maraVilhoso. E agora, sou uma mãe Velha e irritante – disse a mulher. FeZ-lhes sinal para que a seguissem.

– Posso faZer-lhe uma pergunta? – pediu Kate, ao iniciarem o caminho de regresso.

A mulher parou e virou-se, com uma ligeira irritação a atravessar-lhe o

rosto.

– O quê?

– Na Verdade, somos detetives privados. O meu nome é Kate Marshall e este é o meu sócio, Tristan Harper. Estamos a trabalhar no caso de um rapazinho que desapareceu aqui perto, em Devil's Way – disse ela, apontando para a charneca. A mulher pareceu observá-los devidamente pela primeira vez.

– Detetives privados? Existe disso por aqui?

– Sim – assentiu Kate. – Pode ajudar-nos?

– Lembro-me de ouvir falar nisso, sim. Charlie Julings, era esse o nome do rapazinho – disse impacientemente a mulher. – Mas porque vieram aqui?

– É a casa mais próxima de Devil's Way, onde ele desapareceu. Queríamos fazer-lhe perguntas sobre a região e tentar perceber se viu algo nesse dia – explicou Kate.

– Não. Não vivíamos aqui nessa altura. Foi antes do nosso tempo. Só tomámos conta da quinta em dois mil e oito.

– Em que altura de dois mil e oito?

– Em janeiro.

– Sabe o que levou os proprietários anteriores a partir? – perguntou Tristan.

– Inquilinos anteriores. Somos inquilinos. Esta quinta é terreno da Coroa. Arrendamos à Coroa. Agora, se não precisam de mais nada, estou ocupada. Tenho de alimentar os meus animais. A mulher que geralmente me ajuda está fora, tal como o meu marido.

– Como se chama? – perguntou Kate.

A mulher hesitou e franziu os lábios; não parecia apreciar ser interrogada daquela forma.

– Dawn Grey.

– Sabe o paradeiro dos inquilinos anteriores?

– Não. Não sei. Acho que gerem outra quinta mais a norte, mas é só isso que sei.

Kate olhou para o terreno. Agora que sabia que os inquilinos anteriores tinham partido, estava desiludida, mas o seu interesse aumentou.

– Importa-se de que demos uma olhadela ao caminho até Devil's Way?

– Tudo bem – respondeu a mulher, paciente. – Terão a melhor vista junto à orla do pequeno bosque. Sigam os edifícios da quinta até ao cimo do quintal. Fechem só todos os portões quando saírem – concluiu.

– Obrigada – disse Kate, para as costas que se afastavam à pressa. Kate e Tristan começaram a subir o caminho, passando por alguns anexos. Chegaram a uma ampla plataforma de betão, onde podiam ouvir vacas a mugir dentro de um enorme barracão, enquanto um forte cheiro a estrume pairava sobre eles. Passaram por outro telheiro, cheio de fardos de palha, e emergiram de entre os edifícios da quinta para um amplo caminho rochoso que subia por uma plataforma relvada com árvores. Pararam e olharam para a charneca que se estendia em todas as direções. Era uma vista arrebatadora. Kate conseguia ver

claramente, em miniatura, o Devil's Way Tor e o fio prateado do rio a reluzir ao sol. Os três quilómetros de campos até lá eram planos, e bolsas de neblina reuniam-se em manchas que se estendiam até ao Tor. Por um momento, ficaram fixamente a Ver.

– Muito bem. E agora? – perguntou Tristan, com um sorriso. Kate lançou-lhe um olhar de soslaio e riu-se.

– Eu sei. Sinto-me um pouco estúpida. O que estamos nós a fazer? Esta mulher nem sequer vivia aqui quando o Charlie desapareceu.

Olhou em volta e viu que, à sua esquerda, havia um pequeno bosque para lá dos edifícios da quinta. Era ligeiramente mais alto do que o resto do terreno. Kate começou a percorrer a curta distância, e Tristan seguiu-a. Ao chegarem à orla do bosque, pararam. Aquele ponto ligeiramente elevado proporcionava-lhes uma melhor vista, com mais pormenor. Podiam ver a estrada de terra que seguia em direção a Okehampton.

– Veja como é enorme aquela mancha de tojo e mata à volta da árvore das Fadas – disse Tristan. – Estive a analisá-la no Google Maps. Não sabemos se a polícia verificou aquela área.

– Devíamos perguntar ao Ade, ao Lewis ou a alguém que tamanho tinha na altura. Onze anos é muito tempo, e podia ser muito mais pequena – observou Kate. – É uma boa questão. Devíamos perguntar.

– Se organizaram uma grande equipa de buscas, é provável que tenham verificado – disse Tristan. O sol estava agora a aquecer. Kate refugiou-se na sombra das árvores e sentiu-se imediatamente mais fresca.

Tristan seguiu-a, e embrenharam-se um pouco entre as árvores. O sol cintilava por entre os ramos altos, pintalgando o chão do bosque, e Kate sentia folhas mortas debaixo dos pés. Chegaram a um aglomerado de três rochas. Uma era suficientemente grande para alguém trepar e se sentar nela, enquanto as outras duas eram mais pequenas.

– Ei, veja isto – disse Tristan. Estava de pé junto ao grosso tronco de um carvalho. No meio da casca, mais ou menos à altura da cabeça, havia uma estranha deformação na madeira, de trinta centímetros de altura, que tinha a exata forma de uma orelha.

– Gosto de lhe chamar a árvore que escuta – afirmou uma voz.

– Jesus! – exclamou Kate, virando-se para ver o rapaz, ainda descalço, do fato de treino vermelho. Ele saiu de trás de uma árvore.

– Estiveste aí o tempo todo? – perguntou Tristan, que parecia igualmente abalado com a intrusão.

– Talvez – respondeu o rapaz, com um sorriso. Tinha um grande intervalo entre os dentes da frente e uns grandes olhos castanhos. Era bonito, de uma forma estranha e desajeitada, pensou Kate. Ou seria, quando fosse mais velho.

– Isto foi talhado na madeira? – perguntou ela, apontando para a orelha.

– Népia – disse o rapaz, com um ar aborrecido e distante. – Cresceu assim. Fixe, não é? Lembra-me os ratos daquele vídeo *online*, com orelhas a crescer-

lhes das costas. – Tirou um cigarro de enrolar do bolso e também um isqueiro. Pondo as mãos em concha, acendeu-o. Kate sentiu de imediato o cheiro a marijuana.

– Que idade tens? – perguntou ela.

– Faço catorze no ano que vem – disse ele, exalando denso fumo branco por entre os dentes.

– A tua mãe sabe que fumaserva?

Ele encolheu os ombros.

– Eu não lhe disse. Podia dizer-lhe que vim cá acima e que ele enfiou as mãos nas minhas calças – acrescentou, apontando para Tristan. – E que a senhora se limitou a ver. – Sorriu. – Mas não o farei.

Kate olhou para Tristan, que abanou a cabeça e revirou os olhos. Viu uma pilha de beatas na base da rocha grande, que era provavelmente o local de fumo do rapaz.

– Muito bem, vamos deixar-te em paz – disse ela.

Olhou para a orelha perfeita no tronco da árvore, e começaram a dirigir-se ao carro.

– O dia parecia ter começado tão bem – disse Kate, durante a viagem de regresso a Ashdean. Olhou para o telemóvel. – E aquele Bernard não ligou.

– Pode não ter conseguido falar com a colega dele na polícia – observou Tristan.

Kate olhou pela janela, sentindo aquele formigueiro familiar na língua e na garganta, a necessidade de beber.

– Podes deixar-me em Ashdean? – pediu. – Vou a uma reunião.

Kate chegou a casa pouco depois das seis e preparou uma tosta de queijo. Levou-a para a janela da sala de estar, juntamente com um jarro de chá gelado, e sentou-se na sua cadeira favorita, a ver os últimos turistas sair da praia enquanto o Sol se afundava no horizonte. Pensou no seu encontro com Bernard. Tinha-lhe parecido genuíno. Esperava que não fosse agora deixá-los pendurados.

Quando terminou de comer, Kate serviu-se de outro copo de chá gelado e tirou o seu bloco de notas da bolsa, tentando organizar os seus pensamentos. Pôs Anna Treadwell de parte e reviu as suas notas do dia.

Os anteriores inquilinos de Danvers Farm tinham partido quando? Em finais de 2007? Charlie tinha desaparecido a 21 de junho de 2007. Abrindo o portátil, Kate fez uma pesquisa por «Danvers Farm». Aquando da visita ao gabinete de registos de Exeter, a quinta não estava no seu radar, por isso não a tinham pesquisado. Após uma breve busca entre as notícias locais, Kate encontrou um pequeno artigo datado de 5 de janeiro de 2007:

AGRICULTOR DE SOUTH ZEAL DETIDO POR SUSPEITA DE OFENSAS À INTEGRIDADE FÍSICA NA FORMA TENTADA APÓS CAPOTAMENTO DE VEÍCULO

Um homem de South Zeal permanece sob custódia policial após ter sido detido na sequência de um acidente de Viação em Danvers Road. O incidente ocorreu mesmo antes das 18 horas de quinta-feira, quando o seu carro capotou na estrada principal. O homem, e uma mulher que viajava com ele, saíram ilesos do veículo.

Danvers Road esteve bloqueada durante horas, e a polícia deteve o homem no local.

Um porta-voz comunicou o seguinte: «A polícia foi chamada por volta das 17h50 de ontem (dia 4 de janeiro) para responder a um acidente de Viação em Danvers Road, perto de Danvers Farm, onde havia um automóvel capotado. Os ocupantes do carro, um homem e uma mulher, conseguiram ambos sair em segurança do veículo virado.»

Kate continuou com as suas pesquisas no Google e encontrou um comunicado do tribunal datado de 21 de março de 2007:

AGRICULTOR DE SOUTH ZEAL CONDENADO A PENA SUSPensa

Steve Hartley (31), um agricultor de South Zeal, foi presente ao tribunal de Exeter, onde foi condenado a três meses de pena suspensa por condução perigosa. Hartley, de DanVers Farm, foi detido no dia 4 de janeiro por ter feito capotar o seu carro em DanVers Road, à entrada da sua Quinta.

Uma jovem de 18 anos, identificada como Jennifer Kibbin, estava no carro com Hartley na altura. Inicialmente, o casal disse à polícia que Jennifer Kibbin era a esposa de Steve Hartley, Libby, que estava em casa com o filho de dois anos do casal.

Jennifer Kibbin, de Poole Road, Exeter, tinha sido acusada de indicar um falso nome e endereço, mas esta acusação foi retirada.

Libby Hartley (30) esteve presente no tribunal de Exeter para apoiar o marido.

Sob o texto do artigo, via-se uma fotografia de Steve Hartley a descer os degraus do tribunal de Exeter. Era um homem alto, grande, bem-parecido, de Queixo Quadrado e cabelo castanho impecavelmente penteado para um dos lados. A mulher, Libby, parecia pequena e delicada ao seu lado. Tinha um rosto em forma de coração e o cabelo preto cortado curto. Vestia um casaco de lã azul-escuro sobre um longo vestido floral com gola à Peter Pan. Com os seus olhos de corça, desviados da câmara, tinha o ar martirizado da princesa Diana. Segurava um rapazinho ao colo, com uma cabeleira castanha e umas jardineiras de ganga. Sob a foto, a legenda dizia:

Steve Hartley foi acompanhado ao tribunal pela sua esposa, Libby Hartley, e pelo filho de dois anos, David.

Kate recostou-se na cadeira por um momento. Steve Hartley tinha sido apanhado num carro com aquela tal Jennifer de dezoito anos, e alegou que era a mulher dele, Libby.

Libby defendera-o, ou pelo menos era isso que o jornal local parecia dizer. Kate fez mais algumas pesquisas, para ver se conseguia encontrar mais informações sobre Jennifer Kibbin, mas não havia nada. Perguntou-se quando teriam os Hartley deixado DanVers Farm.

Ao pesquisar «Steve e Libby Hartley agricultores», Kate descobriu que estavam agora a trabalhar noutra quinta em Shropshire, na fronteira galesa. Shropshire não era tão «a norte» como Dawn Grey pensava. Não havia fotos, mas a quinta tinha uma página no Facebook que anunciava feno para venda, e também que acolhia cavalos. Havia uma curta descrição: «Hill Brook é uma quinta familiar; Steve e Libby Hartley vivem lá com os seus dois filhos, David e Daisy.»

A página tinha apenas oitenta gostos e não era atualizada há três anos. Kate sentiu que tinha chegado a um beco sem saída. Perguntou-se porque teriam eles desistido de DanVers Farm e partido. Talvez devido ao caso público de Steve? O acidente de viação tinha chegado ao jornal local, juntamente com o facto de Jennifer Kibbin, a adolescente que o acompanhava, se ter tentado fazer passar por Libby. Nos pequenos meios rurais, as pessoas adoravam coscuvilhar. Talvez tivesse sido isso que os levava a fazer as malas e a deixar a região.

Kate devolveu a sua atenção ao bloco de notas e olhou novamente para o seu telemóvel, perguntando-se se devia ligar a Bernard. Tamborilou com os dedos

na mesa. Não, não o iria incomodar até ao dia seguinte.

Bernard tinha-lhes dito que tinham recusado o pedido de licença de Anna para acolher crianças. Seria isso invulgar? Talvez não. Era uma mulher solteira, a viver sozinha e com um emprego exigente. Seria essa a razão para a terem recusado? E quanto à sua amizade com Maureen?

Guardando o bloco de notas, Kate pegou no seu *iPad* para ver novamente as fotos do local do crime, e viu que ainda tinha aberta a página do grupo de escritores de Maureen Cook. Ia a minimizar a página, mas clicou no *link* para a antologia do grupo, o que a levou

a uma página de publicidade para o livro eletrónico na Amazon. Kate reparou que o conto de Maureen, «Uma Pequena Luz Extinta», era o primeiro da antologia, e algo no título lhe despertou o interesse. Clicou no *link* para descarregar a amostra grátis, e as primeiras frases prenderam-na:

Perdi a conta aos dias que passaram desde que perdemos o nosso menino. A minha falta de sono é insuportável. Perdi a conta aos dias desde... desde... não suporto escrevê-lo, mas tenho de o fazer.

Parecia tão atípico da mulher que Kate e Tristan tinham conhecido nessa tarde. Teria Maureen tido filhos? Não tinha dito nada. Kate voltou atrás e começou a ler o conto na íntegra...

U

ma Pequena Luz Extinta, por Maureen Cook

Perdi a conta aos dias que passaram desde que perdemos o nosso menino. A minha falta de sono é insuportável. Perdi a conta aos dias desde... desde... não suporto escrevê-lo, mas tenho de o fazer.

O meu menino tinha medo dentro de casa. Eu sabia. Tem uma cama no quarto dos fundos, mais longe de onde dormimos do que eu gostaria, mas o bolor é tão mau no quarto ao lado do nosso. E, nos meses de verão, as paredes escorrem de condensação e, assim que tento limpar o bolor negro, ele volta. Os esporos ficam à espera que eu vire costas e brotam através do estuque e do papel de parede.

Por isso, pu-lo no outro quarto para poupar os seus pequenos pulmões.

Há vários dias que tinha o rosto corado e estava com febre, mas... tenho medo de o levar ao médico. Aquela assistente social está de olho em mim, e sei que, se o levar ao médico, isso será visto como negligência minha. mas eu não negligencio. nunca. eu amo. é isso que eu faço.

amar.

Ao terceiro dia, trouxe-o para a nossa cama. Estava delirante. Consegui escondê-lo ao Dan, que estava distraído devido às colheitas.

Tinha-o comigo quando o Dan se veio deitar, à meia-noite. Parecia um pouco melhor, a respiração menos superficial, e até chorou algumas vezes. Devia ser bom, certo? Chorar. É quando se calam que devemos preocupar-nos.

O Dan deu-nos aos dois um beijo na cabeça e mergulhou num sono profundo assim que deitou a cabeça no travesseiro. Eu fiquei acordada, no escuro, a ouvir a respiração do rapaz. Estava sempre a falar com ele, a pedir-lhe: «Diz à mamã como te sentes.»

Num momento dizia «quente» e a seguir dizia «frio», naquela sua vozinha. Aquela voz. Passou-me pela cabeça ligar ao médico, mas não conseguia parar de pensar naquela cabra que me andava a perseguir... Li sobre esses orfanatos e algumas dessas famílias de acolhimento.

Há crianças que desaparecem.

«Perdem-se» no sistema, e não há recursos para uma má mãe, pois não? Podem

simplesmente levá-lo, se quiserem, e eu nunca mais o voltaria a ver, nem teriam de me dizer onde estava ou o que lhe tinham feito...

Por isso, mantive-o embrulhado, mas não muito. Levantei-me durante a noite para ir molhar um pano, que lhe pus na testa... O despertador do Dan tocou às quatro e, quando fomos ver como estava o rapaz, parecia melhor. Não tinha o rosto tão corado e a temperatura tinha descido. Chorei de alívio... O Dan foi fazer as suas rondas.

E foi então que me permiti dormir. E o diabo apanha-nos sempre quando menos esperamos.

O que aconteceu a seguir é um borrão. Como se o visse através de vidros fumados. Acordei e o rapaz não estava ao meu lado. Estendi a mão, e foi então que senti que estava deitada de forma estranha. Como se tivesse uma almofada por baixo, mas mais dura.

O seu corpinho estava debaixo de mim. Tinha rebolado para cima dele durante o sono. Puxei-o para fora e o seu cabelo louro reluziu à luz, mas tinha o rosto e os lábios azuis. Tentei soprar-lhe para a boca e pressionar-lhe o peito, mas estava lânguido e frio.

Eu estava muito calma. Pus o rapaz novamente no berço e tentei decidir o que fazer. Estava morto.

Não sei quanto tempo passou. Fiquei simplesmente ali sentada durante séculos, e então senti-me dominada pelo pânico. Saí do quarto e deambulei pela casa. Estava muito tranquila, e parei no corredor que dava para o quarto do rapaz. E, por um momento, pensei que era tudo imaginação e que tinha sonhado. Sustive a respiração, para tentar ouvir quaisquer sons que ele pudesse estar a fazer. Aqueles seus pequenos suspiros fungados ao dormir, mas não se ouvia nada. Nem mesmo o tiquetaque do relógio. Não tem pilhas.

Está a ficar calor cá dentro, e não fechei nenhuma das cortinas das outras divisões. Cheira-me a algo... É algo que não quero reconhecer. E oiço o som de uma mosca a zumbir.

Agarro-me à parede e deço o longo e escuro corredor até ao brilho avermelhado ao fundo. As cortinas do quarto do rapaz são vermelhas. Odeio essa cor e queria mudá-las, mas o Dan disse que não. São umas cortinas perfeitamente boas, e porque haveríamos de gastar o nosso dinheiro em coisas de que não precisamos?

Ao chegar à porta, vejo moscas a voar sobre o berço do rapaz. E, quando me aproximo, uma mosca rasteja sobre o seu olho esquerdo. Enxoto-a e, ao olhar com mais atenção, vejo que pôs os seus ovos imundos na prega entre as suas pálpebras.

Pego num lenço de papel para a limpar, mas a pele já não está firme e a pálpebra revira-se horripelantemente, deixando-me com vontade de vomitar. Por baixo, o seu olho fita-me através da brecha.

Vejo a cruz sobre a ombreira da porta. A madeira escura de Jesus na cruz diz-me o que tenho de fazer.

Não tomei a minha medicação esta manhã. E há já um par de semanas que não a tomo. O Dan não sabe. Não compreende como me faz sentir mal, e como agora, sem ela, a minha mente está fresca e clara, como um diamante. O Dan envia-me uma mensagem a dizer que tem de ir ter com o chefe a Exeter e que vai voltar tarde. A minha mente torna-se mais clara, como se fosse o destino.

Pego no rapaz e lavo-o; depois, procuro um lençol lavado e embrulho-o cuidadosamente,

para o manter longe das moscas imundas. Coloco novamente o pequeno embrulho no berço e abro as cortinas e as janelas para libertar o seu espírito. Então, lembro-me de que ele estava no nosso quarto quando morreu, por isso vou lá e abro também as janelas. Entra uma brisa, e o quarto deixa de parecer uma prisão abafada.

Liberta-te, digo-lhe eu num sussurro. Liberta-te.

Espero até o Sol se pôr e as sombras das árvores altas serem longas. Pego no rapaz embrulhado e envolvo-o num bonito cobertor, que não me lembro onde arranjei. Prendo-o ao meu peito no marsúpio e enfio uma pá na mochila. Tento não sentir como se move nos meus ombros enquanto subo o pátio. Dirijo-me à floresta ao cimo do terreno. À parte que o Dan me disse que nunca será cultivada.

Não vejo ninguém. Ao cimo do pátio, salto o portão. Vou durante todo o caminho a dizer-lhe o quanto o amo e como lamento, mas há algo na forma como o sinto amarrado ao meu peito. Ele partiu, e o que resta é apenas uma casca, uma concha.

Ergo o olhar e vejo o mais belo pôr do Sol, baixo e dourado. Penso em como o deixei sair pela janela e sei que ele voou pelo céu em direção ao Sol, e que está preso naquele pedaço dourado de horizonte entre o céu e a terra.

Os bosques estão frescos e tranquilos, e está quase escuro lá dentro. Sei o local que quero. As rochas junto à árvore com a orelha no tronco. Consigo mover uma das pedras, a mais pequena. Exige toda a minha força e, a determinada altura, sinto um músculo estalar no flanco, mas continuo. Escavo um buraco fundo, limpando a caruma e as ervas daninhas e cortando raízes.

Recuo, suada e sem fôlego. E, nesse preciso momento, um raio do Sol poente desce por entre as árvores como um laser e eu sinto o seu calor na minha pele, encandeando-me os olhos.

É um sinal. É o rapaz, ainda preso entre o horizonte e a terra. Deposito a sua casca no buraco fundo, digo uma curta oração e começo então a repor novamente o solo.

Demora mais tempo do que eu pensava e, quando acabo de cobrir tudo e de varrer o solo húmido da vegetação e do mato circundantes, já está escuro.

Empurro novamente a pedra para cima do buraco, varro-a com as mãos e está feito. Espero que agora ele esteja livre, e não mais preso entre o céu e o Sol poente.

Regresso à quinta, sento-me, escrevo isto e faz-se escuro. Escuridão e nada. Preciso de encontrar uma forma de o rapaz me perdoar.

FIM

Kate ficou sentada durante muito tempo depois de acabar de ler. Seria aquele conto uma estranha coincidência? Quantas árvores tinham a forma de uma orelha a crescer no meio do tronco? Releu-o. Era inquietante e real. Teria Maureen escrito aquilo?

Comprou a Versão eletrónica da antologia e leu os restantes contos. Todos abordavam temas diferentes; comédia, drama, romance e até ficção científica, mas nenhum deles se aproximava sequer de ser igualmente bom. Aquele conto destacava-se da antologia e fazia as outras histórias parecerem falsas e amadoras. Maureen capturava a emoção e o medo puros de uma mulher com problemas psicológicos que vivia uma terrível e transformadora experiência.

Um *link* no final da Versão eletrónica dizia que a antologia tinha sido produzida por uma empresa chamada Abble Graphics, sediada em Exeter. Kate tentou ligar a Maureen, mas o seu número de telemóvel ia para o correio de voz. Pensou em deixar uma mensagem, mas depois desligou. Precisa de pensar.

Ligou a Tristan e, quando ele atendeu, conseguia ouvir Leo a gritar em pânico de fundo.

– É uma má altura? – perguntou, ansiosa.

– Não. É a altura ideal, espere – respondeu Tristan. Ouviu-o deixar o apartamento e sair para a alameda. – O Leo não para de gritar. Acho que a Sarah esteve perto de lhe espetar com uma almofada na cara hoje... E, se me voltar a queixar dele, acho que sou *eu* quem vai levar com uma almofada na cara... – Reparou então no silêncio de Kate. – Está tudo bem?

– Algo peculiar acaba de acontecer – disse ela. Falou-lhe no conteúdo do conto de Maureen, e na descrição da criança enterrada junto à árvore com a forma de uma orelha a crescer na casca.

– Isso é a descrição do bosque em Danvers Farm – observou Tristan, com a voz a tremer.

– Eu sei. Acabo de tentar ligar à Maureen, mas ela não atende. Preciso que leias a história.

– Espere um pouco. Vou buscar o meu *Kindle* para descarregar uma cópia e lê-la. Já lhe ligo de Volta.

– Está bem, liga-me assim que a tiVeres lido – pediu Kate. Desligou, dirigiu-se à cozinha, serviu-se de um copo de chá gelado e saiu pela porta das traseiras. Passava já das nove horas; tudo estava tranquilo e a loja do parque de campismo estava fechada. Kate pegou no telemóvel e na sua bebida e desceu a falésia até um ponto nas dunas onde havia duas velhas espreguiçadeiras enferrujadas. Sacudiu a areia de uma delas e sentou-se. Ao fundo da praia, estava um grupo de pessoas à volta de uma fogueira que tinham acendido na areia. Kate sentia-se protegida nas dunas. Costumava ir ali com Myra e, apesar de a sua amiga já ter morrido há alguns anos, não tinha retirado a outra cadeira.

Tristan ligou-lhe de volta alguns minutos mais tarde.

– Já li. Jesus. Deixou-me os cabelos em pé – disse ele. – E a descrição é do exato sítio onde estamos hoje; a árvore, as três rochas. A forma da orelha a sair do tronco.

– Mas o que achas que a Maureen tem que ver com isto? – perguntou Kate.

– Não sei. Tem alguma ligação à quinta? Esteve lá?

Kate hesitou.

– É um conto muito bom. É obra de alguém que sabe escrever. Acreditas que foi a Maureen que o escreveu? – Fez-se uma longa pausa do outro lado da linha.

– Não sei. Só estamos com ela um par de horas. E se for real? Autobiográfico, quero eu dizer.

– Achas que ela teve um filho, rebolou para cima dele durante o sono e depois o enterrou no bosque? – perguntou Kate. – Não me parece que encaixe no seu estilo de vida... a organizar festas locais e a fazer férias em navios de cruzeiro.

– São muitas vezes as pessoas como ela que julgam todos os outros e depois têm segredos sombrios – disse Tristan.

– Bem visto. A Maureen tinha muito a dizer sobre más mães e filhos bastardos. Podia estar a projetar a sua própria experiência. A culpa e a vergonha. Mas, se escreveu realmente o conto, como foi que Danvers Farm se tornou a sua inspiração?

– E se tiver crescido naquela quinta, e for baseado na experiência da mãe dela? – sugeriu Tristan. – Pode estar a contar a história da mãe ou de outra mulher.

Kate baixou os olhos para a areia e apertou-a entre os dedos dos pés.

– Temos andado a bater com a cabeça na parede relativamente a este caso. Parecia não haver mais nada com que continuar, e então acontece isto. É uma coincidência tão estranha – disse ela.

– O Charlie foi raptado. Esta é uma história sobre um rapaz que foi enterrado. Onde está a coincidência?

– Referia-me à coincidência de termos conhecido a Maureen, visitado a quinta e depois lido este conto, tudo em menos de um dia. Mesmo que não

tenha nada que ver com o Charlie, é estranho. Embora sinta que estamos muito perto de algo que pode estar ligado ao Charlie.

– Está bem. Mas o que podemos fazer em relação a isso?

Kate hesitou.

– Vou só dizer isto em voz alta...

– Quer voltar lá e escavar? – perguntou Tristan.

– Não...

– Ainda bem – disse ele, soando aliviado.

– Quer dizer, não propriamente.

– Acha que há lá mesmo um corpo enterrado?

– Não disseste que aquele sujeito, o Lewis, te tinha falado em sensores de metano e em como tinha trabalhado em investigação forense quando estava na polícia?

– Sim.

– E se... E se pudéssemos pedir emprestado equipamento para detetar um corpo?

Fez-se um longo silêncio do outro lado da linha, e o vento atingiu o cabelo de Kate, soprando-lho para o rosto.

– Não devíamos contactar a polícia? – perguntou Tristan.

– E dizer o quê? Que lemos um conto sobre uma criança enterrada que inclui um lugar real, e que, com base apenas nisso, achamos que deviam mobilizar uma equipa de buscas e obter mandados para revistar a propriedade?

– Dito dessa forma...

– Ainda estamos à espera de notícias do Bernard Crenshaw quanto a obter acesso aos objetos pessoais do local do homicídio da Anna Treadwell. Pensa em como tive de o convencer da nossa credibilidade. Se formos à polícia com isto, põem-nos na rua à gargalhada, e nunca mais lhes poderemos pedir nada.

Kate podia sentir a sua frustração a aumentar.

– E é exatamente por isso que devíamos pensar nisto por um momento. Devíamos falar com a Maureen – disse Tristan.

– Disse que partia para Southampton esta noite, para o seu cruzeiro. Achas que me vai dizer por telefone que, sim, a história é real, e que, sim, enterrou o corpo de uma criança morta?

– E se voltássemos a Danvers Farm e pedíssemos acesso ao bosque?

– E se recusarem? Se tiverem alguma coisa que ver com isto, ficam avisados... – Kate suspirou. – Sei que pareço louca, mas tens de admitir que há algo aqui, ou não há?

– Sim.

– O Lewis disse-te que, quando revistaram Danvers Farm alguns dias depois de o Charlie ter desaparecido, os antigos inquilinos estavam a agir de forma estranha, principalmente a mulher. Disse também que o carro «bom» do casal estava maltratado e enlameado, como se tivesse sido conduzido por terrenos acidentados. Foi o que o Lewis disse, não foi?

– Sim – confirmou Tristan, aparentemente ainda inseguro.

– E esta é a casa mais próxima de Devil's Way. Onde o Charlie...

– ... desapareceu, sim.

Kate sentiu a sua frustração transbordar.

– Porque não estás comigo nisto, Tris? Onde está a tua curiosidade?

– Eu estou consigo, sempre. Mas o que temos aqui é um conto, só isso.

– Não. O que temos são muitas perguntas. E se houver lá um corpo enterrado? E a Maureen sabe disso e escreveu aquela história? E se houver outros corpos enterrados naquela quinta? Há já um par de semanas que andamos a investigar o desaparecimento do Charlie e não temos nada. Isto pode ser algo.

– Acha que, se houver lá um miúdo enterrado, é o Charlie? A mulher da história matou acidentalmente o filho. O Charlie tinha três anos quando desapareceu.

– Tristan – disse Kate, sentindo-se exasperada.

– Não deveríamos contactar a polícia? – insistiu Tristan.

– Não! Passei anos nas forças policiais, a ter de seguir as regras, e vê onde isso me levou... Trabalhei arduamente para construir esta agência, e agora estamos em posição de fazer o que queremos. E se correr este risco nos levar a uma grande descoberta?

– Seria invasão de propriedade.

– E?

Tristan calou-se novamente do outro lado da linha. Kate ouviu um grito na praia e viu que uma onda tinha avançado e apagado a fogueira. Os jovens em seu redor gritavam de riso, e Kate conseguia ver o vapor a erguer-se ao luar.

– Tris. Compreendo como te sentes. Não te estou a pedir nada que eu mesma não fizesse. Desculpa se fui insistente. Vamos dormir sobre o assunto e voltamos a falar sobre isto amanhã de manhã.

Tristan não parecia muito entusiasmado quando terminaram a chamada, mas Kate sentia uma excitação nervosa quando desligou. Havia algo nas experiências que vivera ao longo das últimas semanas que tinha renovado a sua rebelde interior.

Desde que não magoasse ninguém, agradava-lhe a ideia de quebrar as regras.

Kate acordou de uma noite de sono inquieto e foi dar o seu mergulho.

Quando regressou à falésia, Vinda da praia, ouviu a porta de um carro bater à frente. Estava uma carrinha estacionada no caminho de acesso com as palavras *DB Gás e Canalizações* escritas na lateral.

– Posso ajudar? – perguntou Kate, embrulhando-se na toalha. Ao chegar junto à traseira da carrinha, viu Tristan com um sujeito alto e desengonçado de cabelo preto comprido, vestido com uns calções de ganga e uma desbotada *T-shirt* dos Pink Floyd. – Oh, és tu. Bom dia, Tris – disse ela.

– Kate, este é o LeWis Tate – apresentou ele. LeWis estendeu a mão e ela apertou-lha.

– Prazer em conhecê-lo. O que se passa? – perguntou Kate, enquanto LeWis abria as portas de trás da carrinha e Tristan o ajudava a tirar uma pequena caixa com rodas e uma pega.

– Estou aqui para ajudar com a Vossa emergência de canalização – disse LeWis. Tirou um elástico do pulso e apanhou os longos cabelos.

– Temos uma emergência de canalização?

– Foi o que o Tristan me disse. Disse que quer instalar um jacúzi para os hóspedes do seu parque de campismo, mas precisa de verificar se não há nada de importante enterrado onde quer escavar – explicou ele, lançando-lhe um piscar de olho. Kate olhou para Tristan.

– Liguei-lhe ontem à noite, depois de falarmos – disse Tristan.

– E contaste-lhe do...

– Ei, ei, ei – disse LeWis. Ergueu a mão e olhou para trás. A pessoa mais próxima estava a vinte metros de distância, um homem idoso ao fundo da colina do parque de campismo, a caminho do bloco de casas de banho com uma toalha ao ombro. – A única coisa que eu preciso de saber é que pediu esta unidade GPR emprestada para ver se há canos no terreno onde quer instalar o seu jacúzi.

– Certo – assentiu Kate, compreendendo. – É canalizador?

– Não. O meu amigo é, e está de férias. Por isso, este equipamento está disponível para aluguer.

– E pode vir connosco quando precisarmos de fazer a leitura? – perguntou Kate.

– Temo que não – disse LeWis. – Estou aqui para fazer uma demonstração de como se usa.

– Pensei que podíamos usar as dunas do outro lado da casa – sugeriu Tristan.

– Boa – disse LeWis. Subiu para a carrinha e tirou uma mochila. Tristan chamou Kate à parte.

– Oiça. Tinha razão, ontem à noite. Precisamos de correr riscos. O LeWis estava ansioso por ajudar.

– E o LeWis vai cobrar uma taxa de quatrocentas libras, e precisa do equipamento de volta amanhã de manhã – disse LeWis, fechando as portas da carrinha. Tristan olhou para Kate e arqueou as sobrancelhas.

– Amanhã de manhã. Quer isso dizer que temos de investigar o local do nosso jacuzzi esta noite? – perguntou ela, ligeiramente em pânico face ao pensamento.

– Podem ficar com ele mais um dia, mas custará outras quatrocentas libras – disse LeWis. – Mais gasolina para a viagem de ida e volta de Plymouth.

Kate olhou para o equipamento e tentou invocar novamente as sensações de confiança que tinha na noite anterior.

– Não. Tudo bem. Deixe-me preparar um chá e depois pode mostrar-nos como tudo funciona.



Instalaram-se do outro lado da casa, no meio das dunas. LeWis mostrava-se bastante inquieto quanto a Kate e Tristan discutirem o que queriam fazer, insistindo em falar sobre utilizar o radar de penetração no solo para verificar canos. Pôs-se a trabalhar com uma pá e rapidamente abriu dois buracos, separados por alguns metros.

– Posso fazer-lhe uma pergunta sobre Devil's Way? – pediu Kate. LeWis ergueu os olhos da escavação.

– Sim? – respondeu cautelosamente.

– É sobre o rio junto ao desfiladeiro. Costumava haver lá uma pequena ponte pedonal?

LeWis parou de escavar por um momento e apoiou-se na pá, franzindo os lábios e refletindo por um instante. Limpou a testa.

– Caramba. Sim, havia uma ponte – disse ele, reagindo como se se tivesse esquecido desse pormenor.

– Porque não referiu isso quando nos encontramos? – perguntou Tristan.

– Tinha-me esquecido... Sim. A ponte pedonal. A água estava muito alta. Salpicava o passadiço, deixando a madeira húmida... É do álcool – acrescentou, em tom pesaroso. – Deixa as coisas... fragmentárias na minha cabeça.

– Disse que os cães pisteiros seguiram o rasto do Charlie, mas que este

paraVá junto ao rio? – indagou Kate.

– Isso mesmo.

– Será possível o Charlie ter atravessado a ponte, mas, devido ao nível da água e ao facto de passar por cima dela, os cães não terem conseguido detetar a travessia?

LeWis arrastou a pá por um monte de areia e encheu as bochechas de ar.

– É possível, mas geralmente os cães conseguem detetar o mais ínfimo cheiro.

– Mas há hipóteses de a água a correr sobre a ponte poder ter despistado os cães?

– Sim – assentiu LeWis. Tinha os olhos semicerrados e parecia estar a fazer um esforço para se recordar.

– Os cães captaram o cheiro dele do outro lado do rio?

LeWis teve de refletir na questão.

– Não. Não creio. A única coisa de que me lembro é de que os cães pararam à beira do rio. – disse ele. Kate olhou para Tristan e ele arqueou as sobrancelhas.

– Está bem. Obrigada – assentiu Kate. LeWis começou de novo a cavar, num silêncio desconfortável.

Uma vez escavados os buracos, um tinha a profundidade de um metro, e o outro de dois. LeWis retirou um *iPad* e dois objetos da sua mochila: uma extensão de tubo de cobre e uma boneca *Tiny Tears* embrulhada num cobertor. Enterrou ambos os objetos e Kate ajudou a encher os buracos. Uma vez tudo alisado, LeWis preparou o radar.

Kate dirigiu-se à caixa com rodas. Era pequena, mas pesada. LeWis mostrou-lhes como se ligava a unidade, que estava associada a uma aplicação no *iPad*.

– Muito bem. Esta é a vista que temos da areia neste momento – disse LeWis, mostrando-lhes um gráfico no ecrã do *iPad*. Ao longo do topo, via-se a distância marcada em metros, enquanto, do lado esquerdo, surgia a profundidade marcada em intervalos de meio metro. O solo era representado por cores, partindo do verde na parte mais profunda e passando depois para amarelo, laranja e a seguir vermelho, junto à superfície. – O que sabem sobre radares de penetração no solo?

– Nada – respondeu Tristan.

– Eu sei um pouco, mas diga lá – pediu Kate, enquanto se juntavam em torno do ecrã.

– Muito bem, então. O radar de penetração no solo, ou GPR, é composto por um emissor eletromagnético – disse ele, apontando para a unidade com rodas – e por um recetor. – Ergueu o *iPad*. – O emissor envia pulsções rádio de alta frequência para o solo. Fá-lo de forma contínua, e se a frequência for refletida por algum objeto no solo, isso aparece neste ecrã.

– A que profundidade pode detetar coisas? – perguntou Kate.

– A profundidade de penetração do GPR depende do tipo de terreno em que

está. Agora estamos na areia, e a areia deVolVerá uma imagem muito clara. Mas o GPR atravessa betão, água doce, água salgada, rocha, gelo e asfalto, todos de forma diferente, devido à sua constituição eletromagnética. A argila ou o solo argiloso são particularmente chatos. Quando o meu amigo tem de procurar canos enterrados em argila, a profundidade de penetração é de apenas uns dois metros ou menos. Tome, fique com o *iPad* – disse ele, entregando-o a Kate.

Kate olhou para o local onde tinham estado a escavar na areia. Estava calor, e a areia húmida que tinham revirado já secara.

– Tristan, se puder passar lentamente com o GPR por cima das coisas que enterrámos, eu mostro à Kate.

Kate viu como Tristan empurrava a unidade em direção ao primeiro buraco, onde estava enterrada a extensão de tubo de cobre. As faixas coloridas no ecrã do *iPad* curvaram-se e distorceram-se, mostrando um fino contorno do objeto.

– Lembre-se, a areia é um excelente condutor, por isso vê-se claramente o tubo – disse LeWis. – Tristan, venha ver.

Tristan juntou-se a eles para olhar para o ecrã e anuiu, regressando depois novamente ao GPR e empurrando-o pela areia até ao segundo buraco. A boneca *Tiny Tears* tinha sido enterrada mais fundo. À medida que ele se aproximava com o GPR, Kate viu as faixas coloridas mudar, projetando-se depois para refletir o tamanho da boneca enterrada no cobertor.

– O material do cobertor reflete as pulsações rádio – explicou LeWis, enquanto olhavam para a protuberância redonda a uma profundidade de dois metros.

Subitamente, Kate sentiu-se doente com a ideia do que estavam a planear. Tristan juntou-se novamente a eles para ver o ecrã.

– A boneca aparece maior do que a fina extensão de tubo – comentou.

Por um momento, ficaram em silêncio.

– Mas, como é evidente, estão apenas à procura de tubos no solo, e se alguém me perguntar, foi para isso que vos emprestei o equipamento – disse LeWis.

– Tubos no solo – repetiu Kate.

– Sim. Tubos no solo – assentiu Tristan.

LeWis olhou para ambos, com ar desconfortável.

– Oiçam, malta. Eu era um bom polícia, mas bebia e drogava-me bastante mais nessa altura. Agora, tenho as coisas sob controlo – disse ele com insistência. – A sério que sim.

Mais tarde, enquanto LeWis arrumava a sua carrinha e Tristan tinha subido ao escritório para ir buscar dinheiro, Kate estendeu-lhe um papel com o seu número de telefone. Ele fitou-o e arqueou uma sobrancelha.

– Não estou a convidá-lo para sair! – disse ela. – Estou em recuperação, nos Alcoólicos Anónimos. É o meu número, se alguma vez precisar de falar.

LeWis olhou novamente para o papel. Ia dizer algo, mas Tristan chegou com o dinheiro. Guardou rapidamente o papel.

– Aqui tem – disse Tristan, estendendo-lhe um envelope.

– Obrigado – respondeu LeWis. – E não se esqueçam. Empréstei--Vos esse equipamento para procurarem tubos no solo.

– Devolvemos-lhe o equipamento amanhã – disse Tristan.

Enquanto Viam LeWis afastar-se, Kate perguntou-se se ele alguma vez precisaria do seu número, ou se iria simplesmente continuar a beber.

A medida que o dia avançava e o Sol se ia afundando no céu, Kate começou a ter sérias reservas quanto ao que planeavam fazer. E, quando partiram para Dartmoor às onze da noite, parecia-lhe demasiado real e imprudente.

A unidade GPR podia ser dobrada e enfiada numa grande mochila, que Tristan se ofereceu para carregar. Estava uma noite quente, mas usavam calçado de caminhada, calças de ganga pretas e camisolas escuras de manga comprida.

Durante o curto troço de autoestrada iluminada entre Ashdean e Exmoor, Kate sentia-se calma, entre o trânsito e as luzes intensas, mas ao chegarem ao cruzamento de Exeter e começarem a descer as escuras estradas rurais, sentiu-se exposta.

O mapa mostrava que Danvers Farm tinha alguns quilómetros quadrados de área, e pararam num pequeno desvio de estacionamento a poucas centenas de metros do portão principal.

Uma das extensas discussões dessa tarde fora sobre se a quinta tinha câmaras de vigilância. Kate tinha de presumir que sim, no pátio e nos campos imediatamente em torno da casa, mas não lhe parecia que as tivesse na área junto à estrada, que dava para o bosque.

Quando estacionaram, Tristan desligou o motor do carro. Por um minuto, ficaram sentados às escuras, a ouvir o som da sua própria respiração. Uma ligeira quantidade de poluição luminosa emanava de Exeter, na charneca ao longe e abaixo da linha do horizonte, e Kate só conseguia ver o contorno do perfil de Tristan. Subitamente, a sua invasão noturna pareceu-lhe um capricho imprudente.

– Tens a certeza de que queres fazer isto? – perguntou Kate.

– Não propriamente, mas estou suficientemente curioso para não querer desistir – respondeu Tristan. – E se tiverem cães? – acrescentou ele.

– Não haverá cães à solta no terreno. Há demasiadas ovelhas em Dartmoor,

e Vamos atravessar um campo que não está diretamente ligado à casa da Quinta. Há o bosque de permeio.

– Parece confiante – observou Tristan.

– Pareço? Ainda bem – replicou Kate.

Um par de faróis surgiu ao virar da curva, ofuscando-os.

– Merda – disse Kate. Tristan fez menção de se baixar, mas ela estendeu a mão para o impedir. – Não. Age de forma normal.

– Como agimos de forma normal parados num desvio escuro à meia-noite?

Kate inclinou-se para ele e deitou a cabeça no seu ombro.

– Deixando-os pensar que estamos aqui para sexo e fomos apanhados – disse Kate. Tristan estremeceu e olhou fixamente para ela, enquanto Kate voltava a endireitar-se e ajustava a camisola. As luzes pareceram avançar lentamente para eles, tornando-se mais intensas e fazendo as retinas de Kate doer. E então, o carro desapareceu, felizmente sem parar.

– Aquilo encandeou-me – disse Tristan.

– Anda, temos de nos apressar – replicou Kate, abrindo a porta do carro.

Tristan seguiu-a, e retiraram a unidade GPR do banco de trás. Ele pôs a mochila às costas. Kate levava um saco mais pequeno com o *iPad*, luvas e um par de pés-de-cabra, para o caso de terem de desviar rochas. Não tinham levado pás. Kate não quisera contemplar a ideia de desenterrar alguma coisa.

O muro de pedra solta de Danvers Farm começava a alguns metros de onde tinham estacionado. Tinham ambos levado minúsculas lanternas de luz negra, que emitiam um ténue brilho púrpura. A luz que emanavam mal era suficiente, e quando subiram ao muro de pedra solta, Kate sentiu-se subitamente aterrorizada ao não conseguir ver o solo do outro lado.

Desligaram as lanternas. Kate calculou que um brilho na estrada poderia não ser questionado, mas que, se alguém da Quinta visse uma luz ténue atravessar os seus campos, isso poderia fazê-los sair para investigar.

Tristan tirou a mochila, equilibrando-a no muro, e foi o primeiro a saltar.

– Não é uma grande queda, só me chega à cintura – disse ele em voz baixa. Conseguiram ver a casa ao cimo da encosta, para lá do bosque, e duas luzes acesas nas janelas do andar de cima. Kate desceu do muro e aterrou do outro lado.

Mantiveram-se junto à parede limítrofe enquanto atravessavam o campo. Kate sentiu-se aliviada quando chegaram à orla do bosque e a Quinta ficou obscurecida pela massa negra de árvores.

Pararam. Kate sentia-se sem fôlego, e sua cabeça com calor e excitação. Ouviram um baque e um ligeiro gemido.

– Tris? Estás bem? – perguntou. Aproximou-se mais da linha das árvores, ligou a sua lanterna de luz negra e quase tropeçou em Tristan, estendido no chão.

– Tropecei na raiz de uma árvore, tenha cuidado – disse ele.

Ainda tinha a mochila às costas, e devia ter-lhe caído em cima ao aterrar,

pressionou Kate. Ajudou-o a levantar-se e entraram na linha de árvores, começando a embrenhar-se no bosque. Os minutos seguintes foram aterradores. Kate achava que a ideia de Tristan de levar uma bússola era exagerada, mas entre as densas árvores e a escuridão quase absoluta, rapidamente se desorientaram. Agarrou-se à mochila enquanto ele se movia lentamente, mantendo-os voltados para norte.

Havia tantos barulhos na escuridão, o crepitar de fetos e galhos debaixo dos pés e estranhos rumores nas trevas. Kate sentia-se grata por ter Tristan e o volume da mochila a que se agarrar. Finalmente, saíram do outro lado do bosque. O horizonte brilhava, e não conseguiam ver Devil's Way, mas a poluição luminosa parecia mais intensa após a sua caminhada pela escuridão total.

Os edifícios da Quinta pareciam muito mais perto, do outro lado, do que Kate se lembrava. Foram precisos mais vinte minutos a subir e descer pela linha de árvores para encontrarem os rochedos e a árvore com a orelha. Quando finalmente a encontraram, estavam quentes e atormentados, e Kate tinha os nervos em franja.

Ligou a sua lanterna de luz negra e apontou-a à orelha que brotava da madeira. Parecia grotesca à meia-luz e tinha o brilho de verdadeira pele e cartilagem. Tristan tirou a mochila e pô-la no chão. Retirou a caixa do GPR. Não tinham levado a pega. Ao ligá-lo, acenderam-se duas pequenas luzes vermelhas na lateral, iluminando o ambiente circundante com um brilho sinistro.

– É forte – observou Tristan. Kate tateou dentro do saco e tirou o *iPad*. A luz do ecrã ativou-se e pareceu brilhar sobre o ambiente, iluminando o bosque e a copa de ramos por cima. Virou-o rapidamente e encostou o ecrã ao peito, mergulhando-os de novo nas trevas.

– Estamos tão perto da orla – disse Kate. Consequia ver os edifícios da Quinta por entre os ramos a partir do local onde se encontravam.

– Vamos despachar isto – respondeu Tristan. Tinham relido o conto algumas vezes durante o dia, anotando tudo o que podiam para encontrar o local exato onde a mulher podia ter enterrado o seu filho. A história dizia que tinha sido debaixo da rocha mais pequena, entre as duas maiores. Tiraram cada um o seu pé-de-cabra do saco de Kate e tentaram soltar a pedra para a poderem rolar para o lado. Quando Kate apontou a luz negra ao local, era exatamente como descrito no conto.

Parecia estar presa ao solo com betão, e por um momento, enquanto apuxavam e suaavam, Kate pensou que não ia ceder. Então, a pedra rolou e deslocou-se alguns metros pelo solo inclinado.

– Como conseguiu a mulher da história mover isto sozinha? – perguntou Kate. Tristan não respondeu. Ergueu a unidade GPR para o solo junto à depressão causada pela rocha. Consequia ver-lhe o suor no rosto, e escorria-lhe pelo nariz.

– Pode Verificar se está ligado ao *iPad*? – pediu ele. Kate agachou-se atrás da pedra maior e, apertando o *iPad* contra o peito, reduziu o brilho do ecrã. Em seguida, abriu a aplicação. Tristan deu a volta para se juntar a ela. Mesmo reduzido a um brilho ténue, o ecrã do *iPad* parecia ainda demasiado luminoso, e as sombras de ambos projetavam-se nas copas das árvores acima como dois enormes gigantes.

As faixas de cores eram mais irregulares do que quando estavam na praia, e Kate via já que havia alguma distorção na orla do ecrã.

– Está a ligar – disse ela, em voz baixa. Tristan contornou a pedra e agarrou na unidade GPR. Enquanto a empurrava para a frente, Kate viu que as faixas de cor se projetavam e distorciam. Estaria a ler bem? Havia algo debaixo da terra, enterrado a uma profundidade de dois metros.

– O que consegue ver... – começou Tristan a dizer, e então ouviu-se um estalido de vegetação e um silvo. Ouviu Tristan gritar, e o ar em seu redor pareceu encher-se de uma nuvem de gás tóxico. Não conseguia respirar, os seus olhos lacrimejavam e, enquanto tentava levantar-se, soube que tinha sido atingida com gás-pimenta.

– Tristan? – chamou ela, tateando a relva. Bateu com o cotovelo na rocha grande. Ouviu Tristan cambalear e então foi novamente atingida pelo *spray*. Tinha os olhos fechados, mas engoliu algum e vomitou.

– Quem são vocês? – gritou uma voz. Era uma voz juvenil, de rapaz.

– Não estamos aqui para te fazer mal – Kate ouviu Tristan dizer. Ouviu novamente o silvo do *spray* e, instintivamente, ergueu as mãos para cobrir o rosto.

– Para! – tentou ela dizer. Estava completamente desorientada e, ao cambalear, tropeçou em algo. Caiu pesadamente de frente, bateu com a cabeça numa pedra e desmaiou.

Kate estava sentada num longo banco junto à porta das traseiras da cozinha da quinta. Tinha a cabeça a latejar, e sentia um grande hematoma na cabeça. A cozinha estava iluminada por um único candeeiro sobre a mesa e as cadeiras ao centro, o que dava à divisão um aspeto cavernoso.

Uma paramédica debruçava-se sobre Tristan, que estava prostrado numa cadeira à mesa da cozinha. Tinha o rosto inchado e vermelho. Dawn Grey, a inquilina da quinta que tinham anteriormente conhecido, estava junto à paramédica, de roupão. Mergulhou um pano numa taça, torceu-o e passou-o pelo rosto inchado de Tristan.

– Está tudo bem, é só um pouco de água com sabão – disse ela, com preocupação na voz.

A paramédica inclinou suavemente a cabeça de Tristan para trás, e Kate retraiu-se ao ver que tinha o rosto tão inchado que os seus olhos não passavam de pequenas fendas. Quando Dawn lhe encostou o pano à pele, ele fez um esgar.

– Está tudo bem, querido. Isto vai aliviar. Tente não tocar na cara – disse ela, agarrando-lhe no braço com a mão livre. – Pode segurar nisto por mim? – pediu, pondo-lhe o pano nas mãos. Ele segurou-o e cerrou os dentes.

Kate olhou para Jack, o rapaz com o fato de treino vermelho da Adidas. Estava à frente do frigorífico, junto a uma porta que dava para o resto da casa. Parecia muito pálido e assustado. Sentia-se tão zangada, mas não sabia se era consigo mesma ou com aquele estúpido rapaz. Tinha escapado ao pior do gás-pimenta, mas Tristan tinha levado com ele em cheio no rosto. A paramédica dirigiu-se a Kate, com luvas de látex, e examinou-lhe a cara.

– Parece melhor do que o seu amigo – disse ela. Ajoelhou-se e examinou a cabeça de Kate, afastando suavemente os cabelos. Kate olhou para a divisão. Era uma acolhedora cozinha de quinta, com pratos em padrão de salgueiro num aparador galês, e o frigorífico estava coberto de desenhos de criança a

enrolar nas pontas. A paramédica ajoelhou-se e apontou-lhe uma caneta-lanterna aos olhos. – Parece ter escapado ao gás-pimenta, mas devia ser observada no hospital, pode ter um traumatismo craniano.

Kate não tinha qualquer desejo de voltar ao hospital. A porta dos fundos abriu-se, e dois polícias entraram na cozinha. Sentiu um nó no estômago e a culpa voltou a invadi-la. Tristan tinha a cabeça deitada na mesa e encostava o pano húmido à pele.

Um dos agentes era um homem corpulento de cinquenta e muitos anos e barba grisalha. Estava acompanhado por um rapaz que não devia ter mais de dezaneve anos. Tinha pele aveludada e cabelo asa de corvo. Usavam ambos coletes refletores amarelos por cima dos uniformes, e estavam a suar. Um dos seus rádios apitou e uma voz fez-se ouvir. Ele ergueu a mão e desligou-o.

– Verificámos o resto da propriedade. Não conseguimos encontrar mais ninguém – disse o agente mais velho. – Está um *Citroën* azul parado num desvio de estacionamento junto à fronteira da propriedade.

Tristan endireitou-se e olhou para os agentes da polícia. Tinha os olhos vermelhos, mas Kate viu que conseguia agora abri-los um pouco mais.

– É o meu carro. Somos detetives privados – disse ela, erguendo a mão.

– Ah, são? Bem, eu sou o inspetor-chefe Ken Harris – replicou ele. – Este é o meu colega, o detetive Duncan West. – Ergueu-se sobre Kate e fitou-a com frieza. – Porque estavam a invadir a propriedade?

– Somos detetives privados...

Ele abanou a cabeça e interrompeu-a.

– Não, não, não. São cidadãos privados. E estavam a invadir uma propriedade.

– Usar gás-pimenta enquanto civil é ilegal – disse Kate, olhando para Jack. Sabia que tinha de se defender já, e a Tristan, antes que a polícia decidisse o que fazer a seguir, e sentia que eles estavam confusos com a situação.

– Sim, estamos cientes disso – confirmou Harris, seguindo o seu olhar até Jack.

– Eu não sabia que o Jack tinha gás-pimenta – disse Dawn.

– E qual é o seu nome, minha senhora? – perguntou Harris.

– Chamo-me Dawn Grey – disse ela. Não parecia satisfeita. Torceu outro pano na taça de água com sabão e estendeu-o a Tristan, levando o pano usado de novo para o lava-loiça. Tristan passou-o pelo rosto inflamado. Harris pareceu notar que Dawn estava a ajudar os dois invasores.

– Jack. Quantos anos tens?

– Treze – respondeu ele, engolindo em seco e mudando o seu peso de um pé para o outro. Estava a tremer.

– Porque tens gás-pimenta? – perguntou Harris.

– O meu pai está fora. Estava a tomar conta da minha mãe e da minha irmã – disse ele. – Vi uma luz nos bosques. Pensei que eram drogados!

– Como assim, drogados? – perguntou Dawn. – Não temos drogados por

aqui.

– Não sabia que eram eles – disse Jack, apontando para Kate e Tristan. – Tinham vindo cá no outro dia comprar ovos! – Parecia agora apavorado, e a sua voz de adolescente falhou. Harris ergueu as mãos.

– Jack. Tens o gás-pimenta?

O rapaz arrastou os pés.

– Sim.

– Podes dar-mo? – pediu Harris, estendendo a mão.

– O que lhe vai acontecer? – perguntou Dawn, interpondo-se entre o filho e a polícia. Harris manteve a mão estendida e, quando Jack retirou uma pequena lata do bolso, contornou a mulher para lhe pegar.

– De onde veio? – interrogou Harris.

– Comprei-o *online* – respondeu Jack. Harris olhou para todos os presentes na pequena cozinha e abanou a cabeça.

– Por esta vez, vou deixar-te apenas com uma advertência de que ter e usar gás-pimenta é ilegal. Compreendes, Jack? Encerramos aqui o assunto, se prometeres que nunca mais voltas a comprar nem a usar disto. – Jack aquiesceu. Enfiou as mãos trêmulas nos bolsos. – Compreendes porque é ilegal? Olha o que fez a estas duas pessoas.

– Eu sei. Mas estavam nas nossas terras! – protestou Jack. Dawn cruzou os braços e lançou um olhar ao filho para que se calasse.

– Sim. E podias simplesmente ter chamado a polícia, em vez de fazer justiça pelas próprias mãos. Agora, compreendes o que eu disse? – perguntou Harris.

Fez-se uma pausa, e Jack anuiu.

– O Jack compreende, não é verdade? – perguntou Dawn, fulminando-o com o olhar. – Jack.

– Sim. Compreendo – respondeu ele, olhando para o chão.

Harris virou-se para Kate e Tristan.

– E porque estavam a invadir estas terras a meio da noite?

– Somos detetives privados, e...

– Sim, já disse isso várias vezes.

– E acreditamos que há um cadáver enterrado no bosque. O corpo de um rapazinho – concluiu Kate.

– O quê?! – exclamou Dawn, olhando de Kate para Tristan e para os agentes da polícia. Harris ergueu a mão para a silenciar. Abriu a boca e hesitou.

– O quê? – repetiu ele. Kate explicou e, ao chegar à parte do radar de penetração no solo, interrompeu-se e virou-se para Jack.

– O que aconteceu ao nosso equipamento e ao *iPad*? Estivemos algum tempo no bosque antes de a polícia chegar.

– Eu tenho o *iPad* – disse Duncan, tirando-o do casaco. Fez menção de o entregar a Kate, mas Harris lançou-lhe um olhar e pegou-lhe.

– Que outro equipamento têm?

– Radar de penetração no solo – disse Tristan, falando pela primeira vez,

com o pano ainda encostado à têmpora.

– Radar de penetração no solo? – repetiu Harris.

– Alugámo-lo a uma empresa de canalização – explicou Kate. DaWn tinha ainda um dos panos na mão e olhava de uns para os outros enquanto falavam.

– Como podem achar que há um cadáver enterrado nas nossas terras? – perguntou ela, em tom estridente.

– Se me derem o *iPad*, posso mostrar – replicou Kate.

– Desenterrou um cadáver e tirou-lhe uma fotografia? – indagou DaWn.

Harris adquiriu novo interesse pelo *iPad* e começou a revirá-lo nas mãos.

– Nenhum de Vocês sabe o código, por isso precisam de mim para o desbloquear – disse Kate.

Harris entregou-lhe o *iPad*. Ela desbloqueou-o e procurou a aplicação com as capturas de ecrã que tinham feito com o radar de penetração no solo.

– Em que parte das minhas terras? – perguntou DaWn, confusa com a imagem das linhas coloridas.

– No bosque. Onde há uma árvore que parece que tem uma orelha no tronco – disse Tristan. – Junto às rochas.

Kate viu Harris estudar a imagem.

– Vê ali? – perguntou ela, apontando para as linhas salientes de cor na imagem. – É aí que acreditamos que ele pode estar enterrado.

– Ele? Como assim, *ele*? – gritou DaWn. – São as minhas terras. Tenho direito a saber. E o que vão fazer quanto a estes dois invasores? Haverá certamente medidas para isso!

Harris refletiu na questão e devolveu o *iPad* a Kate.

– Essa imagem pode ser qualquer coisa – disse ele. Kate descreveu-lhe a investigação em que estavam a trabalhar e como a quinta estava tenuemente ligada ao caso e ao conto.

Explicou-lhe também que era a mesma Kate Marshall que tinha resolvido o caso do Canibal de Nine Elms. Não gostava de falar sobre isso, mas pensou que podia ser um bom cartão «Está Livre da Prisão» naquelas circunstâncias. Pareceu resultar.

– Espere aí, espere aí – disse Harris. – É a Kate Marshall, a ex-agente da Polícia Metropolitana que descobriu o Canibal de Nine Elms?

– E este é o meu sócio na agência, Tristan Harper. – Vasculhando os bolsos, encontrou o seu cartão de visita e estendeu-o a Harris. A atitude dele pareceu alterar-se; parecia ligeiramente assombrado, como se não soubesse o que dizer a seguir.

– Estão a falar de quê? – perguntou DaWn. A porta da cozinha abriu-se, e a menina que Kate e Tristan tinham visto na sua última visita espreitou para o interior com olhos sonolentos. Arregalaram-se ao ver toda a gente.

– Mãe, o que se passa? – perguntou ela. DaWn olhou para as pessoas amontoadas na sua pequena cozinha e dirigiu-se à filha.

– Está tudo bem, querida. Está tudo bem. Vamos voltar para a cama. Jack,

podes vir comigo também. – Ele não parecia querer mexer-se. – Jack. Agora, por favor... Volto já – acrescentou ela para Harris. Depois de saírem, Duncan pegou no *iPad* e estudou as leituras do radar de penetração no solo.

– Peter Conway tentou matá-la, não foi? – perguntou Harris.

– Sim.

– E é verdade que estava no seu apartamento a ver as provas e teve um momento em que se fez luz e tudo encaixou? – Kate estava satisfeita por ver a mudança nele, mas não era aquele o momento para dar uma palestra.

– Agradeço o interesse, e teria todo o gosto em falar sobre esse caso. Mas estaria disposto a chamar uma equipa forense para verificar isto?

– Pode ser qualquer coisa – disse Duncan, mostrando as linhas distorcidas de cor no ecrã do *iPad*. Não parecia tão impressionado com Kate como Harris.

– Posso explicar com mais pormenor, mas muito do que temos vindo a investigar está ligado a esta quinta. Pode ser a raiz de uma árvore ou uma velha bicicleta, mas sinto que temos causa provável para investigar. Pode ser realmente um cadáver. Outro rasgo de luz, se quiser.

Harris ficou calado por um momento. Coçou o queixo e depois olhou novamente para Kate e Tristan.

– Causa provável. Rasgo de luz – repetiu, anuindo. Estendeu a mão para o rádio e ligou para o centro de controlo. – Podem enviar uma equipa forense para Danvers Farm, em South Zeal? Imediatamente.

Harris e Duncan saíram da cozinha, dizendo a Kate e Tristan para ficarem onde estavam enquanto eles selavam a área em torno do bosque. Fez-se uma estranha acalmia quando ficaram a sós.

– Estás bem? – perguntou Kate, dirigindo-se a Tristan.

Ele afastou o pano do rosto e fitou-a. A Vermelhidão tinha diminuído e os seus olhos pareciam menos raiados de sangue.

– Desculpa, Tris – pediu ela, sentindo novamente a culpa.

– Não foi culpa sua. Este sabão é pegajoso – disse ele, dirigindo-se ao lava-loiça e passando suavemente o rosto por água. – Como está a sua cabeça? – perguntou.

– Bem. Só um pouco dorida... Mas não vou ao maldito hospital – acrescentou ela, ao ver a sua preocupação.

DaWn voltou a entrar na cozinha.

– Os seus filhos estão bem? – perguntou Kate.

– Abalados – disse ela. – Estão os dois abalados.

– Lamento muito por tudo isto.

DaWn fitou Kate por um momento.

– Acha realmente que há um cadáver enterrado nas nossas terras? – perguntou baixinho. Kate olhou pela janela da cozinha e viu que o céu estava a adquirir um tom de azul profundo. Não tardaria a clarear.

– Sinceramente, espero que não.

DaWn dirigiu-se ao frigorífico e tirou uma garrafa de leite.

– Porque não falaram comigo sobre isto no outro dia?

– Teria acreditado em nós se lhe pedíssemos para revistar as suas terras em busca de um cadáver? – contrapôs Kate. DaWn ligou a chaleira.

– Vão apresentar queixa contra o Jack? – perguntou ela, vendo Tristan lavar o rosto com água. Tirou um pano de algodão limpo de uma gaveta e estendeu-lho. Tristan pegou-lhe e encostou-o suavemente ao rosto.

– Não – respondeu Kate.

– Querem um chá?

Kate assentiu. Por um momento, DaWn trabalhou em silêncio, tirando canecas e açúcar. Kate olhou impacientemente pela janela, desejando estar no pátio com a polícia.

– O que sabe sobre os inquilinos anteriores? SteVe e Libby Hartley? – perguntou.

– Já lhe disse, nada – replicou DaWn. – Sei que partiram de repente. Quando assumimos a Quinta, ainda havia cá coisas deles; roupa de cama, algumas roupas e ornamentos. Até deixaram comida na despensa.

– Quando assumiram o arrendamento?

– No início de janeiro de dois mil e oito.

– Há quanto tempo estava a Quinta vazia?

DaWn hesitou, com a chaleira nas mãos, e teve de pensar.

– Pelo menos cinco ou seis meses – respondeu. Kate olhou para Tristan.

– Eles partiram em julho de dois mil e sete? – perguntou Kate.

– Por volta dessa altura, acho eu. As terras estavam uma confusão. A Coroa trouxe outra cooperativa de agricultores para fazer a colheita desse ano, mas havia muitas coisas descontroladas. Soube pelos vizinhos que a Libby Hartley tinha problemas de saúde mental. E o SteVe Hartley era alcoólico. No início desse ano, tinha virado o carro na estrada com uma rapariga com quem andava a ter um caso no banco do passageiro. Não creio que fosse um casamento feliz.

– Lemos sobre isso no jornal local – observou Tristan.

– Dizem os rumores que a Jennifer Kibbin, a rapariga com quem o SteVe estava nesse dia, estava grávida dele – disse DaWn. – Nunca foi confirmado.

Kate olhou para Tristan. Um bebé indesejado. E SteVe e Libby tinham deixado a Quinta pouco tempo depois de Charlie ter desaparecido. Virou-se para olhar pela janela, pensando nos bosques. DaWn seguiu-lhe o olhar.

– Não acha... – Pousou a lata de chá com um tinido e ficou muito pálida. – Não acha que o... o... seja o que for que está enterrado nas minhas terras é um bebé, pois não?

– Não sabemos – disse Kate, querendo tranquilizar DaWn, mas tendo também o mesmo pensamento. – Alguma vez conheceu uma assistente social chamada Anna Treadwell? – perguntou, mudando de assunto.

– Não. Porque haveria eu de ter algo que ver com uma assistente social? Os meus filhos são felizes e amados – disse DaWn. Parecia assustada, agora, e perturbada. – O meu marido volta hoje. Podem falar com ele.

– Onde esteve ele?

– No Norfolk Show, é uma feira agrícola.

Limpando os olhos, DaWn saiu da divisão. Já havia luz no exterior. Kate podia ver os gatos vadios a circular em torno das suas tigelas e pratos na tampa de esgoto do pátio. Passado um momento, viu o inspetor-chefe Harris atravessar o portão, e ao fim de um instante, ouviu-se uma batida na porta das traseiras. DaWn regressou com um pacote de biscoitos e abriu a porta.

– Kate e Tristan, gostariam de vir comigo? – perguntou Harris. – Também nos pode acompanhar, senhora Grey.

– Não. Vou ficar aqui com os meninos – respondeu ela.

– Estás bem, Tris? – perguntou Kate. O seu rosto parecia muito melhor. Ele anuiu, com ar de quem queria fugir da cozinha.



O Sol escondia-se agora atrás de nuvens cinzentas. Seguiram Harris por entre as árvores e os edifícios da Quinta. Ao saírem para os campos, viram uma carrinha forense estacionada junto à orla do bosque. Kate e Tristan receberam fatos de proteção brancos para vestir e coberturas para os sapatos. Harris vestiu também o equipamento de proteção.

Um caminho de lona tinha sido estendido entre a carrinha e o bosque, e dois fortes holofotes haviam sido montados junto às rochas.

Kate sentiu um receio e uma adrenalina horríveis ao ver um grupo de três técnicos forenses limpar uma secção de folhas e caruma em torno da terra aplanada sob a rocha.

– Parece real, agora – disse Tristan, fazendo eco do seu sentimento. Ficaram ali muito tempo, apenas a ver de longe. Era um trabalho lento, pois tinham de embalar as camadas de solo e de recolher amostras vivas das larvas e insetos sob a rocha.

À medida que os minutos passavam, Kate começou a esperar que não descobrissem nada. A ideia de encontrar o cadáver de uma criança ali enterrado enchia-a de horror, e queria que lhe provassem que estava errada. O céu estava nublado, e a temperatura desceu, fazendo Kate sentir-se grata pelos fatos forenses. Passados alguns minutos, começou a chover, e uma cobertura de lona foi rapidamente erguida sobre o terreno para que os técnicos forenses pudessem continuar a escavar.

Kate e Tristan receberam um guarda-chuva, e ficaram em silêncio, a ouvir o som rítmico de pás a escavar o solo e da chuva a matraquear na lona. A orelha projetada do tronco da árvore reluzia sob os holofotes, e Kate pensou novamente em como a madeira suave parecia pele humana. O som da chuva intensificou-se e começou a pesar, e as nuvens tornaram-se densas, envolvendo a clareira do bosque numa ligeira bruma. O cheiro da chuva no solo e nas plantas trespassava a manhã fria.

Os técnicos forenses começaram a escavar mais fundo, e Kate notou que estavam a utilizar as imagens GPR que eles tinham captado durante a noite.

– Temos algo – disse uma voz, rasgando subitamente o silêncio. Tristan e Kate aproximaram-se mais do buraco. Tinha cerca de metro e meio de profundidade, e raízes das árvores circundantes espreitavam das orlas. Dois técnicos forenses trabalhavam no buraco sob a luz intensa dos holofotes, com os macacões brancos cobertos de solo turfoso.

Kate viu como trocavam as pás por pincéis ásperos e começavam a trabalhar mais cuidadosamente, afastando o solo. *O que é? Digam--nos o que é!* gritava uma

VoZ na sua cabeça.

Passados alguns minutos, um técnico forense ergueu uma enorme massa lamacenta do buraco. Enquanto depunha suavemente o embrulho, uma noVa lona foi colocada por baixo. Os torrões de terra fresca caíram, e os técnicos começaram a trabalhar com os seus pincéis para eXpor um ligeiro padrão. Kate reconheceu os contornos de um cobertor grosso.

O horror começou a inVadir-lhe o estômago, e um silêncio terrível alastrou pela equipa enquanto começaVam a desenrolar suavemente o cobertor. Tinha um pequeno embrulho enegrecido no interior. Aproximaram uma luz e viram a forma de um braço, um pequeno rosto encoVado com órbitas, um nariz, Queixo e dentes.

– Não, não, por faVor, não – ouviu Kate dizer a Tristan, ao seu lado. Estendeu a mão para a dele e agarrou-a.

– É uma criança – anunciou um dos técnicos forenses, sentando-se sobre os calcanhares na lona. O pequeno corpo decomposto mantinha-se surpreendentemente intacto, deitado entre as dobras do cobertor, ainda com fios de cabelo presos à cúpula do crânio.

– E se for o Charlie? – perguntou Tristan baixinho, junto a ela.

A descoberta do corpo mudou tudo. Foi aberta uma investigação ao homicídio, e o inspetor-chefe Harris pediu a Kate e Tristan para prestarem formalmente declarações.

– Então... deixem-me lá ver se percebo bem isto – disse ele, enquanto conversavam num dos veículos de apoio da polícia. – Tropeçaram num conto numa antologia que vos levou a decidir procurar um cadáver?

– Sim, foi quando descobrimos a ligação ao desaparecimento do Charlie Julings – respondeu Kate. – Quando ele desapareceu, a polícia fez buscas nesta quinta, e disse que os inquilinos anteriores estavam a agir de forma estranha. Descobrimos então que uma assistente social chamada Anna Treadwell tinha mostrado preocupação com o bem-estar do Charlie nas semanas anteriores ao seu desaparecimento. Anna Treadwell foi depois assassinada. Descobrimos uma ligação entre a Anna e uma mulher daqui, Maureen Cook, que geria um grupo de escritores ao qual a Anna pertencia. O grupo de escritores lançou uma antologia, e um dos contos, da autoria de Maureen Cook, era sobre uma mulher que enterra o filho debaixo de uma rocha num bosque que tem uma árvore com a forma de uma orelha a sair do tronco.

Harris coçou a cabeça e olhou para Duncan, que tinha estado a tirar apontamentos.

– E essa Maureen Cook, o que faz ela agora? – perguntou ele.

– Acharmos que está reformada.

– E qual é a sua ligação a Danvers Farm?

– Não sabemos – respondeu Tristan.

– O que vos levou a este conto? – perguntou Harris.

– Encontrei-o ao tentar descobrir se a Anna Treadwell, a assistente social assassinada, tinha escrito alguma coisa. Não tinha.

– Então porque pegaram na história escrita pela Maureen Cook? – interrogou ele, incapaz de esconder a confusão e a exasperação.

– Foi a orelha, a excrecência no flanco da árvore em frente a onde o corpo estava enterrado. A mesma exata orelha é descrita na árvore do conto da Maureen Cook.

– E foi assim que chegámos aqui – acrescentou Kate. Bateram à porta da

carrinha, e uma agente espreitou para o interior.

– Senhor, tem o superintendente ao telefone. Quer uma atualização completa – disse ela.

O rosto de Harris perdeu a cor. Baixou o olhar para a declaração assinada de Kate e Tristan.

– Vou precisar de uma amostra de ADN dos dois, para Vos podermos excluir do local do crime – disse ele. – E não vão para longe. Precisarei de falar novamente conVosco.



Kate e Tristan deixaram a Quinta pelo portão da frente, escoltados por um agente fardado que ergueu uma fita da polícia para os deixar passar. Pouco passava das oito da manhã.

A área em frente estava cheia de carros-patrulha e veículos forenses da polícia, e a estrada estava fechada em ambos os sentidos.

Regressaram ao carro, estacionado logo a seguir ao cordão policial, onde uma carrinha da imprensa local estava a encostar. *Oh, não*, pensou Kate.

– Vamos sair daqui – disse ela, puxando o capuz para cima. Tristan fez o mesmo.

– Pode conduzir? – perguntou ele. – Ainda tenho a vista um pouco desfocada do gás-pimenta.

Passou as chaves a Kate e ela abriu o carro. As portas da carrinha da imprensa abriram-se, e uma mulher que Kate reconhecia como uma das repórteres locais dirigiu-se apressadamente a eles.

– Acabam de vir da Quinta? – perguntou, enquanto Kate abria a porta do lado do condutor. Kate abanou a cabeça. A jornalista olhou para lá dela e viu o rosto inchado de Tristan. – De que forma estão envolvidos na investigação do homicídio?

– Não estamos – respondeu Kate.

A jornalista não sabia quem ela era, o que era bom.

– Ouvimos rumores de que foi descoberto o corpo de uma criança. E que pode ser o cadáver de Charlie Julings, o rapaz de três anos que desapareceu há uns anos em Devil's...

Kate interrompeu-a ao fechar a porta. Ativou o fecho centralizado e ligou o motor; em seguida, pôs o carro em marcha-atrás e, recuando a toda a velocidade pela estrada, fez uma inversão de marcha que quase os atirou para uma sarjeta. Só relaxou quando começaram a afastar-se e a carrinha da imprensa começou a diminuir de tamanho no espelho retrovisor.

Virou-se para Tristan. Ia calado e de olhos fixos em frente.

– Estás bem?

Ele abanou a cabeça.

– Aquele corpinho no cobertor. Acha que é o Charlie Julings? Nem sequer consegui ver se era rapaz ou rapariga. Como é que aquela jornalista sabe? Acabou literalmente de acontecer – disse ele.

– Deve ser uma fuga. Um polícia a soldo da imprensa. Está um caos lá atrás, com toda aquela gente.

– Podem ter ouvido via rádio?

– É praticamente impossível ouvir a rádio da polícia. Atualmente, é digital e encriptada, mas estes jornalistas... – Kate não queria começar a barafustar sobre as suas experiências com membros desonestos e dissimulados da imprensa. Podia ver que Tristan estava gravemente abalado.

– Mas o conto. Como pôde o conto estar certo? – perguntou Tristan, olhando para Kate.

– Não sei. E precisamos de decifrar isso, mas primeiro temos de entrar em contacto com a Jean. Se a imprensa local já anda a fazer perguntas e tem o desaparecimento do Charlie no radar, não quero que ela descubra ao ligar o televisor.

– E o Joel – acrescentou Tristan. – Regressou ontem à noite das férias, e ainda nem tivemos oportunidade de falar com ele sobre a investigação.

Passaram por uma fila de três carros-patrulha que iam a acelerar em sentido contrário, com as sirenes ligadas.

Estavam mais perto do apartamento de Tristan. Quando chegaram, Gary, o seu cunhado, estava com Sarah na sala de estar, cada um com a sua chávena de chá, a ver as notícias do início da manhã. Leo dormitava no colo de Gary. Pareceram surpreendidos ao ver Kate com Tristan.

– Tris. Pensava que tinhas ido para o trabalho – disse Sarah. Depois, viu-lhe a cara, pousou o chá na mesa de café e levantou-se. – Olha para o estado em que tu estás! O que aconteceu? – perguntou, examinando-o.

– Levei com gás – disse ele.

– Gás? – repetiu ela, virando-se para Kate. – Gás-pimenta?

– Levámos os dois. Eu escapei à maior parte – disse Kate. Gary ainda estava em trajes de dormir, só de cuecas e *T-shirt*, e ao dar-se conta disso, puxou um cobertor para cima das pernas. – Bom dia, Gary.

– Bom dia. Desculpe não me levantar – respondeu ele.

– Gás-pimenta, Tristan? – disse Sarah, vendo-o pegar no comando da televisão e mudar para o noticiário da manhã da ITV. Cruzou os braços. – Estavas a protestar contra alguma coisa?

– Deve haver um noticiário regional daqui a cinco minutos – disse Tristan a Kate.

– Estás encharcado, Tris! E imundo! – exclamou Sarah. – O que aconteceu?

– Preciso de mudar de roupa – disse ele. Desaparecendo no andar de cima, Tristan deixou Kate desconfortavelmente à espera com Sarah e Gary. Mantendo-se atenta à televisão, Kate viu um anúncio a saquetas de chá. Era um choque estar entre normalidade doméstica após a sua noite de horrores.

– Quer sentar-se? – perguntou Gary, fazendo menção de se levantar.

– Não, Gary. A Kate pode sentar-se à mesa – disse Sarah, indicando uma das cadeiras de sala ao canto.

– Sim, Vou só empoleirar-me aqui – assentiu Kate, sentando-se na beira de uma delas. Sarah tirou Leo a Gary, e ele aninhou-se no seu ombro, sonolento. Sacudia-o ao ombro e olhava fixamente para Kate, à espera de uma explicação, mas ela não conseguia falar do que tinham acabado de ver.

– Então... Como vai o trabalho na agência? – perguntou Gary, sentindo o desconforto. Ajeitou o cobertor que lhe cobria o colo.

– Bem, obrigada – replicou Kate. Em silêncio, viram um anúncio a um detergente sanitário. As tábuas do soalho rangeram no andar de cima, e Kate esperou que Tristan estivesse apenas a mudar de roupa e não a tomar duche.

O anúncio terminou e, subitamente, as manchetes das notícias locais da ITV começaram a passar. O troço de estrada à entrada de Danvers Farm apareceu no ecrã.

– Notícia de última hora: esta manhã a polícia descobriu o cadáver de uma criança numa quinta na fronteira de Dartmoor – anunciou o locutor.

– Tristan! – chamou Kate, levantando-se de um salto, dirigindo-se à porta e gritando escadas acima. – É a notícia de abertura!

Ouviu-se um matraquear enquanto Tristan descia as escadas a correr e entrava na sala de estar, a vestir uma *T-shirt*. Leo acordou e soltou um grito arrepiante.

Kate e Tristan aproximaram-se do ecrã da televisão. O pivô passou em direto para a mesma jornalista que ainda meia hora antes tinham visto na estrada junto a Danvers Farm. Estava diante de um cordão policial que era sacudido pela brisa, junto ao qual se encontravam dois agentes fardados. Tristan aumentou o volume.

– Relatos não confirmados indicam que o cadáver de uma criança foi encontrado embrulhado num cobertor e enterrado numa campa rasa nos bosques da propriedade – disse a repórter para a câmara. A imagem passou para um plano geral da quinta, onde uma pequena maca estava a ser transportada para uma carrinha preta. – Aparentemente, a polícia terá agido com base numa informação de uma detetive privada que estava a trabalhar noutro caso na região. Teremos mais atualizações em breve.

Sarah e Gary estavam a tentar acalmar Leo, mas pararam ao ouvir a parte sobre a detetive privada.

– Tristan, tens alguma coisa que ver com isto? – perguntou Sarah, passando o vociferante Leo a Gary, que parou imediatamente de chorar.

– Não posso falar sobre isso – disse ele. Sarah aproximou-se e ergueu-lhe o queixo com a mão.

– E foste atingido com gás-pimenta? Estavas a invadir propriedade privada?

– Sarah, estamos bem – disse Kate.

– Estou a falar com o meu irmão, se não se importa – cortou Sarah, cruzando os braços. Olhou novamente para a televisão, onde passava agora uma notícia sobre escavações nas condutas de água de um parque de estacionamento em Exeter. – Continuo à espera de uma explicação, Tristan.

Ele virou-se para ela.

– Sarah, és sempre bem-vinda aqui, mas, por favor, não fales assim com a Kate. Não podemos discutir isto. Temos trabalho importante a fazer. E, da última vez que verifiquei, este era o meu apartamento.

Sarah abriu e fechou a boca, após o que se dirigiu à cozinha.

– Desculpa, Gary, não é uma boa altura – disse Tristan.

Gary assentiu, agarrou no cobertor para proteger a sua modéstia e levou Leo para a cozinha, fechando a porta. Tristan virou-se de novo para Kate.

– Não sei se a Jean e o Joel têm um oficial de ligação na polícia ao fim de todo este tempo, mas não deviam saber disto pelos noticiários da televisão.

– De acordo. Talvez tenhamos de ser nós a dar a notícia. Vamos marcar encontro com eles – disse Kate.

Joel Mansfield geria um *pub* na periferia de uma aldeia chamada Belstone, do lado sul de Dartmoor. Era um gigantesco edifício de granito empoleirado ao cimo de uma estreita estrada que parecia mergulhar na charneca aberta onde as velhas pastavam ao sol quente. Quando Kate e Tristan chegaram, as mesas no exterior estavam já repletas de pessoas a beber debaixo de guarda-sóis. Quando entraram, o *pub* estava calmo e tranquilo. O ar era bafiento e cheirava a cerveja e ao fantasma de cigarros fumados há muitos anos.

Duas jovens trabalhavam atrás do balcão, com as suas *T-shirts* demasiado grandes arregaçadas nas mangas. Havia uma televisão na parede, mas estava apagada. Kate reconheceu Joel das fotos dos jornais, mas estava agora muito mais corpulento, bronzeado e com o cabelo escuro a escassear no topo da cabeça. Estava a meio de trocar um barril de cerveja. Encaixou-o no lugar com um tinido, e depois susteve a respiração ao vê-los.

Kate ia para o cumprimentar, mas ele interrompeu-a.

– O pátio das traseiras é tranquilo e tem sombra. Vamos conversar lá. Querem uma bebida? – perguntou.

Pediram ambos café. Tinham passado a noite inteira acordados, mas Kate ainda sentia que estava a funcionar à base de adrenalina. Joel disse a uma das raparigas para lhes levar café e depois abriu a portinhola do *pub*. Kate e Tristan acompanharam-no a um pequeno pátio ajardinado com vista direta para o cemitério da igreja em frente. Estava fresco à sombra, e sentaram-se a uma velha mesa de piquenique.

Joel acendeu um cigarro.

– Quais acham que são as probabilidades... de ser o Charlie? – perguntou, a voz a descer uma oitava e a tornar-se rouca. Kate viu como o luto e a dor pela perda do filho lhe atravessavam o rosto.

– Não sabemos. A polícia terá de fazer testes de ADN – respondeu.

– Não parecia ele? Por causa de todo o tempo que passou enterrado?

Kate não sabia como responder a isso. Abanou a cabeça.

– A polícia contactou-o? – perguntou.
– Não. Só tive notícias Vossas. – Sacudiu a cinza para o chão. – Sabem, eu queria contratar um detetive privado. Pensei nisso, mas Vocês cobram os olhos da cara – disse ele, recostando-se na cadeira e cruzando os braços. – Como pode a Jean dar-se ao luxo de Vos pagar? – A sua voz tornou-se hostil ao referir o nome.

– Poupanças, acho eu – replicou Kate.

SopraVa uma brisa fresca no pátio, apesar de abrigado sob os ramos dos altos carvalhos. A relva alta ondulaVa entre as lápides do cemitério em frente. Uma das raparigas trouxe três pequenas chávenas de café num tabuleiro. Joel recostou-se, esfregando o rosto. A rapariga apercebeu-se da tensão e, depois de colocar as chávenas diante deles, afastou-se à pressa.

– Poupanças... A partir de quê, eis a questão... – murmurou ele. – Porque decidiram investigar aquela quinta?

Kate explicou a ligação ao conto, a Maureen Cook e à assistente social, Anna.

– Alguma vez teve contacto com Anna Treadwell? – perguntou Kate. Joel abanou a cabeça e acendeu outro cigarro.

– Não. Lembro-me de ouvir a Jean e a Becky reclamar sobre ela. Mas, por outro lado, todas as semanas parecia haver uma mulher diferente a irritá-las.

– Como assim?

– Adoravam reclamar e coscuvilhar e deitar as pessoas abaixo. Havia a vizinha de cima de Jean. As amigas da Becky que a ofendiam. A minha irmã, a minha mãe e a mulher que trabalhava na loja ao fundo da rua. E, claro, havia o Declan. Jesus, o Declan era sempre um tema quente. *O que tinha ele feito desta vez?* – exemplificou ele. – O que eu quero dizer é que havia sempre alguém que as irritava, e nunca pareciam fazer nada em relação a isso. Nunca falavam com a pessoa que as tinha perturbado. Limitavam-se a deixar-se enredar neste festival negativo de queixas entre ambas.

– Mas a Anna Treadwell era diferente. Era assistente social. Nunca receou que ela abrisse um processo para vos retirar a guarda do Charlie? – perguntou Kate.

Ele abanou a cabeça.

– Acho que elas a irritavam, e que ela tirava algum prazer de as fazer suar – respondeu.

– Continua em contacto com a Jean? – perguntou Tristan. Joel olhou para a ponta incandescente do seu cigarro com os olhos exaustos.

– Não estava, mas liguei-lhe. Vai passar por cá. – Olhou para o relógio. – Deve chegar em breve. Se há algo que eu sei sobre a Jean, por mais que nos detestássemos, é que ela amava o Charlie, e ele a ela. Naquela semana em que fomos acampar para Devil's Way, estava muito entusiasmado por ir dormir na mesma tenda com a avó. –

A memória fê-lo sorrir. – E os miúdos não sabem fingir que gostam das pessoas, não quando são assim tão novos... A Jean deixava-o comer doces antes de

deitar. DaVa com a Becky em doida. A Becky culpaVa sempre a Jean por todas as cáries que tinha nos dentes. Eu costumaVa pensar que a Jean tinha feito tantas asneiras na Vida que trataVa o Charlie com o todo o cuidado.

– Importa-se de nos contar o que aconteceu quando o Charlie desapareceu? – pediu Tristan.

– Deixámos a Jean com o Charlie em Devil's Way. Tinha-me aparecido um trabalho de última hora, nesse dia, e era bom dinheiro. Era a trinta e tal quilómetros, nos arredores de Newton Abbot. Um festival bastante grande, num campo com vista para o mar. Eu e a Becky comemos qualquer coisa e vimos algumas das outras bandas; depois, fiz a minha atuação às três da tarde e desci do palco passada meia hora. Ficámos para uns copos no fim, muito mais do que eu planeava. Mas estavam lá alguns promotores, e eu senti-me tentado a socializar com eles, poderia levar a mais trabalho... Partimos para Devil's Way às seis, parámos para comprar alguma comida e chegámos por volta das sete e meia.

– A Jean tinha telemóvel? A Becky estava em contacto com ela? – perguntou Kate. Ele anuiu.

– A Jean encorajou-nos a ficar até mais tarde. Disse que ela e o Charlie estavam a divertir-se à grande a nadar e a brincar. Quando regressámos, fizemos uma fogueira para um churrasco.

– Sabia que o Declan Connolly apareceu por lá nessa noite?

Ele assentiu.

– E sei que a Jean tentou livrar-se dele. Quem me dera que ela me tivesse dito. Ter-lhe-ia dado um pontapé no traseiro e atirado com ele para longe.

– A que horas é a que Jean deu o alerta de que o Charlie estava desaparecido?

– Não sabem já tudo isto?

Kate sorriu.

– Desculpe. Não estamos a tentar apanhá-lo. É só que, às vezes, as pessoas podem lembrar-se de coisas de que os outros se esqueceram.

– A Becky foi vê-lo às dez e quinze. Foi então que se apercebeu de que não estava na tenda. A Jean voltou e começámos a procurar. Inicialmente, pensei que estavam a ser demasiado dramáticas, mas, com o passar do tempo, e ao não conseguirmos encontrá-lo, compreendi que era... – Respirou fundo. – Que era grave. Então, às quatro da manhã, ligámos para a polícia.

Uma mulher entrou no pequeno pátio com duas meninas, que pareciam ter cinco ou seis anos. Usavam calções e *T-shirts* cor-de-rosa, e seguravam toalhas de banho da *Barbie*.

– Joel, vamos andando – disse a mulher, hesitante.

– Vem cá – replicou ele. A mulher olhou de Kate para Tristan. As duas meninas deixaram-se ficar junto à porta. – É a minha mulher, Kelly, e as meninas são a Justine e a Ruby – acrescentou Joel. Estendeu os braços e as duas meninas dirigiram-se a ele, subindo-lhe para o colo.

Kate e Tristan apresentaram-se.

– Prazer em conhecer-Vos – disse Kelly. Virou-se para Joel. – Tens a certeza de que devemos ir à piscina?

– Sim. Mantém as coisas normais – assentiu ele, plantando um beijo na face de cada menina. Abraçou-as com força e elas sorriram, mantendo, porém, em Kate e Tristan os seus olhares curiosos. – Portem-se bem. E até logo – disse Joel.

– Vão para o carro, meninas – acrescentou Kelly, entregando a Ruby as chaves do veículo. Elas afastaram-se, e Kelly esperou até deixarem de a poder ouvir. – O que se passa com a Quinta? – perguntou.

– Não sabemos. A Kate e o Tristan têm estado a falar-me da sua investigação. Ainda não soubemos de nada. – Olhou para o relógio. – A Jean deve chegar não tarda – disse ele a Kelly. Ela aquiesceu.

– Não quero estar cá quando ela chegar. Liga-me assim que souberes de alguma coisa – pediu. – Foi um prazer conhecer-Vos – acrescentou, para Kate e Tristan.

– A Kelly conhece a Jean? – perguntou Kate.

– Viu-a algumas vezes, quando nos juntámos. Tentei manter-me em contacto com a Jean, por causa da Becky... Mas a Jean via-a como uma ameaça. Eu e a Becky separámo-nos cerca de quatro anos depois de o Charlie ter desaparecido. E juntei-me com a Kelly alguns meses depois disso. Foi um período de convulsão, como podem imaginar. A Becky andava metida no álcool e nas drogas.

– O que achou do pedido da Jean para que o Charlie fosse declarado morto? – perguntou Kate.

Joel hesitou e depois cobriu a boca com a mão. Deixou escapar um soluço e fechou os olhos.

– Desculpem – disse ele. Tateou em busca dos cigarros e acendeu mais um com a mão trémula. – Nunca compreendi o motivo de a Jean ter desistido do Charlie. Pensei em requerer a suspensão, mas a Becky queria fazer um funeral, e pensei que talvez isso lhe desse descanso... Não deu. Acho que foi isso que a atirou para o precipício. Sei que parece terrível, mas parte de mim quer que seja ele. Aquele rapaz que encontraram. Desisti da ideia de ele ainda estar vivo. As pessoas que levam crianças assim tão novas, levam-nas por uma razão e mantêm-nas vivas... mantêm-nas vivas por uma razão, se é que me entendem.

Kate anuiu.

– Se aquele rapazinho for o Charlie – prosseguiu Joel –, posso dar-lhe descanso. – E foi-se abaiço.

Kate tirou um pacote de lenços de papel do bolso e estendeu-lho. Uma das raparigas do balcão apareceu à porta do pátio.

– Chefe, estão aqui umas pessoas para o ver – disse ela. Então, Viu Joel a chorar e desapareceu novamente no interior.

Jean estava à espera no interior com Sadie DeXter, sentada num canto do *pub* VaZio. Vestia um largo Vestido floral sem mangas. Os seus braços magros pareciam macilentos, e tinha um relógio de ouro pendurado no pulso. Sadie Vestia um cafetã de camuflado e olhava para o ecrã do seu telemóvel, com os óculos empoleirados na ponta do nariz.

Joel entrou no *pub* à frente de Kate e Tristan, e houve um momento de desconforto quando Jean ergueu o olhar do local onde se encontrava. Ele hesitou. Kate pensou que talvez fosse dizer a Jean para partir, mas então dirigiu-se a ela e abraçaram-se.

– É ele, sei que é, e encontraram-no – disse Jean, a voz abafada contra a camisa de Joel. Ele desabou por completo e afundou-se no banco ao lado dela. Ao contemplar aquilo, Kate sentiu compaixão pela dor de Jean, mas ficou confusa. No passado, Jean tinha solicitado uma certidão de óbito por pensar que Charlie estava morto, e depois tinha-os contratado como detetives privados porque tinha a forte sensação de que estava vivo, mas agora estava convencida de que o cadáver era dele. Kate sacudiu o pensamento. Estava a ser cruel. Não podia imaginar a montanha-russa de emoções que Jean devia estar a sentir.

Joel e Jean mantiveram-se abraçados, e Sadie escapuliu-se de trás da cadeira e dirigiu-se a Kate e Tristan, puxando um pedaço de tecido de cafetã da racha do traseiro.

– Talvez devêssemos dar-lhes um minuto – disse ela, indicando a porta. Kate e Tristan seguiram-na para o exterior do *pub*.

– Como está ela? – perguntou Tristan.

– A Jean está um perfeito caos. Obrigada por lhe ligarem – disse Sadie. – Se não saberia pelas notícias, o que teria sido mau. Acabam de lhe dar alta do The LaWns, e está de volta ao seu apartamento, a deambular por ali sozinha.

– A polícia já entrou em contacto com ela? – perguntou Kate.

– Não. Nada. Havia uma oficial de ligação à família que trabalhava com a Jean, uma mulher chamada Pat. Tentei ligar-lhe esta manhã, porque a Jean

ainda tinha o número no seu livro de endereços, mas reformou-se e foi viver para Espanha. Acham que é o Charlie? Quando encontraram o corpo?

– É impossível dizer – disse Kate. Sadie fez uma careta, que Kate achou que pretendia expressar horror, mas, com os seus grandes óculos de lentes grossas, parecia que estava a rsnar.

– Encontraram-no naquela quinta? Tão perto de Devil's Way. Lembro-me de ter visto uma reportagem da altura, sabem, em que mostravam tudo no mapa, e de pensar que aquela quinta... *Aquela quinta*. Era tão perto em linha reta. Podia ter sido alguém a levar o Charlie, e a tê-lo matado e... – Interrompeu-se, não querendo claramente continuar. O seu telemóvel tocou. – Oh, é o Steve, para saber o que se passa. Se me dão licença... – Atendeu a chamada e desapareceu ao virar da esquina.

Kate estava a ter dificuldade em apagar a imagem do pequeno cobertor cheio de lama da sua cabeça. De repente, a porta do *pub* abriu-se e Jean saiu disparada, com uma expressão de pânico no rosto.

– Onde está a Sadie? – perguntou ela. Viu-a ao fundo da rua a falar ao telemóvel e fez-lhe sinal para que regressasse. Joel emergiu da porta atrás dela, a falar ao telefone. – Acabo de receber uma chamada da polícia, um tal inspetor-chefe Harris... – acrescentou Jean. Estava a tremer. – Quer que eu e o Joel vamos à esquadra de Exeter para lhes darmos uma amostra de ADN. Disse que o corpo é de um rapazinho, que julgam que tinha três anos quando morreu. Querem testar o nosso ADN para ver se é o Charlie.

Joel largou o telefone.

– Não consigo falar com a Kelly – disse ele. Parecia igualmente pálido e abalado. Sadie tinha agora terminado a sua chamada e regressado para junto deles.

– Sadie, temos de ir para Exeter – disse Jean. – Querem recolher o nosso ADN. Como se faz isso?

– Tiram um pouco de sangue – explicou Sadie, com os olhos arregalados por trás das lentes.

– Oh, meu Deus! Vou vomitar – exclamou Jean, agarrando-se ao braço da amiga. – E se for ele? Quanto tempo demorarão a saber?

Olharam todos para Kate. Ela pensou no pequeno embrulho mirrado. Se o corpo pertencesse realmente a Charlie, teria estado na terra durante onze anos, e extrair ADN podia demorar um pouco mais do que colher sangue. Olhou para os seus rostos pálidos e assustados.

– Pode demorar alguns dias – afirmou.

– Oh, é ele. Eu sei que sim... Acha que nos vão pedir para ver o corpo? Para o identificarmos? Eu não consigo fazer isso! – exclamou Jean. Joel parecia horrorizado com a ideia.

– Não. A polícia não vai pedir isso – respondeu Kate.

– Agora acalma-te, Jean – disse Sadie, pegando-lhe na mão. – Um passo de cada vez. O Steve vai ter connosco à esquadra da polícia.

– Está bem. Depois eu ligo a dizer o que aconteceu – disse Jean a Kate e Tristan. Precipitadamente, dirigiram-se todos ao *Montego* azul de Sadie. Joel ajudou Jean a subir para o lugar do passageiro, e mal tinha acabado de entrar para o banco de trás, estando ainda a fechar a porta, quando Sadie arrancou com um chiar de borracha no asfalto.

Ficou uma sensação de anticlímax enquanto o carro desaparecia ao virar da curva. A polícia estava agora no comando.

– O que fazemos? – perguntou Tristan. Kate olhou para a vista soalheira da charneca. O que deviam fazer?

– Vamos tentar novamente contactar a Maureen Cook, e gostaria de falar com o pessoal da Abble Graphics. Foram eles que produziram e imprimiram a antologia. É na história e na ligação à Anna Treadwell que temos de nos concentrar.

Maureen Cook. Ora aí está um nome pouco popular – observou Alfie

Abble, da Abble Graphics.

Era um homem meio careca com uns travessos olhos castanhos. Parecia rondar os sessenta e poucos anos e usava um elegante fato de três peças em camurça Verde, com um relógio de corrente e um lenço a espreitar da lapela. A Abble Graphics situava-se numa pequena loja ao cimo da rua principal da aldeia de Cranborough. Vendiam máquinas fotográficas antigas, câmaras de cinema e equipamento fotográfico, além de revelarem fotos, um dos poucos sítios que ainda o faziam. Tinham um expositor junto à porta que mostrava exemplos de fotos impressas em canecas, *T-shirts*, calendários e almofadas, mas era claramente um elemento secundário.

– Porque é Maureen Cook um nome pouco popular? – perguntou Kate. Um homem mais novo e musculado com uma *T-shirt* preta justa saiu da sala dos fundos com um grande tripé. Parecia rondar os trinta anos, tinha feições fortes e morenas e usava a cabeça rapada. Viu Kate e Tristan e sorriu.

– Boa tarde. Sou o Ben – disse ele. Pousou o tripé e debruçou-se sobre o balcão para apertar a mão a ambos.

– Ben – disse Alfie, virando-se para ele com um sorriso. – Esta senhora e este jovem são detetives privados.

– Não sei se alguma vez tinha conhecido um detetive privado, quanto mais dois.

– Estão aqui para perguntar pela Maureen Cook – acrescentou Alfie, enunciando o nome. Ben arqueou uma sobrancelha.

– Deixem-me adivinhar. Alguém contratou um assassino para a matar, e estão com dificuldades em reduzir a lista? – perguntou ele. Depois, viu as expressões sérias de Kate e Tristan. – Oh! Era apenas uma piada. Ela está bem?

– Tanto quanto sabemos, foi fazer um cruzeiro. Seria possível conversarmos num sítio mais privado? – pediu Kate.

– Sim, entrem para a oficina – disse Alfie. Seguiram-no até uma sala com painéis em madeira. Tinha uma grande mesa de jantar encostada a uma estante,

com uma toalha branca e um Vaso de frésias. Ben indicou-lhes um grande sofá, e Kate e Tristan sentaram-se.

– Para onde Vai o cruzeiro da Maureen desta vez? – perguntou Ben.

– Para as Caraíbas – respondeu Kate. Alfie acenou e sorriu.

– Pergunto-me se sabem que o furacão Maureen está prestes a atingi-los – observou.

– Pode parecer estranho, mas podemos perguntar-Vos pelo Grupo de Escritores de Cranborough?

– Tentei apagar isso da minha memória – disse Alfie, sentando-se numa poltrona junto ao sofá. Ben empoleirou-se num dos braços.

– Eu também – acrescentou.

– Constatou-nos que eram membros.

– Sim, durante os seus dez meses de existência. Na verdade, fomos nós que o criámos, e planeávamos usar o salão da aldeia para as reuniões. Após um conflito com os lobitos, que precisavam do salão, a Maureen Cook chegou-se à frente e cooptou-o para a sua sala de estar – disse Alfie.

– Estivemos em casa dela. Parecia um sítio bastante agradável para uma reunião – comentou Kate, espicaçando-os um pouco. Ben fez uma careta.

– A Maureen consegue farejar um grupo ou sociedade a cinquenta passos – disse Alfie. – Nunca lhe interessa o tema. Tem simplesmente prazer em estar no comando. De certeza que, se alguém criasse uma sociedade de culto a Satanás, a Maureen estaria lá, a oferecer-se como tesoureira e a planear os refrescos.

– Em que outros grupos esteve ela envolvida? – perguntou Tristan.

– Estive num clube de leitura no ano anterior, e depois desentendeu-se com os outros membros quando eles a acusaram de não ler os livros – disse Ben. Alfie sorriu ao lembrar-se.

– O problema da Maureen é que é ao mesmo tempo estúpida e muito segura de si. Eram um grupo muito jovem, e o primeiro livro foi *Jordan: Pushed to the Limit*. A Maureen não o tinha lido, mas tentou desenrascar-se e começou a falar nos cristãos em fuga às perseguições do Estado Islâmico, sem saber que o livro era uma das autobiografias de Katie Price.

Kate não pôde deixar de sorrir.

– Voltando ao grupo de escrita. Quantos membros eram? – perguntou.

– Em que tipo de caso estão a trabalhar, se não se importam que pergunte? – indagou Ben.

– Já lá vamos. Prometo.

– Éramos sete no grupo. Eu e o Alfie, a Maureen, a Anna, outras duas mulheres daqui, de nome Helen e Doris, e um viúvo chamado Mick.

– E como funcionava? Todos escreviam textos e liam-nos em voz alta? – perguntou Tristan.

– Sim, líamos o que tínhamos escrito em casa e depois criticávamo-lo de forma positiva – disse Alfie. – A Maureen gostava de contribuir com poemas do tipo «o pato perto da porta». E com contos sentimentaloides, muito

melodramáticos.

– Em Que sentido? – perguntou Tristan.

– Muitas VeZes, eram sobre uma mulher que ia fazer um cruzeiro e se apaixonava pelo comandante do navio. A Maureen adora fazer férias em cruzeiros. Não sei se alguma vez teve sorte no mar na vida real.

– Porque se desfez o grupo de escrita? – perguntou Kate.

– Tivemos a ideia de publicar uma antologia para a caridade. O Ben e eu achámos que podíamos angariar mais dinheiro se imprimíssemos um livro «a sério», em vez de apenas uns rabiscos manhosos numa fotocopiadora.

– Ou «aparelho de cópias», como a Maureen gosta de lhe chamar – acrescentou Ben. – Tem muito orgulho na sua fotocopiadora. Muita gente da aldeia costuma ir ter com ela para fotocopiar coisas, e ela cobra-valhes, claro. Agora, também oferecemos fotocópias com processamento de impressão.

– Muito bem, então ofereceram-se para imprimir a antologia? – perguntou Kate.

– Sim, e deu-se um conflito de opiniões, por isso decidimos votar – disse Alfie. – A Maureen adora fazer votações. Era frequente invocar uma se as coisas não estivessem a correr à sua maneira. A Anna, uma mulher que costuma ir às reuniões, era muitas vezes o voto decisivo da Maureen, mas não estava lá nessa semana. A Maureen perdeu a votação, e isso levou à cisão do grupo.

– Portanto, a Maureen perdeu a votação e o grupo de escritores ficou tremido. O que aconteceu a seguir? – perguntou Tristan.

Alfie e Ben trocaram um olhar.

– A Maureen ficou furiosa com a Anna por não ter aparecido para a ajudar a vencer a votação. E, na altura, pensámos que ela não estava para se dar ao trabalho de aparecer, quando na realidade... – Ben hesitou.

– A Anna tinha sido assassinada na sua própria cama – completou Alfie. Abanou a cabeça. – Só foi descoberta quase duas semanas depois. A segunda reunião a que ela faltou foi aquela em que tudo começou com a votação, por isso, enquanto nós andávamos a discutir quem ia imprimir a antologia, a pobre Anna estava morta. Só soubemos uma semana depois, quando apareceu nas notícias.

– O que aconteceu ao grupo? – perguntou Kate.

– Bem. É para que vejam a cabra malvada que a Maureen pode ser. Queríamos juntar-nos todos e lançar a antologia para uma instituição de apoio a mulheres. Optámos por um abrigo para mulheres porque a Anna tinha sido vítima de violência doméstica. Mas a Maureen continuava a arranjar problemas e a insistir em ser ela a imprimi-la.

– Como resolveram a situação? – perguntou Tristan.

– Alguns meses depois, foi o funeral da Anna, e todos marcámos presença. E digo todos porque só os membros do grupo de escritores e alguns dos seus colegas do trabalho é que apareceram – disse Alfie.

– E foi nessa altura que a Maureen mudou completamente de conversa – prosseguiu Ben. – Veio ter connosco e disse que tinha um conto que queria incluir na antologia. Tinha-se sentido inspirada durante um cruzeiro pelo Danúbio, e disse que teria todo o gosto em que o incluíssemos na antologia, desde que fosse um livro «a sério» que pudesse ser vendido nas livrarias. E assim surgiu a nossa antologia, *Os Sete*.

– E foi vendida nas lojas? – perguntou Tristan.

– Publicámo-la na primavera de dois mil e oito, o que envolveu imprimir montes de livros, e conseguimos vendê-los a livrarias independentes locais... Mas não foi o sucesso que esperávamos.

– Mas o livro está na Amazon em versão eletrónica e em papel – observou Kate.

– Há alguns anos, tornou-se mais fácil autopublicar, e carregámos o livro. Leram as histórias?

– Sim – confirmou ela.

– O Ben contribuiu com o sétimo conto, sobre o homem do espaço – disse Alfie. – E o meu era o do agricultor cuja terra está a cair para o mar.

– Sim. E eram muito bons – assentiu Tristan.

– Concordo – acrescentou Kate, esforçando-se por se lembrar das histórias entre as outras que tinha folheado. – Portanto, em relação ao conto da Maureen...

Alfie recostou-se e fitou-os.

– O que tem isto que ver com o caso que estão a investigar? Está relacionado com a morte da Anna?

– Sim – confirmou Kate. – Portanto, o conto da Maureen era diferente do tipo de coisas com que ela geralmente contribuía para o grupo?

– Sim, ficámos todos chocados quando ela apresentou esta história negra sobre uma mulher que mata acidentalmente o filho e depois enterra o corpo no bosque.

– Acham que foi ela a escrevê-la? – perguntou Tristan. Os homens trocaram um olhar.

– Não quero desvalorizar a experiência vivida de ninguém, como se diz hoje em dia – disse Alfie. – E, mesmo que isto lhe tivesse acontecido, duvido que a Maureen tivesse a capacidade de escrita para o articular da forma como o fez. Por isso, não.

– Alguém confrontou a Maureen com isso? – interrogou Tristan.

– Não. Toda a gente tem medo dela – disse Ben. – E era uma antologia para a caridade.

– Oh, vá lá! – exclamou Alfie.

– A Maureen intimida as pessoas.

– Pode intimidar-te a ti, mas a mim não. Fazer sempre frente aos rufias. É esse o meu lema.

– Se não foi a Maureen a escrever essa história, então quem acham que foi?

– perguntou Kate.

– Costumava dizer que foi a Anna a escrevê-la, e que a Maureen a despachou para a reivindicar como sua – disse Alfie. Captou o olhar que passou entre Kate e Tristan e continuou, com nervosismo. – Mas é claro que estou a brincar.

Kate e Tristan estavam mesmo a entrar no carro quando o telemóvel de Kate tocou.

– É o Bernard Crenshaw – disse ela. Pô-lo em alta voz.

– Olá, Kate. Desculpe a demora na resposta – começou ele.

– Não há problema – disse ela. Tristan arqueou uma sobrancelha.

– Escute, tenho de ser rápido. O meu contacto na esquadra de Exeter deu resultado. Podem aceder às provas do local do homicídio da Anna Treadwell. Estão na nossa unidade de provas de casos arquivados, um edifício do outro lado de Exeter. Podem estar lá às três da tarde?

Kate olhou para o relógio. Eram duas, e sentiam-se agora bastante exaustos, após uma noite sem dormir. Olhou para Tristan e ele anuiu. Tinham uma hora, o que não era muito tempo.

– Sim, podemos estar lá – disse ela.

– Ótimo. Se vos derem a oportunidade de copiar alguns dados, eu levaria um dispositivo de armazenamento ou cabo USB novo e por abrir. – Bernard deu-lhe a morada e os dados de contacto, e Kate desligou a chamada.

– Acha que ele sabe do cadáver que encontramos? – perguntou Tristan.

– Porque haveria de saber? A polícia não encontrou nenhuma ligação entre a Anna Treadwell e o corpo enterrado em Danvers Farm. Se for definitivamente identificado como o Charlie, isso pode mudar as coisas.

– O que achou dos rapazes lá atrás, e do que disseram sobre a Maureen?

– Não sei. O que ainda precisamos de descobrir é como a Maureen encontrou, ou escreveu, o conto que nos disse onde escavar – concluiu Kate. Tristan ligou o motor e partiram para Exeter.



Chegaram à morada a tempo. A unidade de provas de casos arquivados era um edifício de aspeto simples numa rua secundária. Kate e Tristan esperaram na pequena receção durante vinte minutos até uma agente à paisana os ir buscar. O nome na identificação era inspetora Paula Simpson. Parecia mais

Velha do que Kate e tinha uma atitude intimidante. Kate e Tristan tiveram de mostrar a sua identificação e de assinar Vários formulários e, depois de lhes serem emitidos passes, Paula guiou-os por um longo corredor repleto de gabinetes.

Era estranho para Kate estar de novo num edifício da polícia. Tinha todos os cheiros familiares: café, cera para pavimentos e suor, e tinha saudades do alvoroço e do stresse. Ao passarem por um gabinete concorrido, e ao ver todos os agentes a trabalhar nos seus computadores, deu-se conta de que sentia falta do acesso aos registos que tinha enquanto polícia.

Afastou o pensamento e seguiram a agente por uma saída de emergência e por uma escadaria de betão que descia até à cave. Chegaram a uma porta de rede ao fundo de outro longo corredor. Paula passou um cartão de identificação num leitor e a porta abriu-se para um vasto armazém repleto de estantes. Havia uma secretária à frente, onde tiveram de mostrar novamente a identificação a um homem magro e grisalho com um uniforme da polícia e de se registar. Paula não os apresentou.

Recebeu uma pasta do homem e abriu-a, passando o dedo por uma lista. Guardou-a debaixo do braço e pegou num grande tabuleiro de plástico, do tipo que se vê na segurança dos aeroportos.

– Muito bem. Se fizerem o favor de me seguir. – Moviam-se por entre as filas e filas de prateleiras de metal, todas cheias de sacos de provas contendo facas e outros objetos afiados. Noutra prateleira por que passaram, havia dezenas de computadores portáteis e embrulhos de roupas, tudo envolto em plástico grosso. Um pisa-papéis em vidro soprado, coberto de sangue seco, captou a atenção de Tristan ao passar, e ele olhou para Kate de olhos arregalados.

Paula chegou a uma fila de prateleiras ao fundo. Verificou os números de série na lateral de três sacos e depositou-os no tabuleiro de plástico.

Acompanharam-na a uma grande mesa de metal ao fundo do depósito e ela pousou o tabuleiro.

– As luvas estão aqui – disse, apontando para uma caixa. – Usem-nas ao manusear provas. Têm trinta minutos.

– Vai ficar connosco? – perguntou Tristan.

– Vou – confirmou ela. Recuou e cruzou os braços.

– Vamos despachar isto, então – disse Kate. Calçaram os dois um par de luvas e voltaram a sua atenção para o conteúdo do tabuleiro.

No interior, encontravam-se três grossos sacos de plástico. Um deles continha um martelo de garra ensanguentado, e o saco estava rotulado com a data e o local. Kate pegou-lhe e viu um rasto prateado de pó para impressões digitais no cabo de madeira do martelo.

– Pode dizer-nos se conseguiram tirar alguma impressão digital daqui? – pediu ela, virando o martelo dentro do saco.

Paula aproximou-se, observou-o e tirou a pasta de baixo do braço.

– Posso consultar o processo – disse ela. Dirigiu-se a um computador ali perto, na parede. Tratava-se do sistema informático HOLMES, a base de dados central da polícia do Reino Unido, contendo todos os registos criminais e processos. Havia algo na configuração, com as prateleiras e o computador para ler códigos de barras, que lembrou a Kate aqueles terminais onde se podia verificar o preço das bananas por quilo.

Paula introduziu o número, esperou um momento e então os dados do processo apareceram no ecrã.

– Sim. A equipa forense conseguiu extrair uma impressão do polegar completa a partir do cabo desse martelo. Mas nunca foi identificada. Não há nada no sistema que corresponda a essa impressão.

– Obrigada – disse Kate. Lembrou-se das fotos do local do crime que mostravam o rasto de salpicos de sangue e pegadas ensanguentadas entre o corpo de Anna, a janela e a saída do quarto. E de como as imagens onde os conjuntos de pegadas tinham sido marcados e numerados para mostrar o percurso estavam assinaladas como entrada e saída.

Agarrou no martelo e imaginou como se teria o assassino, ou assassinos, de Anna sentido. Tinham-no levado consigo, mas depois abandonaram-no no jardim para a polícia encontrar. E quem quer que o tivesse feito não tinha usado luvas. Porquê? Fora planeado ou era um crime passionai?

O segundo saco em que Tristan pegou continha a agenda que Kate reconhecia das fotos do local do crime no quarto de Anna. Tinha montes de papelada adicional enfiada no interior e presa por um elástico desbotado que mordida as orlas da capa de plástico preto. O ano 2007 estava gravado a ouro na capa.

– Podemos fotocopiar? – perguntou Kate, olhando para Paula.

– Engraçadinha. – Consultou o relógio. – Deviam despachar-se. Já gastaram cinco minutos – disse ela.

Tristan estava de olhos arregalados, e Kate podia ver que começava a entrar em pânico. Parecia haver tantos papéis enfiados na agenda. Kate viu também um saco de plástico mais pequeno ao fundo do tabuleiro, que continha um telemóvel NOKIA azul dos antigos, sem acesso à Internet ou ao correio eletrónico.

– Podemos pedir uma cópia dos dados deste telemóvel? – perguntou ela.

– Trouxeram uma *pen* USB? – contrapôs Paula.

– Sim – replicou Kate, indicando a *pen* nova que tinham comprado num quiosque pelo caminho. Tinha-a mantido na embalagem, conforme solicitado.

– Se me derem, posso pedir ao agente da secretaria que copie o conteúdo do telemóvel para a vossa USB – disse ela. Calçou umas luvas de látex e levou o saco com o telemóvel e a *pen* USB. Dirigiu-se a um telefone na parede e fez uma chamada.

– Vamos, não temos muito tempo – disse Tristan. Pegou no telemóvel e abriu a câmara fotográfica. As mãos de Kate tremiam ao extrair suavemente a

agenda do saco para provas.

Retirou cuidadosamente o elástico, tentando não rasgar as páginas. Empurrou o tabuleiro de plástico para o lado e pousou a agenda na superfície de metal. Havia manchas esbatidas de sangue na lateral das páginas e uma na capa.

Vendo as horas, tinham agora dezoito minutos, Kate abriu a agenda na primeira página. Liam-se algumas palavras escritas em letra inclinada e com tinta azul.

Se encontrada, por favor, devolver esta agenda a Anna Treadwell, 4 Kirby Cane Walk, Taunton, TN1 3ER. Era estranho ver a sua caligrafia elegante e mundana, com um salpico de sangue na orla da página. Kate imaginou-a sentada a uma mesa a escrever aquilo. Alguma vez teria imaginado que seria salpicada pelo seu próprio sangue?

Tristan tirou uma foto à primeira página e Kate virou-a. A primeira semana de janeiro estava vazia, exceto por um par de horas rabiscadas: «Reunião de Gerentes 10h30» no dia 4 de janeiro, e «Reunião de Casos 15h45» no dia 6 de janeiro. Tristan virou a câmara e tirou uma foto horizontal às duas páginas. Kate continuou a folheá-las. Era material dececionante, infinitos horários de reuniões.

Kate deixou de parar para ver as páginas e começou a passá-las para que Tristan pudesse tirar as fotos. Não havia nada de interessante ao avançarem para fevereiro, março e abril. Em maio, havia alguns detalhes sobre a reunião do grupo de escritores em casa de Maureen. Tinha o endereço de Maureen anotado, mas as páginas até ao assassinato de Anna estavam vazias. Duas semanas antes da sua morte, havia uma nota sobre uma empresa de segurança que ia instalar os alarmes e luzes em sua casa.

Olhando para o relógio, Kate viu que lhes restavam sete minutos. Os outros papéis na agenda eram impressões do trabalho sobre segurança contra incêndios e uma corrida de beneficência.

Então, Kate viu o homem da secretária da frente descer apressadamente o corredor de estantes, com um saco de plástico transparente na mão.

– Paula, há mais uma prova desse processo. – Entregou-lhe o saco. Ela aproximou-se com um embrulho fino contendo um caderno escolar azul. A pequena janela pautada na frente estava vazia, sem nada escrito.

– Podemos ter mais tempo? – perguntou Kate, pegando no saco de plástico.

– Receio que não – replicou Paula. – Restam-vos cinco minutos.

– Abra-o, depressa, e vamos tirar o máximo de fotos possível – disse Tristan.

Kate tirou o caderno do saco e abriu-o na primeira página. Com o coração em sobressalto, viu que se tratava de um diário pessoal, cuidadosamente escrito a tinta preta. Não havia tempo para ler o conteúdo, e percorreram-no à pressa, com Tristan a tirar fotos horizontais às páginas duplas. Era um caderno pautado de sessenta páginas, e o tempo esgotou-se no exato momento em que Tristan tirava a última foto.

O tempo tinha mudado, e uma tempestade começava a formar-se no horizonte enquanto Tristan os levava de volta ao escritório.

– Como te sentes? – perguntou ela.

– Preciso de café – respondeu ele, com um sorriso. Kate tinha o telemóvel de Tristan, e estava a ampliar e a reduzir as fotos que ele tinha tirado do diário, tentando lê-las, mas a letra era pequena e cuidada.

– O diário parece saltar ao longo de vários meses – disse Kate, lendo fragmentos. – Temos de imprimir isto, porque os meus olhos não conseguem lidar com as ampliações e o ecrã minúsculo.

– Há aí alguma coisa sobre o grupo de escrita ou a Maureen Cook? – perguntou Tristan.

– Não.

Quando estacionaram à porta do escritório, o vento bramia por entre as árvores e soprava-lhes areia das dunas para os rostos. Restavam apenas algumas pessoas na praia, guardando apressadamente as suas coisas para partir.

Mal tinham acabado de entrar no escritório quando os céus se abriram e começou a chover torrencialmente. Matraqueava no telhado quando começaram a trabalhar. Kate imprimiu as fotografias que Tristan tinha tirado com o seu telemóvel, e Tristan dedicou-se a descarregar os dados do telemóvel de Anna da *pen* USB.

O primeiro conjunto de imagens era da agenda, e das outras folhas de papel enfiadas no interior.

– Como te estás a entender com os dados do *Nokia*? – perguntou Kate.

– Cada cadeia de mensagens é guardada como um ficheiro diferente, e há algumas fotos de baixa resolução – disse Tristan, movendo o dedo à velocidade de um relâmpago sobre o sensor do portátil.

Kate tirou as folhas ainda quentes com as entradas da agenda e do caderno azul do tabuleiro da impressora e levou-as para a secretária. Tristan começou a imprimir os dados do *Nokia*.

Tal como Kate tinha visto no depósito de provas, as páginas da agenda de Anna continham sobretudo informação prática sobre reuniões de trabalho. Havia também vários documentos de trabalho enfiados na agenda, que constituíam a maior parte da papelada adicional; orientações impressas sobre o que fazer durante uma visita de assistência social. Havia cópias de um formulário para reencaminhar o pai de três rapazes para os serviços de saúde mental, mas o nome era omissivo. Era o único papel relacionado com o trabalho de Anna enquanto assistente social.

– Suponho que faria relatórios oficiais e guardaria muita coisa nos seus ficheiros informáticos e nos *emails* do trabalho – observou Kate.

Tristan tinha-se juntado a ela e agarrado em metade das folhas impressas, começando também a analisar tudo.

Então, Kate encontrou uma folha com um cartão de uma corrida de beneficência organizada pelo Município de Exeter. Deveria realizar-se no dia 14 de agosto de 2007. A folha seguinte era o reverso do cartão, que estava repleto de notas rabiscadas à pressa. O fundo da versão fotocopiada tinha uma mancha negra. O original estava ensopado em sangue, cobrindo os dados do fundo sobre a corrida. Kate olhou para a escrita e paralisou. No topo, estava escrito:

DANVERS FARM, South Zeal.

Por baixo, via-se uma lista de tópicos, escrita em letra desajeitada.

– Diagnóstico de doença bipolar

– Criança pareceu sempre feliz/animada. (Visita a 14/6 como parte do acompanhamento de rotina. Não estava ninguém, e deixei uma nota a pedir que me ligassem para o acompanhamento de rotina, mas não foi feita qualquer chamada para o meu telemóvel, o que suscitou preocupação.)

– Fiz nova visita. 23/6. Toquei à campainha, ninguém abriu, e então vi a mãe pela janela lateral da casa, escondida. Relutantemente, veio à porta. Disse-lhe que precisava de ver mãe e filho para uma consulta de seguimento devido às preocupações do marido a seu respeito no dia 1/6. Deixou-me entrar, mas recusou-se a deixar-me ver o rapaz, que estava doente na cama e meio a dormir.

– Exigi vê-lo. A criança tinha a cabeça rapada. Uma mudança drástica de aspeto. Perda de peso?

– São uma família escrupulosamente cristã, mas os comportamentos mudaram desde que o marido teve o alegado caso amoroso. O marido sinalizou preocupações com influências pagãs.

Anna tinha sublinhado grande parte disto a negro, e a escrita parecia cada vez mais frenética à medida que descia pela página. E então, ao fundo da folha, estava escrito:

O pai está bem? Falou em diabetes devido à má alimentação

E a mãe, será o dia

Terá o David p

A mancha de sangue espalhava-se na orla do papel, cortando o resto do que ela tinha escrito.

– O que diz no fundo? – perguntou Kate. Estava agora escuro no escritório, o céu estava negro e a chuva matraqueava nas janelas. Quando se levantou para acender a luz, mal conseguia ver o mar, tal era a mancha cinzenta em que a praia se tinha transformado.

Ergueu o papel para a luz, para tentar ver o que estava escrito sob a mancha de sangue, e lembrou-se então de que era uma fotocópia.

– O que é isto? *E a mãe, será diabética?* Não faz sentido. Tem uma palavra a

mais. E o que é este *Terá o David p*? O que pode o «p» significar?

– Oh, meu Deus – exclamou Tristan, lendo as páginas que tinham fotografado do caderno azul. – Veja.

Kate reconheceu, cuidadosamente escrito a tinta preta, o texto do conto de Maureen publicado na antologia:

O meu menino tinha medo dentro de casa. Eu sabia. Tem uma cama no quarto dos fundos, mais longe de onde dormimos do que eu gostaria, mas o bolor é tão mau no quarto ao lado do nosso. E, nos meses de verão, as paredes escorrem de condensação e, assim que tento limpar o bolor negro, ele volta. Os esporos ficam à espera que eu vire costas e brotam através do estuque e do papel de parede.

Por isso, pu-lo no outro quarto para poupar os seus pequenos pulmões.

– Precisamos de ter a certeza absoluta – disse Kate. Dirigiu-se à sua bolsa e tirou o *Kindle*. Abriu o conto e pôs os dois textos lado a lado.

O texto do conto era igual, palavra por palavra, ao que estava escrito no caderno azul.

– Veja. A letra do caderno azul é diferente da agenda profissional da Anna – observou Tristan.

Kate olhou novamente para a folha da agenda de Anna, onde a mancha de sangue tinha coberto parte da escrita. A letra era ligeiramente diferente.

Olhou para a segunda linha da caligrafia de Anna.

O pai está bem? Falou em diabetes devido à má alimentação

E a mãe, será o dia

Terá o David p

– Deixemos o caderno azul de parte por um momento. E se a primeira e a segunda frases disto não estiverem relacionadas? – perguntou Kate. – Se a Anna não estiver a escrever sobre a «diabetes» da mãe? E se o resto daquela palavra for «diário»? «Será o diário da mãe...»

– Será o diário da mãe... – repetiu Tristan. – Será o diário da mãe o quê?

Kate olhou novamente para tudo.

– E se a Anna leu o que estava escrito no caderno azul, que é como um diário pessoal, e viu a parte sobre a mulher enterrar a criança? A Anna podia ter escrito no papel: «E a mãe, será o diário real?» Ou seja, será verdadeiro o que ela escreveu no caderno azul? – explicou Kate.

– Mas quem é a mãe? A mulher que costumava viver em Danvers Farm? – perguntou Tristan. Kate fitou-o.

– Libby Hartley, era ela a inquilina anterior de Danvers Farm. Tem um filho chamado David com o marido, Steve. Portanto, aquela terceira linha de texto, «Terá o David p», podia muito bem referir-se ao filho da Libby, David.

– O que poderá o «p» significar? – perguntou Tristan. Kate ficou mais um momento a olhar para o texto e sentiu um arrepio descer-lhe pela espinha.

– Não sei. Temos de partilhar esta informação com a polícia – disse ela.

Maureen Cook tinha passado a noite na sua pousada favorita e depois um dia agradável a comprar roupa numa elegante *boutique* para senhoras de uma certa idade. Encontrara uma moderna saia plissada azul para usar com o seu casaco branco com debrum azul e uma âncora bordada nas lapelas. Era o traje perfeito para embarcar no navio. Náutico e muito bonito.

Às cinco em ponto dessa tarde, os passageiros deveriam embarcar no *Duquesa do Oceano* em Southampton. Maureen chegou de táxi, com tempo de sobra. O navio parecia enorme e, ao sair do carro, parou no cais a assimilar tudo. Os turistas que faziam fila para entrar no terminal de partidas, um bando de gaiotas que grasnava ruidosamente sobre os gritos dos homens a descarregar camiões. Ouviu-se uma sirene, fazendo tremer o solo sob os seus pés, e Maureen sentiu a maresia misturada com os vapores de combustível, e cheirava-lhe sempre a liberdade.

Virou-se para olhar para o grande letreiro azul afixado no alto da parede nas suas costas, onde letras brancas diziam:

BEM-VINDOS
AO PORTO DE SOUTHAMPTON
PORTA DO MUNDO

– Pode fechar a porta? – gritou uma voz atrás dela. Maureen virou-se e viu que o taxista a fitava com ar carrancudo. Não podia abalar a sua alegre disposição naquele dia, e ela agradeceu-lhe, fechou a porta e dirigiu-se ao terminal. Maureen gostava de entrar no navio sem o peso da bagagem. As suas malas tinham sido enviadas algumas horas antes, para que pudesse atravessar a prancha executiva levando apenas o seu novo saco branco, com um monograma em forma de âncora que era quase igual ao da lapela do seu casaco.

Pegando no seu bilhete e no passaporte, Maureen sorriu à jovem que recebia a torrente de passageiros e juntou-se à fila, atrás de um casal mais velho. O terminal não estava muito congestionado, e teve o prazer e a satisfação de evitar a rale e entrar pela fila prioritária exclusiva para membros do Diamond

Club, emergindo novamente no cais aberto ao fim de apenas alguns minutos.

Maureen parou por um momento a contemplar a enorme proa curva do navio de cruzeiro, com as palavras duquesa do oceano escritas em letra elegante. Duas vastas cordas retesavam-se, mantendo o barco amarrado ao cais colossal. Usando o bilhete e o passaporte para proteger os olhos do sol intenso, Maureen tentou encontrar a janela do seu camarote executivo privado a bombordo, com uma pequena varanda. Gostava sempre de imaginar que estava a seguir os passos de muitos intrépidos viajantes ao embarcar. Desta vez, tinha enviado um *email* à empresa de cruzeiros a perguntar se o *Duquesa do Oceano* iria ancorar no mesmo local que o *Titanic* na sua viagem inaugural, mas não tinha obtido resposta.

Maureen juntou-se à fila de passageiros na ampla prancha executiva, que tinha uma passadeira vermelha com entrançados dourados. A multidão abrandou, e Maureen apercebeu-se de que estavam a verificar novamente os passaportes e os bilhetes das pessoas. Viu que dois atraentes camareiros, ladeados por um homem e uma mulher fardados, observavam as pessoas embarcar.

Chegou à entrada do barco e entregou o seu passaporte ao marinheiro escaldantemente atraente. Conseguia ver o interior da área de acolhimento, onde os outros passageiros desfrutavam de copos de *Asti Spumante* oferecidos em bandejas de prata.

Olhou novamente para o marinheiro e viu que ele ainda estava a examinar o seu passaporte.

– Há algum problema? – perguntou ela. – Sou membro do Diamond Club há muitos anos. – Ele entregou o passaporte e o bilhete ao homem corpulento. Maureen achou que ele estava vestido de forma bastante desalinhada para receber passageiros num navio tão prestigiado.

– Senhora Maureen Cook? – perguntou ele, erguendo o olhar do passaporte com uma expressão dura e velada. Maureen viu que não tinha a camisa bem enfiada nas calças, amontoando-se por cima do cinto.

– Sim?

– Preciso que me acompanhe – disse o homem, indicando uma área isolada por cordas junto à prancha. A mulher austera que o acompanhava usava um simples fato preto de calças, e abriu uma secção da corda.

– Posso perguntar porquê? Já passei pela segurança e pelos detetores de metal – retorquiu Maureen.

Ele indicou-lhe a área isolada. Os passageiros atrás dela começavam a recuar na prancha executiva. Os camareiros com as bandejas de prata de bebidas gratuitas estavam tão tentadoramente próximos. Maureen olhou para trás. Parecia estar toda a gente a ver. Virou-se de novo para o homem.

– Trabalha para a Empress Cruises? – perguntou, irritada por ele estar a arruinar o seu momento *Titanic*. – Sou membro do Diamond Club.

O homem levou a mão ao bolso de trás das calças e retirou um cartão de

identificação.

– Sou o inspetor-chefe Gareth Morrison. Gostaria de falar consigo acerca da investigação de um homicídio.

Subitamente, a sua voz pareceu soar muito alto na concorrida prancha. Maureen aproximou-se dele.

– *Por favor, fale baixo.*

– Trata-se de um cadáver que foi encontrado em Danvers Farm, South Zeal. Acreditamos que pode ter informações passíveis de nos ajudar nas nossas investigações – disse ele.

– Um cadáver? O que poderia eu saber sobre isso?

– Gostaríamos que nos acompanhasse voluntariamente para falar connosco.

– Isto é ridículo! – exclamou Maureen, erguendo a voz. – Volto a dizer que sou membro do Diamond Club, e não espero ser emboscada na prancha executiva quando o navio está prestes a zarpar!

– Temo que não irá partir esta noite – respondeu o homem.

– Afaste-se – ordenou Maureen, furiosa com o embaraço que aquele homem lhe estava a causar.

A mulher ao lado aproximou-se e pôs a mão no braço de Maureen.

– Não se atreva a tocar-me! – gritou ela, sacudindo o braço. A mulher agarrou-a, e o que aconteceu a seguir foi rápido e horripilante. Maureen deu por si estendida na prancha executiva com as mãos algemadas atrás das costas.

A multidão estava agora em movimento e a ser recebida no navio. Todos os rostos estavam voltados para ela, vendo com curiosidade e desdém como Maureen era levantada e conduzida através da prancha executiva a um carro-patrolha que aguardava.

Enquanto o inspetor-chefe Morrison punha a mão na sua cabeça e a fazia entrar para o banco de trás de carro, Maureen viu que as luzes tinham sido ligadas e piscavam em azul-vivo sobre o casco do *Duquesa do Oceano*.

Kate e Tristan tinham comunicado o que tinham descoberto no depósito de provas de casos arquivados, e enviado ao inspetor-chefe Harris as digitalizações que tinham feito da agenda profissional de 2007 de Anna Treadwell, bem como as páginas escritas do caderno azul. Kate não esperava ter resposta da polícia tão depressa. Na manhã seguinte, bem cedo, após ter finalmente uma boa noite de sono, recebeu uma mensagem de Harris, a pedir para ela e Tristan irem à esquadra da polícia de Exeter.

À chegada, identificaram-se na receção e Harris conduziu-os à zona de detenção. Kate viu que Tristan estava nervoso, e sentia o mesmo, temendo que pudessem estar em algum tipo de apuros. No entanto, Harris rapidamente explicou que lhes tinha pedido para comparecerem como observadores.

– Quis que viessem e fizessem parte deste processo, à luz das descobertas que fizeram – disse ele. Kate pensou que parecia exausto. – Ontem ao fim da tarde, prendemos a Maureen Cook.

– Prenderam-na? – repetiu Kate.

– Porquê? Por roubar um conto? Ou entradas manuscritas de um diário pessoal, melhor dizendo? – perguntou Tristan. Harris tinha agora o caderno azul do depósito de provas na mão. Explicou o que tinha acontecido em Southampton.

– Deu uma cotovelada na cara de uma agente, por isso prenderam-na por agressão. Passou cá a noite numa cela. Queria que os dois assistissem ao interrogatório – disse ele.

– Na sala de interrogatório? – perguntou Tristan. Harris sorriu.

– Não. Na sala de Vídeo, é já ali – respondeu ele. Conduziu Kate e Tristan a uma longa divisão com ecrãs na parede e uma fila de cadeiras. Três agentes trabalhavam em teclados na bancada em frente aos ecrãs. Os primeiros dois ecrãs mostravam imagens da sala de interrogatório onde uma Maureen Cook um pouco desgrelhada estava sentada a uma mesa, com um sujo casaco branco. O ecrã ao lado mostrava a vista contrária da sala, onde uma mulher elegante a

rondar os cinquenta anos, de cabelo louro-cinza, tinha acabado de entrar com uma pasta.

– É a minha advogada? – ouviram Maureen perguntar, através de uma coluna que transmitia o som da sala.

– Sim, chamo-me Beatrice Weaver. Fui nomeada sua representante legal – respondeu a mulher.

– Podem ouvir-nos? – sussurrou Tristan.

– Não. Podem sentar-se ambos ali – disse um agente. A porta fechou-se atrás deles. Indicou-lhes um par de cadeiras e eles sentaram-se. Passado um momento, no ecrã, viram Harris entrar na sala com outra agente e sentar-se diante de Maureen e Beatrice.

– Bom dia – disse Harris.

– Será? Acabo de passar uma noite numa cela da polícia! É escandaloso! – exclamou Maureen, inclinando-se para a frente e espetando o dedo na mesa. – Não preguei olho a noite toda. Fui obrigada a deitar-me num colchão de plástico nojento, com todo o tipo de grafitis grosseiros rabiscados na parede por cima. Não tinha cobertor nem almofada, e não havia... – Nesse momento, baixou a voz. – Não havia papel higiénico. – Harris ignorou-a, olhou para a câmara e disse o seu nome. A agente que o acompanhava enunciou o seu nome como detetive Hailey Cusworth.

– São nove e trinta da manhã de dia vinte e oito de junho de dois mil e dezoito. Presente connosco está Beatrice Weaver – declarou Harris. Maureen viu como todos pegavam nas suas pastas e canetas.

– Não me estão a ouvir? Fui detida quando ia embarcar num cruzeiro de luxo. Sou membro do Diamond Club. Paguei muito dinheiro pelo meu bilhete e o cruzeiro partiu sem mim. E a única coisa que fiz foi recusar-me a responder a uma série de perguntas ridículas. Da última vez que verifiquei, isso não era ilegal – protestou Maureen.

– Foi detida por agressão a uma agente da polícia – disse Harris, tirando a tampa da sua caneta e fitando-a.

– Resisti à sua agente, que me pôs as mãos em cima. Isso não é agressão. Noto que não fui acusada. Vão acusar-me de quê? – perguntou ela. Kate pensou em como parecia desequilibrada, com o seu cabelo ruivo espetado e o seu bronzeado artificial.

– Foi advertida. E o que acontece a seguir depende de como responde às minhas perguntas aqui e agora – disse Harris. Abriu uma pasta à sua frente, tirou um exemplar impresso da antologia *Os Sete* e abriu-o nas primeiras páginas.

Pô-lo diante de Maureen.

– Este conto é seu? – perguntou ele.

– O quê?

– Este conto é seu? – repetiu ele, falando lentamente.

– Devo responder a isso, senhora advogada? – perguntou Maureen.

– Tem um conto publicado nesta antologia? – retorquiu Beatrice.

– Tenho, sim – replicou Maureen, cruzando os braços e recostando-se na cadeira. – Tenho, sim – repetiu de forma infantil, erguendo o olhar para as câmaras.

– E o que a inspirou a escrever esta história? – perguntou Harris. Maureenriu-se.

– Essa é uma pergunta com que todos os escritores se deparam: de onde obtém as suas ideias? As origens das ideias são difíceis de quantificar.

– É escritora, então? Tínhamos a impressão de que não tinha grande talento no departamento da escrita – observou Harris.

– E *quem* lhe disse isso? – replicou ela pomposamente, com as narinas dilatadas. Harris observou-a por um momento. Inclinou-se para a frente.

– Eis o meu problema, Maureen.

– Prefiro senhora Cook.

Harris anuiu.

– Eis o meu problema, senhora Cook. Tenho um homicídio por resolver. O corpo de um rapazinho foi encontrado enterrado numa campaa rasa em Danvers Farm, South Zeal. Os dois detetives privados que encontraram o menino foram levados ao exato local onde o corpo estava enterrado por este conto que escreveu.

Parte da cor esvaiu-se do rosto laranja de Maureen. Olhou de Harris para Hailey e para a sua advogada.

– Como? É uma história. Ficção – disse ela.

– Será?

Harris pegou nas páginas manuscritas do caderno azul, contendo o texto do conto publicado, e pô-las diante de Maureen.

– O que é isto? – perguntou ela, observando-as.

– Estas páginas são de um caderno que foi encontrado no local do homicídio de Anna Treadwell, no seu quarto – disse Harris. – Como pode ver, o conto da antologia *Os Sete* é idêntico.

– É sobre isto que querem falar comigo? – indagou ela, recostando-se, em tom baixo.

– Deveras. Teríamos ficado satisfeitos com uma conversa informal, mas armou uma bela cena no porto de Southampton.

– Eu não agredi a sua agente...

Harris ergueu a mão.

– Senhora Cook, é muito simples: ou começa a dizer-nos o que se passa aqui, ou acuso-a de agressão a uma agente da polícia e obstrução à investigação de um homicídio. Se decidir não falar, certificar-me-ei de que lhe é recusada a fiança, e perderá o seu cruzeiro e, possivelmente, também o Natal, tendo em conta o tempo que o seu caso demorará a ser julgado. Ora, isso não tem de acontecer, se nos falar simplesmente deste conto.

Maureen respirou fundo e limpou uma lágrima do olho com uma mão trémula.

– O que tem este conto que ver com o homicídio de um rapazinho? – perguntou.

– Primeiro, preciso de lhe perguntar se pegou no conteúdo deste caderno azul e o fez passar por um conto escrito por si.

Maureen manteve-se calada durante um longo momento.

– Falando em termos gerais e hipotéticos – perguntou ela, olhando para uma das câmaras –, o plágio é ilegal no Reino Unido?

Fez-se uma pausa.

– Oh, ora aí está uma boa pergunta – disse o agente sentado ao lado de Kate na sala de visualização.

– É ilegal? – perguntou Tristan. Kate olhou novamente para o ecrã.

– O plágio só é ilegal se violar os direitos de autor ou alguma outra lei – disse ela, e enquanto olhavam para o ecrã, Harris repetiu as mesmas palavras.

– E até o incumprimento pode ser legítimo – acrescentou ele – se corresponder a um uso ou tratamento justo.

Maureen assentiu.

– E permitam-me só acrescentar que a lei do Reino Unido não dá muitas certezas em matéria de «justiça» – completou Beatrice.

Fez-se outro longo silêncio. O olhar de Maureen vagueava pelos três sentados à sua volta. Harris suspirou e abriu outra pasta. Tirou uma foto e entregou-a para a câmara.

– Esta é uma foto forense do cadáver encontrado ontem em Danvers Farm. – Fê-la deslizar pela mesa em direção a Maureen. Ela fechou os olhos para não ver. – Enterrou este corpo? – acrescentou Harris.

Os olhos de Maureen abriram-se numa expressão de alarme.

– O quê? Não! É claro que não.

– Então pode explicar o seu envolvimento neste conto que descreve o local exato onde ele estava enterrado?

– Por favor, guarde a foto – pediu Maureen. Ele afastou-a e ela abriu os olhos. – Está a dizer-me que esta *história* é real?

– Não acreditamos que seja a letra da Anna Treadwell – disse Harris, indicando o caderno azul.

– Então de quem é? – Maureen parecia verdadeiramente chocada e horrorizada. – Nunca imaginei que o bosque da história fosse um sítio real... A Anna Treadwell fazia parte do meu grupo de escritores, e um dia chegou tarde. Fizemos a reunião e a seguir foram-se todos embora. Estava a arrumar a sala antes de me ir deitar quando encontrei a bolsa dela debaixo da cadeira onde tinha estado sentada. Era uma espécie de saco. Não era a mala de mão, era outra bolsa que trazia, e tinha papelada dentro. Processos sobre crianças cujos pais eram maus. E havia esse caderno azul.

– O que fez com a bolsa? – perguntou Harris.

– Fotocopiei o conteúdo. Todo.

– Porquê?

Maureen encolheu os ombros, agora à beira das lágrimas.

– Não sei. Nessa mesma noite, recebi uma chamada da Anna. Perguntou-me se tinha deixado lá a bolsa, e eu disse-lhe que sim. Era muito tarde, e ela perguntou-me se a podia ir buscar na manhã seguinte, bem cedo. Por isso, fotocopiei tudo. E no dia seguinte ela foi buscá-la.

– O que fez com as fotocópias? – perguntou Harris.

– Nada, de início. Limitei-me a guardar e a ler tudo. Algumas coisas eram bastante esclarecedoras. As pobres crianças que estavam em maus lares. E o que a Anna fazia para as tentar levar de lá para famílias de acolhimento.

– Lembra-se dos nomes de algumas das crianças ou dos pais? – perguntou Harris.

– Assim de repente, não. Mas lembro-me do caderno. E do conto. Fiquei fascinada pela escrita. Mas... pensava que era um trabalho da Anna para o nosso grupo de escrita criativa! – Levou a mão à boca ao compreender. – Nunca tinha partilhado nada connosco. Nada sobre a sua vida privada. Foi a última vez que a vi. Faltou à reunião seguinte. E depois foi encontrada morta.

Maureen estava de olhos arregalados.

– A antologia saiu bastante tempo depois de a Anna ter morrido. O funeral foi só vários meses depois, porque não podiam libertar o corpo. O vizinho dela disse-nos que era uma verdadeira solitária, sem família nem verdadeiros amigos, por isso cheguei-me à frente e ajudei a tratar das flores e das cerimónias fúnebres. O tempo passou, e então alguns membros do grupo quiseram editar uma antologia e doar os lucros a um abrigo para mulheres.

– E o que fez então? – perguntou Harris. Maureen mexeu-se desconfortavelmente na cadeira.

– Eu, hã... submeti o texto da Anna, ou do que julgava ser o seu texto de escrita criativa, como um conto.

– Porquê?

Maureen mordeu o lábio e baixou a cabeça, concentrando-se na mesa.

– Tinha ouvido comentar a alguns dos outros membros que eu não tinha talento nenhum para a escrita. – Ergueu o olhar. – Pensei que ia dar-lhes uma lição. Era o trabalho da Anna, e ela tinha partido. Nunca o roubei realmente. Fotocopiei o conteúdo e devolvi-lhe o original no dia seguinte... Não queria fazer mal a ninguém.

Fez-se outro longo silêncio. Maureen debruçou-se para a frente e pegou no caderno azul, que estava dentro de um grande saco de plástico de provas.

– Pobre Anna. O que lhe aconteceu? Sabem quem a matou?

– Não, não sabemos – respondeu Harris.

– Se não foi a Anna a escrever isto, então quem foi?

– Acreditamos que foi escrito por Libby Hartley, que era a inquilina de Danvers Farm na altura.

Maureen pareceu juntar todas as peças e fechou os olhos.

– Santo Deus – exclamou ela, baixinho.

O inspetor-chefe Harris saiu da sala de interrogatório e encontrou-se com Kate e Tristan no corredor.

– O que vai acontecer à Maureen? – perguntou Tristan.

Harris abanou a cabeça e fechou os olhos.

– Precisamos de um depoimento dela, e julgo que será advertida. Não creio que conhecesse a verdadeira origem da história.

– Vimos-lhe o choque no rosto quando lhe disse quem acha que escreveu aquelas entradas no caderno azul.

– Já contactaram com a Libby e o Steve Hartley? – perguntou Kate, sentindo a tensão do interrogatório a Maureen.

– Enviei um agente para falar com eles há um par de horas... Têm agora uma quinta em Shropshire, na fronteira galesa.

– Sim. Nós sabemos. A quinta tem uma página no Facebook, o filho David é agora um adolescente, e têm também uma filha chamada Daisy. Parece tudo muito idílico – observou Kate.

– Idílico ou não, preciso de os interrogar – disse Harris. Um jovem de fato azul apareceu a correr pelo corredor.

– Chefe, tenho um tal agente Collins ao telefone, da polícia de Shropshire. Chegaram a Hill Brook Farm, que é onde o Steve e a Libby Hartley vivem com os filhos. Só lá estava um vizinho, e diz que a família acaba de partir de férias.

– Mas ainda é tempo de aulas. Merda – exclamou ele. E desatou a correr pelo corredor.

– Vamos – disse Kate a Tristan, e seguiram-no para o interior de um gabinete. Uma movimentada sala de investigação tinha já sido montada, com fotos de Danvers Farm e do local do crime na parede. Harris estava junto a uma secretária, ao lado de um bloco de fotocopiadoras, a falar acaloradamente ao telefone.

– E esse vizinho sabe a que horas saíram? – perguntava ele. Os outros agentes na sala observavam, juntamente com Kate e Tristan. – Sabe para que

– aeroporto foram? – Harris pôs-se à escuta e depois murmurou a palavra *foda-se*.
– Muito bem. E os dois filhos estavam decididamente com eles? David e Daisy.
Muito bem. Obrigado.

Dirigiu-se a um enorme mapa do Reino Unido que estava afixado ao canto da sala de investigação.

– O vizinho diz que o Steve e a Libby Hartley saíram muito cedo esta manhã e levaram os miúdos. Vão para Espanha, mas o vizinho não sabe a partir de que aeroporto.

– Ou foram para o aeroporto de Birmingham ou para o de Bristol – disse Kate, olhando para o mapa.

– Concordo – assentiu Harris. – Aposto em Birmingham, se tencionam sair do país. Tem mais voos internacionais. Deem o alerta à Autoridade de Aviação Civil. Mãos à obra, pessoal.



O Terminal 2 do aeroporto de Birmingham estava cheio de pessoas e cheirava a suor. Daisy Hartley, de dez anos, saiu das concorridas casas de banho a limpar as mãos molhadas à parte de trás dos seus calções de ganga. Perscrutou a movimentada sala de partidas em busca do seu irmão, David. Todos os lugares da sala estavam ocupados, e viu-o agachado a um canto a jogar no telemóvel. Suspirando, dirigiu-se a ele.

– A mãe e o pai disseram para esperares por mim à porta das casas de banho – disse ela. David ergueu o olhar. A espessa penugem no seu rosto tinha-se tornado mais escura nas últimas semanas. Revirou os olhos.

– Dais, não se pode esperar à porta das casas de banho. É um espaço de passagem cheio de pessoas – disse ele. Franziu o cenho e devolveu a sua atenção ao telemóvel. David tinha recentemente feito treze anos, e o seu presente de aniversário tinha sido um telemóvel. Daisy era três anos mais nova, e tinham-lhe dito que também teria de esperar até aos treze para receber o seu. Cruzou os braços e olhou em volta. Todos os lugares e espaços no chão junto às paredes e janelas com vista para a pista estavam ocupados. Não tinha onde se sentar e os pais estavam a agir de forma estranha.

Bem, a sua mãe, Libby, sempre tivera um potencial de estranheza que era mantido sob controlo pelos comprimidos que tomava, mas agora o seu pai, Steve, que era geralmente o estável, também estava a agir de forma esquisita. De repente, tinham decidido ir de férias para Espanha. Tipo, literalmente da noite para o dia. Era suposto estar na escola, e tinha combinado ir ao cinema com as amigas nessa noite. O pai disse-lhes que tinham decidido ir à última hora porque era assim que se conseguiam os melhores negócios... Mas normalmente ficava muito empolgado quando conseguia uma pechincha. E, em vez disso, os seus pais estavam a agir de forma muito esquisita e assustada. Como se estivessem a fugir de algo.

Daisy sentia que estava no caminho, e a sala de espera estava a ficar cada vez mais movimentada.

– DaVid, podes chegar-te para o lado para eu me poder sentar? – pediu ela. Ele suspirou e desviou-se um pouco, deixando um pequeno espaço para a irmã, que se enfiou entre o seu ombro e a parede. O chão estava frio. – Sabes para onde vamos?

– O quê? – perguntou DaVid. Estava a meio de um jogo no telemóvel, que envolvia atravessar um gueto num *Cadillac*.

– Sabes para onde vamos em Espanha?

– Málaga – respondeu ele, apontando para o quadro de partidas sem desviar os olhos do telemóvel.

– Vamos ficar num hotel ou numa pousada?

Ele encolheu os ombros.

– A mãe e o pai estão a agir de forma estranha, não estão? – acrescentou ela, perscrutando as lojas para ver onde eles estavam. Viu que o pai estava numa casa de câmbio, a entregar um grosso maço de notas, e que a mulher atrás do acrílico as introduzia numa máquina de contar.

– Estranha em comparação com o quê? Com a família Addams? – perguntou DaVid, com um sorriso. – A Libby disse-me que nos queria comprar chapéus.

DaVid tinha começado a tratar os pais pelo primeiro nome, o que dava com eles em doidos. Daisy não sabia muito bem o que sentia em relação a isso. Às vezes, era engraçado, mas ria-se sobretudo porque queria que DaVid fosse simpático para ela, e rir das suas piadas ajudava. Daisy viu a mãe atravessar a sala de espera. Trazia um boné verde da *New Yorker* enfiado na cabeça e segurava um grande saco de plástico branco simples. DaVid ergueu os olhos do jogo e seguiu-lhe o olhar.

– Jesus Cristo, o que parece a Libby? – exclamou ele. – Pensava que aquele chapéu de palha do ano passado já era suficientemente mau.

A mãe de ambos, Libby, era um pouco *hippie* em relação ao que vestia. O boné de basebol verde parecia estranho com a sua saia de roda *tie-dye* e o casaco de malha demasiado grande. Tinha também enfiado todo o seu longo cabelo grisalho lá dentro, avolumando o boné e fazendo com que a sua cabeça parecesse inchada.

– Aí estão Vocês – disse Libby, ao chegar junto deles. Olhou para o quadro de partidas. – Embarcamos daqui a quinze minutos. Comprei-vos estes chapéus por causa do sol. Vai estar calor por lá. – Enfiou a mão no saco de plástico e entregou a Daisy um chapéu cor-de-rosa da *New Yorker*. – Vá lá, põe-no.

Daisy olhou para o chapéu e enfiou-o na cabeça. Captou um vislumbre do seu reflexo num telefone público em aço inoxidável acima de onde estavam sentados. A pala do boné era muito dura, e era demasiado grande para a sua cabeça.

– Ora aí está. Muito bem, Daisy. E tem uma bela pala para te proteger do sol – disse Libby, ajeitando a aba. – DaVid, podes largar a Internet?

– Só mais dois minutos – pediu ele, concentrando-se no ecrã.

– Não. Larga o telemóvel – silvou ela. DaVid ergueu o olhar.

– Libby, qual é o teu problema? Temos quinze minutos. De repente, queres que experimente um boné de basebol, mesmo quando estamos prestes a entrar no avião?

Libby mordeu o lábio, tirou um boné preto do saco e enfiou-lho na cabeça. Em seguida, tirou outro azul.

David manteve-se calmo, o que Daisy sabia que deixaria a mãe ainda mais furiosa. Tirou o chapéu da cabeça.

– Libby, vamos parecer um bando de palermas, todos com chapéus da mesma marca. Esse é para o Steve? – perguntou ele, apontando para o azul. O pai dirigiu-se a eles, fechando a mochila que trazia ao ombro. Parecia muito pálido e estava a suar. Daisy tinha ouvido alguém a vomitar na casa de banho ao início da manhã, e perguntou-se se ele teria comido algo estragado.

– Tudo bem, querida? – perguntou ele a Daisy, pondo-lhe a mão no ombro.

– Comprei-te este chapéu, Steve – disse Libby. Ele pegou-lhe e pô-lo na cabeça. Olhou furtivamente para a sala de espera e depois para o quadro eletrónico.

– Oh, é o nosso. A porta está aberta. Porta catorze – observou.

– Devíamos esperar até ao último minuto para entrar no avião – disse Libby. Daisy olhou novamente para David. Tinha o boné na cabeça, mas virado ao contrário, e olhava para os pais de braços cruzados.

– Se vamos esperar até ao último minuto, tenho tempo para comer um hambúrguer? – perguntou ele.

– Não – respondeu Libby.

– O Burger King é já ali – disse ele, levantando-se e apontando para o restaurante de comida rápida a quinze metros de distância. – Estou esfomeado e vai demorar séculos até almoçarmos. É um voo de três horas.

Daisy viu como os olhos da mãe dardejavam em volta, perscrutando os outros viajantes com desconfiança. Perguntou-se se teria deixado de tomar os seus comprimidos. Já tinha acontecido um par de vezes, em que ela simplesmente parava e decidia que podia passar sem eles. Fora particularmente mau no Natal de há dois anos.

– Está bem, vai lá comprar um hambúrguer – disse Steve. – Tens fome, Daisy?

– Sim – respondeu ela. Não tinha. Mas queria estar com David. Sentia-se mais segura com ele, mesmo que às vezes o irmão fosse mau para ela.

– Está bem, mas oiçam, têm cinco minutos – disse a mãe, de olhar desvairado. – *Cinco*. E voltam logo para aqui. *Não* podemos perder este voo!

– Está bem, Libs – assentiu David, baixinho.

– E para de me chamar isso! – gritou.

– É o teu nome, Libby.

– David, para com isso. Vai lá – disse o pai. Parecia tão angustiado e abatido que David não protestou mais.

– Anda, Dais – disse David.

– Tens dinheiro? – perguntou o pai. David agarrou na sua carteira desbotada da *Guerra das Estrelas* e mostrou-lha.

– Estou podre de rico, da apanha dos morangos que tenho andado a fazer.

Afastou-se pelo saguão e Daisy seguiu-o.

– É maluca. Doida Varrida – disse David, assim que os pais deixaram de o poder ouvir. Tirou o boné ao chegarem junto aos ecrãs por cima do balcão do Burger King.

– Achas que deixou de tomar a medicação? – perguntou Daisy, expressando o seu receio em voz alta. David rodeou-lhe os ombros com o braço.

– Não. Acho só que tem andado a entrar no *lastminute.com* como um esquilo hiperativo, encontrou uma pechincha e ficou toda excitada por ir de férias. E sabes que a Velha Libster não lida bem com coisas de última hora. Precisa de tempo para planear...

Daisy olhou para ele. Sabia que estava a mentir, mas agradecia o esforço que estava a fazer para a ajudar a sentir-se melhor. Ele sorriu.

– E agora, o que te apetece? Pago-te um menu infantil.

– Com *nuggets*?

– Sai uma dose de gordura saturada com *nuggets* dourados para a senhora – disse David. Dirigiu-se ao balcão e pediu. Daisy viu uma rapariga mais velha de longos cabelos louros e calças de ganga justas a admirar o seu irmão, e teve uma sensação de calor por estar com ele, por o ter a tomar conta dela e a protegê-la.

Acabaram por ter de correr para a porta de embarque assim que receberam a comida. Os pais mudaram subitamente de ideias e queriam entrar no avião, pelo que Daisy teve de deixar as batatas fritas por comer e os *nuggets* na caixa enquanto corriam para lá.

Libby ficou muito irritada com a quantidade de pessoas paradas na passarela rolante, dizendo em voz alta que esta se destinava às pessoas que queriam andar mais depressa, e chegaram à porta no momento em que os passageiros começavam a embarcar.

Tinham acabado de se juntar ao fim da fila para a leitura dos seus cartões de embarque quando uma jovem polícia de rosto bondoso se aproximou de Daisy e David.

Instintivamente, Daisy olhou para os pais, à sua frente na fila, mas viu que dois grandes e corpulentos polícias os tinham abordado de ambos os lados.

– É o Steven Hartley? – perguntou um deles. Viu que o pai de Daisy tinha o passaporte na mão e estendeu a sua para lho tirar.

– E a senhora é a Elizabeth Hartley? – perguntou o segundo polícia corpulento. Daisy viu a mãe afastar instintivamente a mão que segurava o seu passaporte e os de Daisy e David. Ele agarrou-os.

Os pais estavam ambos silenciosos e pálidos, o que era uma coisa muito estranha. Subitamente, pareciam lânguidos e submissos enquanto os agentes verificavam os seus passaportes, como se o jogo tivesse acabado. Era a melhor

forma que Daisy tinha de o descrever. E aquele momento ficaria para sempre no seu pensamento.

A agente de rosto bondoso recebeu os passaportes de David e Daisy do seu colega e verificou-os.

– Então, tu és a Daisy Elizabeth Hartley? E tu és o David Hartley? – perguntou, verificando as fotos dos passaportes.

– Sim – confirmou Daisy.

– O que se passa? – perguntou David, vendo como os pais eram retirados da fila e puxados para o lado enquanto os agentes falavam com eles em voz baixa.

– Vai ficar tudo bem – disse a mulher. – Chamo-me Tupele. Sou agente da polícia – acrescentou, pegando num cartão de identificação e mostrando-lho. – E quero que saibas que nem tu nem a tua irmã fizeram nada de errado...

Subitamente, um grito irrompeu da mãe, e Daisy viu com horror como Libby desatou a correr, erguendo a sua longa saia *tie-dye* e tentando fugir em direção à sala de espera. Tudo pareceu acontecer em câmara lenta quando outros dois agentes lhe surgiram à frente e a derrubaram, perante os olhares de David, Daisy e do seu pai.

Apanharam a Libby e o Steve Hartley com os dois filhos no aeroporto de Birmingham – disse o inspetor-chefe Harris, desligando o telefone na sala de investigação. Consultou o seu relógio. – Acabam de sair.

– São cerca de três horas de viagem entre Birmingham e Exeter quando não há trânsito – observou Kate.

– Virão de luzes ligadas durante todo o caminho – acrescentou Harris. Kate olhou para a sala de investigação, com os meios, os recursos humanos e a capacidade de fazer coisas. Estaria com desejos de voltar a ser polícia? Olhou para Tristan, que estava sentado a uma secretária vazia. Harris afastou-se para falar com o seu colega.

– O que devemos fazer? Sinto que nos estamos a intrometer – observou Tristan, em voz baixa. Kate tinha a mesma sensação. Tinham sido convidados para assistir ao interrogatório a Maureen Cook, mas e agora? Só continuavam ali porque Harris estava demasiado ocupado para lhes pedir que partissem.

O inspetor-chefe dirigiu-se a eles, de telemóvel na mão.

– Conhecem o Alan Hexham, o patologista forense? – perguntou.

– Sim, foi meu orador convidado quando eu era professora de criminologia na Universidade de Ashdean – disse Kate. Harris arqueou uma sobrancelha. Aquilo parecera impressioná-lo ainda mais.

– Eu era assistente de investigação da Kate – acrescentou Tristan.

– O Alan acaba de me contactar com os resultados da autópsia que fez ao cadáver que encontramos em Danvers Farm. Não há problema se quiserem acompanhar-me – disse ele.



Kate e Tristan chegaram à morgue de Exeter com Harris mesmo antes das onze horas. Kate podia ver que Tristan estava satisfeito por a visita ser a meio da manhã. Todas as suas outras visitas à morgue de Alan tinham sido depois do pequeno-almoço – e Tristan nunca tinha sido capaz de segurar a comida.

Apresentaram-se no pequeno gabinete e foram conduzidos à sala de autópsias. Jemma, uma das assistentes de Alan Hexham, estava a limpar uma

das mesas mortuárias em aço inoxidável. LevaVa o seu trabalho a sério. Nas últimas visitas, sempre se tinha mostrado animada. Nessa manhã, os seus olhos pareciam inchados e Vermelhos.

– Bom dia – disse Jemma. Kate percebeu que tinha estado a chorar, e Viu-a desviar o rosto ao Vê-los entrar a todos. Era recém-licenciada, poucos anos mais Velha do que Tristan, e uma mulher alta e bem constituída – a força era essencial quando se trabalhava com mortos – que rapidamente tinha subido na hierarquia para se tornar no braço direito de Alan.

– Estamos aqui por causa do, hã... do corpo do rapaZinho encontrado em Danvers Farm – disse Harris. Kate deu-se conta de como era difícil dizê-lo, e podia contar pelos dedos de uma mão as vezes em que assistira à autópsia de uma criança.

– O Alan está no gabinete, lá atrás – indicou Jemma a Harris, com a voz quebrada de emoção. Seguiram por uma longa fila de câmaras frigoríficas até ao minúsculo gabinete de Alan, ao fundo. A porta estava entreaberta e ele estava sentado à secretária, rodeado de pilhas de papelada e a estudar um ficheiro à luz de um candeeiro regulável. Era um homem enorme de rosto amável e longo cabelo grisalho apanhado num rabo-de-cavalo.

– Ah! Olá, Ken – disse ele a Harris, tirando os óculos. Levantou-se e manifestou surpresa ao ver que Kate e Tristan o acompanhavam.

Harris explicou a sua presença.

– Foram Vocês que encontraram o rapaz? – indagou Alan. Kate ficou surpreendida e agradada por a informação ainda não ter chegado às notícias.

– Temos estado a trabalhar num caso, a tentar encontrar um rapaz desaparecido – disse ela. – Charlie Julings. Desapareceu há dez anos em...

– Devil's Way. Sim. Estava agora mesmo a rever os ficheiros da polícia... A polícia acreditava que ele tinha caído no desfiladeiro e morrido afogado. Vejo também que a família pediu ao tribunal uma certidão de óbito *in absentia* – acrescentou Alan. Hesitou e pareceu meditar nesse facto. Puxou os óculos para cima da cabeça e aproximou-se mais enquanto folheava o processo. O seu gabinete não tinha janelas, e o candeeiro regulável projetava longas sombras nas paredes.

– Fomos contratados pela avó do Charlie. Foi ela que fez o pedido ao tribunal e agora arrepende-se.

Essa informação ficou a pairar no ar por um momento.

– Gostariam de ver o corpo? – perguntou Alan. Harris olhou de Kate para Tristan, respirou fundo e anuiu. Alan conduziu-os ao exterior do seu gabinete.

Há dezoito meses que Kate não visitava a morgue de Exeter, e a sala de autópsias continuava igual. Tinha um pé-direito alto e azulejos brancos do chão ao teto que contrastavam com a fila de seis bancadas em aço inoxidável. Desde a sua última visita, um considerável mata-moscas elétrico tinha sido instalado na parede, por cima de uma fila de frigoríficos em aço inoxidável, e o seu brilho refletia-se sobre os azulejos e o aço, dando-lhes um matiz púrpura.

Jemma aguardava-os, junto a uma pequena forma debaixo de um lençol. PuXou-o suavemente para trás, e Kate ficou chocada ao ver o corpinho do rapaZ deitado numa mesa de autópsias do tamanho de um adulto. Ao aproximarem-se, pareceu-lhes mais pequeno do que quando o tinham visto ser tirado do buraco. O corpo tinha sido lavado. Estava muito pálido e parecia uma estranha gárgula retirada da lateral de uma igreja.

Tristan levou a mão à boca, e até Harris empalideceu. Havia algo quase sinistro na forma como o rapaZinho parecia estar a descansar, como naquelas fotos vitorianas de crianças mortas posicionadas para parecer que tinham adormecido.

– Como pode ser um corpo que esteve na terra durante onze anos? – perguntou Kate, chocada com a lenta taxa de decomposição.

– Eu sei, tinha dúvidas sobre quanto tempo teria o corpo passado no solo, se o Charlie Julings tinha desaparecido há onze anos. No entanto, fizemos vários exames ao cobertor e ao tipo de solo, e obtivemos informações forenses sobre a terra onde o encontraram. O solo é muito rico em turfa, o que impede que o oxigénio e as bactérias cresçam e ataquem a carne. Havia também uma camada de musgo-de-turfeira por toda a área em redor das rochas. A água ou o solo capturados sob lençóis deste musgo não recebem um abastecimento normal de oxigénio da atmosfera. Além disso, o musgo-de-turfeira absorve cálcio e magnésio, o que torna o solo e a água subjacentes ligeiramente ácidos. Junte-se isto ao solo turfoso, e este rapaZinho estava a mumificar lentamente na terra – concluiu Alan.

– Achas então que ele pode lá ter estado onze anos? – perguntou Kate.

– Com a desaceleração na taxa de decomposição, não consigo identificar a data e hora exatas da morte.

– Já pode cobri-lo, pobreZinho – disse Harris. Jemma ergueu o lençol e puXou-o para cima do pequeno corpo. Kate conseguia perceber que a visão estava a afetar o inspetor-chefe.

– Conseguimos realizar uma autópsia. Não tinha água nos pulmões. E havia poucos indícios de trauma no corpo, com exceção da perna direita. O osso estava partido. Uma fratura limpa na tíbia. Sou incapaz de dizer como morreu.

Harris anuiu.

– Consegui extrair algum ADN que possamos utilizar para verificar a sua identidade em comparação com a família do Charlie Julings? – perguntou ele.

– Sim. Conseguimos extrair medula óssea e obter uma boa amostra de ADN. Foi enviada para o laboratório ontem ao fim da noite, e devemos conseguir obter um resultado ainda hoje – disse Alan.

Libby e Steve Hartley saíram do aeroporto de Birmingham num carro-patrolha da polícia.

Steve ia em silêncio. Libby tinha sido algemada, mas, depois de protestar quanto ao porquê de estarem a ser detidos, a polícia permitira-lhe ir no carro sem algemas. Continuava a haver uma jaula de aço a rodeá-los no banco de trás. A grade e o acrílico separavam-nos dos dois polícias na frente, e não conseguiam ouvir o que eles diziam.

– Vão interrogar-nos em separado – disse Steve, quebrando o silêncio. – O que vais dizer?

Libby virou-se para ele. O seu rosto tinha aquele ar assombrado, de face pálida e olhos muito abertos, como um animal encurralado. Dava para ver que estava a morder o interior da bochecha.

– Nada. Não vamos dizer nada... E estamos num carro da polícia. Não podemos ouvi-los, mas eles provavelmente ouvem-nos a nós – disse ela. Steve sabia que ela tinha razão. Já a tinha ouvido falar assim quando a sua saúde mental estava no seu pior. Quando pensava que havia escutas nas paredes e que estavam a ser monitorizados pela polícia.

Fechando os olhos, Steve inclinou a cabeça para trás. Achava que ia vomitar. Inspirou e expirou. A parte traseira de um carro-patrolha era horripelantemente claustrofóbica e cheirava a suor e a medo.

Deu um salto ao sentir as unhas de Libby cravadas no seu braço. Abriu os olhos. O rosto da mulher estava a centímetros do seu.

– Estou a falar a sério. Não digas nada. Tens o direito a permanecer em silêncio – disse ela.

– E se eles... – começou Steve a dizer. Libby pôs-lhe os dedos nos lábios.

– Não podem fazer nada se tu não disseres nada, se nós não dissermos nada. Está bem?

A agente no lugar do passageiro virou-se para trás e bateu no vidro. Libby afastou-se dele e olhou pela janela.

Durante quanto mais tempo poderemos aguentar isto? pensou Steve. Virou-se e olhou pela grade que cobria a janela de trás. O carro com David e Daisy continuava atrás deles. Ficou satisfeito ao ver que viajavam num carro descaracterizado e que, tanto quanto conseguia perceber, não tinham grades nas janelas.

O que pensarão eles de nós, de tudo isto? interrogou-se Steve. *Como poderemos alguma vez recuperar?* Desejou poder estar com eles e esperou que não estivessem assustados.



Quando a escolta de dois veículos que transportava Libby, Steve, Daisy e David chegou à esquadra de Exeter, pouco mais de três horas depois, os automóveis passaram pela frente do edifício e deram a volta até à entrada das traseiras.

A agente, Tupele, e o condutor saíram do carro de Daisy e David e foram falar com um homem alto de cabelo grisalho que aguardava junto a uma porta aberta no cais de descarga. Daisy viu como dois outros agentes se dirigiam ao carro-patrulha em frente e abriam a porta do banco de trás. Os seus pais foram levados para a entrada das traseiras da esquadra. Libby parecia ter as suas emoções sob controlo, mas, enquanto Daisy a observava, a sua mãe não olhou para trás para os ver no carro, e isso assustou-a. Porque não olhava? Não saberia que estavam ali? Não lhe teriam dito? Porque?

O pai, em comparação, parecia destrozado. O agente agarrou-lhe no braço e levou-o. Olhou para trás e, ao captar o olhar de Daisy, tentou sorrir, mas o seu rosto desfez-se em lágrimas. Virou costas e desapareceram os dois.

Daisy olhou para David. Estava afundado no banco e muito calado.

– O que nos vai acontecer? – perguntou ela. Testou o puxador da porta e ficou surpreendida quando esta se abriu. – Não está trancada.

– Porque haveria de estar? – disse David. Abriu a sua janela e a brisa entrou. Daisy olhou para o betão do pátio e, subitamente, teve medo do mundo exterior. Queria ficar no casulo seguro daquele carro. Fechou a porta e recostou-se, com as mãos enfiadas entre os joelhos.

– O que achas que eles fizeram, David? – perguntou Daisy. Deu-se conta de que era a primeira vez que um deles fazia essa pergunta em voz alta. A sua mãe era uma incógnita. Daisy tinha ouvido o pai dizer isso quando estava zangado com ela. Ou quando ela estava sob domínio de uma das suas obsessões.

– David? – repetiu Daisy.

Ele abanou a cabeça.

– Não sei. Mas aposto contigo em como, seja o que for, foi a mãe. Ouvi-os falar sobre as notícias ontem à noite – disse ele.

– O que diziam as notícias?

– Não sei. A mãe estava a perguntar ao pai: «Viste?» – David franziu o cenho, e Daisy notou que ele tinha começado novamente a tratar a mãe por «mãe».

– O que pode ter passado nas notícias para a fazer querer levar-nos a todos

para Espanha? Pensava que ela não queria ir de férias este ano... Tenho medo.

David estendeu a mão e agarrou na da irmã.

– Eu também tenho, mas nós não fizemos nada de mal – disse ele. Daisy sentiu um nó no estômago ao ver Tupele regressar ao carro. Sorria, e levava consigo dois chocolates *Mars*.

– Estão bem? – perguntou ela alegremente, espreitando pela janela aberta.

– Agentes da autoridade trazendo chocolates – observou David. Tupele abriu a porta.

– David e Daisy, gostariam de vir comigo enquanto esperam pelos vossos pais? – disse ela. O seu tom e o seu sorriso eram ligeiramente frenéticos, como se não quisesse que eles vissem o que estava realmente a pensar.

– Quanto tempo vão os nossos pais demorar? – perguntou Daisy.

– Pode ser bastante. Por isso é que temos um gabinete simpático e acolhedor onde podem esperar, e tem televisão!

Daisy sentiu a garganta apertar-se de medo enquanto saíam do carro.

– Sempre quis ver televisão numa esquadra da polícia – murmurou David. A polícia sorridente não o ouviu, ou fingiu não o fazer, e conduziu-os à esquadra.

Nessa tarde, Kate e Tristan regressaram à esquadra da polícia de Exeter para assistir aos interrogatórios a Libby Hartley e Steve Hartley a partir da sala de observação.

Libby foi a primeira a ser interrogada. Recusou um representante legal e sentou-se à mesa com as mãos cuidadosamente cruzadas sobre o tampo. Usava ainda o boné de basebol cor-de-rosa da *New Yorker* que tinha no aeroporto de Birmingham. O longo cabelo grisalho chegava-lhe abaixo dos ombros.

– Pode tirar o boné, por favor? – pediu Harris. Estava sentado diante dela com Duncan, o outro agente que tinha sido o primeiro a chegar a Danvers Farm.

– Porque não posso usar um chapéu? – perguntou Libby. Falava bem, e Kate não conseguia perceber de onde era. Tinha um sotaque neutro.

– Precisamos de ver o seu rosto – disse Harris, apontando para as câmaras na parede. Libby seguiu-lhe o olhar e a sua face tornou-se visível. Tinha olheiras por baixo dos olhos e, mesmo no vídeo, Kate podia ver que a pele do seu rosto estava vermelha e gretada.

– Pode ver o meu rosto aqui, sem problemas – disse ela, baixando novamente a cabeça. Recostou-se e cruzou os braços.

– Pode tirar o boné, por favor?

– Não.

Harris inclinou-se para a frente e, suavemente, retirou-lho. O cabelo por baixo eriçou-se devido à estática, formando um halo em torno da sua cabeça sob as luzes intensas. Ela fitou-o, desafiadora.

– Porque iam de férias? – perguntou Harris.

– Precisava de um pouco de sol.

– O vizinho com quem falámos disse-nos que fez os preparativos ontem ao fim da noite, e que foi algo de última hora. Porquê?

– Já lhe disse. Precisávamos de sol.

Harris recostou-se e fez uma longa pausa.

– Pode confirmar-nos em que período foram inquilinos de DanVers Farm, em South Zeal?

Ela suspirou e franziu os lábios.

– Datas exatas, não me lembro. Diria que do Natal de dois mil e quatro a inícios de julho de dois mil e sete.

– Lembra-se de quando em dezembro de dois mil e quatro?

– Não. Não me lembro. Foi poucas semanas antes do Natal. Ficámos com a Quinta nessa altura do ano de propósito. Para podermos ter o inverno para nos aclimatar – disse ela.

– Tenho a data em que deixaram o arrendamento da Quinta – observou Harris. Tirou um papel da pasta e pô-lo diante dela. – Isto é do Registo de Propriedades da Coroa. Apresentaram o aviso de quatro semanas de renúncia à propriedade no dia treze de junho.

– Sim.

– Porque decidiram deixar o arrendamento da Quinta tão perto da colheita?

Libby encolheu os ombros.

– Deixaram o país no dia vinte e cinco de junho de dois mil e sete, mas não regressaram à propriedade para cumprir o contrato de arrendamento. Porquê?

– Foi uma altura difícil – disse ela.

– Tinha conhecimento de que o corpo de um rapazinho estava enterrado nos terrenos da Quinta?

– O quê? É claro que não – respondeu ela. Kate observava-lhe o rosto e Libby mantinha o olhar fixo na mesa.

– Tem conhecimento de que Charlie Julings, de três anos, desapareceu perto da sua Quinta na noite de vinte e um de junho? Uma semana antes de ter decidido partir e desistir do arrendamento das suas terras. E saiu do país a vinte e cinco de junho. Quatro dias depois de o Charlie Julings ter desaparecido.

– Se bem me lembro, a polícia foi à Quinta falar connosco. Verificaram os anexos, por via das dúvidas, na remota possibilidade de lá termos escondido um rapazinho. O que é claro que não tínhamos. Não sei nada quanto ao rapaz que encontraram enterrado...

– Não viu nas notícias?

Ela recostou-se na cadeira e respirou fundo.

– Posso fazer-lhe uma pergunta? – pediu.

– Com certeza – assentiu Harris.

– Tem provas forenses que mostrem *quando* foi enterrado o corpo desse rapaz?

Duncan olhou de soslaio para Harris.

– Não estou autorizado a divulgar essa informação – disse Harris.

– Porque nós deixámos DanVers Farm há onze anos, e vive lá outra família. Porque não estão a interrogar os atuais inquilinos numa maldita sala de interrogatório da polícia com câmaras? – gritou ela. Bateu com a mão na mesa.

– Tem de se acalmar.

– Não. Vocês é que têm de me libertar, porque não têm nada! Eu não fiz nada!

Harris manteve a calma e fitou-a, impassível.

– Libby, isto podia ter sido uma conversa de rotina com um agente local em sua casa, mas renunciou a esse direito quando decidiu fazer uma fuga noturna e tentar sair do país.

– Fuga noturna! – cuspiu ela. – Saímos de manhã.

– E, mais uma vez, um dos meus agentes tentou falar consigo no aeroporto.

– Mentiroso! Tentaram tirar-me o passaporte. Fui detida.

– Só depois de ter tentado fugir. Parece uma mulher inteligente, mas o seu comportamento bizarro indica culpa.

– E o inspetor parece um cabrão – retorquiu Libby. Fez-se um silêncio desagradável. Libby bateu com a mão na mesa, fazendo Duncan dar um salto, e depois desatou a chorar. Lágrimas descontroladas, com baba e ranho. – Não sabe que fui diagnosticada com doença bipolar? Tenho uma deficiência, e é assim que me tratam! Deixámos Danvers Farm porque o meu marido andava a foder com uma rapariga local! Ouviu? Aquele lugar, a nossa casa, a quinta, tudo estava contaminado pela sua traição! Acha que não é motivo suficiente para me fazer querer partir?

Harris tirou um lenço de papel de uma caixa a meio da mesa e estendeu-lho. Indicou a Duncan que deviam sair da sala.

– Interrompo este interrogatório às catorze e quarenta e cinco – anunciou. Viram-no sair da divisão.

Passado um instante, entrava na sala de observação.

– Não posso continuar este interrogatório sem haver um advogado presente – disse ele. – Acho que precisamos de tirar cinco minutos.

Kate e Tristan seguiram-no para o exterior da sala de vídeo e através do corredor, onde ele se dirigiu a uma máquina de venda automática.

– Onde estão o David e a Daisy? – perguntou Tristan.

– A ver televisão numa das nossas salas de reuniões. Estamos a tentar decidir o melhor a fazer. Não sabemos se temos o suficiente para acusar a Libby e o Steve, nesta fase, mas tudo aponta para aí. Definimos um prazo, até às quatro da tarde, para ligar aos serviços sociais e enviar as crianças para os cuidados de curta duração – disse Harris.

Introduziu algumas moedas na máquina de café. Um copo de plástico caiu e começou a encher-se de café fumegante. Harris pegou no copo e Kate tirou também um para si. Tristan introduziu algumas moedas e marcou o código para uma lata de *Coca-Cola*. Caiu na máquina em baixo com um baque. Harris soprou no seu café e bebeu um gole.

– O que me enerva é que não podemos provar quando o corpo daquele rapazinho foi enterrado – disse ele.

– E quanto ao diário? Pode pertencer à Libby – observou Kate.

– Como provamos em tribunal que o diário lhe pertence? – replicou Harris.

Kate assentiu.

– Sim, o caderno azul foi encontrado no local de um homicídio sem qualquer relação com o desaparecimento do Charlie – disse ela. – E a Anna Treadwell frequentava um grupo de escrita criativa. Primeiro, teria de provar que o caderno não era da Anna, apesar de ter sido encontrado em sua casa, e depois teria de provar que pertencia à Libby Hartley. E, entretanto, de alguma forma, a Maureen Cook deitou a mão ao «conto» do caderno e publicou-o em seu próprio nome.

Harris suspirou e esfregou o rosto.

– Jesus, que confusão... – Uma agente fardada apareceu no corredor. Parecia preocupada. – Ah, Tupele. Estes são a Kate Marshall e o Tristan Harper. Descobriram o corpo em DanVers Farm. Esta é a agente Tupele Grant.

Tupele sorriu, cumprimentou-os e voltou novamente a sua atenção para Harris.

– Chefe, acabamos de receber os resultados dos testes ao ADN do corpo do rapaz. Comparámo-lo com as Zaragatoas fornecidas pela Jean Julings e pelo Joel Mansfield. Não corresponde ao perfil de ADN materno da Jean nem ao ADN paterno do Joel. O corpo do rapaz que encontramos em DanVers Farm não é o Charlie Julings.

Quem Vai dizer à Jean? – perguntou Tristan, com o rosto pálido de choque. – Pensei realmente que era o Charlie.

Ainda estaVam no corredor, junto às máquinas de Venda automática, e Kate sentia-se tão chocada como Tristan.

Olhou para o copo de café na sua mão. EstaVa molhado ao retirá-lo da máquina, e tinha-o embrulhado num Velho guardanapo de um posto de gasolina que tinha encontrado no bolso. Descolou-o do copo de plástico e estaVa prestes a deitá-lo ao lixo quando viu como o líquido negro tinha manchado o nome e o logótipo do posto de gasolina ao fundo, ocultando o texto impresso.

– Espera aí, pode ser... – disse Kate, pensatiVa.

– Pode ser o quê? – perguntou Tristan.

– Podes ficar aqui e assistir ao interrogatório do SteVe, e da Libby, se falarem com ela outra VeZ? Tenho de perguntar se posso aceder ao depósito de provas da polícia que Visitámos no outro dia. Preciso de Ver as coisas do local do crime do Quarto da Anna TreadWell, de as observar outra VeZ.



Libby estaVa deitada no colchão de plástico duro da cela nas entranhas da esquadra de EXeter. Era um espaço estranhamente calmante para ela. Apenas um banco baixo, uma sanita em aço inoxidável e paredes lavadas. Lavadas de grafitis, mas não propriamente limpas. Viam-se os ténues fantasmas de arranhões e linguagem obscena. Naquela cela, não tinha de fingir ser sã. Muitas VeZes, quando ia ao supermercado ou a um restaurante, ou viajaVa para algum lado no seu carro, podia sentir os olhares, a vigiar o seu comportamento.

Naquela cela, podia simplesmente existir.

A polícia não tinha nada. Não podia ter. Libby levantou-se e dirigiu-se à escotilha da porta. Havia um pequeno buraco, e conseguia apenas Ver um círculo da húmida parede de betão do lado de fora, iluminada por uma luz laranja.

– SteVe. SteVe, estás aí? – perguntou ela. Após uma longa pausa, ouviu a sua

VoZ.

– Sim.

Parecia ténue e fraca.

– Já falaram contigo?

– Não.

– Não têm nada. Não digas nada... – Libby ouviu passos no corredor pararem junto à sua porta e deu um passo atrás, enquanto o ferrolho da sua cela era aberto. Uma senhora mais velha, baixa e com uma austera franja negra, encontrava-se à porta com o sargento de guarda.

– Boa tarde, senhora Hartley. Fui nomeada sua advogada. Posso entrar?

– Não preciso de uma advogada – disse Libby.

– Receio que tenham insistido. É fortemente aconselhável que procure apoio jurídico. Com o seu histórico de saúde mental, a sua situação é precária. Fui-lhe atribuída, mas pode naturalmente escolher outra pessoa.

– Não têm nada contra mim.

– É possível. – A advogada olhou para o sargento de guarda. – Posso entrar por um momento, senhora Hartley? – Libby aquiesceu e ela entrou na cela. O sargento fechou a porta e correu os ferrolhos. A mulher empoleirou-se no banco.

– Como se chama? – perguntou Libby.

– Donna Webber – respondeu a advogada, dando a Libby o seu cartão.

– Onde estão os meus filhos?

– Estão aqui na esquadra, na cantina, por enquanto. É por isso que a aconselho a obter representação legal. Com o seu historial de problemas de saúde mental e a investigação da polícia... Se as crianças forem levadas para acolhimento hoje, o que parece que pode vir a acontecer, será apenas por um curto período – acrescentou ela, erguendo a mão para impedir Libby de protestar. – Não precisa nem quer que as autoridades peçam uma avaliação de saúde mental antes de lhe devolverem a custódia. Assim que as crianças entrarem no sistema, os serviços sociais procurarão expandir o acordo de guarda de emergência, se lhes der motivos para isso.

Libby olhou-a fixamente.

– Então, apesar de ser inocente, posso perder os meus filhos? – perguntou. O pensamento era demasiado horrível para expressar. Deu um passo atrás e sentiu a parede gredosa nas suas costas.

– Devo salientar que isto provavelmente não vai acontecer – disse Donna. – Estarei consigo durante todos e quaisquer futuros interrogatórios. E, claro, o seu marido é também o principal cuidador das crianças.

Ouviram mais passos no corredor, e Libby ouviu vozes do lado de fora.

– Quem é? – perguntou ela.

– Não sei. Sei que o seu marido também obteve um representante legal por recomendação da polícia. Pelas mesmas razões que lhe descrevi – disse Donna. Libby viu que ela estava muito direita, numa pose de escola de etiqueta com os

tornozelos cruzados.

– Podem acusar-me? Podem manter-me aqui? – perguntou Libby.

– Podem mantê-la aqui durante Vinte e Quatro horas. Depois, terão de a acusar formalmente. Podem prolongá-lo para trinta e seis, se for suspeita de um crime grave. Mas, do pouco que li do seu processo, não me parece que tenham provas suficientemente fortes para isso. Em todo o caso, porém, não creio que tenham provas para reter o seu marido, e se estiver disposta a ser mais cooperante com a polícia na sala de interrogatório, posso pedir que libertem o Steve, para que possa procurar alojamento para ele e para as crianças esta noite.

Libby sentiu uma onda de alívio ao ouvir isso.

– Está bem. Sim. Posso fazer isso – aquiesceu. A ideia de perder a guarda dos filhos era algo que nunca tinha assimilado. Nunca tinha estado no seu radar. Donna recolheu a sua pasta do chão.

– Ah! Há mais uma coisa. Como sabe, os polícias da Zona de detenção fizeram uma recolha de ADN quando foi detida. Recolheram também uma amostra do seu marido. A polícia quer autorização, sua ou do Steve, para fazer uma recolha de ADN ao David e à Daisy. Pode ser?

– Porque precisam de fazer isso?

– Precisam de revistar a sua casa e o ADN servirá para os excluir como suspeitos – explicou Donna.

– Não – respondeu Libby, começando a entrar em pânico. O puro terror que sentia era avassalador. – De forma alguma.

Donna sorriu, condescendente.

– Senhora Hartley, não é uma recolha de ADN relativa a um crime. É algo perfeitamente normal. São ambos menores, por isso precisam da sua autorização. A amostra de ADN só será conservada durante Vinte e oito dias, para os excluir de qualquer investigação. É apenas um cotonete passado no interior da bochecha. Indolor e faz-se num instante.

– Não!

Donna franziu o sobrolho.

– Senhora Hartley, com que fundamento?

– Porque os meus filhos não têm nada que ver com tudo isto. Nada! Porque têm de ser arrastados para isto e de sofrer estes procedimentos invasivos? Não, acabou. Saia da minha cela. Saia!

Donna pegou na sua pasta.

– Senhora Hartley, isto não a vai ajudar...

– Saia!

Donna dirigiu-se à porta e bateu.

– Por favor, reconsidere. Ajudará o seu caso a longo prazo.

A porta abriu-se e Donna saiu. Os ferrolhos ecoaram ao serem fechados.

Libby ficou em silêncio por um minuto, a sentir o sangue latejar na sua cabeça.

– Libby – disse a voz desencarnada de Steve, ecoando pelo corredor. –

Desculpa... Dei-lhes autorização para fazerem os testes de ADN aos miúdos. Isto tem de acabar.

Libby sentiu o chão fugir-lhe de baixo dos pés, e mal tinha acabado de chegar à sanita em aço inoxidável quando vomitou.

Quatro horas depois, Kate e Tristan estavam na sala de espera da esquadra de Exeter. O coração de Kate batia com tanta força que tinha a certeza de que as pessoas na rua o podiam ouvir. Tristan olhou rapidamente para ela e depois de novo para a porta.

Passado um momento, Jean entrou na esquadra com Joel. Pareciam ambos tão assustados como Kate se sentia ao cumprimentá-los.

– Olá, Kate. Olá, Tristan, meu querido – disse Jean. Estava pálida, mas parecia mais robusta e saudável do que algumas semanas antes, e usava agora apenas uma bengala de madeira para se apoiar. Joel estava de olhos arregalados e batia nervosamente o pé.

– Não sabia que iam estar aqui – disse ele. – Pensava que era a polícia que queria falar connosco.

– Eu disse-te que estariam aqui – observou Jean.

– Têm de se identificar na receção, e depois vamos para o gabinete do inspetor-chefe – indicou Kate.

– Não pode simplesmente dizer-me, por favor? – pediu Jean, agarrando na mão de Kate e fechando os olhos ante a dor de tudo aquilo.

– Não, não podemos fazer isto aqui na receção – disse Kate. Assim que Jean e Joel se identificaram e receberam os seus passes, Harris foi recebê-los à entrada da esquadra.

– É polícia? – perguntou Jean, olhando-o de cima a baixo e hesitando antes de lhe apertar a mão.

– Sim, sou o inspetor-chefe Ken Harris. Estarei presente na sala, mas atendendo a que contratou a Kate e o Tristan para investigarem o desaparecimento do Charlie, manter-me-ei em segundo plano enquanto eles lhe explicam o que se passa. Entrem, por favor.

Kate viu Jean olhar para Joel enquanto desciam o corredor, entrando depois num amplo e arejado gabinete. Havia dois sofás e algumas cadeiras.

– Sentem-se, por favor. Querem chá ou café? – perguntou Harris.

– Não, digam-nos só, por favor. Digam-nos o que sabem. Fui incapaz de dormir – disse Jean. Baixou-se para o sofá. Joel sentou-se ao seu lado. Estava agora branco como a cal. Tristan e Kate sentaram-se diante deles, e Harris foi o último a fazê-lo, depois de fechar a porta.

Tristan olhou para Kate, que assentiu.

– Muito bem, como sabem, pediram-nos para investigar...

– Responda-me só sim ou não: o corpo daquele rapazinho é o Charlie? – pediu Jean, erguendo a mão.

– Não. O rapazinho que encontramos em Danvers Farm não é o Charlie – disse Kate. – O corpo que encontramos é de David Hartley.

Fez-se um longo silêncio.

– David Hartley? – perguntou Joel, chegando-se para a frente na sua cadeira.

– Mas pensava que a polícia tinha detido a Libby e o Steve Hartley com os seus dois filhos, David e Daisy.

– Sim. Mas não é a história toda – replicou Kate. Respirou fundo. – Há algumas horas, a polícia recolheu amostras de ADN de David Hartley e Daisy Hartley. As amostras foram comparadas com as que a Jean e o Joel nos deram...

– Não, não, nem pensar. Não se atreva! – disse Jean, interrompendo-a e erguendo a mão para os lábios trémulos. Kate anuiu.

– David Hartley, que tem agora treze anos, não é realmente David Hartley. O seu ADN corresponde ao seu, Jean, e ao seu, Joel. E temos a certeza de que o David é, na realidade, o Charlie.

Fez-se outro longo silêncio. Jean limitava-se a olhá-los fixamente, enquanto Joel olhava de uns para os outros.

– Esperem lá – disse ele. – Que raio... Estão a dizer que o Charlie está vivo? – perguntou Joel.

– Correto. O rapaz que a Libby e o Steve passaram os últimos onze anos a criar como o seu filho David é, na realidade, o Charlie.

– Não! Têm a certeza? – perguntou Joel. Jean estava boquiaberta.

– Temos amostras de ADN de ambos, e o ADN do rapaz que julgávamos ser David Hartley corresponde ao seu ADN materno, Jean, e ao seu ADN paterno, Joel – explicou Kate. – Joel, teve mais algum filho com a Becky?

– Não! É claro que não.

– A Becky teve outros filhos?

– Não – respondeu Jean, baixinho.

– Então aquele rapaz, David Hartley, é o Charlie – concluiu Kate.

Jean ficou muito pálida e levantou-se, apoiando-se na sua bengala.

– Onde está ele? Posso vê-lo? Está vivo. O Charlie está vivo?

Joel levantou-se com ela.

– Por favor, Jean, Joel, podem sentar-se? – pediu Kate. – Há coisas que precisamos de explicar.

– Mas posso vê-lo? Ele está aqui? – repetiu Jean.

– Sim.

– Oh, meu Deus! – Virando-se para Joel, apoiou-se nele e desatou a soluçar. Ele rodeou-lhe os ombros com o braço.

– Como descobriram tudo isto? – perguntou Joel, com a voz embargada.

– Foram as investigações da Kate e do Tristan – disse Harris. Indicou a Jean e Joel que se voltassem a sentar, após o que foi novamente sentar-se à sua secretária.

– Tudo se resumiu às provas recolhidas no local do homicídio da Anna Treadwell – explicou Kate. – A Anna estava preocupada com o bem-estar do agora falecido David Hartley. Numa das suas visitas como assistente social, encontrou um diário escrito num caderno azul por Libby Hartley, que leu e levou consigo. A natureza das entradas deve ter-lhe parecido perturbadora, mas confusa. Encontrámos também uma nota manuscrita na agenda oficial de trabalho da Anna...

Kate estendeu a mão e Harris entregou-lhe a folha original do depósito de provas, envolta em plástico fino.

– Isto é um cartão de uma corrida de beneficência – disse ela, erguendo o papel manchado de sangue. – Foi encontrado na agenda profissional da Anna. Podem ver o local onde ela tomou umas notas apressadas no reverso, mas partes delas estavam cobertas pelo seu sangue. Isto foi encontrado com manchas de sangue no local do crime.

Kate leu da folha:

– «Diagnóstico de doença bipolar.» A Anna tirava apontamentos das suas visitas a Danvers Farm quando via a Libby. Sabemos que a Libby Hartley tem um diagnóstico de doença bipolar. A Anna escreve então: «Criança sempre pareceu feliz/animada.» Refere-se ao David, o David Hartley verdadeiro. «Visita a catorze de junho como parte do acompanhamento de rotina. Não estava ninguém e deixei uma nota a pedir que me ligassem.» Mais abaixo, a Anna escreve: «Nova visita a vinte e três de junho. Toquei à campainha, ninguém abriu, e então vi a mãe», que é a Libby, «pela janela lateral da casa, escondida. Relutantemente, veio à porta. Disse-lhe que precisava de os ver para uma consulta de seguimento. Deixou-me entrar, mas recusou-se a deixar-me ver o rapaz, que disse estar doente na cama e meio a dormir. Exigi vê-lo. A criança tinha a cabeça rapada. Uma mudança drástica de aspeto. Perda de peso, ponto de interrogação.»

Kate olhou para eles.

– Jesus – exclamou Joel. – Visitou-a a vinte e três de junho. Isso foi dois dias depois de o Charlie ter desaparecido. – Kate assentiu.

– Sim. A Anna também escreveu mais coisas ao fundo da folha, mas dá para ver como foram tapadas pelas manchas de sangue do local do crime.

Kate ergueu as frenéticas letras negras com a mancha de sangue a obscurecê-las.

O pai está bem? Falou em diabetes devido à má alimentação

E a mãe, será o dia

Terá o David p

– Da primeira VeZ Que eu e o Tristan Vimos estas proVas, tirámos fotografias e imprimimo-las em casa. Não me apercebi de Que o teXto obscurecido pelo sangue podia ser recuperáVel no original. A eQuipa forense do inspetor-chefe Harris conseguiu destacar a tinta por baixo da mancha de sangue utilizando uma lâmpada de luminol, e foi isto Que encontraram.

Harris tirou uma folha de papel da sua secretária. Estendeu-a a Kate. A lâmpada de luminol tinha realçado o resto do teXto sob a mancha a branco.

– Podem Ver o teXto destacado aqui – disse Kate.

O pai está bem? Falou em diabetes devido à má alimentação

E a mãe, será o diário genuíno? Fala em enterrar uma criança, mas será da sua mania/bipolaridade?

Terá o David passaporte? Se a criança tiver passaporte, então é fácil fazer passar um bebé por outro

– Jesus – exclamou Joel, pegando no papel e olhando para a tinta. – Porque foi Que ninguém estabeleceu a ligação à Anna TreadWell? E porque não sinalizou ela as suas preocupações mais cedo?

– A ligação foi feita por acaso, com o conto – disse Tristan. – E a Anna teria de pôr as coisas em marcha junto do gabinete nos serviços sociais antes de voltar a DanVers Farm com a polícia. As suas suspeitas tinham de ser confirmadas. Mas, antes Que pudesse fazê-lo, foi assassinada.

A informação ficou a pairar no ar.

– Quando foi ela assassinada? Ninguém desconfiou de nada? – perguntou Jean.

– Acreditamos Que a Anna foi assassinada às primeiras horas do dia vinte e cinco de junho – disse Harris. – Mas o seu corpo só foi descoberto duas semanas depois, a oito de julho, quando o seu ViZinho encontrou o cadáver. E só chegou às notícias Vários dias depois.

– Entretanto, Libby e SteVe Hartley deiXaram o país nesse mesmo dia vinte e cinco de junho, e foram três semanas para Espanha – prosseguiu Kate. – Tinham um passaporte para o agora falecido DaVid Hartley, que utilizaram para o Charlie. Veem o Que a Anna tinha escrito nas suas notas cobertas de sangue? «Terá o DaVid passaporte? Se a criança tiVer passaporte, então é fácil faZer passar um bebé por outro.»

– O meu sobrinho teVe recentemente de tirar o passaporte para ir de férias com a minha irmã e o meu cunhado – disse Tristan. – É risível Que se tenha de tirar uma foto para o passaporte de um bebé. São todos iguais e estão constantemente a mudar.

– Jesus – exclamou Joel. – Saíram então do país com o Charlie como DaVid, e... e depois?

– Ao fim de três semanas, regressaram e foram ViVer para uma noVa Quinta em Shropshire, onde criaram o Charlie como DaVid – concluiu Kate. – E tiVeram uma filha, Daisy.

Jean olhava para o vazio; parecia siderada.

– Mas então e nós? *Nós* é que somos a família do Charlie. Perguntaram ao David se se lembra de nós? E se estiverem enganados?

Kate pôs a mão no braço de Jean.

– Não, não perguntámos. E isto pode parecer duro, mas de quanto se lembra de quando tinha três anos?

Jean abriu a boca e voltou a fechá-la.

– O Charlie era o meu menino. Como pode simplesmente não se lembrar? – perguntou ela.

– Há uma coisa que não compreendo – disse Joel. – Se a Libby Hartley raptou o Charlie na noite em que ele desapareceu, como o apanhou?

– Sim, vi uma coisa escrita no papel da Anna que estava encoberto – replicou Kate. – Não são uma família religiosa, mas os comportamentos tinham mudado desde o alegado caso amoroso do pai.

«O marido sinalizou preocupações com influências pagãs.» Durante as nossas investigações, passámos muito tempo em Devil's Way, a traçar uma cronologia do que podia ter acontecido ao Charlie. Achamos que o Charlie saiu da tenda, se perdeu na erva alta do exterior, entre a árvore e o Devil's Tor, e seguiu ao longo do rio, atravessando uma pequena ponte pedonal de madeira em direção a algo chamado Árvore das Fadas, que fica do outro lado, ao fim de um pequeno riacho. É um local pagão onde as pessoas fazem oferendas e pedem sorte ou perdão. Acreditamos que a Libby foi à Árvore das Fadas nessa noite. Um dos agentes que visitaram Danvers Farm no dia seguinte disse que o carro da Libby e do Steve estava maltratado e num estado lastimável, coberto de lama. Como se tivesse sido conduzido pela charneca. Supomos que, no momento em que a Libby se ia a dirigir à árvore nessa noite, o Charlie apareceu junto ao lago, perdido; e que, na sua condição mental e tendo acabado de enterrar o corpo do David, ela o levou.

Durante muito tempo, fez-se silêncio na sala.

– Mas isso é apenas uma suposição? – perguntou Joel.

– Não. O David é o Charlie. Sabemo-lo agora pelo ADN. Só havia um curto intervalo em que o Charlie podia ter desaparecido. A erva alta desorientou-o. Havia uma ponte sobre o rio, que já não está lá agora. Perdeu-se, atravessou-a e, por acaso, destino ou azar, chegou à Árvore das Fadas no exato momento em que a Libby Hartley lá estava. Tinha matado acidentalmente o filho ao rebolar para cima dele na cama. E estava mentalmente doente, dominada pela doença bipolar, o que a fez enterrar o David. Passa-se tudo isto com ela. Está a enlouquecer. E então vê o Charlie aparecer à beira da água, no preciso momento em que deseja trazer o David de volta ou pedir-lhe perdão.

Jean abanou a cabeça.

– E se estiverem enganados? Ou o teste de ADN estiver errado? Não posso acreditar nisto só para depois me ser tirado quando perceberem que é um erro.

– Temos uma confissão do Steve Hartley – disse Harris. – Ele confirmou que

o David Hartley é o Charlie.

– E ele alinhou nisto tudo? – perguntou Joel, mostrando pela primeira vez um lampejo de raiva.

– Diz que entrou em pânico – justificou Harris.

– Eu entro muitas vezes em pânico na vida... mas não rapto crianças – observou Jean.

– Não sabia que o David tinha morrido, nem que a Libby tinha enterrado o corpo. Só descobriu que ela tinha raptado o Charlie quando a polícia foi bater à porta da quinta no dia seguinte. Disse que tinha estado fora, a trabalhar. Subitamente, viu-se atirado para este pesadelo, entrou em pânico e decidiram sair do país e levar o Charlie. Disse que achava que seriam interrogados no aeroporto, mas quando o Charlie conseguiu passar com o passaporte do David, senti que não havia volta atrás – explicou Harris.

– Bem, é melhor que não se aproxime de mim ou da Jean – disse Joel.

– E quanto à Libby? – perguntou Jean.

– Teve um colapso. Está internada no hospital.

Jean abriu a boca para dizer qualquer coisa e depois voltou a fechá-la.

– E acham que foram a Libby e o Steve Hartley que mataram a Anna Treadwell? – perguntou Joel.

– Recuperámos uma impressão digital do martelo de garra utilizado para matar a Anna Treadwell. Corresponde às da Libby Hartley que recolhemos hoje – disse Harris. – Ainda não sabemos se a Libby agiu sozinha.

Fez-se outro longo silêncio.

– O que acontece agora? Podemos ver o Charlie? Quero vê-lo! – pediu Jean.

– Temos uma situação sem precedentes – respondeu Harris. –

O David e a Daisy terão de ser entregues à guarda dos serviços sociais, agora que os pais estão ambos na prisão. No entanto, o David, ou Charlie, é filho do Joel e neto da Jean. Pelo que, naturalmente, deverão receber automaticamente a custódia.

– E quanto à Daisy? – perguntou Joel.

– Essa é a outra questão.

– Não! O Charlie vem connosco. Não saio daqui sem dele! – protestou Jean.

– E essa menina... não podemos deixá-la aqui. – Apoiando-se na sua bengala, levantou-se com dificuldade. – Onde está ele? Gostaria de ver o meu neto.

– Jean, por favor. Temos de pensar na melhor forma de fazer isto – pediu Kate.

– Não! – gritou Jean. – Não! Ele é nosso. *Nosso!* – Bateu com o punho no peito. – Pedi-vos aos dois para o encontrarem e, raios me partam, encontraram-no! Não vou ficar aqui sentada nem mais um momento, sabendo que estamos no mesmo edifício que o Charlie! Estão a ouvir?

Joel levantou-se e postou-se ao lado de Jean.

– Levem-nos até ele – pediu. – Agora. Digam-me onde está o meu filho.



Foi um momento estranho enquanto Kate e Tristan assistiam ao reencontro entre David, Jean e Joel através do Vidro de segurança da porta de um gabinete. Jean olhou para David, e ouviram-na dizer:

– Charlie, és mesmo tu? – Estendeu as mãos e pô-las nos braços dele, estudando-o. David olhou-a fixamente, como se fosse louca, e abanou a cabeça. Jean virou-se então para Joel, de lágrimas nos olhos. – É ele, Joel. É o nosso Charlie.

Puxou Charlie para um abraço e ele retraiu-se. Daisy estava de lado, perplexa. Joel erguia-se sobre Jean e Charlie, e aproximando-se, envolveu-os a ambos num abraço e enterrou o rosto nos cabelos de Charlie, soluçando.

– Estão todos tão confusos – disse Tristan. Kate viu como as lágrimas escorriam pelas faces de Jean, que encostava o rosto ao pescoço de Charlie e opunha-se para si.

– Meu menino, meu menino – dizia ela agora. Os braços do rapaz pendiam-lhe ao longo do corpo, apertado entre Jean e Joel, que estavam os dois a soluçar. Charlie libertou-se e dirigiu-se a Daisy, que lhe agarrou na mão.

– O que acha que vai acontecer agora? – perguntou Tristan.

– Precisam de resolver as coisas. Têm de o fazer – respondeu Kate. – Anda, vamos deixá-los em paz.

Afastaram-se da porta, deixando Jean, Joel, Charlie e Daisy em lados opostos da sala, num estranho e receoso impasse.

Epílogo

SEIS SEMANAS DEPOIS, 10 DE AGOSTO DE 2018

Era uma bela manhã de agosto, e Kate e Tristan estavam a digerir as mais recentes notícias sobre o caso do rapto de Charlie Julings – como era agora conhecido. Sentaram-se diante do portátil de Tristan e viram como Libby e Steve Hartley eram separadamente conduzidos, algemados, ao Tribunal da Coroa de Exeter. A imagem da câmara saltou então para um grupo de jornalistas na rua, diante de um ajuntamento de espectadores.

– Esta manhã, Libby e Steven Hartley foram presentes ao Tribunal da Coroa de Exeter e formalmente acusados do homicídio da assistente social Anna Treadwell em junho de dois mil e sete – começou o pivô. A foto de Anna, tirada do seu cartão dos serviços sociais, apareceu no ecrã, juntamente com uma imagem da sua casa coberta de vegetação no beco. – Bem como – prosseguiu o jornalista – do subsequente rapto de Charlie Julings, que desapareceu há onze anos, a vinte e um de junho de dois mil e sete. Uma acusação separada de homicídio involuntário foi apresentada contra Libby Hartley pela morte do seu filho biológico, David Hartley. Perante o tribunal, Steven Hartley declarou-se culpado de todas as acusações. Libby Hartley apresentou uma defesa de responsabilidade reduzida devido a uma doença bipolar não diagnosticada na altura dos homicídios e do rapto.

O ângulo da câmara passou então para uma imagem de Libby a sair do tribunal e a ser conduzida para uma carrinha da polícia, parcialmente tapada por um cobertor. Ia ladeada por dois agentes, enquanto era apupada e fotografada pela assistência.

– Charlie Julings passou os últimos onze anos a acreditar que os seus pais naturais eram Libby e Steve Hartley, e que ele era David Hartley. Foi entretanto devolvido à sua família biológica.

O noticiário passou para a história seguinte, e Kate e Tristan recostaram-se nas suas cadeiras.

– Jesus, acha que o Steve e a Libby vão ser condenados? – perguntou Tristan.

– Não sei. Não posso imaginar como tem sido para o David e a Daisy. Quer dizer, o Charlie e a Daisy. Durante muitos anos, viveram feliz e normalmente como uma família.

O telemóvel de Kate assinalou a entrada de uma mensagem, e ela viu que era Jean a dizer que estavam na praia. Era a primeira vez que Kate e Tristan iam ver Charlie com Jean e Joel desde o reencontro na esquadra de Exeter seis semanas antes.

Kate e Tristan saíram do escritório e desceram as dunas até à praia. Estava cheia de veraneantes a nadar e a tomar banhos de sol, mas Jean, Joel e Charlie destaca-vam-se da multidão. Estavam todos desconfortáveis. Juntos, mas separados. Fora ideia de Jean encontrarem-se em público, para o caso de os ânimos se exaltarem e Charlie querer partir.

Jean fumava um cigarro, apoiada na sua bengala. Joel estava ao lado, segurando uma camisola fina; e Charlie estava a alguns metros de distância, a dar pontapés na areia com a biqueira dos seus ténis. Vestia uns calções e uma *T-shirt* e parecia mais alto do que há dois meses.

– Olá, meus queridos – disse Jean, esticando-se para os abraçar aos dois. Joel aproximou-se e deu-lhes um aperto de mão. Charlie suspirou, acenou e inclinou-se para a frente para lhes apertar as mãos. – Queríamos só cumprimentá-los e ver-vos aos dois, não é verdade, Joel? – perguntou Jean, com ar nervoso.

– Pois. Tem sido muito para assimilar ter o Charlie, perdão, o David, de volta – disse Joel. Estendeu a mão e tocou no ombro de Charlie. Este cerrou os lábios e desviou o ombro, assentindo. Parecia querer sair dali, mas conteve-se.

– Quer que o tratemos por David, não é verdade, querido? Mas é difícil. É muito difícil, Charlie – disse Jean. – És o meu pequeno Charlie.

Sempre serás. – Parecia querer estender a mão e tocar-lhe no ombro, como Joel tinha feito, mas conteve-se. Abanou a cabeça e deu outra baforada no seu cigarro.

– Como estás, David? – perguntou Kate.

– Não sei – disse ele. – Mas não gosto do nome Charlie. É um bocadinho manhoso.

– Charlie! Isso é ofensivo – exclamou Jean. – Não fales assim, por favor – pediu, suavizando o tom. Fez-se um silêncio desconfortável.

– Como está a Daisy? – perguntou Kate.

– Está bem. Foi sair com uma amiga da escola. O Joel comprou-lhe um telemóvel, por isso caiu-lhe nas boas graças.

Joel ia a dizer algo, mas Jean interrompeu-o.

– A Daisy tem saudades das suas velhas amigas em Shropshire. Comprámos-lhe o telemóvel para se poder manter em contacto com elas – explicou Jean. – Agora vivem os dois connosco. Mas quer voltar para a sua antiga escola em

setembro. Não sabemos muito bem o que Vai acontecer. Mas enfim. Char...

David, o que tens a dizer à Kate e ao Tristan?

– Obrigado por, hã, desmascararem a minha Verdadeira identidade... – disse ele, num tom carregado de sarcasmo. Jean abriu a boca para o repreender novamente, mas conteve-se. Kate não podia imaginar como ele se sentia.

– Estamos só felizes por estares bem – respondeu.

– Sou como o Harry Potter, o rapaz que sobreviveu – disse Charlie, com um sorriso.

– Podes ter sobrevivido, mas houve outro rapazinho que morreu – observou Joel, em voz baixa. Charlie corou e olhou para a areia, pontapeando-a.

– Ele não queria dizer nada de mal – disse Jean.

– Eu sei que não – assentiu Joel. Fez-se um silêncio tenso.

– Belos ténis – disse Charlie, apontando para os novos *Adidas* azuis de Tristan.

– Obrigado – respondeu Tristan, sorrindo.

– Dão-me licença, agora? Posso ir atirar pedras? – pediu Charlie.

– Vai, sim. Mas não vás para muito longe... – disse Joel. A sua voz esmoreceu, e Charlie enfiou as mãos nos bolsos e desceu pela praia até às poças de maré.

– Jesus Cristo! Nunca pensei que ia ser assim – disse Jean, pegando num lenço de papel e levando-o ao rosto. Escorriam-lhe lágrimas pelas faces. – É como se me odiasse, nos odiasse. Chamamos-lhe dois nomes. Às vezes, nem penso que é ele.

Joel assentiu. Kate ficou sem saber o que dizer.

– Ainda acha que a Libby e o Steve são os pais dele. E a Daisy é a irmã. E foram, durante a maior parte da sua vida – disse Joel. – Ainda que procuremos garantir que continuem juntos como irmãos. São muito chegados, é por isso que queremos que a Daisy fique connosco de forma permanente – acrescentou. Viram Charlie à beira da água, como se ajoelhaça e apanhaça uma pedra, atirando-a para as ondas.

– Não tem qualquer memória de quando era pequeno – observou Jean, dando outra passa no seu cigarro. – Comecei outra vez a fumar, que diabo. Convincemo-los a repetir os testes de ADN, por via das dúvidas. É nosso. É o Charlie – disse ela insistentemente.

– Nós sabemos – assentiu Kate.

– O que se passa com a guarda legal? Li que havia problemas de custódia? – perguntou Tristan. Joel assentiu.

– Os tribunais têm sido inúteis. A Libby e o Steve Hartley tentaram apresentar uma providência cautelar através do seu advogado, a dizer que não temos a guarda legal do Charlie! Tivemos de ir os dois a tribunal explicar que o Charlie tinha sido raptado, pelo que tecnicamente sempre tivemos a guarda – disse ele.

– Mas nunca tivemos um passaporte para o Charlie – acrescentou Jean. –

Tinha apenas três anos quando desapareceu, mas tem um passaporte em nome de David Hartley, registos médicos e dentários. E um passaporte é um passaporte. É definitivo. O que causou todo o tipo de problemas.

– Onde vive o Charlie? – perguntou Kate.

– Conheço, claro. Bem, com o Joel, por cima do *pub*, o que é bom. A Daisy também lá está, e dá-se bem com as meninas do Joel. Também vivo lá com eles, por enquanto... Estamos todos juntos, a tentar fazer com que isto resulte. A Coroa vai retomar a quinta onde o Charlie e a Daisy passaram os últimos onze anos. Tenho medo de que ele queira manter legalmente o nome de David quando tiver idade suficiente. – Jean começou a lacrimejar. – Só queria que a Becky... – Falhou-lhe a voz. – Só queria que a Becky estivesse aqui. E depois há aquele pobre rapazinho, o verdadeiro David, que morreu. E aquela assistente social, a Anna.

– Têm de manter a fé – disse Kate. Joel e Jean assentiram, e olharam todos para Charlie. Tinha descalçado os sapatos e estava agora a chapinhar na água.

– Continuo a não perceber como conseguiram fazer do Charlie o David – observou Tristan. – Podia ser pequeno, mas não ficou perturbado ao ser subitamente levado por estranhos e obrigado a viver com eles? E a tratá-los por mãe e pai?

– Segundo me constou, mantiveram-no drogado com Xarope para a tosse durante as primeiras semanas em que saíram do país com ele – explicou Joel. – Uma vez de férias em Espanha, parecem ter-se dedicado a erradicar-nos da sua memória. Não demorou muito, tendo ele apenas três anos. Quem se lembra de grande coisa dessa altura da sua vida?

– Só entrou para a escola quase dois anos depois, e por essa altura... – Jean deu outra baforada no seu cigarro. – Ainda é tão difícil falar nisto. Tinha-se esquecido de nós, ou pelo menos aceitado a nova realidade. Estamos a fazer terapia juntos. Não está a correr bem.

– Vai correr, Jean – disse Joel, rodeando-lhe o corpo com o braço. Por um momento, ficaram em silêncio, a ver Charlie a arregaçar os calções para cima e embrenhar-se um pouco mais nas ondas.

– Enfim, queríamos só ver-vos aos dois e agradecer – concluiu Jean, pegando na mão de Kate. – Sinto que nunca serei capaz de vos agradecer o suficiente. E dizer simplesmente «obrigada» não parece bastar. Sem vocês, nunca saberíamos o que aconteceu, e jamais o teríamos recuperado.

– Sim, obrigado – disse Joel. Tinha agora lágrimas nos olhos. Charlie tinha saído da água e abria caminho pela areia em direção a eles, com os sapatos na mão. Jean e Joel limpavam rapidamente os olhos. Estavam em silêncio quando Charlie os alcançou.

– Posso comer um gelado? Por favor? – pediu ele, por fim. – Vi uma geladaria ali em cima.

– É claro que podes, querido – respondeu Jean. – E um chocolate.

– E um chocolate, fixe, quase vale a pena ter sido raptado! – disse Charlie.

Sorriu a todos. – Era uma piada.

Joel riu-se e Jean esboçou-lhe um sorriso débil.

Kate e Tristan ficaram a ver como Jean, Joel e Charlie subiam a encosta arenosa da falésia em direção à gelataria.

– O rapaz que sobreviveu – observou Tristan, com uma risada. – Tem certamente um sentido de humor interessante. Acha que vão ficar bem?

– Espero que sim – disse Kate. – Espero que sim.

FIM

Uma nota do Robert

Quero enviar um enorme agradecimento às mais importantes de todas as pessoas, os meus leitores. Quando comecei, foram os verdadeiros leitores que promoveram os meus livros, e isso mantém-se ainda hoje. Obrigado a todos aqueles que adoram livros e que tanto se esforçam como livreiros, bibliotecários e *bloggers* literários.

Digo sempre que a recomendação boca-a-boca é a forma mais poderosa de publicidade. Se gostaram deste livro, por favor, digam aos seus amigos que gostam de ler, ou digam a alguém que perdeu o seu encanto pela leitura! O melhor elogio é saber que um dos meus livros ajudou alguém a voltar a ler.

Obrigado ao meu primeiro leitor, Ján Bryndza, e ao resto da Team Bryndza/Raven Street Publishing: Maminko Vierka, *Riky* e *Lola*. Amo-vos tanto, e obrigado por me darem força com o vosso amor e apoio!

Obrigado aos hábeis tradutores de todo o mundo que dão vida à minha obra, e obrigado a Henry Steadman por mais uma maravilhosa capa.

Quero deixar um agradecimento especial aos meus pais, que todos os anos nos levavam de férias para a região de Devon e da Cornualha, a mim e à minha irmã. Na altura, queixava-me de que todos os meus amigos iam para Espanha ou à Disneylândia, mas acabei por apreciar a diversão e a liberdade que essas férias nos proporcionavam, rodeados pela beleza e pelo mistério de Dartmoor.

O Devil's Way Tor, o rio, o desfiladeiro e o sumidouro de Devil's Way são todos fictícios. Percorri toda a extensão de Dartmoor e Exmoor, tanto à chuva como ao sol. São locais lindos, e muitas vezes sombrios e misteriosos, de visitar. Utilizei essas memórias e todos os lugares que explorei para inspirar estes locais fictícios em *Silêncio Mortal*.

E finalmente, como sempre digo, há muitos mais livros para vir, e espero que continuem a acompanhar-me na Viagem. Haverá mais Kate Marshall e mais Erika Foster, mas o que se segue é *Fear the Silence*. Trata-se do meu primeiro *thriller* psicológico independente, e estou muito empolgado para que todos o possam ler!

Rob

Estrada para Okehampton
Desfiladeiro
de Devil's Way
Devil's

Way Tor
Bog Hill

Árvore das Fadas + lago
pântanos

Campos para Danvers Farm
Rio
Devil's Way

,

,

~

,

-

-